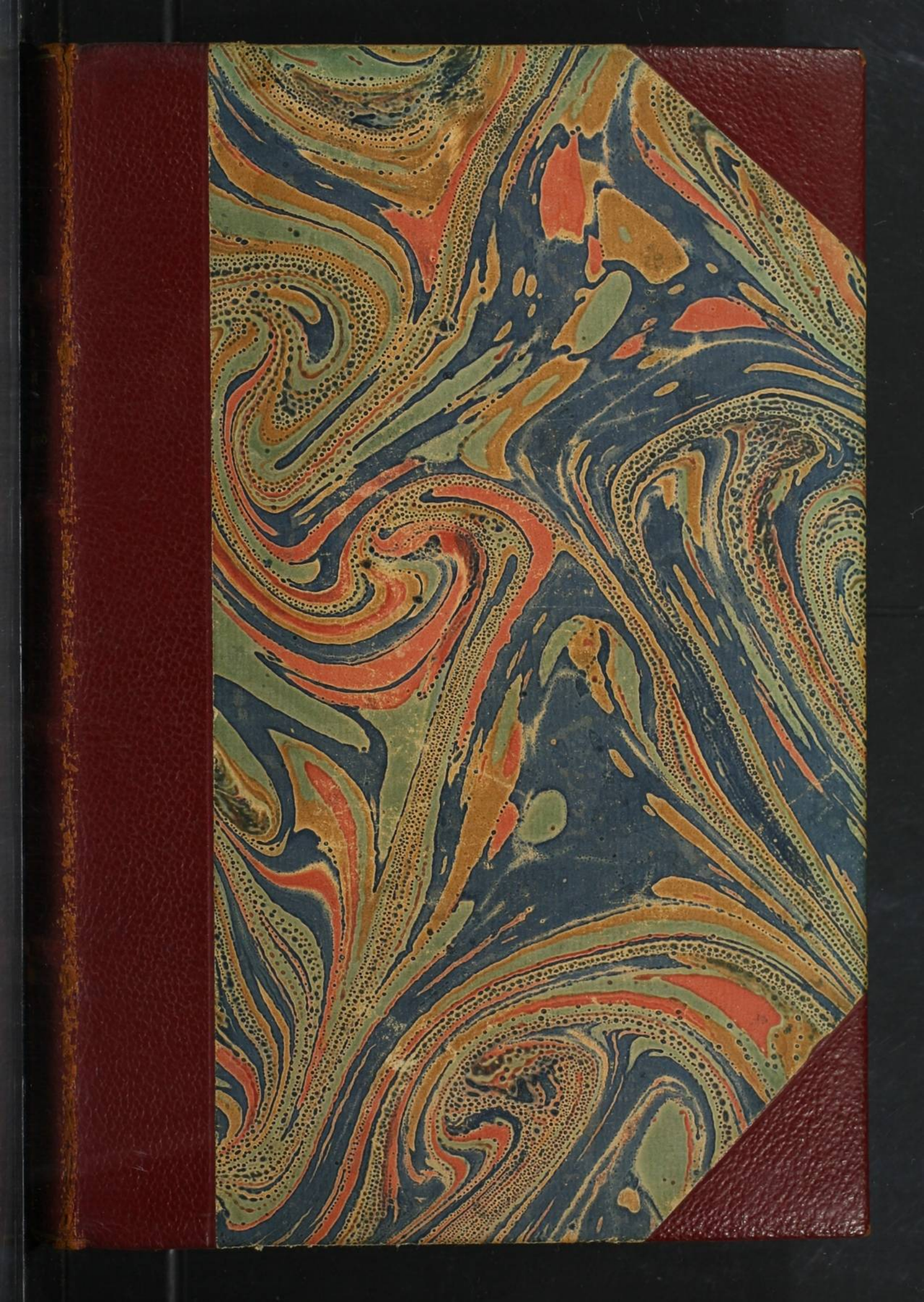
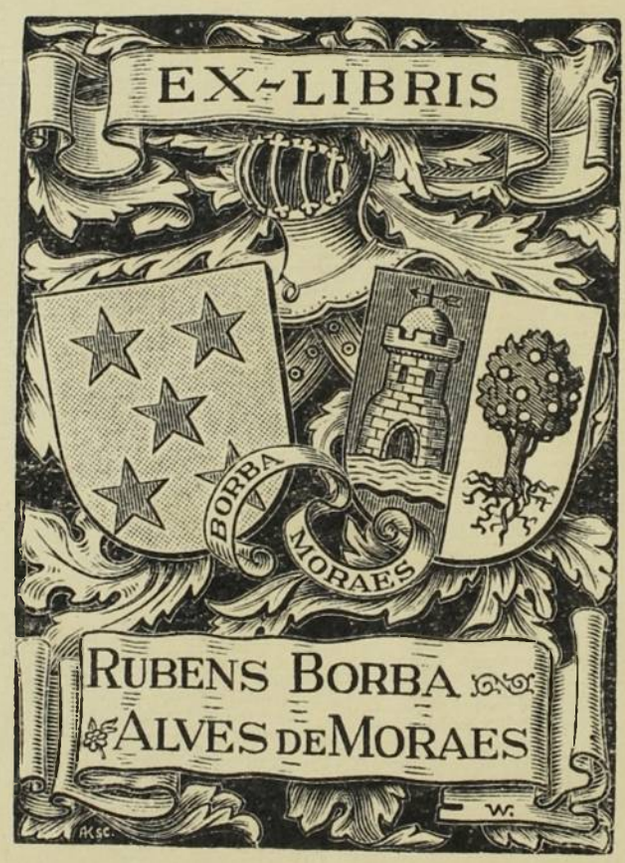


SECÇÃO GRAFICA
Departamento de Cultura
Restaurado e Encadernado
em 20 / 12 / 1989



Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

Exemplar do autor.
Unico exemplar conhecido
Deste 1º vol.

José Bernardo Fernandes Gama

MEMORIAS HISTORICAS

DA

PROVINCIA DE PERNAMBUCO,

PRECEDIDAS DE UM ENSAIO

TOPOGRAPHICO-HISTORICO,

DEDICADAS AOS

ILL^mos, E EX^mos SENHORES

FRANCISCO DO REGO BARROS, BACHAREL EM MATHEMATICAS PELA UNIVERSIDADE DE PARIZ, CAVALLEIRO DA ORDEM MILITAR DE S. BENTO DE AVIZ, MAJOR DO ESTADO MAIOR DO EXERCITO, DEPUTADO A ASSEMBLEA GERAL LEGISLATIVA DO IMPERIO PELA PROVINCIA DE PERNAMBUCO, E PREZIDENTE DA MESMA PROVINCIA.

E

FRANCISCO DE PAULA CAVALCANTI D'ALBUQUERQUE, FIDALGO CAVALLEIRO, OFFICIAL DA IMPERIAL ORDEM DO CRUZEIRO, CORONEL DA EXTINCTA SEGUNDA LINHA DO EXERCITO, SENADOR DO IMPERIO, DEPUTADO A ASSEMBLEA LEGISLATIVA DA PROVINCIA DE PERNAMBUCO, E VICE-PRESIDENTE DA MESMA PROVINCIA.

POR

Joze Bernardo Fernandes Gama, condecorado com a Medalha da Campanha da Independencia do Brazil na Provincia da Bahia, Alferes de Primeira Linha do Exercito, e Ajudante d'Ordens do Governo da Provincia de Pernambuco.

TOMO 1°

RECIFE:

Na Typographia de M. F. de Faria.

1840.

Dama

Convem notar que na 2ª edição d'este Tomo corregi mtos erros p.q adqueri documentos q ainda não tinha lido, e se poder reimprimir todos os demais Tomos q já estão impressos, tanto esses, como ainda a 2ª edição do presente terão mtas emendas a q esclarecimentos que obtive depois da impressão, me dão lugar.

Illmos e Exmos Senhores.

PERNAMBUCANO appreciador da prosperidade de meu Paiz, eu satisfaço o sagrado dever de gratidão, dedicando a VV. Exas o primeiro resultado de meus trabalhos historicos: sim porque o dedico á dois Varoens prestantes, que sacrificando seus particulares interesses, nada tem poupado para elevarem a terra que os viu nascer ao estado de grandeza, de que ella he digna. A ninguem pois eu devia dedicar as MEMORIAS HISTORICAS DE PERNAMBUCO senão a VV. Exas, cujos serviços prestados a todo o Imperio, e especialmente à Pernambuco, enriquecem as paginas d'este mesmo Opusculo.

Queiram pois VV. Exas, feixando os olhos a incorrecção da Obra, e aos defeitos que n'ella superabundam, protegel-a, assim como tão benignamente tem honrado seu author com provas irrefragaveis de estima, e amizade.

Deus Guarde a VV. Exas, como he mister á Pernambuco.

Tenho a honra, e satisfação de assignar-me

De VV. Exas

Amigo, e muito obrigado servo

Joze Bernardo Fernandes Gama.

PROLOGO.

O dezejo de instruir-me na Historia de minha Patria, suscitou-me a idéa de recopilar os factos aqui, e alli espalhados nas obras dos escriptores que trataram das couzas do Brazil, e d'est'arte formar uma collecção de Memorias Historicas de Pernambuco, que me servisse, por assim dizer, de Compendio.

Quando já tinha algum trabalho adiantado; mas ainda quando não tinha tenção de dal-o a lús, permettiu o accazo que dois dos meus amigos o vissem em uma occazião, em que a conversa, recahindo sobre as antiguidades de nossa Patria, nos levou a lamentar a falta que ella sofre de uma Historia. No meio das reflexoens a que objecto insensivelmente nos conduzia, e do enthusiasmo que a recordação dos feitos de nossos passados naturalmente despertou, os meus dois amigos instaram ardentemente comigo, para que eu concluisse o trabalho que encetara, e o impremisse; esforçando-se elles em convencer-me que esta impressão, não só se tornaria util ao Publico, pelo lado de offerecer em uma só obra a narração dos factos mais notaveis de nossa Patria, como tambem porque hia excitar a impressão de outras obras desta natureza, a tanto tempo annunciadas, mas que até hoje se tem conservado inedictas nos gabinetes de seus authores.

Oppuz ao dezejo de meus amigos a minha nimia pobresa literaria, e até os mesmos defeitos da obra, cuja publicação aconselhavam; todavia elles persistiram na sua oppinião, mas eu então não cedi: refletindo porem que Pernambuco ainda não tem uma Historia, e que esta, postoque em verdade dependa de uma penna não tão pouco habil como a minha, com tudo carece de *Memorias*, ou *Apontamentos*, os quaes, embora sejam destituidos de erudição, são todavia utilissimos ao Historiador, si os factos ahi se narram com todas as suas circunstancias, e com verdade, (Alma da Historia) deliberei-me publicar o meu trabalho, cedendo finalmente tambem às repetidas instancias dos meus amigos.

Ora eu para minha instrucção, nada mais tinha feito do que copiar quasi fielmente os diversos authores, que trataram dos negocios de Pernambuco, servindo-me de guia a Historia do Brazil por Mr. *Alphonse de Beauchamp*, do qual só me apartei, ou ampliando aquellas noticias em que foi omisso, aproveitando-me para isto dos mesmos Authores que elle copiou, como Rocha Pita, Brito Freire, Fr. Rafael de Jezus, Jaboatão, e outros; ou corrigindo a exposição d'alguns factos, que combinada com a dos escriptores que elle seguiu, me pareceu carecer de exactidão. Accressentei porem ás noticias que me deu Mr. Beauchamp as que colhi nos Archivos das Secretarias, nas Me-

morias de Monsenhor Pizarro , e em varios Manuscriptos e Folhetos, que, com muito trabalho e alguma despeza alcancei, para completar as Memorias Historicas de Pernambuco até o fim do Secculo passado.

Nas do Secculo prezente porem não segui authour algum na ordem dos factos , e até mesmo me apartei de varios escriptores modernos : recopilei o que me foi possivel extractar dos Archivos Publicos , consultei os Jornaes , e muitos impressos , manuscriptos , e cartas que encontrei entre os papeis de meu Pai o Sr. Joze Fernandes Gama , que Deus tem em Gloria , e , dando tambem tratos á minha memoria , descrevi os factos como chegaram a minha noticia , e alguns como vi succeder.

São pois os dois primeiros Tomos d'estas Memorias , pela maior parte um plagiato , que eu evitaria , senão estivesse convencido de que dizer o mesmo , que outros diceram (e diceram bem) por differentes palavras he pura , e inutil perda de trabalho. O 3 º Tomo he todo meu.

Mas as Memorias que eu havia redegido para mim somente , careciam de explicaçoens Topographicas. Não tendo tenção , quando as escrevi , de dal-as ao Publico , eu havia saltado por quasi todas as descripçoens corographicas, que se acham nos authores que copiei : para remediar por tanto esta falta , que tornava a obra mui defeituosa para ser impressa , só me restavam dois meios : ou redegil-a novamente , que he um trabalho mui enfadonho , ou dar em separado essas descripçoens , que havia saltado ; escolhi o ultimo meio. Eis a razão porque precede a estas Memorias um Ensaio Topographico-Historico , cujos defeitos , que são muitos , espero que o benevolo leitor desculpe.

Em conclusão ; persuadido , que he util a um Historiador , e muitas vezes necessario , expor-lhe os factos com todas as suas miudas circunstancias , para que elle possa formar o seu juizo critico , receiei menos enfastiar o Leitor , do que , para ser breve e agradar-lhe , omittir minunciosidades. Occupando-me mais em dar os subsidios, que devem servir de Norte ao Historiador , que com penna habil , e judiciosa escrever a Historia de Pernambuco , eu não tive em vista ostentar erudição ; e fatuidade seria querer ostental-a , sendo tão pobre, como sou.

Não escrevi uma Historia , e nem a podia escrever ; (Magnum quid Historiam recte scribere , et summi Oratoris proprium [a]) apenas offereço ao Historiador um Memorial , cujos defeitos , que em cada pagina formigam , espero que o Respeitavel Publico , e elle benigna e indulgentemente desculpem.

Vale.

(a) Cicer. Liv. 2 º de Orat.

ENSAIO

TOPOGRAPHICO-HISTORICO

DA

PROVINCIA DE PERNAMBUCO,

PERNAMBUCO, Provincia do Imperio do Brazil, que, segundo a oppinião de uma Sociedade de Litteratos, foi o primeiro Paiz da America (a) que os Europeos descrubriram

(a) Alguns Geographos querem, que a America seja aquella ilha Atlantica, de que *Platão* falla no *Timêo*, e que suppoem inteiramente absorvida pelo Occeano. Ora todos os Povos a porfia, se empenham em datar sua existencia desde remotissimas épocas; não me persuado por tanto mui fora de proposito, aprezentar as opinioens que dão aos nossos Indigenas antiquissima existencia, e civilisação: direi pois por curiosidade quanto he possivel dizer-se em uma Nota, o que sobre esta questão (que tanto há dado, que fazer aos Geographos) tenho lido em livros, que só nimia curiosidade, e dezejo de instrucção, pode induzir, e animar alguem a folheal-os.

Platão no *Timêo* (Tom. 3 pag. 24 da Edição de H. Estevam) diz: " A Atlantica foi uma grande ilha, situada fora das columnas d'Her-
,, cules, e de tanta grandeza que excedia toda a comprehenção d'Azia, e
,, Africa. Uma grande parte d'esta ilha, foi submergida, por um grande
,, terremoto, seguido de uma alluvião continua, por espaço de um dia, e
,, uma noite.

Ficinio, não obstante ter por fabuloso quando *Platão* finge, nota porem que o que elle diz no *Timêo*, a respeito da submersão da Atlantica, he uma narração admiravel, e absolutamente verdadeira, e para o provar, accrescenta no Cricias: (que he a Historia do primeiro Secculo.) Que a submerção da Atlantica tinha sido referida por Cricias Avô a Cricias Neto, que aquelle a tinha ouvido narrar a seu tio Solon, e que este o soubera pela boca dos Sacerdotes Egypcios, com cujos Povos os grandes, e poderosissimos Reis d'aquella ilha tinham continuas guerras.

Aristoteles nos seus Auditorios, refere que os Cartaginezes descubriram uma vasta ilha, situada fora das columnas d'Hercules, cheia de grandes matas, regada de varios rios, uberrima em differentes fructos, distante muitos dias de viagem, para onde navegavam os Cartaginezes frequentissimas vezes, e ahi se estabeleciam; e que havendo receio de que sacudissem o jugo Nacional, fazendo o Estado succumbir a uma rebellião, fumentada pelas riquesas, que tiravam da dita ilha, se promulgou um Edicto, comminando pena capital, contra todo aquelle que passasse á mencionada ilha.

Diodoro-Siculo, no Livro 5° da sua Bibliotheca, quando trata sobre esta ilha, diz quasi o mesmo que *Aristoteles*.

O Geographo Francez porem, author do Atlas de 1789, resolve a questão da seguinte maneira = " A ilha Atlantica he verdadeiramente a Ame-

(a) está em 8°, 3', e 50" (observado do Farol da Barra) de Lat. Meridional, e em 37°, e 12' de Longitude.(b) Limita: pelo Norte com a Provincia da Parahiba, servindo de linha divisoria o rio Abiay, na Latitude de 7°, 12', e 1"; pelo Sul com a Provincia das Alagoas, servindo de linha divisoria; na Costa, o riacho Pirassinunga, na Lat. de 9°, 11', e 30", e no interior os limites das Villas da Barra, e Curunhânha, pertencentes á Provincia da Bahia; pelo Este com o Occeano; e pelo Oeste com as Provincias de Piauhy, e Ceará. Tem de norte a Sul pouco mais de 36 legoas; (c) mas pelas voltas que a costa offerece se contam, pouco mais ou menos, 42 legoas de Litoral, e de E. ao O. 185, contadas do Cabo de S. Agostinho, ponto o mais saliente da Costa, até os limites da Serra Araripe, que devide Pernambuco do Piauhy.

A população de Pernambuco monta a 806,000 habitantes livres, (exclusive o grande numero de estrangeiros que aqui habita) regulando-me n'este calculo pelo numero de Eleitores da Representação Nacional, que são 806, eleitos na razão de um por cem fogos, dando a cada um fogo dez pessoas; porem a população avantaja-se muito a este calculo, porque a maior parte,

---

„ rica, ou India Occidental em tudo, ou em parte. A barbaria dos primeiros
„ Seculos, e a omissiva applicação ás memorias d'aquelles tempos, tem
„ causado o prejuizo de laborar-se na incerteza dos primeiros successos
„ Porem si damos credito ás relaçoens dos Escriptores antigos, sobre es-
„ ta materia, podemos julgar que existiu em algum tempo a Atlantica,
„ ou esta seja a America, hoje conhecida; (si he crivel que os antigos,
„ sem o adjutorio da Bussulla, atrevessassem o extenço Atlantico) ou
„ seja finalmente a que pretendem submergida no mar, restando-nos co-
„ mo fragmentos d'ella, os Açores, a Madeira, o Porto Santo, as Deser-
„ tas, as Canarias, as Selvagens &c. &c., por serem terras mais altas,
„ e os seus fundamentos de rocha viva, e por isso mesmo capazes de re-
„ sistir aos impetos dos terremotos, e dos vulçoens subterraneos

Finalmente da oppinião de *Becano* no Liv 3. do seu Niloscopio, da *de Turnebo* no Liv. 20. Cap. 11. das suas Memorias; da de *Jacob Pamelio* nas notas ao Apologetico de Tertuliano; e em conclusão da de *Vossio*, reputado pelos sabios, como um escrupuloso critito, conclue-se logicamente, que ailha Atlantica, de que fallaram os antigos, não he outra senão a America.

(a) Em 1484. Vid Archives Litteraires de L'Europe. Tom. 16.

(b) As longitudes citadas n'este Ensaio, são calculadas ao Oeste do Meridiano de Pariz

(c) Pernambuco, em quanto Capitania doada por D. João 3° a Duarte Coelho Pereira, tinha 60 legoas de costa, desde o rio de S Francisco até o de Iguarassú, ou Santa Cruz; mas depois da expulção dos Hollandezes, reunindo-se-lhe parte da Capitania de Itamaracá, teve 70 legoas desde o rio de S Francisco até o rio Abiay; com a elevação porem em 1818 da Commarca das Alagoas a Capitania separada, e com a desmembração da Commarca do Rio de S. Francisco em 1824 para Minas, ficou reduzido ao estado actual.

ou tal vez todos os arrolamentos dos Vigarios carecem de exactidão ; e tanto assim he, que até uma das Freguezias (a maior) da Capital, tem na prezente Legislatura (de 1838 á 1841) muito menor numero de Eleitores, do que deve ter, segundo a sua população.

O numero de escravos he grande ; alguns calculam esse numero igual a dois terços da populacão livre, outros elevam mais este calculo ; todavia ainda que Pernambuco carece do recenciamento da escravatura, eu pelas informaçoens que me tem sido possivel obter, julgo que o primeiro calculo he exacto, ou quando muito, o mais aproximado possivel. D'estes escravos estão empregados na lavoura da cana de assucar 30,240, em 504 engenhos, que toda a Provincia tem, calculando eu para cada engenho, inclusive os dos lavradores, 60 escravos.

Segundo os balancos do anno financeiro passado (1838 a 1839) exporta Pernambuco annualmente : de Assucar 17,733 caixas, 2,842 feixos, 77,532 barricas, 22,370 saccos, e 103 caras ; de Algodão 50,109 saccas, com 256,562 @ ; de Agoardente 3,452 pipas, 539 barriz, e 4,237 garrafoens ; de Pau de Tinturaria 322 1/2 Quintaes ; de Madeira de construcão 3,375 rólos ; de Tabaco 4,618 @ ; de Doce 78,529 Arrateis, de Côcos, seccos 167,845, e torneados 40,578 ; de Couros salgados 111,809; de Meios de sólla 37,725, e de Pélles 25,259, alem de 133,587 Chifres, e outros generos de algum valor. Exportou tambem em moeda n'esse anno 526:092 $ 600 rs.

A renda annual da Provincia, segundo os balanços do dicto anno financeiro, monta em 2:633:305 $ 005 reis ; a saber, Receita Geral 1:885:015 $ 378 reis, dicta Provincial, arrecadada pelas Repartiçõe Geraes, 146:492 $ 917 reis, e dita Provincial, arrecadada pelas Repartições Provinciaes, . . . 601:796 $ 710 rs.

Pernambuco tem uma Assembléa Legislativa, composta de 36 Membros, cujos Decretos, para terem força de Lei, são sancionados pelo Prezidente ; o qual he nomeado pelo Imperador, governa toda a Provincia, gosa das honras que os antigos Capitaens Generaes gosavam, e tem, segundo a Lei, atribuiçoens muito mais amplas do que elles tinham. Um Commandante das Armas, subordinado ao Prezidente, e tambem nomeado pelo Imperador, tem a livre administração da força Armada, na parte administrativas e disciplinar dos Corpos do Exercito. A Administração Ecclesiastica porem estende-se alem da Provincia, porque o Bispado de Pernambuco abrange igualmente as Provincias das Alagoas, Parahiba, Rio Grande do Norte, e Ceará.

A Guarda Nacional de Pernambuco, que consta de 23,590 Praças, inclusive 2,721 Reservas, está organisada em 3 Com-

mandos Superiores , e em 15 Legioens ; das quaes, 7 compoem os Commandos Superiores , e 8 são independentes , contendo todas estas Legioens; 13 Esquadroens de Cavallaria , e 34 Batalhoens de Caçadores. Alem d'estes Corpos, estão igualmente organisados 3 Batalhoens de Caçadores , que não fazem parte de Commando Superior , ou Legião , como melhor tudo a diante se verá, a proporção que eu for tractando dos diversos Municipios da Provincia.

A Administração da Justiça está incumbida ; na Commarca da Capital, á 3 Juizes do Civel , á 2 do Crime, com jurisdição commulativa no Foro respectivo , á um Prefeito (Chefe de Policia , mas sem atribuição de julgar) , e á um Promotor , ou Accusador Publico ; e em cada uma das outras Commarcas á outros tantos Funcionarios , com a diferença porem que n'estas, em vez de 5 Juizes, cada uma tem somente 2, um do Civel , outro do Crime. Nos empedimentos de qualquer dos Juizes da Capital, o Governo da Provincia tem nomeado um Substituto, segundo a Legislação Provincial , e quando este Substituto está tambem empedido , então nomea um Juiz ad hoc ; nas outras Commarcas porem os dois Juizes são substitutos um do outro, e quando ambos estão empedidos , pode o Prefeito respectivo nomear um interino , entretanto que o Governo da Provincia , ou confirma essa nomeação , ou nomea outro. Em cada Parochia , e em alguns Curatos mais populosos , ha um Juiz de Pás, com Alçada até 50 $ rs., e de cujas Sentenças se recorre para o Juiz do Civel da Commarca respectiva , perante o qual termina a questão. O Tribunal dos Jurados , que tem a seu cargo julgar os criminosos , reune-se nas Cabeças de Commarcas , presidido pelo Juiz do Crime. São precizos para formar caza 60 Juizes de Facto ; mas estando quarenta reunidos pode o Tribunal começar os seus trabalhos.

Pernambuco , que tão rapidamente augmentou , e melhorou em todos os ramos administrativos , nada, com a nova ordem de couzas, tem adiantado a respeito dos seus portos , e rios ; pelo contrario n'esta parte, parece que o desleixo do Governo Portuguez lhe tocou em legado.

Em outros tempos esta Provincia offerecia abrigo, em diversas partes do seu Litoral , á grandes vazos ; hoje porem apenas conta, alem do porto da Capital , uma só bahia propria para ancoragem de navios de alto porte : a de Tamandaré. Este mal , (filho do desleixo do Governo Portuguez) que no principio seria mui facil remover, demanda hoje para seu remedio despezas consideraveis , e grandes esforços da parte dos que immediatamente ganham com a sua remoção , e tal vez que por isso dure ainda

alguns annos ; todavia lisongeio-me com a bem fundada esperança de que, a proporção que os conhecimentos Hydraulicos se forem geralisando , e que consequentemente todos reconheçam a utilidade que resulta do maior numero de portos , e da navegação interior , nos esforçaremos para dar a alguns de nossos portos , e rios a capacidade que em outro tempo tiveram , e que igualmente aproveitaremos aquelles , dos quaes a Natureza não quiz que tirassemos vantagem , sem o soccorro d'Arte.

Pau Amarello , Itamaracá , Catuãma , e Goiana , segundo escreveram o Cosmographo Pimentel , e o Barão Roussin, no seu Roteiro do Brazil , segundo alguns fragmentos historicos , e registros que se tem conservado , e mesmo segundo o testemunho de pessoas que ainda vivem , foram em outro tempo portos frequentados, por embarcaçoens de muito maior porte , do que actualmente podem admettir ! O porto de Itamaracá admettiu em 1702 , navios de trezentas Toneladas, e o de Goiana, á bem poucos annos, deixou de dar abrigo a grande numero de Sumacas , que entretinham um importante commercio de cabotagem.

O cuidado sobre a nossa navegação interna , tem sido em tudo similhante ao do melhoramento dos portos : abandonados á Natureza , sem o menor soccorro d'Arte, os rios de Pernambuco, obstruidos todos os annos pelas enchentes , cada vez vão tornando mais dificil a sua navegação.

A Arte ainda até hoje não empregou os seus esforços, para remediar este mal , dando aos rios mais caudalosos (principalmente ao Capibaribe) leitos permanentes , e suficientemente profundos, para serem navegados ; e construindo no Alveo dos mais pobres , canaes que , por meio da continua repreza de suas agoas , ou pela addicção de algũas nascentes vezinhas , se tornem navegaveis. Maravilha ao leitor Americano o quadro comparativo que faz Mr. de Chevalier dos *Estados Unidos* de 1790 , com os de 1839 , tudo devido á facil, e commoda communicação , que ao commercio offerecem suas optimas estradas , e innumeros canaes !

Desenganemos-nos , nós os Pernambucanos , que em quanto não tivermos ao menos boas estradas, mui pouco poderemos augmentar , principalmente nas povoaçoens, e fabricas do interior. Cumpre pois que os proprietarios , e homens abastados , dando uma prova patente de seu patriotismo , se juntem em Companhias, para aberturas de canaes , e estradas , (ao menos para concluir as que o Exm. Sr. Francisco de Paula Cavalcanti d'Albuquerque começou) aproveitando a patriotica Administração do Exm. Sr. Francisco do Rego Barros , que em menos de dois annos, tem feito mais Obras Publicas em Pernambuco , do

que todos os seus antecessores, desde que o Brazil se declarou independente.

Cabe agora dar n'este lugar uma breve, e successiva noticia dos portos do nosso Litoral, para que o leitor mais facilmente conheça, quando for lendo as *Memorias Historicas*, as distancias, e os lugares em que os factos acconteceram.

Uma legoa ao N. 4ª de N. O. da Cidade d'Olinda desagoa o rio *Tapado*, e d'ahi outra legoa o rio *Doce*, onde não entram senão jangadas. A' outra legoa de distancia, na Latitude de 7°, e 55', e Longitude de 37°, e 11' fica a barra de *Pau-Amarello*, que antigamente dava abrigo a navios de igual lotação, a dos que actualmente procuram o Mosqueiro, mas cujo surgidouro está hoje reduzido a um canal entre o recife, e a terra, muito inferior ao que já foi. Duas legoas ao N. de *Pau-Amarello* está o rio *Maria Farinha*, na Lat. de 7°, e 47', e na Long. de 37°, e 10', e outra legoa mais adiante, a barra principal da ilha de Itamaracá, que, como dice, já admettiu navios de 300 Toneladas, sendo todavia necessario vento feito, porque o canal, (que em baixa-mar tinha a largura de 12 braças) por estreito, não permettia bordejar: as agoas nos plenilunios elevam-se alli 12 palmos, e hoje o rio na sua maior largura, não excede a um tiro de Mosquete. Tres legoas mais para o N. está a outra barra da ilha de *Itamaracá*, chamada *Barra da Catuãma*, na Lat. de 7°, e 39', e na Long. de 37°, e 11', com 20 palmos de fundo na preamar das marés vivas, e em baixamar 14; mas as pedras, e varios cachopos que alli há, privam toda a navegação. Um esteiro, que torneia a ilha, forma estas duas barras.

Quatro legoas ao N. 1/2 N. O. de Itamaracá fica a barra do rio *Capibaribe-Merim*, ou *Goianna* na Lat. de 7°, e 31', e na Long. de 37°, e 8', entre duas pontas chamadas; a do S. *Das Pedras*, e a do N. *Dos Coqueiros*. Hoje por este rio apenas podem subir canoas de 20 a 30 Tonelladas. Duas legoas e 1/3 ao N. da barra do *Capibaribe-Merim* fica o porto dos *Francezes*, conhecido tambem pelo de *Pitimbú*, o qual antigamente teve surgidouro capás para 12 náos; mas hoje apenas dá abrigo a embarcaçoens de pequeno lote, tendo o seu fundo, alem disso, tornado-se pessimo.

Agora tractarei dos portos, que estão á direita d'Olinda, começando do S. para o N., e por um dos da Provincia das Alagoas, porque algũas vezes nas *Memorias* o mencionarei. O porto denominado *Barra-Grande*, está collocado quatro legoas ao N. E. de *Porto Calvo* na Lat. de 9°, e 3', e na Long. de 37°, e 32'. Aquella mui boa enseada he, como toda a costa de Pernambuco, guarnecida de recifes, por entre os quaes se entra, por uma fen-

da para o seu optimo ancoradouro, que tem 3 a 3 1/2 braças de fundo. Tres legoas para o N. está o riacho Piracinunga na Lat. de 9°, 11', e 30", que divide Pernambuco das Alagoas, e uma legoa (dentro da qual estão as pequenas barras; das Ilhetas, em 9°, e 3', e de Mambucaba em 9°, 1', e 30") aquem d'esse riacho está o porto dos Abreos, na fós do rio Una, na Lat. de 8°, e 51', e na Long. de 37°, e 25'. Duas legoas ao N. dos *Abreos*, e sette ao N. E. da *Barra Grande* na Lat. de 8°, e 43', e na Long. de 37°, e 24' está a mais bella enseada, que tem toda a Provincia, capás de admittir no seu ancoradouro uma grande Armada: fallo da enseada de *Tamandaré*, cujo surgidouro nada deixa a dezejar ao navegante: o seu fundo he limpo; na barra tem 6 a 7 braças, e dentro 4 a 5 1/2. Duas legoas ao N. de *Tamandaré*, está a barra de *Rio-Formoso* na Lat. de 8°, e 40', e na Long. de 37°, e 22', onde não entram senão pequenos barcos; e a outras duas legoas está na Lat. de 8°, e 39', e na Long. de 37°, 22', e 50", e ao N. da fós do *Rio-Formoso*, a enseada do *Gamella*, cuja barra he por entre os recifes, pela face do S. da ilha de S. *Aleixo*. (a) Pouco mais ao N. está na Lat. de 8°, e 35', e na Long. de 37°, e 22' a fós do rio *Serinhaem*, por onde só entram barcaças, e mais aquem algũa couza, na Lat. de 8°, e 33' e na Long. de 37°, e 19' a ponta de *Marácahipe*, que he porto de jangadas. Tres legoas ao N. do *Gamella*, na Lat. de 8°, e 29', e na Long. de 37°, e 20' está *Porto de Galinhas*, que não he mais do que uma pequena enseada (formada pelo recife) com duas braças de fundo limpo. Uma legoa ao N. de *Porto de Galinhas* desemboca o rio *Ipojuca*, na Lat. de 8°, a 23', e na Long. de 37°, e 19', e a quatro legoas d'este está na Lat. de 8°, 20', e 40", e na Long. de 37°, e 16' o Cabo de *S. Agostinho*, tendo do lado do S. a Fortaleza de *Nazareth*, que protege a pequena barra, que ahi ha, onde hoje apenas entram pequenos barcos, e jangadas; e do lado do N. a enseada de *Gaibú*, na qual podem fundear navios grandes, até perto de terra, na distancia de um tiro de Mosquete. Tres legoas ao N. do Cabo, na Lat. de 8°, e 21' está *Barra das Jangadas*, na fós dos rios *Jaboatão*, e *Pirapama*, os quaes, confundindo-se ahi, formam uma barra, por onde entram somente canoas, e jangadas, e com muito risco; e finalmente uma legoa ao N. d'este porto, e tres legoas e meia longe do porto da Cidade do Recife, está na Lat. de 8°, e 16' o porto das *Candeias*,

(a) Americo Vespucio na primeira vez que veio a Pernambuco em 1501, molhou ancoras junto d'esta ilha, e porque ahi ancorou em 17 de Julho, dia em que a Igreja solemniza a festa de S. Aleixo, deu-lhe o nome do Santo do dia. Esta ilha está na Lat. de 8°, e 36', e na Long. de 37°, e 21'.

por onde apenas entram jangadas. Tambem entre o porto do Recife, e o das *Candeias*, ha outra pequena barra, denominada *Barreta*, defendida pelo fogo da Fortaleza das sinco Pontas.

Eis a noticia que me foi possivel dár do Litoral de Pernambuco.

A Provincia está dividida em 13 Commarcas, a saber; *Recife, Cabo, Rio-Formoso, S. Antão, Bonito, Limoeiro, Nazareth, Pau d'Alho, Goiana, Brejo, Garanhuns, Flores, e Boa-Vista.*

COMMARCA DO RECIFE.

Comprehende os Municipios do Recife, Olinda, e Iguarassú, e as ilhas de Itamaracá, e de Fernando de Noronha.

MUNICIPIO DO RECIFE.

Recife

Cidade maritima em 8°, 3', e 58" de Lat., e 37°, 12', e 1" de Long. Limita pelo N. com o destricto de Pau-d'Alho, e Olinda, pelo S. com o do Cabo, por E. com o Occeano, e pelo O. com o Termo de S. Antão. A sua população chega a 86,000 pessoas livres, segundo os calculos da eleição. Está dividida em tres Bairros (illuminados por 370 lampioens, e por isso muito malalumiados (a)) pelos rios Capibaribe, e Biberibe, e communica-se por quátro pontes; (b) uma sobre os dois rios mencionados, e as outras tres sobre o primeiro somente.

O Bairro do Recife, ou Freguezia de S. Fr. Pedro Gonsalves, pelo N. está unido ao Isthmo, por onde se caminha para Olinda, e pelo O. communica-se com o Bairro, ou Freguezia de S. Antonio, por uma bella ponte de 930 palmos de comprimento, e 40 de largo, debaixo da qual passam os dois rios Capibaribe, e Beberibe, que ao N. d'ella, e a pouca distancia, confundem suas agoas na volta de Palacio-Velho.

O Bairro, ou Freguezia de S. Antonio, he uma ilha cercada quasi toda pelo rio Capibaribe, o qual, confundindo-se com o Beberibe, como está dicto, foge por baixo da ponte do Recife. Outra ponte, collocada no lado opposto, quasi na direcção da primeira, com 780 palmos de extenção, e 26 1/2 de largo, elegantemente construida, e sob a qual corre o Capiba-

---

(a) Em 1842 será a nossa Capital alumiada com gaz, segundo o contracto que o Exm. Senhor Presidente Rego Barros tem entabolado. He tambem este um dos serviços relevantes, que S. Exa. tem prestado a sua Patria.

(b) As pontes são todas de madeira, a excepção da que une o Recife a S. Antonio, que tem 4 arcos de pedra. A da Boa-vista, que se está fazendo de novo, e que já tem mais de metade feita promete ficar a melhor de todas, já em elegancia, e ja em solidez. He obra do Sr. Tenente Coronel Engenheiro Firmino Herculano de Moraes Ancora.

ribe , communica esta Freguezia com a da Boa-vista; e uma terceira ponte de 470 palmos de comprimento , e trinta de largo , debaixo da qual passa um braço do Capibaribe , que desagoa na Barreta , a communica com os Afogados , povoação situada tres quartos de legoa ao S. do Recife , e para onde se caminha por um Atterro , que brevemente será uma das mais bellas ruas da nossa Capital.

O Bairro , ou Freguezia da Boa-vista , o mais bello dos tres , e que vai tendo um crescimento espantoso , communica-se com a Freguezia da Verzea por uma bella ponte de 470 palmos de comprimento , e 30 de largo , collocada sobre o Capibaribe , uma milha longe da ponte da Boa-vista , no sitio Passagem da Magdalena , lugar aprazivel , onde se encontram notaveis edificios. Finalmente a Cidade tem de extenção desde Nossa Senhora do Pilar, em Fora de Portas , athe o Manguinho, onde começam os predios rusticos , perto d'uma legoa de E. ao O. ; e desde Palacio velho até o fim da Rua do Atterro dos Afogados mais de duas milhas N. S.

O Termo da Cidade do Recife abrange , não só os tres Bairros mencionados , começando pela Cruz do Patrão , collocada no Isthmo d'Olinda , mas tambem a Freguezia dos Afogados até o sitio Gameleira , onde acaba o Termo : abrange igualmente a Freguezia de S. Amaro Jaboatão ; a parte da suprimida Freguezia da Varzea , que está a margem direita do Capibaribe , e que hoje pertence á Freguezia do Poço da Panella ; a parte da Freguezia de S. Lourenço da Mata , que pertencia ao Termo d'Olinda ; e a parte da Freguezia da Luz , tambem suprimida , e que ficou pertencendo á Jaboatão , e S. Lourenço.

A Cidade do Recife he Cabeça de Commarca , e Capital da Provincia , residencia do Bispo Diocezano , Assento da Assembléa Legislativa Provincial , do Governo civil , do Commando das Armas , do Tribunal da Relação , (a) da Junta de Justiça (b) Militar , do Tribunal dos Jurados , e residencia de dois Juizes do crime , e tres do civel de primeira Instancia. As rendas Nacionaes , e as Provinciaes são arrecadadas, e Administradas por duas Thezourarias , uma Alfandega , uma Meza do Consulado , e outra de Rendas Provinciaes. As obras Publicas da Provincia estão a cargo de uma Inspecção , á qual pertence um Gabinete Topographico. A propagação da Vaccina está encarregada a dois Facultativos habeis. Para instrucção Publi-

(a) Compoem-se de 13 Dezembargadores, inclusive o Prezidente.

(b) He um Tribunal composto de 3 Dezembargadores , e 3 Officiaes Superiores do Exercito , prezedido pelo Prezidente da Provincia. Julga em ultima Instancia os reos militares, sentenciados em Conselho de guerra.

ca tem a Cidade, não só um Liceo, mas tambem duas Aulas de Latim, 8 de primeiras letras, inclusive uma de ensino mutuo, e 3 para meninas, tudo á custa da Fazenda Provincial, alem de dois Collegios acreditados, e de muitas Aulas particulares bem frequentadas. A' um Arsenal de Marinha (a) mui bem montado, e com bellos edificios, e bons arranjos, e á outro de Guerra, no qual há uma caza de Educandos, donde tem sahido optimos Artistas, estão encarregados os objectos, e fiscalização que lhes são peculiares. O Correio das cartas está entregue a uma Aministração, que tem facilitado os meios de communicação externa, e interna.

Esta Capital mantem um Batalhão de Caçadores, outro de Artilheria, e um Esquadrão de Cavallaria pagos; mas ella comserva quasi sempre Corpos extraordinarios, de maneira que Pernamboco nunca tem menos de 800 Soldados para o seu serviço ordinario. A guarda Nacional do Municipio do Recife forma um Commando Superior, (ou Divizão) composto de 3 Legioens, e estas de 1 Esquadrão de Cavalleria, e 6 Batalhoens de Caçadores, todos com 3846 praças. Alem d'esta Tropa, ha um Corpo de Policia pago, de 6 Companhias de Infanteria, com 599 praças.

As ruas da Cidade não são mui regulares; mas a edificação nova tem melhorado muito os defeitos da antiga. Possue tres Quarteis; o primeiro no centro do Bairro de S. Antonio, o 2 °, que he a Fortaleza das Sinco Pontas, no mesmo Bairro, e o 3 ° no Bairro da Boavista no Hospicio, a margem do Cabiparibe. Possue tambem um Hospital Militar, e dois de Caridade; dois Conventos, um do Carmo, e outro de S. Antonio, cada um com a sua competente Ordem 3 ª, ambas bem ricas, principalmente a do ultimo; tres Parochias; 17 Templos Catholicos Romanos; um bello, e elegante edificio na rua da Aurora do Bairro da Boa-vista, mandado construir pelos Inglezes para os seus actos Religiosos, onde para esse fim se reunem quando querem; um Recolhimento de Senhoras, uma caza para Expostos, um pequeno Theatro (b), um Palacio do Bispo, uma Cadeia arruinada, a que se vai dar diferente destino, por não convir que as prisoens estejam collocadas no centro da Cidade, e grande numero de edificios particulares de muito valor.

Entre todos estes edificios, e mesmo entr'aquelles, que serão monumentos indeleveis do patriotismo, e incanssavel zêlo

---

(a) Por ordem do Exm. Sr. Prezidente Rego Barros no Arsenal de Marinha se está creando uma caza de Educanos, e já alguns rapazes estão mui adiantados.

(b) Breve teremos um magnifico Theatro, que se vai construir. Graças aos esforços, e Patriotismo do mesmo Exm. Sr. Presidente.

do Exm. Senhor Prezidente Franciso do Rego Barros, merece notavel menção a Alfandega. Este edificio, que quando o Exm. Senhor Barros tomou posse do Governo, não passava d'um grande armazem, irregularmente repartido (estado a que o impio philosophismo reduziu o Magestozo Convento dos Congregados do Oratorio!) está hoje transformado em uma elegante caza, que não só offerece todos os meios para uma rigorosa, e ao mesmo tempo commoda fiscalisação dos Direitos Nacionaes; mas que igualmente acredita a Provincia, para com os Estrangeiros que nos vizitam. O mais he que tudo isto, tem sido feito com a maior economia possivel, e com tal fiscalisação, que, sem receio de ser contrariado, posso affirmar, que o mais economico dos particulares não poderia fazer para si com menos despeza uma obra igual! Graças ao Genio que a emprehendeu, e graças tambem ao mui habil Senhor Tenente, Stereo-Areometra da Alfandega, Manoel Coelho Sintra, escolhido por S. Ex. para a administrar.

O Governo civil, o Militar, a Junta de Justiça, as Thezourarias, a Meza das Rendas Provinciaes, e a Administração do Correio exercem suas funçoens no Bairro de S. Antonio, no edificio que foi Convento dos Padres Jusuitas, para • que se tem feito os necessarios arranjos, de maneira que as Repartiçoens estão mui decentemente arranjadas, principalmente a Secretaria do Governo, e a Thezouraria Nacional. Os Juizes de primeira Instancia dão Audiencia em uma Sala do mesmo edificio, e interinamente a Rellação celebra as suas Sessoens n'uma parte d'elle, cedida pelo Governo para esse fim, entretanto que se lhe destina uma outra caza. A Camara Municipal faz as Sessoens em uma caza mui decente, sita na rua do Cabugá no Bairro sobredito. A Assembléa Legislativa Provincial, reune-se em uma caza Nacional, sita no Forte do Matos no Bairro do Recife, arranjada mui decente, e commodamente, tanto para os Deputados, e Secretarias respectivas, como para os espectadores, para quem ha uma espaçosa, e commoda galeria. A Alfandega occupa a maior parte do Convento, que foi dos Congregados, como já dice, e finalmente a Meza do Consulado um elegante edificio, construido no largo do Corpo Santo n'este mesmo Bairro.

A Cidade tem tres Typographias, sustenta um Jornal (o Diario de Pernambuco, que he mui lido), e alguns periodicos, que não tem publicação regular, a excepção do faceto Carapuceiro, que se publica regularmente. A pezar de carecer ainda de Chafarizes, e d'outros commodos, que o numero de seus habitantes demanda, a Cidade do Recife he a terceira do Brazil em população, commercio, e riqueza. No seu porto entram an-

finalmente 400 embarcaçoens pouco mais, ou menos, alem de muito mais de 500 canoas, occupadas no importante commercio de cabotagem, entretido entre a Cidade, e os portos da Provincia.

Fabricas de Rapé, fundição de ferro, grandes estabelecimentos de Marcenaria, e outros muitos, que seria enfadonho referir, offerecem aos habitantes da Cidade do Recife, quasi todos os comodos, e prazeres que se encontram em abundancia nas grandes Cidades da Europa. O Porto defendido pelas Fortalezas Brum, (a) e Buraco, abrigado pelo recife que lhe emprestou o nome, e alumiado por um brilhante farol (o melhor do Brazil) offerece em qualquer hora de maré cheia ás embarcaçoens que demandam até 12 pés d'agoa, e nas grandes marés de lua, ás que demandam até 14, entrada franca, e encoradouro commodo. Este ancoradouro tem a figura de um Poligno irregular, e contem pouco mais ou menos 6,900 palmos de extenção (de Fora de Portas á ponte de Recife) e 930 de largo; (da praia ao recife, ou lanço de penedia, que abriga o Porto); mas em toda esta largura, só 700 palmos, pouco mais, ou menos, offerecem fundo suficiente às embarcaçoens, como a diante direi.

O Exm. Sr. Francisco do Rego Barros, Prezidente da Provincia, tem feito o maior dos serviços que podia fazer a sua Patria, encetando as obras do melhoramento do Porto: foi a primeira d'estas um grande caes, construido no lado de S. Antonio, que reune à sua notoria utilidade, a agradavel perspectiva de um passeio encantador, guarnecido de arvores frondosas. Em breve pois a barra de Pernambuco será franca ás grandes embarcaçoens, e então esta Cidade nada terá que envejar da Bahia, e do Rio de Janeiro. Si o Exm. Sr. Barros tem sido incansavel sobre melhoramento do Porto, aproveitando o habil Engenheiro (Mr. Boyer) remettido pela Corte, e cujo auxilio faltou ao Exm. Sr. Vice Prezidente Francisco de Paula Cavalcanti d'Albuquerque, a quem á muito sériamente occupava o projecto d'este melhoramento, não menos tem sido incansavel em continuar os trabalhos das estradas, encetados, e promovidos pelo seu antecessor, o mesmo Sr. Paula.

O porto de Pernambuco tem duas barras: a que está junto ao Picão, pela qual passam navios que demandam menos agoa, e a outra mais profunda, algũas braças ao N. da primeira, por onde navegam as embarcaçoens maiores. Esta barra tem em prea-

---

(a) A Fortaleza do Brum foi fundada pelos Hollandezes em 25 de Junho de 1531. O nome lhe foi prestado pela Mulher do General Hollandez Theodoro Wandemburg, que se chamava Brun. Vid. Corog. Braz.

mar 43 palmos, e em baixa-mar 32, e dentro, onde os navios surgem em um lagamar chamado Poço, tem na preamar junto ao recife 4. 172 braças, e embaixa-mar 3. 172: todo o fundo de areia branca.

A barra do Picão tinha em 1820, vinte e dois palmos em preamar d'agoas vivas, e 12 na baixa-mar; hoje porem esse fundo está algũa couza augmentado, ainda que mui pouco.

Não acontece porem o mesmo á respeito da largura do ancoradouro; pelo contrario ella tem decrescido muito. O desleixo dos Governos transactos, que com reprehensivel indiferença deixaram que se fizessem atterros a borda d'agoa, que se construissem caes, enterrassem estacadas &c. &c., tudo delineado pelo caprixo, e fantazia dos diversos possuidores; e d'outro lado a nem uma Policia do porto, dando lugar a que este sirva de deposito dos lastros dos navios, do lixo da Cidade, e até de sepultura á óssada (permita-se-me o termo) de quantos barcos velhos tem sido condemnados, tem deminuido na largura do nosso porto de 150 a 200 palmos, de maneira que hoje não passa de um estreito carreiro, no qual os navios, que demandam o ancoradouro, não podem bordejar. Aquellas obras, e estes entulhos, estreitando o leito, fizeram com que as agoas, por uma Lei invariavel de Hydrostatica, procurassem seu nivel natural, profundando junto ao recife o antigo Alveo.

A barra do Picão tem hoje 14 palmos na baixa-mar, e 24 na preamar. Dez braças ao S. d'esta barra está edificado o farol, que a sima mencionei, e que serve de guia aos navegantes, que demandam o porto; obra construida em 1819 sob a direcção do Capitão de Mar e Guerra João Felis Pereira de Campos, governando esta Provincia o Ex-General Luiz do Rego Barreto. O Farol avista-se na distancia de oito legoas.

Do Poço para sima, defronte do principio da Cidade (Fora de Portas) ha um banco de areia, que as enchentes mudam lateralmente, ora para junto do recife, ora afastando-o um pouco d'elle; mas os navios com maré cheia passam por cima.

Um quarto de legoa ao mar, pouco mais ou menos, ha um banco denominado *Baixo do Inglez*, em frente da barra do Picão, que na preamar offerece 12 palmos d'agoa: tem esfalques no fundo, que he de Salão vermelho, e no qual tem tocado alguns navios, e botado o leme fora. Ao S. E. d'este banco, ha fundo de seis a oito braças limpas, onde fundeam os navios de franquia, e os que por seu pontal não podem demandar a barra, sem aliviarem parte da carga. Este ancouradouro denomina-se – *Lameirão* –, he mui desabrigado, durante os ventos do Quadrante de S. E., e ahi sofrem os navios muito, pela grande vaga que ha;

Afogados.

Povoação, e Freguezia ao S. O. do Recife sobre os rios Capibaribe, e Tegipió, unida á Capital pelo Atterro e ponte dos Afogados. Ao O. segue-lhe a estrada do Sertão, e ao S. a do Cabo, para onde se vai pela ponte de Motocolombó, que tem 300 palmos de comprimento, e 25 de largura. Possue a Igreja Matriz, que he a de N. Senhora da Pás, uma Capella dedicada a S. Miguel, e outra a N. Senhora do Rozario, e varias ruas regulares, com algũas cazas boas. Pertence-lhe a Povoação da Varzea, que lhe fica 4 milhas ao N. O., e que está duas legoas ao O. S. O. do Recife; a da Boaviagem a beira do Mar, lugar mui aprazivel, e onde algũas familias vão passar o Verão; e a Capella da Snra. dos Remedios, uma milha ao N. e uma legoa ao O. N. O. do Recife.

S. Amaro Jaboatão.

Freguezia, e Povoação sobre o rio do mesmo nome, na estrada de S. Antão, 4 legoas ao O. do Recife. A Igreja Matriz está collocada na Povoação. Tem uma Aula de primeiras Letras, e pertence-lhe a Capella Curada de Gurjaú de sima: o seu destricto comprehende alguns engenhos de assucar.

S Lourenço da Mata.

Freguezia a margem do Capibaribe, 5 legoas ao N. O. do Recife. A Igreja Matriz está collocada na Povoação de S. Lourenço em terreno elevado. Tem uma Aula de primeiras Letras, e o Destricto alguns engenhos de assucar.

Luz.

Povoação, 5 legoas ao O. 4ª de O. N. O. do Recife, e cujo destricto pertence uma parte, isto he; aquella, cujas agoas entram no rio Capibaribe abaixo do riacho Goitá, á Freguezia de S. Lourenço da Mata, e a outra, cujas agoas correm para o rio Jaboatão, á de S. Lourenço. Tem uma Aula de primeiras Letras, e encerra alguns engenhos de assucar.

MUNICIPIO D'OLINDA.

Olinda.

Cidade a beira do mar, longe do Recife uma legoa, situada sobre os montes, que por lindos lhe prestaram o nome, na Lat. de 8°, e 1', e na Long. de 37°, e 10': limita pelo N.

com o Termo de Iguarassú, pelo S. com o do Recife, por E. com o Occeano, e pelo O. com Pau-d'Alho. O seu Termo comprehende as Freguezias da Sé, S. Pedro Martir, Maranguape, Poço da Panella, (a parte somente que está a margem esquerda do Capibaribe) e parte da Freguezia da Boa-Vista, aquella que se acha a direita das estradas do Pombal, Travessa do Boi, Manguinho, e Capunga até o rio Capibaribe.

Olinda foi a antiga, e opulentissima (a) Capital de Pernambuco; começou a decahir em 1710, quando os mascates do Recife, ou mercadores Portuguezes, para abaterem os Nobres naturaes do Paiz, subornaram o Governador Portuguez Sebastião de Castro Caldas, e com a sua proteção conseguiram chamar para o Recife todos os negocios Publicos, como se verá no 2° Tomo das Memorias. Desde então que Olinda declina, de maneira que hoje está grandemente atrasada, e com o andar dos tempos, essa antiga Capital, theatro de gloriosos feitos Pernambucanos, não será mais do que um Bairro da Cidade do Recife; todavia ainda he a Séde Episcopal, e onde está collocada a maior Cathedral do mais populoso Bispado do Brazil. Olinda estaria talvez quasi inhabitada, e redusida a ruinas, si os estabelecimentos do Curso de Sciencias Sociaes e juridicas, do Collegio das Artes, e da Biblioteca Publica, não a esteiassem, por assim dizer, quando já estava proququa a desabar-se. Tem pois essa Cidade, alem do Seminario de Sciencias Theologicas, que tinha desde 1800, um Curso Juridico, um Collegio de Preparatorios, um Jardim Botanico, com Aula respectiva, e de Agricultura, tres Aulas de Primeiras Letras, inclusive uma para meninas, e uma Biblioteca.

Olinda encerra duas Parochias, um Mosteiro de Religiosos Bentos, um Convento de Antonios, outro de Carmelitas, um Recolhimento de Senhoras, oito Templos Catholicos Romanos, um Hospital de Caridade, um Collegio de Orfãos, um Aljube, ou prisão Ecclesiastica, uma Casa de Camara mui boa, sob a qual está a Cadeia, duas Fontes, ou Chafarizes de uma só bica, alem de muitos edificios particulares de bastante valôr.

A fralda do monte em que está collocada Olinda, he do lado do S. regada pelo rio Beberibe, que ahi receberia, no fluxo do mar, agoa salgada, si um Varadouro de pedra, separando

(a) Era tão opulenta que as feixaduras, e dobradiças das portas das cazas dos ricos eram de prata Em 1810 um escravo do Sr. Francisco Xavier da Fonceca Coitinho, trabalhando no sitio Floresta, que he hoje do Sr. Doutor Sampaio, achou uma d'estas dobradiças de prata, que pezou mais de uma libra. Este facto me foi communicado pelo Snr. Praxedes da Fonceca Coitinho, filho do Snr. d'aquelle escravo.

o rio da maré, não offerecesse aos Olindences o commodo, e grato espectaculo de verem as canoas, nadando em agoa salgada, receber quanta agoa potável precizam, pelas bicas que atravessam o mesmo Varadouro.

Calcula-se a população d'Olinda, e seu Termo em 22000 habitantes livres. A Guarda Nacional d'este Municipio forma uma Legião, composta de um Esquadrão de Cavallaria, e tres Batalhoens de Caçadores, tendo todos estes Corpos 1165 pracas.

Poço da Panella.

Freguezia situada uma legoa ao O. N. O. do Recife, a margem esquerda do Capibaribe, lugar aprasivel, e salubre, onde muitas familias vão passar a Estação calmosa. Comprehende as povoaçoens do Poço, Caza-Forte, Monteiro, e Apipucos. Estes lugares, que pelo Inverno tem poucos habitantes, pelo Veráõ tornam-se tão procurados, que uma caza muito ordinaria, não se alcança para os quatro mezes do calor, senão por avultada somma: mas certamente em nem uma outra couza se pode empregar melhor o dinheiro, (quem pode) do que em adquerir uma caza, afim de gosar, durante a Estação calmosa, do saudavel e vivificante ar, que se respira nas margens do ameno Capibaribe; n'esse Paraizo!

Maranguape.

Freguezia, perto da costa, 5 legoas ao N. doRecife. A Igreja Parochial he a de Nossa Senhora dos Prazeres. Dentro d'esta Freguezia está collocada a Fortaleza de Pau Amarello, (na Lat. de 7°, e 55", e Long. de 37°, e 11' (que protege a barra, por onde os Hollandezes entraram em 15 de Fevereiro de 1630; assim como ha 4 cadeiras de 1as Letras, sendo uma para meninas. Esta Freguezia fornece quasi toda a cal, que se gasta no Recife.

Beberibe.

Povoação, e Capella Curada, pertencente a Freguezia da Sé, a margem do rio Beberibe em uma planice, duas legos ao N. O. do Recife, lugar onde tambem muitas familias passam o Verão. Tem uma Aula de Primeiras letras, e ainda alli existe a caza em que se manipulou o anil, cujo fabrico foi prohibido por Decreto de um Rey Portuguez.

MUNICIPIO DE IGUARASSU'.

Iguarassú.

Villa, situada em terreno élevado, a margem do rio S. Cruz sobre o qual atravessa uma pequena, mas bem construida ponte de pedra.

Foi esta a primeira povoação de nossa Patria: teve o titu

lo de *Leal*, dado por seu fundador Duarte Coelho Pereira, primeiro Donatario de Pernambuco. Está seis legoas ao N. O. 1/4 de N. N. O. do Recife, e meia legoa longe da Costa. Limita pelo N. com Nazareth, pelo S. com Olinda, por E. com o Occeano, e pelo O. com Goiana. Comprehende a Freguezia de Iguarassú, e a parte da suprimida Freguezia de Pasmado, cujas agoas correm para o rio Araripe, e para o S. d'este. Possue um Convento de Antoninos, um Recolhimento de Senhoras, a Igreja Matriz de S. S. Cosme, e Damião, edificada em acção de graças pela victoria alcançada (no anno de 1530) em 27 de Setembro, dia consagrado pela Igreja a estes S. S. Martires. Tem mais quatro Templos, caza de Camara (a mais sumptuosa que houve em Pernambuco) e Cadeia; estão porem todos estes edificios, pela maior parte, arruinados. A população da Villa he mui pouca, e quasi toda pobrissima; mas o Termo contem ricos proprietarios, e magnificas cazas, sendo entre todas mui notavel a do engenho Monjope (propriedade do Snr. Capitaõ Mor João Cavalcanti d'Albuquerque) que, exceptuando alguns edificios da Cidade e seus Suburbios, he o mais béllo, e magestoso que tem toda a Provincia.

A Guarda Nacional d'este Municipio forma um Batalhão de 400 praças.

Itamaracá.

Ilha na Lat. de 7°, e 44', e na Long. de 37°, e 12'. Esta ilha, que está separada do Continente por um estreito, mas profundo canal, tem tres legoas de extenção, e uma na sua maior largura, e encerra uma Parochia, cujo Orago he de Nossa Senhora da Conceição, e á qual pertencem as Capellas de Nossa Senhora do Rosario dos homens pretos; de Santa Cruz, na Fortaleza; do Bom Jezus, na praia de Nossa Senhora do Pilar; de Nossa Senhora dos Prazeres, no engenho Macaxeira; de S. João Baptista, no engenho do mesmo nome; e a de Nossa Senhora do Amparo, n'outro engenho, assim denominado. Na povoação da Conceicão, onde está collocada a Matriz, ha uma Aula de Primeiras Letras.

Na extremidade do S. da ilha na Lat. de 7°, e 48', e na Long. de 37°, e 12' está edificada a grande Fortaleza de S. Cruz, fundada em 1631 pelos Hollandezes, que então a chamaram *Forte d'Orange*. Esta Fortaleza foi duas vezes tomada pelos Pernambucanos do poder dos Hollandezes, os quaes reputaram a

ilha um ponto tão importante, que projectaram fazer d'ella a Capital da parte do Brazil, que tinham conquistado no Seculo 17°.

Ao longo da costa da ilha, pela parte de E. em terreno plano, está a povoação do Pilar, lugar o mais povoado da ilha, que tem duas Aulas de Primeiras letras, uma para cada sexo, e onde se fás todo o commercio, principalmente de sal, e cal.

Na barra de Catuãma (em a ponta do N. na Lat. de 7°, 40', e 30', e na Long. de 37°, e 11') houve um pequeno Reducto, obra dos Pernambucanos no tempo da guerra Hollandeza; mas hoje está reduzido a ruinas.

Toda ilha produz mui boas fructas, hortaliça, e em summa tudo quanto alli se planta; mas as úvas, e sobre tudo as mangas, (principalmente as chamadas *do Jasmim*) não pode haver melhores: são optimas.

Itamaracá foi cabeça de uma Capitania, independente de Pernambuco, doada por El-Rey D. João 3° a Pedro Lopes de Souza, e comprehendia todo o territorio que hoje comprehende a Provincia da Parahiba, e parte da do Rio Grande do Norte; isto he, a doação de Lopes commeçava em Itamaracá, e acabava na Bahia da Traição, como melhor nas Memorias se verá.

Itamaracá teve titulo de Villa desde a sua fundação em 1535, e aindaque, depois de expulsos os Hollandezes, ficasse subjeita ao Governo de Pernambuco, com tudo na parte Judiciaria concervou-se independente. O Doutor Antonio Vanguerve Cabral, author da Obra intitulada *Pratica Judicial*, foi um de seus Ouvidores, e pelo que elle cita na mesma Obra, se conhece que alli a Administração da Justiça era somente subordinada à Relação da Bahia. Tambem era Itamaraçà independente na arrecadação, e fiscalização dos Direitos Reaes: uma Provedoria, igual em tudo a creada em Pernambuco, fiscalizava, e arrecadava as suas rendas, as quaes chegaram a avultar tanto, que por carta Regia de 7 de Dezembro de 1679 se lhe encarregou o pagamento da folha Ecclesiastica de Pernambuco, quando os rendimentos d'aqui não bastassem. Mas chegando á notica de El-Rey, que os dizimos alli se arrematavam de uma maneira irrigular, e ao mesmo tempo considerando sobre os inconvenientes, que já offereciam duas Provedorias em um mesmo Governo, extinguiu a Provedoria de Itamaracá, por Carta Regia de 6 de Julho de 1760, passando para a Provedoria de Pernambuco as funçoens da outra.

A extinção da Provedoria, a pobreza da Camara, e outras circunstancias que occorreram, fizeram com que Itamaracá

fosse perdendo insensivelmente a sua cathegoria; mormente depois do Alvará de 30 de Maio de 1815, que creou a Commarca d'Olinda, em cuja organisação foi esquecida a Villa de Itamaracá, ao mesmo passo que ella ficou fazendo parte da nova Commarca; de maneira que bem se pode dizer, que passou a ser uma fracção do Termo de Iguarassú. Desde então, n'este estado de esquecimento, conservou-se a Villa de Itamaracá, até que em 1833, quando se pôs em execução o Codigo do Processo, subdividindo-se as antigas Commarcas, cobrou ella seu quasi perdido predicamento. Deu-se-lhe pois para seu Termo, não só toda a ilha, mas tambem a parte da Freguezia de Tijucupapo, até o riacho Aratáca, cujas agoas vão ao mar ao S. de *Carne de Vacca*, a parte da hoje suprimida Freguezia de Pasmado, ao N. do riacho *Tabatinga*, e a parte da Freguezia de Iguarassú, que comprehende os povoados *Camboa, e Ramalho* até os primeiros oiteiros. Mas nem só deixou de gozar da jurisdição d'este accrescimo de Territorio, porque a divizão nunca se levou a effeito; mas até poucos annos gozou da sua restauração: pela Lei Provincial de 5 de Maio do presente anno, (1840) esta antiquissima Villa, foi suprimida, dividindo-se o seu Termo com as de Iguarassù, e Goiana, e esta ultima, que bem se pode chamar filha d'aquella suprimida, foi elevada á cathegoria de Cidade!

Concedo que não fosse util aos Povos a divizão de 1833; dou de barato que o accrescimo do Termo não conviesse, e até mesmo que a Provincia nem uma utilidade tirasse da Villa de Itamaracá: mas seria prejudicial conservar-lhe ao menos o Titulo; esse Titulo vão, que todavia trazia á memoria recordaçoens honorificas, pelo menos de uma remota antiguidade? Si a Goiana se conferiu, com a melhor justiça, as honras de Cidade pelos seus feitos patrioticos, que a fazem notavel na Historia do Seculo prezente; porque não conservar á Itamaracá o titulo de Villa, de que dignamente tinha gosado por mais de tez Seculos? Conservar o Titulo de Villa á Itamaraca, importava a conservação de um Monumento Historico! Ah! Quam justo seria reedifical-o!

COMMARCA DO CABO. (a)

Comprehende somente o Termo do mesmo Nome.

MUNICIPIO DO CABO.

Cabo.

Villa, erecta em 1812, sobre a margem do rio Pirapama em

(a) Por engano, que só se podia remediar inutilisando 8 paginas, se collocou esta Commarca aqui, devendo ficar a pg 26 antes da de Rio Formoso.

terreno elevado, sette legoas ao S. O. da Cidade do Recife, na Lat. de 8°, e 25'. Limita pelo N. com o Termo do Recife, pelo S. com o de Serinhaem, por E. com o mar, e pelo O. com o de S. Antão. Abrange as Freguezias do Cabo, Muribeca, e parte da de Ipojuca ao N. do Porto de Galinhas. A Villa não he muito povoada, mas o Municipio tem pelos calculos da eleição 47 mil habitantes livres, que se empregam n'agricultura. O Municipio encerra para mais de sem engenhos de fabricar assucar, e a Villa contem, alem de alguns edificios bons, dois Templos. Para a instrucção Publica ha uma Aula de primeiras letras, paga pelo Cofre da Provincia. A Guarda Nacional d'este Municipio forma uma Legião composta de 1 Esquadrão de Cavallaria, e 3 Batalhoens de Caçadores, contendo todos estes Corpos 1,647 praças.

Pela Lei de 5 de Maio do prezente anno, a Assembléa Provincial, reconhecendo a importancia d'este Municipio elevou-o a Commarca, collocando-o assim na posição que a sua riqueza, e população á muito justamente demandavam. Antes d'esta justissima Lei, o consideravel Municipio do Cabo, fazia parte da Commarca do Recife.

Nazareth.

Povoação, oito legoas ao S. S. O. do Recife, sobre a eminencia do Cabo de S. Agostinho (a) em 8°, e 21' de Lat. Possue um Convento de Carmelitas da Observancia, e uma Aula de primeiras letras: seus habitantes são pescadores. O Forte de Nazareth, hoje desarmado, obra do Italiano Conde de Bagnuolo, que veio a Pernambuco com o 3° Donatario, na primeira campanha contra os Hollandezes, está collocado na entrada da barra da parte do S., e do lado opposto existe o forte de Gaibú, sobre uma rocha, protegendo a pequena bahia do mesmo nome, como está dicto na pagina 7 d'este Ensaio

---

(a) Depois que Cabral descubriu a costa do Brazil, mandou El-Rey de Portugal, que Gonsalo Coelho, Nauta notavel, explorasse em uma Frota essa costa. Sahiu Coelho de Lisboa em Maio, ou Junho de 1501, e avistando, com boa viagem, em 16 de Agosto a ponta do Rio-Grande do Norte, deu a esse Cabo o nome de *S. Roque*, Santo de quem a Igreja Reza n'esse dia; e assim, costeando o Paiz do N. para o S., foi dando aos portos, e rios que hia vizitando o nome do Santo do dia em que os explorava: á ponta que viu em 28 do mesmo Agosto chamou *Cabo de S. Agostinho*; (Pernambuco) ao rio que vizitou em 29 de Setembro *S. Miguel*, (Alagoas) ao outro que observou em 30 *S. Jeronimo*, e em fim ao grande rio, cuja fós sondou em 4 de Outubro *S. Francisco*. Eis como em 1501 foram baptizados alguns dos pontos do nosso Litoral.

Vid. Diar. da Nav. de Pero Lop. Not 22.

Muribeca.

Povoação, e Freguezia sobre os montes Guararapes (celebres pelas victorias alcançadas pelos Pernambucanos sobre os Hollandezes) 3 legoas ao S. O. do Recife, e uma longe do mar. Matriz a Igreja da Senhora do Rozario. Esta Freguezia comprehende a povoação da Venda Grande, a beira do mar, e a das Curcuranas, notavel pelas deliciosas melancias que produz; e comprehende tambem o Hospicio de Nossa Senhora da Piedade, pertencente aos Benedictinos. A farinha de Muribeca he tão boa como a de Magé, e Suruy do Rio de Janeiro.

Ipojuca.

Povoação, e Freguezia, cuja Matriz he a Igreja de S. Miguel, sobre um Oiteiro a margem do rio Ipojuca, junto a estrada geral, onze legoas ao S. O. do Recife, e duas longe do mar. Possue uma Aula de primeiras letras, e um Convento de Antoninos. Todos os annos se celebra uma solemne festa n'este Convento em honra e louvor do Senhor Santo Christo, Imagem mui venerada, e aos Pés da Qual muitas pessoas (algũas moradoras em longes terras) vão em romaria tributar sua adoração, segundo os votos que a sua piedade as induz fazer.

Fernando de Noronha.

Ilha montanhosa (que serve de presidio, e lugar de degredo) no Occeano na Lat. Meridional de 3°, e 56', e Long. de 34°, e 58', distante da costa 73 legoas ao N. O. do Cabo de S. Roque. Tem tres legoas de extenção, e quasi uma na sua maior largura. O terreno he fertelissimo, e a batata, ou raiz de Mandioca chega as vezes a um crescimento admiravel. Abunda de caça, e peixe, e ainda á pouco tempo o Sr. Tenente Coronel Francisco Joze Martins, que a está governando, estabeleceu a pesca da Baleia, de que já tem feito grande quantidade de azeite, que tem chegado, tanto para o consumo da ilha, como para remetter para esta Cidade a grande porção, que tem sido recolhida ao Arsenal de Marinha.

O principal lugar da ilha he um quadro, chamado Villa, onde, sobre um terreno mais elevado, está edificada a Igreja de Nossa Senhora dos Remedios, e na frente e lados d'esta, as cazas em que habitam os Officiaes Militares, e Empregados Civiz, e as que servem de armazens, Hospital, Ferraria &c. &c. O Governador mora em uma caza decente, e commoda, poucas

braças longe do quadro chamado Villa , e na frente d'esta caza, quarenta braças pouco mais , ou menos está a Aldeia , ou habitação dos degredados em forma de Sanzala , junto da qual há uma pequena Capella. Alem dos edificios descriptos , a ilha possue tambem um commodo banheiro de pedra e cal , no qual se banham as pessoas principaes , e mais outras pequenas obras de pouco valor.

A agoa das diversas Fontes que há na ilha (uma das quaes supre o banheiro) he sofrivel ; porem a da fonte chamada Biboca , e que quando a maré enche fica coberta pelo mar, he optima , e em nada inferior a do Monteiro , ou Beberibe.

Proximo do quadro denominado Villa se vê um morro de pedra de altura extraordinaria , cuja configuração he mũi similhante a do Pão d'assucar do Rio de Janeiro , e em cujo simo se rompem as nuvens.

O porto da ilha he defendido pela magnifica Fortaleza dos Remedios , e dominado por quatro baterias d'esta Fortaleza , e pela bateria de S. Anna , collocada junto ao quartel do destacamento , que fica mui pouco distante do quadro referido. Alem d'estas fortificaçoens, tem a ilha , nos lugares que offerecem desembarque, os Reductos de S. Antonio, (de todos o mais commodo desembarque) Boldró, Conceição, S. Cruz, Dois Irmãos, e finalmente sobre uma rocha a grande Fortaleza do Morro , algũas braças arredada da ilha , e com a qual se communica por uma restinga de pedra , que o mar banha ; de maneira que quando a maré está cheia , ou o mar embravecido , não dá passagem , pondo incommunicaveis os que por ventura estão na Fortaleza. Um quarto de legoa distante da ilha há outra (inhabitavel por não ter agoa) chamada dos Ratos.

A ilha de Fernando foi descuberta em Agosto de 1503 por Fernão de Loronha , ou Noronha , Capitão Mor da primeira Armada de seis vellas , que por ordem de El-Rey D. Manoel veio explorar o Brazil , depois que Cabral o descobriu.

Sobre esta ilha , seja pela pouca importancia que se lhe tem dado , ou seja por outras razõens que ignoro , os Historiadores quasi nada tem esclarecido ; apenas se contentaram com dizer , que ella foi descuberta por um Portuguez chamado Fernando de Noronha : proximamente porem em Portugal um Opusculo (a) , com o titulo de Diario da Navegação de Pedro Lopes de Souza (o Donatario de Itamaracà) aprezenta importantes documentos sobre esta ilha , eu por tanto

(a) Quando obtive este Opusculo , já estava impresso o primeiro livro d'estas Memorias até pag. 90 , por isso não me refiro á elle n'esse livro. O Ensaio Topografico foi impresso depois.

copiando o que contem, em uma Nota sobre a ilha de Fernando, esse Opusculo Portuguez, satisfaço o fim a que me propús, publicando as Memorias, que para mim somente havia redigido.

Eis o que diz o Opusculo, que copio até com a mesma Orthographia.

» E' a bem conhecida ilha de Fernão de Noronha achada, » como todos repetem, pelo portuguez de seu nome, sem di- » zerem porèm até agora em que anno. Tinhamos emprehen- » dido um trabalho, para mostrar ter sido esta a ilha, desco- » berta pela armada de 6 velas que foi ao Brasil em 1503, » fundados sobre consideraçõe nauticas e geograficas, quando » encontrámos no Real Archivo da Torre do Tombo documen- » tos que nos tiraram, a este respeito, de toda a duvida. Con- » sistem estes documentos em doaçõe desta ilha (chamada » então de S. João) ao descobridor e seus successores, sendo » a primeira a 16 de Janeiro de 1504, em que elrei diz » que fazia doação a Fernão de Noronha da capitanía da ilha » que elle *novamente achára e descobrira.* Eis aqui os docu- » mentos em qne nos estribamos:

» Dom Joam etc. fazemos saber que por parte de fernam de » loronha cavaleiro de nosa casa nos foy apresentada huma » carta del-Rey meu Senhor e padre que Samta gloria ajaa de » que o teor tall he — Dom Manuell per graça de Deus Rey de » purtugall e dos allgarves daquem e dalem mar em afriqua se- » nhor de guinee e da comquista navegaçam comercio detio- » pia arabia persya e da Imdia. A quamtos esta nosa carta » vyrem fazemos saber que avemdo nos Respeito aos serviços » que fernam de noronha cavaleiro de nosa casa nos tem fei- » tos e esperamos ao diamte dele Receber e queremdo lhe por » isso fazer graça e merce Temos por bem e nos praz que vimdo » se a povoar em allgum tempo a nosa Ilha de sam Joam que ele » ora novamente achou e descobrio cimcoemta leguoas alamar da » nosa terra de samta Cruz lhe darmos e fazermos merce da Ca- » pitania della em vida sua e de hum seu filho baram lidimo » mais velho que dele ficar ao tempo de seu falecimento e quam- » do esto asy for lhe mamdaremos fazer sua Carta em forma em » a qual lhe daremos os direitos e Jurisdição que com a dita Ca- » pitania ade ter segundo que nos emtão bem parecer. E por » firmeza delo e súa guarda lhe mandamos dar esta Carta per nos » asynada e asellada do noso Sello pemdemte a quall prometemos » de se lhe comprir e guardar imteiramente como se nella comtem » por quamto asy hee nosa merce dada em a nosa cidade de lixboa

» a deseseis dias de Janeiro francisco de matos a fez ano do na-
» cimento de noso Senhor Jesu Christo de mill quinhentos quatro
» — E pedindo-nos o dito fernam de loronha por merce que lhe
» comfirmasemos a dita carta e visto per nos seu dizer querendo
» lhe fazer graça e merce temos por bem e lha comfirmamos e a-
» vemos por confirmada asy e na maneira que se nela comtem e
» queremos e mamdamos que asy lhe seja comprida e guarda-
» da dada em a nosa cidade de lixboa a tres dias de março
» pero fragoso a fez ano de noso Senhor Jesu Christo de mil
» quinhentos vinte e dous. —

(Do Real Archivo Liv. 37 *da Chanc. de D. João* 3.° *fol.* 152 *).*

» Neste mesmo livro a fol. 152 v. se acha a carta d'elrei
» D. Manoel de 24 de Janeiro de 1504, em que lhe faz
» doação da ilha; confirmada igualmente por elrei D. João
» 3.° na data ut supra de 3 de Março de 1522. — É como
» se segue :

» Dom Joham &.a fazemos saber que por parte de fer-
» nam de loronha caualeiro de nossa cassa nos foi apresen-
» tada hũa carta del-Rey meu Senhor e padre que samta gro-
» ria aja de que ho teor he — dom manuell per graça de
» deos Rey de purtugall e dos alguarues daquem e dalem mar
» em afryca senhor de guine e da comquista navegacam co-
» mercyo tyopia arabia percia e da Imdia a quantos esta nossa
» carta virem fazemos saber que havendo nos Respeitos aos se-
» ruiços que fernam de noronha cavaleiro de nossa cassa nos
» tem feitos e esperamos dele ao diamte receber e queremdo-
» lhe fazer graça e mercê temos por bem e lhe fazemos doa-
» çam, e merce daqui em diamte pera em todollos dias de sua
» vida e de hum seu filho barão lidimo mais velho que dele
» ficar ao tempo de seu falecymento da nosa jlha de sam jo-
» ham que ele hora novamente achou e descubryo cinquo-
» enta legoas alla mar da nossa terra de samta cruz que
» lhe temos aremdada a qual Ilha lhe asy damos pera nella
» lamcar gado e a romper e aproveitar segundo lhe mais a-
» prover com tall entemdimento e decraração que de todo per-
» vecito que na dita Ilha ouuer asy agora como ao diamte
» per quallquer modo e maneira que seja tiramdo espycearia
» drogaria e coussas de tintas que pera nos reeseruamos e de
» todo ho mais nos dara e pagara e asy ho dito seu filho o quar-
» to e dizimo soomente ssem mais outro nenhuum direito. —
» E porem mandamos aos veadores de nosa fazemda oficiaes de

» nosa casa de guyne e Imdia que hora sam e Ao diamte forem
» e a quaesquer outros nossos oficiaes e Juizes e Justiças a
» que esta nosa carta for mostrada e o conhecimento della
» pertemcer que Inteiramente lha cumpram e guardem e fa-
» cam comprir e guardar ssem lhe niso em nenhũ tempo que
» seja a ele fernam de loronha nem ao dito seu filho em suas
» vydas ser a ello posto duvida nem ouutro embargo algum
» por que asy he nosa merce e por firmeza delo lhe mandamos
» dar esta per nos assynada e asselada do noso selo pemdem-
» te dada em a nosa Cydade de lixboa a vinte e quatro dias
» de Janeiro francisco de matos a fez anno do nacymento de
» nosso Senhor Jesu Christo de mil quinhentos e quatro —
» e pedimdo-nos o dito fernam de loronha por merce que
« lhe confirmasemos a dita carta e visto por nos seu dizer que-
» remdo-lhe fazer graça e merce temos por bem e lha con-
» firmamos e havemos por confirmada queremos e mandamos
» que asy se lhe cumpra e guarde dada em a cidade de lix-
» boa a tres dias de março pero fargoso a fez anno do naci-
» mento de nosso senhor jesu christo de mil quinhentos e vin-
» te e dois.

» De outros livros e logares vemos as successivas confir-
» mações desta doação, e rectificamos ser a mesma ilha chama-
» da hoje — de Fernão (ou Fernando) de Noronha. — Aqui
» os apontamos :

» Do Liv. 9 fol. 272 v. da Chancellaria de elrei D.
» Sebastião se vê que em dacta de 20 de Maio de 1559 foi con-
» firmada em Fernão de Loronha, filho do Diogo de Loro-
» nha, neto de Fernão de Loronha, a doação que fora feita
» a este ultimo seu avô por elrei D. Manuel (e o Alvará acima
» de D. João 3 °) da ilha de S. João, *que está* (diz a carta de
» doação) *sessenta legoas ao mar do Cabo de S. Roque da*
» *Terra do brazil.*

» Do Liv. 3 ° f. 100 de D. Pedro 2 ° se vê a confirmação
» de elrei da doação da mesma ilha por successão a João Pereira
» Pestana, filho de João Pereira Pestana e neto de Fernão Pe-
» reira Pestana de Loronha *donatario que foi da ilha de S João.*
» Esta Carta de confirmação é datada de 8 de Janeiro de 1693.-

» Esta ilha ficou pertencendo sempre ao dominio de Portugal, e
» chegando a ella piratas no seculo passado partiu a expulsa-los,
» a 7 de Setembro de 1738, D Manoel Henriques, que ali che-
» gou a 23 de Outubro (Hist. Geneal. Tom. 8 ° p. 243).

» Fica portanto sabido que o descobrimento da ilha de Fer-
» não de Noronha foi em 1503.

» Agora avançaremos mais. Sendo, pelas combinações refe
» ridas na nota precedente, inquestionavelmente esta ilha a des
» coberta em Agosto de 1503, pela armada de seis velas que en-
» tão foi ao Brasil, das quaes, naufragando duas, se apartou o ca-
» pitão-mór com outras duas da companhia de Americo [o *Vespu-*
» *cio*], temos que o capitão-mór retrocedeu a Lisboa a dar parte
» deste achado, e que não póde deixar de ter sido Fernão de No-
» ronha, porquanto ao comandante é que sempre tocava a honra
» do descobrimento, e o tempo que medea antes de 16 de Janeiro
» de 1504, não era mais que o sufficiente para fazer, naquelles
» tempos, a volta, contractar o arrendamento da ilha descoberta,
» e por fim andar como pertendente a suplicar a doação e capi-
» tanía pelos paços reaes.

» Bem se vê que para fazermos esta combinação de factos,
» é necessario que acreditemos a veracidade das relações de Ame-
» rico nas duas viagens de 1501 e principalmente de 1503 – uni-
» ca autoridade, em que, taes como Munster, se estribam
» os que logo depois o contam.

COMMARCA DE RIO-FORMOZO.

Comprehende os Termos de Rio-Formozo, e Serinhaem.

MUNICIPIO DE RIO-FORMOZO

Rio-Formozo.

Villa situada em planice á margem do rio, que lhe presta o nome, duas legoas longe da sua fós, 18 ao S. S. O. do Recife, e 5 ao N. do rio Una. Limita pelo N. com o Termo de Serinhaem; pelo S. com o de Alagoas, no riacho Piracinunga; por E. com o mar; e pelo O. com o Termo de S. Antão. Abrange as Freguezias d'Agoa-Preta, Barreiros, e parte das de Una, e Serinhaem.

A povoação de Rio-Formozo, que nos fins do Secculo passado, não passava de meia duzia de cazas, levantadas a maior parte em terras do engenho, que tem o mesmo nome, e que he hoje propriedade da Sra. D. Francisca Antonia do Espirito Santo Lins, de tal maneira cresceu, que em 1833, quando n'esta Provincia se pôs em execução o Codigo do Processo Criminal,

foi erecta em Villa, com a cathegoria de cabeça de Commarca; e prezentemente entra na ordem das grandes Villas da Provincia, já pelos bons edificios que tem, jà pela sua riqueza, e já pelo commercio que entretem. Todavia ainda carece de Cadeia, e caza propria para as Sessoens da Camara Municipal, e para as do Jury. Os habitantes d'este Municipio, são agricultores de canas de assucar, e calcula-se o seu numero em 46,000. A Guarda Nacional forma um Esquadrão de Cavalleria de 192 praças, e que faz parte da Legião de Serinhaem.

No Termo de Rio-Formozo, 4 legoas ao N. está a magnifica Fortaleza de Tamandaré, que proteje a barra do mesmo nome.

Una.

Povoação, e Freguezia sobre uma eminencia perto da margem septentrional do rio Una, que nasce em Garanhuns. Está 22 legoas ao S. S. O. 4 ª de S. O. do Recife, e 4 ao O. de Rio-Formozo: tem Aula de Primeiras Letras, e a Igreja Matriz, que he a da Sra. da Purificação.

Abreos.

Povoação de d'algum commercio, junto a fós do rio Una 24 legoas ao S. S. O. do Recife, e 5 longe da povoação precedente. Tem uma Capella, e Aula de Primeiras Letras.

Barreiros.

Aldeia, e] Freguezia, chamada Villa, 23 1/2 legoas ao S. S. O. do Recife, e 4 milhas longe da povoação de Una. Tem Aula de Primeiras Letras, e a Igreja de S. Miguel, que he a Matriz d'esta Parochia. Os seus habitantes são Indios, e pela maior parte mui pobres; não obstante sua pobreza tem prestado relevantes serviços a ordem Publica n'estes ultimos annos: o seu Chefe diz-se descendente do grande Camarão, e com toda a razão muito se gloria com a sua ascendencia.

Agoa-Preta

Povoação, e Freguezia, 28 legoas ao S. O. do Recife, e cujos habitantes são pela maior parte Indios. Contem alguns engenhos de assucar em seu Termo, e na Povoação, onde os edificios não são notaveis, se vê a Igreja de S. Joze, que he a Matriz. Esta povoação tem uma Aula de Primeiras Letras, e ser-

viu por muito tempo de Acampamento das forças Imperiaes, durante a guerra dos Cabanos.

MUNICIPIO DE SERINHAEM.

Serinhaem. (a)

Villa, sobre a margem do rio do mesmo nome, situada em terreno elevado, erecta em 1627 com o nome de Villa Formoza, patria de Capitaens, que prestaram relevantes serviços na guerra dos Hollandezes, como se verá nas Memorias. Está duas legoas longe da costa, e 16 ao S. S. O. do Recife. Limita pelo N. com o Termo da Commarca do Cabo, pelo S. com o da de Rio-Formozo, por E. com o mar, e pelo O. com o destricto de S. Antão.

Esta Villa foi opulenta, e ainda alguns edificios que lhe restam, testemunham sua passada grandeza. Tem um Convento de Antoninos, um Templo dedicado á Senhora da Conceição, que he a Matriz, uma caza de Camara, (construção antiga) e Aula de Primeiras Letras. Abrange este Municipio a parte da Freguezia de Ipojuca, cujas agoas vão ao mar ao S. de Porto de Galinhas, e a de Serinhaem, não comprehendida no Termo de Rio-Formozo. Estima-se a sua população em mais de 18,000 habitantes livres, que são agricultores. Contem muitos engenhos de assucar. A Guarda Nacional d'este Municipio forma dois Batalhoens de Caçadores, compostos ambos de 970 praças, os quaes compoem uma Legião com o Esquadrão de cavalleria de Rio-Formozo.

COMMARCA DE S. ANTAÕ.

Comprehende somente o Termo do mesmo nome.

MUNICIPIO DE S. ANTAÕ.

S. Antão.

Villa, erecta em 1812, regada pelo riacho Tapacurá (a-

(a) Serinhaem, ou *Xerenhaem*, quer dizer em Lingoa Caheté-*Meu prato*. O Cacique, ou Chefe Cahetè, tirava da producão das terras, em que está collocada esta Villa a sua subsistencia, por isso as denominou—*Xerenhaem*—, nome que prestou ao rio, e que ainda conserva, apenas com mudança da primeira letra, tal vez que assim fica a pronuncia mais doce.

fluente do Capibaribe) na estrada do Sertão, 12 legoas ao O. S. O. do Recife. Limita pelo N. com os Termos de Pau d'Alho, e Limoeiro, pelo S. com os de Serinhaem, e Cabo, por E. com o do Recife, e pelo O. com os de Bonito, e Garanhuns. Abrange as Freguezias de S. Antão, Escada, e parte da suprimida Freguezia da Luz, cujas agoas entram no riacho Tapacurá, á sima do riacho Una.

Em 1626 um Fulano Braga, fez alli construir uma Capella dedicada a S. Antão, e alguas cazas em que se acommodou com a sua familia, e parentes. Esta pequena povoação, chamou-se por algum tempo *Cidade do Braga*; mas perdendo o nome de seu fundador, ficou com o do Santo a quem elle tinha consagrado a pequena Capella que edificara. Hoje porem essa mesma povoação, tanto tem crescido, que he uma das principaes Villas da Provincia, e que dá esperanças de augmentar progressivamente, já pelo commercio que entretem, e já por que o local coopera muito para o seu engrandecimento. Concluida a estrada do centro, na qual se está trabalhando, de maneira que de S. Antão possam os generos ser conduzidos para o Recife em carroças, aquella Villa infalivelmente ha-se-de tornar um importante deposito, e de um commercio tal, que ainda hoje mal se calcula: tal vez então se conheça, quanta razão tenho de sempre em meus pobres escriptos (quando vem a pêllo) instar pela factura de estradas, e mais estradas.

A Villa de S. Antão he cabeça de Commarca, e tem duas Igrejas, inclusive a Matriz, uma boa Cadeia, novamente construida, alguns sobrados, e diversas ruas: tem igualmente uma Aula de Latim, e duas de Primeiras Letras, uma para cada sexo. Estima-se a população em mais de 12,000 habitantes, que são agricultores, parte de canas de assucar, parte de algodão, e parte de mandioca, e legumes. A Guarda Nacional forma uma Legião, composta de um Esquadrão de cavallaria, e tres Batalhoens de Caçadores, contendo estes quatro Corpos 1,644 praças.

Escada.

Freguezia, e Povoação, a margem esquerda do rio Ipojuca, (a) 13 legoas ao S. O do Recife. A Matriz, que he a Igreja

---

(a) O Ipojuca nasce na fralda da serra Jabuticaba, e correndo 72 legoas pouco mais, on menos, desagoa no Oceano, como já está dicto.

de Nossa Senhora da Escada, acha-se arruinada. Esta Freguezia contem muitos engenhos de assucar.

COMMARCA DO BONITO.

Comprehende somente o Termo do mesmo nome.

MUNICIPIO DO BONITO.

Bonito.

Villa, situada ao pé da Serra Macaco, entre as cabeceira do rio Serinhaem, e de alguns afluentes de Una, em terreno elevado, 32 legoas ao S O. do Recife Limita pelo N. com Termo do Brejo, pelo S. com o de S. Antão, por E. com o de Serinhaem, e pelo O. com o de Garanhuns.

Bonito, povoação notavel, tinha sido erecta em Villa, e cabeça de Commarca em 1833; mas pela Lei de 19 de Abril de 1838, perdeu o seu predicamento, porque a Commarca foi suprimida, tornando a Villa a fazer parte dos Termos a que pertencia antes de 1833. Porem a Assemblea Provincial, attendendo ao justo clamor do patriotico Povo do Bonito, elevou outra vez a Commarca este mui importante Municipio. Estima-se a população do Municipio do Bonito em 45,000 habitantes, que se empregam pela maior parte n'agricultura. Tem duas Aulas de Primeiras Letras, uma para cada sexo A Guarda Nacional d'este Mnuicipio forma um Batalhão de Caçadores com 746 praças.

Bezerros.

Freguezia, e Povoação a margem do rio Ipojuca, em terreno montanhoso, 26 legoas ao O. S. O. do Recife, e 8 longe da Villa do Bonito. Tem uma Aula de Primeiras Letras. A Matriz d'esta extença freguezia, está collocada em a Povoação de Caruarú.

Caruarú.

Povoação sobre a margem esquerda do rio Ipojuca, 32 legoas ao O. S. O. do Recife, e 10 longe da Villa do Bonito. Tem uma Aula de Primeiras Letras, e uma feira mui abundante todos os Sabados. Tanto Bezerros, como Caruarú são duas povoaçoens mui notaveis.

COMMARCA DO LIMOEIRO.

Comprehende somente o Termo do mesmo Nome.

MUNICIPIO DO LIMOEIRO.

Limoeiro.

Villa, erecta em 1812, a margem septentrional do rio Capibaribe, em uma planice, bordada de montes, 18 legoas ao O. N. O. do Recife. Limita pelo N. com a Provincia da Parahiba, pelo S. com o Termo de S. Antão, pelo E. com o de Nazareth, e Pau d'Alho, e pelo O. com o do Brejo. Abrange este Municipio as Freguezias do Limoeiro, e Bom Jardim, e parte da Freguezia de Taquaritinga, comprehendida na Provincia de Pernambuco, a baixo do riacho Tabocas. A Villa he cabeça de Commarca, he grande, tem a Igreja da Senhora da Apresentação, que he a Matriz, e uma grande Cadeia, que ainda está a construir-se; mas que breve estará concluida. N'este edificio ha os precizos arranjos para caza de Camara, Salla dos Jurados &c. &c. Tem uma Aula de Primeiras Letras, e outra de Latim. Estima-se a população do Limoeiro em mais de 74,000 habitantes, pela maior parte agricultores de Algodão, e legumes. Tem alguns engenhos de assucar. A guarda Nacional d'este Municipio forma uma Legião composta de 1 Esquadrão de Cavallaria, e 2 Batalhoens de Caçadores, ao todo 1141 praças.

Bom Jardim.

Povoação, e Freguezia, 18 legoas ao O. N. O. do Recife. collocada em um terreno bem alto, e que goza de uma bella vista. Tem uma Igreja Matriz, consagrada a S. Anna, e uma Aula de Primeiras Letras.

Taquaritinga

Freguezia, parte da qual pertence no Politico, e no civel á Provincia da Parahiba, e parte á de Pernambuco, collocada junto a serra Bonita, 41 legoas ao O. N. O. do Recife, Tem 1 Igreja Matriz consagrada a S. Amaro.

COMMARCA DE NAZARETH.

Comprehende os Termos de Nazareth, e Pau d'Alho.

MUNICIPIO DE NAZARETH.

Nazareth da Mata.

Villa, erecta em 1833, situada a margem esquerda do rio Tracunhem (1) em terreno plano, e elevado ao N. O. do Recife, quasi 16 legoas. Limita pelo N. com o Termo de Goiana, pelo S. com o de Pau d'Alho, por E. com o de Iguarassú, e pelo O. com o de Limoeiro. He Cabeça de Commarca, e sendo uma das Villas novamente creadas, he das que tem tido rapido engrandecimento. Todos os Sabados ha uma abundante feira; carece ainda de Matriz, e de edificio proprio para as Sessoens da Camara, assim como de cadeia; mas a vista do commercio que para alli vai afluindo, e do Patriotismo, e zello de seus habitantes, brevemente ver-se-ha esta nascente Villa com todos os precizos edificios Publicos. Abrange este Municipio a Freguezia de Tracunhem, e o destricto de Larangeiras. Tem duas Aulas, uma de Latim, e outra de Primeiras Letras. Estima-se a população, em 48,000 habitantes, que são agricultores de algodão, canas de assucar, mandioca, e legumes. A Guarda Nacional forma uma Legião composta de 1 Esquadrão de Cavallaria, e 2 Batalhoens de Cacadores ao todo 1749 praças.

Tracunhem.

Freguezia 14 legoas ao N. O. 4º de O. N. O. do Recife em terreno ellevado. Tem uma Igreja Matriz consagrada a S. Antonio, e uma Aula de Primeiras Letras.

COMMARCA DE PAU D'ALHO.

Comprehende somente o Termo do mesmo nome.

MUNICIPIO DE PAU-DALHO.

Pau d'Alho.

Villa, erecta em 1812, a margem direita do rio Capibaribe

(1) O rio Tracunhem desagoa no rio Capibaribe-merim, e ambos então perdendo os seus nomes, formam um só rio com o nome de Goiana, o qual desemboca no Oceano, entre Ponta de Pedras, e Ponta de Coqueiros.

em terreno plano, 9 legoas ao O. N. O. do Recife. Limita pelo N. com o Termo de Nazareth, pelo S. com o de S. Antão, por E. com o do Recife, e Olinda, e pelo O. com o de Limoeiro. Abrange as Freguezias de Pau d'Alho, Goitá, e parte da de S. Lourenço da Mata, á sima do riacho Mussurepe. Tem Igreja Matriz, con sagrada ao Divino Espirito Santo, uma Aula de Primeiras Letras, e um pequeno Hospital; carece de caza de Camara, e Cadeia. Ha grandes engenhos n'este Municipio. Estima-se a sua população em 24,000 habitantes, que são agricultores, a maior parte de canas de assucar, e o resto de legumes, e Mandioca. A Guarda Nacional forma um Batalhão de Caçadores com 709 praças. Pau d'Alho fazia parte da Commarca de Nazareth, porem a Lei de 4 de Maio do prezente anno (1840) elevou este importante Municipio, á cathegoria de Commarca, e assim colocou-o na Ordem, em que á muito devia estar.

Goitá.

Freguezia, 14 legoas ao O. N. O. do Recife, sobre terreno plano, que tomou o nome de um riacho afluente do Capibaribe. A Parochia he a de Sra. da Gloria, e pertence-lhe a parte da Freguezia de Pau d'Alho, e a da suprimida Freguezia da Luz, cujas agoas correm para os riachos Goitá, Aratangi, e Cutunguba.

COMMARCA DE GOIANA.

Comprehende somente o Termo do msmo nome.

MUNICIPIO DE GOIANA.

Goiana.

Cidade, erecta no prezente anno, que sob o Governo dos Donatários pertenceu á Capitania de Itamaracá, e que já esteve subjeita á Parahiba, situada entre os rios Capibaribe-merim, e Tracunhem em terreno ellevado, 4 legoas distante da costa, e 14 ao N. N. O. do Recife. Limita pelo N. com o Termo da Parahiba, pelo S. como de Iguarassú, por E com o Oceano, e pelo O com o Destricto do Limoeiro. O seu Termo abrange as Freguezias de Goiana, Itambé, parte da suprimida Freguezia de Pasmado, a margem esquerda do riacho Ubú, parte da de Tejucupapo ao N. de Carne de Vacca, e parte da de Tacoara, encravada n'esta Provincia, que tem estado subjeita ao Municipio da Alhandra, Provincia da Parahiba. He cabeça de Commarca.

Possue uma Aula de Latim, e duas de Primeiras Letras, sendo uma para Meninas; um Convento de Carmelitas da Reforma, um Recolhimento de Senhoras, a Igreja Matriz, (que he a de N. Senhora do Rozario) e mais 4 Templos, um Hospital de Misericordia, uma caza de Camara, e Cadeia. Esta Cidade foi rica, e populosa, mas hoje tem alguma couza decahido de sua opulencia; com tudo ella tem em si mesmo elementos de grandeza, e me persuado que para eleval-a ao seu brilhantismo antigo, nada he tão precizo, como abrir o rio, desembaraçando-o das grandes ramagens de mangues, que tem tornado o seu optimo canal, n'uma estreita camboa, tão cheia de voltas, e encommoda, que afugenta os commerciantes. O Recife fás uma despeza enorme com a sua illuminação, obras Publicas, &c. &c., justo he que com as Villas de fora, cujos habitantes contribuem com tão grossos cabedaes, se despenda tambem: a nossa Assemblea Provincial deve pois votar fundos para a abertura do rio Goiana. Estima-se a população do Municipio de Goiana em 61,000 habitantes, que pela maior parte são agricultores de canas de Assucar. A G. N. forma um Commando Superior, composto de 2 Legioens, e estas de 1 Esquadrão de Cavallaria, e 5 Batalhoens de Caçadores, ao todo 3518 praças.

Tejucupapo.

Freguezia, sobre o rio Megaó, 12 legoas ao N. do Recife, e 3 longe da Villa. Tem uma Aula de Primeiras Letras, e uma Igreja Matriz, consagrada a S. Lourenço.

Guagirú.

Povoação, sobre a Costa, junto a fós do rio Goiana; 15 legoas ao N. do Recife com uma Aula de Primeira Letras. Ahi está a barra de Goiana, 4 legoas distante d'esta Villa.

Taquara.

Freguezia, situada em uma planice, legoa e meia distante da costa, e 20 ao N. do Recife. Tem uma Aula de Primeiras Letras, Matriz a Igreja de N. S. da Penha.

Pedras de Fogo.

Povoação, na estrada do Norte, que devide Pernambuco da Provincia da Parahiba, 21 legoas ao N. N. O. do Recife, e 7 longe de Goiana. He o lugar dafeira dos gados, e de grande comercio, e

não tardará muito que se torne uma consideravel Povoação tanto em riqueza, como em Commercio. Tem uma Aula de Primeira Letras.

Pitimbú.

Povoação sobre a costa na Latitude de 7°, e 14', pouco mais de meia legoa ao S. do riacho Abiai, (que nos devide da Parahiba) e ao N. do Recife 19 legoas. Tem uma Aula de Primeiras letras. O porto d'esta Povoação he commodo, e mui seguro o ancoradouro.

SERTAO' DE PERNAMBUCO.

O Sertão de Pernambuco tem de extenção de N. a S. 50 legoas, e 147 de E. ao O. Pelo lado do Sul principia (seguindo de E. ao O.) na ribeira do rio Ipojuca, em o lugar chamado Barra da Taquara, 2 legoas ao S. de Caruarú, termo do Bonito; estende-se alem da nascente d'aquelle rio, e vai continuando para o Poente, oblicando para o S. até encontrar com o rio de S. Francisco. Pelo lado do N. principia, seguindo a mesma direcção, por E. na margem direita do rio Capibaribe, no lugar chamado Barra de Trapiá, 13 legoas ao O. do Limoeiro, sóbe alem da origem d'este rio, até os Sertoens da Parahiba, e ahi confina com o Termo da Villa do Crato, Provincia do Ceará, da qual he separado pela Serra Jabiticá.

Este vasto territorio, maior do que alguns Reinos da Europa, ainda he mui pouco conhecido; serei por tanto alguma couza prolixo descrevendo-o. Permaneceu muitos annos, por assim dizer, entregue a si mesmo, governado por Capitaens Mores irresponsaveis, cuja vontade era lei; em 1815 porem foi elevado a Commarca com um Corregedor, que em verdade pouco melhorou o seu estado. Com tudo o seu commercio consideravelmente tem augmentado pelo estabelecimento das feiras nos lugares povoados, e principalmente desde que se geralisou a cultura do algodão, em troca do qual recebe annualmente do Recife fazendas, e outros generos, cujo valor sóbe a melhor de mil contos de reis. Não he só no commercio, que o Sertão tem augmentado: a illustração, e a Moral não tem feito menos progressos, n'essa interessantissima parte da nossa Provincia. Os Sertanejos, assim como se dão aos rudes trabalhos do campo, entregam-se igualmente á cultura das Letras, tanto quanto lhes he possivel, já enviando seus filhos para a Capital, a fim de se applicarem aos estu-

dos maiores, e já aproveitando as Aulas, que em seu seio existem.

A Moral tem marchado a-la-par com a illustração; e n'esta parte tal vez que o Sertão leve a dianteira ás Cidades. Si alli as Sciencias não se tem disseminado como aqui, tambem o impio philosofismo, não tem feito lá um só proselyto. Conservados os austeros custumes de nossos Paes, os Sertanejos felismente ainda permanecm n'essa pás de consciencia, que fortalece o Christão, que o anima nos trabalhos, que o consola nas enfermidades, e que por fim semêa-lhe de rozas o leito da morte.

Clima.

He quente, e secco nos lugares baixos, vulgarmente chamados — *Mimoso* — mui temperado, e sobre maneira agradavel na Primavera, e no Inverno. Húmido, e frio nas eminencias, ou chapadas das Serras, vulgarmente chamadas Agrestes. O ar he saudavel, e, a excepção d'algũas febres e defluxoens, que poucas vezes apparecem, alli gosa-se geralmente muita saude; e até a bixiga, unico mal que era temivel no Sertão, hoje tem diminuido muito com a miraculosa vaccina.

Pelo Verão os campos tornam-se aridos: as Serras, e os rochedos aprezentando-se nús, offerecem em verdade um quadro melancolico; mas pelo inverno, vulgarmente chamado tempo do verde, a vista se indemniza com uzura, pelo aspecto risonho e agradavel, que o campo tapisado de verde lhe offerece. As arvores então revestidas de verdes folhas, e ornadas de odorifiras flores enbalsamam o ár, e tornam o Sertão um Paraizo de delicias,

Aspecto do Sertão.

O aspecto he montanhoso, e desigual pelas innumeraveis Serras de que está bordado.

As maiores planices, que se encontram entre uma, e outra Serra não excedem a 6 legoas.

Nas fraldas das Serras, e nas planices, no termo das Villas de Garanhuns, e do Brejo, he onde estão estabelecidas a maior parte das fabricas de descaroçar algodão; ahi por tanto cria-se pouco gado, por que a população emprega-se mais n'Agricultura; em Pageú de Flores porem onde se cultiva menos, e onde só os cumes, ou chapadas das Serras estão reservadas para a Agricultura, cria-se muito maior quantidade de gados.

Entre o grande numero de Serras, que bordam o Sertão, são bem notaveis as tres grandes cadeas de montanhas, que formam 3 cordilheiras de 2ª ordem, e que se estendem na direção de Nordeste Sudueste, com pequenas alteraçoens. Entre estas Serras são notaveis, a da Onça, entrelaçada com a denominada Caxorro; a do Brejo, ou da Villa de Simbres; e finalmente a de Jacarádá. Entre ellas, 40 legoas ao O. do Recife, nota-se no destricto do Poço, limitrofe do de S. Antão, o Pico da Serra dos Caxorros, nú, e isolado, como o Pico de Fernando de Noronha, aprezentando uma formidavel baze. Toda esta massa enorme, he uma só pedra, figurando dois hombros, d entre os quaes sobresahe muitas braças o Pico de figura Conica. Avista-se este Pico na distancia de 20 legoas, e quando se está mais proximo d'elle se conhece que tem muito maior baze, e altura, do que o Pão d'Assucar do Rio de Janeiro. Pelo Oriente este Pico he quasi perpendicular, e pelo occidente o declive he mui pouco inclinado. O seu cume ate hoje tem sido inasccecivel, e não consta que o mais ouzado caçador tenha pizado em sima. Aprezenta a vista mais pithoresca que se encontra no Sertão, e tal vez que este seja o ponto mais ellevado de todos os Sertoens do Bispado de Pernambuco. No pé da Serra que suporta este grande colosso, ha duas diliciosas vertentes, uma do lado Oriental, e outra do Occidental, e he esta a que sacia os habitantes no tempo das crueis seccas.

Não menos digna de nota he a Serra contigua a povoação da Pedra, Termo da Villa de Simbres. Desde o cume até a base he uma só pedra, como uma grande Lava dos gellos do Norte da Europa, e se estende ao nivel do terreno obra de 60 braças.

Rios.

Os mais notaveis são o Capibaribe, e o Ipojuca que correm do O. para E. oblicando para o S., e o Pageú em diverças direcçoens.

O Capibaribe nasce na fralda Occidenal da Serra Jacadà no Olho d'Agoa do Gavião, e lagoa do Angú, e d'ahi, por entre a Serra donde nasce, e a do Brejo segue, recebendo os diversos riachos afluentes, que lhe engrossam a corrente até que desemboca no Recife.

O Ipojuca nasce na Serra Jabiticá, e regando quasi o espaço de 80 legoas em diversas direçoens, desagoa 12 legoas ao S. do Recife, perto da Povoação, á qual emprestou o Nome.

O Pageu, ao qual dão os viajantes 73 legoas de curso, nasce no declive Meridional da Serra Borburema, no lugar chamado Serra do Teixeira, que separa Pernambuco da Parahiba.

No seu curso recebe os riachos Canudo, S. Antonio de Lima; Grósoss, Varas, Cedro, e Riachão, e correndo E. ao O. até a Freguezia Serra-Talhada, alli muda de direcção oblicando para o o S., e alargando mais seu leito com outros affluentes, vai desagoar caudaloso no rio de S. Francisco, pouco adiante da Fazenda da Barra, 21 legoas á sima da Caxoeira de Paulo Afonço, e não 8, como por informações inexactas se affirma na Corographa Brazilica. Este rio porem caudaloso no Inverno, pelo verão secca em muitas partes, ficando o leito cheio de poços aqui, e alli. Quando este rio enche; o Surubim, peixe grande, e saborosissimo do rio de S. Francisco, recebendo a nova agoa, sóbe por ella, e vem servir de alimento mui grato aos moradores da Ribeira de Pageu. Abunda de lontras, cujas peles são preciosas, e suas margens são povoadas por Garças brancas, e sinzentas, Patriones, Jaburús, e mais outras aves aquaticas.

Produçoens vegetaes.

Deficilimo seria innumerar todas as produçoens do fertelissimo Sertão, d'esse verdadeiro Eldourado, por que o numero d'ellas he quasi infinito; refirirei apenas as de que tenho noticia. Uzam os habitantes do Sertão em suas enfermidades, e vivem muitos annos, sem ouvirem nem ao menos fallar nos diversos Sistemas Medicos, da Contra erva, da Ipecacuanha, da Quina, do Fumo bravo, da Macella, do Vellame, da milagrosa folha do Angico (a) da entrecasca d'esta Arvore, e igualmente d'outras muitas plantas de beira mar. Ha tão bem com abundancia no Sertão a baunilha, o oleo de Cupahiba, o odorifico balsamo de Coquinho & &. Abunda em madeiras de marcineria, que infelismente todos os annos são devoradas pelas chamas, quando se fazem rosçados, isto he quando se preparam terras para plantaçoens. O Sertão abunda igualmente de um arbusto chamado Pereiro: as folhas d'este arbusto são curtas, lizas, e pontagudas. No mês de Março reveste-e de novas folhas (por que no Verão fica nú como os de mais vegetaes) e logo depois transsuda em suas hastes um liquido resionso do qual se formam vesiculas esbranquecidas, que derretendo-se com facilidade dão

(a) Nas feridas d'arma de fogo he remedio infalivel. Si a bala não fere algum dos orgãos essenciaes á vida, e cuja lezão mata immediatamente só he preciso para curar a mais complicada e perigosa ferida pizar a folha do Angico, bebêr tres vezes por dia o suco extrahido e applicar sobre a ferida o bagaço, ou residuo do succo. Eu vi com este remedio somente em 1824 curar-se entre outros o Snr. Tenento Coronel Antonio Carneiro Maxado Rios, ferido em uma acção.

ma especie de sêra, da qual se fazem vellas louras, brandas e uceptiveis de qualquer polido; estas vellas ardem bem, dão lus rilhante, e o cheiro, quando estão ardendo, não he desagravel. Só esta producção poderia ser um manancial de riquesa; talvez que ainda o seja, quando a industria, com o andar dos tempos, chegar ao auge que he de esperar do genio activo, e emprehendedor de seus filhos.

O Sertão produz abudantemente optimo algodão, mandioca, canas de assucar, legumes; em fim os Sertanejos, tribuidos generosamente pela fecundidade do fertelissimo lo que habitam, em verdade nada tem que invejar dos bitantes de beira-mar. todavia apezar d'esta fertilidade (a) Agricultura não chegou ainda ao estado de grandeza de he aceptivel, por que tem constantemente lutado dois crueis obstaculos; as seccas, e as más estradas. be aqui notar que estes dois males, pódem ser neutralidos, o primeiro pelas fontes Artezeanas, e o segundo pelo esmo meio que tem sido empregado á beira-mar.

Sertão pagou uma contribuição avultada, he pois de toda justiça que se neutralize o grande mal que o atrasa, as ccas. A tentativa malogrado dos poços Artezeanos não ve desanimar, por que sabe-se perfeitamente, que malogrão-se as diligencias que se fizeram, por que, por uma mal tendida economia, em vez de se convidar um Engeeiro habil, veio de Inglaterra para abrir os poços um balhador muito ignorante (nem sabia ler) que apenas ter sido servente na abertura d'estes poços na Europa bia trabalhado com a maquina, e quem sabe si isto mesmo elle o fazia com perfeição.

Producções Mineralogicas.

O Sertão contem Ouro, salitre, saes cristalizados pedra, pedras pretas, que se assemelham a Pyrites de re, e ferro de que muito abunda. Contem igualmente finas argillas de diversas cores, entre as quaes se nota a de amarella desmaiada, de que se fazem mui boas jarras, quas, pratos, e mais vazos necessarios para o uzo domestico

(a) No Sertão (entre outras muitas plantas que vegetam muito melhor do que á beira-mar) se colhem ordinariamente Repolhos de 20 libras, e alguns tem havido de mais de 24 libras.

COMMARCA DO BREJO.

Comprehende o termo do Brejo , e Simbres.

MUNICIPIO DO BREJO.

Brejo.

Villa , erecta em 1833 , sobre a margem do riacho Madre de Deos, em uma planice collocada junto de duas serras , (uma a E. , e outra ao S.) 50 legoas ao O. do Recife. Limita pelo N. com a Provincia da Parahiba , pelo S. com o Termo de Bonito, pelo O. com o de Limoeiro , e por O. com o de Simbres. Abrange as Freguezias do Brejo da Madre de Deus , e parte da de Taquaritinga á sima do riacho Tabocas , cujas agoas entram no rio Capibaribe; e parte da de Bezerros , que lhe pertencia antes da divizão das Commarcas. He cabeça de Commarca, e possue, alem da Matriz, que he a Igreja de S. Jozé, mais uma Capella consagrada a Senhora da Conceição , uma Aula de Latim, e duas de Primeiras letras, uma para cada sexo. A Villa do Brejo he hoje um dos lugares de maior commercio no Sertão: suas ruas, apezar de serem alguã couza estreitas, aprezentam bella vista, e alguns edificios, ultimamente levantados, tem embellecido-a muito. Todos os Sabados ha alli uma rica feira , não só dos generos de primeira necessidade , como de todos os mais de produção do Paiz , bem como algodão em caroço , coiros , vaquetas , pelles curtidas , e em cabello , sabão, sébo , aves ; &c. &c. e tambem de muitas fazendas , e outras mercadorias levadas do Recife. He cortada por dois ribeiros, que seccão pelo Verão; mas como toda a varzea em que está situada, abunda d'olhos d'agoas , tem a vantagem de ter , (principalmente em duas ruas que ficam a E.) no fundo de quasi todas as cazas, fontes perenes para o seu uzo. Alem d'estas fontes, por assim dizer , particulares , possue a Villa mais tres fontes de agoa cristalina , isto he as de Taioba , Pingo , e Prata. A' 85 annos que o Brejo principiou a ser habitado , e á 50 que alli se geralizou a cultura do algodão , que tem enrequecido muitas cazas. Durante o Inverno o ar he humido e frio , e pelo verão sofre-se grande calor , por que os raios do Sol, vibrando na Serra , refletem sobre a Villa. Estima-se os seus habitantes em 30000 , uma grande parte agricultores , e a outra creadores de gados. A Guarda Nacional forma

uma Legião, composta de 1 Esquadrão de Cavallaria, e 1 Batalhão de Cacapores, ao todo 1024 praças.

MUNICIPIO DE SIMBRES.

Simbres.

Villa mui antiga sobre a Serra do Orobá, 60 legoas ao O. 4ª de O. S. O. do Recife. Lemita pelo N. com o Termo do Brejo, pelo S. com de Garanhũs, pelo E com o de S. Antão, e pelo O. com o de Flores. Esta Villa he propriamente uma Aldeia, habitada por Indigenas, que muito se gloriam por descenderem das Tribus dos Xicurús, e Paratiós, mas que por sua natural preguiça, conservam inclutas duas legoas de terra doadas por El-Rey, e que em mão de outro qualquer proprietario, muito produziriam em proveito das rendas Provinciaes, e mesmo dos Indios, conforme as condiçoens com que se allienassem. Si a Villa he uma pobre Aldeia, o seu Termo pelo contrario he um dos mais ricos, e de maior importancia no Sertão, já pela sua riqueza, já pelos bellos, e magestozos edificios que o ornam, e já sobre tudo, pelo grau de illustração a que tem chegado os seus habitantes, principalmente os de Pesqueira, Povoação para onde, pela Lei de 13 de Maio de 1836 se transferiu a Séde da Villa. Tem uma Aula de 1as letras: Matriz a Igreja da Senhora das Montanhas. Estima-se em 30000 os habitantes do Termo de Simbres. A Guarda Nacional d'este Municipio forma um Batalhão de Caçadores, e uma companhia de Cavallaria, a qual pertence ao Esquadrão, que faz parte da Legião do Brejo, ao todo 649 praças.

COMMARCA DE GARANHUNS.

Comprehende somente o Termo do mesmo nome.

MUNICIPIO DE GARANHUNS.

Garanhuns.

Villa, erecta em 1833 (12), situada 60 legoas ao O. S. O. do Recife em uma planice, formando seus edificios um quadilatero, onde se destingue a Matriz, que he a Igreja de S. Antonio, a caza que serve para as Sessoens da Camara Municipal, e mais

outros edificios. Limita pelo N. com o Termo de Simbres, pelo S. com o de Alagoas, por E. com o de S. Antão, e pelo O. com o de Flores. He cabeça de Commarca, e abrange as Freguezias de Garanhuns, Agoas Bellas, Altinho, Buique, Capacaça, e a parte da de Palmeira, que pertence a Pernambuco.

O Termo de Garanhuns he requissimo, não só pela fertilidade de suas matas, como pelos brejos que contem, os quaes o salvam dos tristes resultados das seccas. Produz muito boa fruta, e seus habitantes recolhem tanta mandioca, e legumes, que no tempo d'essas crueis seccas, Garanhuns soccorre a os todos seus vizinhos. Possue muitos engenhos de fazer repaduras, ou assucar bruto, muito estimado no Sertão. Estima-se a população em 57000 habitantes, quasi todos Agricultores. A Guarda Nacional forma uma Legião, composta de 1 Esquadrão de Cavallaria, e 3 Batalhoens de Caçadores, ao todo 2184 praças.

Altinho.

Freguezia sobre a margem do rio Una, 40 legoas ao O. S. O. do Recife. A Matriz he a Capella de N. Senhora do O.; tem uma Aula de 1as letras.

Capacaça.

Freguezia ao N. da Freguezia da Palmeira, pertencente a Provincia das Alagoas, 75 legoas ao S. O. do Recife. Tem por destricto a parte do Termo pertencente a Pernambuco, cujas agoas correm para o riacho Traipú, ou entram no riacho Parahiba do Sul. Matriz a Capella de Jesuz Maria, Joze.

Buique.

Freguezia 77 legoas ao S. O. do Recife, e 27 ao S. O. de Garanhuns. Matriz a Igreja de S. Felis.

Agoas-bellas.

Freguezia a margem do riacho Panema, 75 legoas ao S. O. do Recife, e 20 longe da Villa de Garanhuns. Matriz a Igreja de N. Senhora da Conceição. Tem uma Aula de 1as letras.

COMMARCA DE PAGEU' DE FLORES.

Comprehende somente o Termo do mesmo nome.

MUNICIPIO DE FLORES.

Flores.

Villa sobre a margem direita do rio Pageú 100 legoas ao O. do Recife, Limita pelo N. com o Termo da Parahiba, pelo S. com o rio de S. Francisco, por E. com o Termo de Simbres, e pelo O. com o da Conceição do Boa vista. Abrange o destricto da Freguezia de Flores, Fazenda Grande, Ingazeira, Tacaratú, e Serra Talhada. Flores he cabeça de Commarca; tem um Vigario Geral Foraneo, e serve-lhe de Matriz a Igreja de Nossa Senhora do Rosario. As ruas são largas; e as cazas boas, entre as quaes se destinguem alguns sobrados, e a caza da Camara, cujas lojas servem de Cadeia. Sinco legoas a O. de Flores está a bella Povoação Baixa-verde, situada em uma planice no cume da Serra de Pageú, onde se goza de uma vista encantadora. Este sitio foi escolhido pelo Missionario Fr. Angelo Mauricio de Niza (Religioso Italiano, conventual de N. S. da Penha do Recife) para estabelecimento, e Cathequés dos Indios, cuja civilização parece que acabou em 1824 com a morte d'aquelle virtuoso Missionario. Por Alvará de 8 de Maio de 1812, concedeu El-Rei aos Indios d'aquella Missão meia legoa de terra em quadro, que como as mais terras doadas a Indios, tem permanecido quasi inculta. Fr. Angelo deu principio a uma capella, dando-lhe por Patrimonio um sitio, o qual com todo o esmero cultivou, e que hoje seria um jardim, que desafiaria a curiosidade publica, si a morte não lhe roubasse seu Author; com tudo, apezar de abandonado, ainda hoje se notam muitas curiosidades.

Em Pageú de Flores, cuja athmosféra he saudavel, se cultiva com muito proveito mandioca, milho, feijão, arros, e trigo, assim como canas de assucar em tanta quantidade, que occupam para mais de 50 Engenhocas de fazer rapadura. Optimos meloens, e melancias, ananazes, bananas, laranjas, uvas, e excellentes atas (pinhas) regalam seus moradores. Estima-se a população em mais de 33000 habitantes, a maior parte creadores, de gados. A Guarda Nacional forma um Commando superior, composto de duas Legioens, e estas de 4 Esquadroens de Cavallaria, e 3 Batalhoens de Caçadores ao todo 2106 praças.

Tacaratú.

Freguezia, situada 100 legoas ao O. S. O. do Recife, e 8 ao N. do rio de S. Francisco, 40 ao S. da Villa de Flores, e 10 ao O. das povoaçoens da Mata do Pau-Grande, e Agoa-Branca, pertencentes á Provincia das Alagoas. Foi Julgado separado de Flores e ainda hoje forma um Collegio Eleitoral com 16 Eleitores. Matriz a da Snra. da Saude. Seus habitantes são creadores de gados, e todo o seu commercio se dirige ao Penedo, Villa pertencente ás Alagoas.

Fazenda-grande.

Freguezia, sobre o rio de S. Francisco, 130 legoas ao S. O. do Recife Matriz: a Igreja do S. Bom Jesus dos Martyrios.

Ingazeira.

Freguezia, 104 legoas ao O. N. O. do Recife, sobre as margens do rio Pageú: limita pelo N. com destricto de Piancó Provincia da Parahiba, e por E. com a Serra de S. João do Principe, Provincia do Ceará, e pelo S. e pelo O. com as Serras da Carapuça. Matriz a Capella de S. Joze.

Serra Talhada.

Freguezia, 102 legoas ao O. N. O. do Recife. Está á E. de Quebrobó, Exú, e da Villa de Jardim, pertencente a Provincia do Ceará. Matriz a Capella de N. Senhora da Penha. Tem uma Aula de Primeiras Letras.

COMMARCA DA BOA-VISTA.

Comprehende somente o Termo do mesmo Nome.

MUNICIPIO DA BOA-VISTA.

Boa vista.

Villa, a margem do rio de S. Francisco, 173 legoas ao S. O. do Recife. Limita pelo N. com o destricto da Villa do Jardim, que pertence a Provincia do Ceará; pelo S. com o mesmo rio, por E. com o Termo da Villa de Flores, e pelo

O. com os das Villas da Barra, e Carunhanha, pertencentes á Provincia da Bahia, e com uma parte do destricto d'Oeiras, Provincia do Piauhy. Pelo lado de O. tem de S. a N. 50 legoas, e pelo lado de E. 30, por que a Serra Araripe, que he o nosso limite, ahi entra muito, formando um Angulo para o N. O. Boavista he Cabeça de Commarca, e comprehende as Freguezias de S. Maria, Assumpção, e Exú. N'esta Commarca, quando o rio de S. Francisco vaza (de Outubro até Março) não se gosa muita saude nas proximidades do rio, pelas febres que assaltam os habitantes, principalmente os que não estão climatisados; mas logo que se está 6 ou 8 legoas longe do rios gosa-se de um ar tão puro, e saudavel como em outra qualquer parte do Sertão; he portanto falço quanto se diz a respeito da insalubridade de toda a Commarca da Boa-vista; pelo contrario he um paiz, como todo o Sertão, saudavel, e que mais que todos, convida os industriosos para o seu seio; porque, mesmo por estar ainda principiando, offerece muitas vantagens, que outra qualquer parte do Sertão já não pode offerecer. Estima-se os seus habitantes em 20000, que são creadores de gados. Já tem cazas abastadas, e a civilização vai fazendo progressos, a proporção que seus habitantes se vão illustrando. A Guarda Nacional faz ainda parte do Commando Superior de Flores; a saber, em Quebrobó, um Batalhão de Caçadores com 536 praças, em Tacaratú outro com 560, e no Exú um Esquadrão de Cavalaria com 129 praças: estes Corpos formão uma Legião.

Quebrobó.

Povoação, situada a margem do rio S. Francisco, 153 legoas ao O. S. O. do Recife. Foi, como Tacaratú, Julgado, e até hoje tem formado um Collegio Eleitoral de 18 Eleitores, inclusive os da Freguezia do Exú. Quebrobó he a Séde Parochial da Freguezia de S. Maria: a passagem do Juaseiro do lado de Pernambuco pertence ao seu destricto.

Assumpção.

Freguezia, situada na extremidade Occidental da Ilha do mesmo nome, no rio de S. Francisco, 160 legoas ao S. S. O. do Recife. Tem uma Aula de 1as Letras. Matriz a Igreja da Senhora da Assumpção: seus habitantes são caçadores, e pescadores. Esta Freguezia, assim como a de S. Maria, que adiante vou mencionar, foi Villa de Indios, cujo Senado era em parte

preenchido por gente d'esta Raça, da qual tambem havia um Juiz Ordinario, que em suas funcoens alternava com o Juiz de Raça branca; hoje porem estas duas Villas não passam de decadentes Aldeias.

S. Maria.

Freguezia, situada em outra ilha do Rio de S. Francisco, 178 legoas ao S. S. O. do Recife. A Igreja Matriz esta destruida, e o Vigario reside em Quebrobó: seus habitantes tem o mesmo genero de vida que os da Assumpção.

Exú.

Freguezia, junto a Serra Araripe, 180 legoas ao S. S. O. do Recife. Matriz a Igreja do Senhor Bom Jesuz do Exú. Esta Freguezia tem de S. a N. 6 legoas (do Caldeirão a Taboca) e de E. ao O. 10 (da Serra Araripe a Bagressi.)

No rio de S. Francisco ha, alem d'estas ilhas habitadas, outras, pela maior parte pequenas, e baixas, as quaes postoque, quando o rio enche, ficam cobertas desde Outubro até Fevereiro; comtudo nos outros mezes são optimas terras para plantaçoens, e que abundam de viveres aquelles lugares.

ADVERTENCIA.

Sobre a correcção d'este Volume, e sobre a impressão das Memorias Historicas.

Em Dezembro do anno proximo passado entreguei o Autografo d'estas Memorias á Tipographia; e por isso, persuadindo-me haver tempo sufficiente, annunciei pelo Diario que por todo o mez de Abril do prezente anno daria o 1.º Tomo, contendo seis Livros, que abrangeriam os factos que tiveram lugar em Pernambuco desde a descuberta do Brazil até 1699. Porem como escolhi um Compositor, e pretendi que só elle (por ser mui bom) compozesse toda a Obra, nada consegui, porque aconteceu adoecer, e demorar-se por isso tanto a composição, que em Abril nem a metade do Primeiro Livro estava composta. Resolvi n'este cazo, emendando o titulo da primeira pagina do referido primeiro Livro, dividir o 1º Tomo em duas Partes, contendo cada uma trez Livros; mas para dar isso mesmo, quatro, ou sinco mezes depois da época em que pretendia publicar todos os seis Livros do Primeiro Tomo, me foi precizo admittir mais outro Compositor, e fazer uma correcção tão accelerada, que n'ella me escaparam muitos erros, sobretudo aquelles que, na phraze typographica, se chamam de caixa. Corregi os mais notaveis nas Erratas, que se seguem; os outros porem espero que o judicioso Leitor se dignará suppril-os, principalmente os da collação dos Pontos, e das Virgulas, que pela maior parte deixei de mencionar nas referidas Erratas, reservando essa emenda para quando tiver lugar a reimpressão da Obra.

A 2ª Parte do 1.º Tomo está imprimindo-se, e a darei n'este anno de 1840, o mais breve possivel. Estou empregando todo o cuidado, para que nem esses mesmos erros de caixa n'ella se encontrem, assim como no 2.º Tomo, e no 3.º que irão apparecendo a proporção que se forem imprimindo.

A 2 ª Parte do 1º Tomo narra os factos, que tiveram lugar em Pernambuco desde 1637 até o fim de 1699.

O 2º Tomo contem os factos que aqui acconteceram desde 1700 até o fim de 1799.

E o 3º Tomo narra da mesma sorte os factos desde 1800 até o fim de 1840, para o que o irei augmentando até acabar o prezente anno.

Vale.

ERRATAS

DO

ENSAIO THOPOGRAPHICO

Paginas.	*Linhas.*	*Erros.*	*Emendas.*
3	11	cana	canna
10	19	3846	3746
9	10	Verzea	Varzea
12	1	fiualmente	nualmente
15	21	juridicas	Juridicas
27	20	de d'algum	d'algum
40	9	pelo O. com'o de Limoeiro	por E. com o de Limoeiro
42	11	a os todos seus	a todos os seus

ERRATAS DO LIVRO 1º

Paginas.	*Linhas.*	*Erros.*	*Emendas.*
4	12	em suma	em summa
«	13	o destenctivo	o distinctivo
«	27	gue tomaram	que tomaram
«	30	quase	quasi
7	43	e observaçoens	e conclusoens
14	23, e 24	para pouco depois ser	que pouco depois foi
18	6	sens	seus
20	43	Antigo	Artigo
57	13	sette legoas	sinco legoas
58	1	exforço	esforço
60	19	officiaes	Officiaes
62	25	Capitulo 6º	Capitulo 9º

Paginas.	*Linhas.*	*Erros.*	*Emendas.*
66	14; e 15	da Esquadra, de seu	da Esquadra de seu
67	5	seltenta	cem
77	21	onde foi	para onde foi
78	26	d'lla	d'ella
«	43	pouco depois	poucos annos depois
79	18	d'ssas	d'essas
83	15	ficou Itamaracá	ficou a Capitania de Itamaracá
86	2	em prehendedora	emprehendedora
«	13	do Brazil, final-mente	do Brazil, e finalmente
«	19	Wellegagnon	Willegagnon
87	11	D. Britis	D. Brites
90	29	Outo	Oito
95	19	As optahnias	As Ophthalmias
«	40	dando Lei	dando Leis
96	17	eleito d'esta	eleito Chefe d'esta
97	31	Lascaster	Lancaster
101	26	Homens	homens
„	43	cavella	cannela
102	12	dissiplinados	disciplinados
103	23	Albuquer	Albuquerque
103	42	da Provincia do Ceará, que	da Provincia do Ceará, e da do Pará, que
104	26	assim mesmo con-servou-se	assim mesmo conser-vou-se estacionaria
„	29, e 30	Diziam-lhe	Diziam-lhes
105	1	e augmentou d'al-guma sorte sen-do reforçada	e só augmentou d'al-guã sorte, quando foi reforçada
106	7, e 8	nomiado	nomeado
«	31	repectivos	repetidos
«	32	senão lhe chegasse	senão lhes chegasse
107	5	o que se sabia	o que apenas se sabia
«	23	collateral	colateral
«	32, e 33	patentearam, um	patentearam um
108	22	para repouso:	para repouso,
«	34	deficil	difficil
110	26	Igualmente	igualmente
„	39	perseveravam	preservavam
111	1	as Conselho	a conselho
«	23	se não	senão

ERRATAS DO LIVRO. 2.º

Paginas.	*Linhas.*	*Erros.*	*Emendas.*
«	23	insentivo	incitivo
2	9	sen Governo	seu Governo
«	12	Secculo	Seculo
«	15	Metropole.	Metropoli
3	3	decedir	decidir
6	24	Furtado, Lourenço	Furtado, e Lourenço
«	24, e 25	Correa, e Capitaens	Correa, Capitaens
7	15	despejos	despojos
«	23, e 24	destinado, tratou	destinado, e então tractou
«	36, e 37	Aldeies	Aldeias
9	32	*conrtra*	*contra*
14	21	a Estancias	as Estancias
15	16	envestiu	investiu
6	13, e 14	commandada	commandado
«	20	devulgou	divulgou
18	10	trinxeiras	trincheiras
19	18, e 19	sustentar	defender
«	21	no porto. Duas mil	no porto, e retirou-se para as emmediaçoens. Duas mil
«	30	e no Recife	e tambem no Recife.
28	33	a moniçoens	e muniçoens
32	19	então o elle	então elle
33	15	conseguir em	conseguirem
34	35	iguaes, aos	iguaes aos
35	29	pelos, nossos	pelos nossos ;
36	1	dia o apareceram	dia appareceram
38	8	tinhão	tinham
39	12	em defeza	indefeza
41	39	denigrem	denigre
43	9	aprezentam	aprezenta
«	26	estavam	estava
45	27	terra	terrea
46	5	e estes para	os quaes para
47	42	a acusa	o accusa

Paginas.	*Linhvs.*	*Erros.*	*Emendas.*
47	43	creterio	criterio
48	3	efemera	ephemeras
54	18	aos quase apenas	aos quaes , e apenas
«	20, e 21	incitassem	incitasse
65	18	*scorro*	*soccorro*
68	3	inutil	inutil
»	15	e com effeito	e finalmente
69	13	chega	chegam
70	14, e 15	estioesse	estivesse
71	16	caravefas	caravelas
«	21	Portuguza	Portugueza
73	5	presioneiros	prisioneiros
77	28	dizertas	desertas
79	6	vendiços	vencidos
«	10	imigram	emigram
81	21	envestir	investir
83	39	alla	ella
85	20	arrecadar	arredar
86	16	dousadamente	ousadamente
«	39	as suas	ás suas
88	15	traca	traça
89	4	banhas	bainhas
90	24	aquelles	d'aquelles
«	25	e estes	e d'estes
«	31, e 32	ao Porto Calvo	a Porto Calvo
94	2	terretorio	territorio
95	25	depoisse seguiu	depois se seguiu
96	19	Cursario	Corsario
«	39	Cinco	Sinco
93	29	successor	Antecessor
99	23	fosse	fossem

ERRATAS DO LIVRO 5.º

Paginas.	*Linhas.*	*Erros.*	*Emendas.*
2	42, e 43	Sigisgundo	Sigismundo

Paginas.	*Linhas.*	*Erros.*	*Emendas.*
7	28	demoran-se	demorou-se
9	18	reposo	repouso
10	31	rengido	rangido
12	13	em Pernambu-cano	em Pernambuco
«	44	novo	nove
16	36	Si senão obstasse	Si não se obstasse
17	5	destinado	destinados
20	44	encravada	encravado

N. B. O vocabulo uma vez emendado, entenda-se assim corrigido em todas as paginas onde apparecer errado.

Não emendei todos os erros orthograficos, corregi apenas os que me pareceram mais notaveis.

MEMORIAS HISTORICAS

DA

PROVINCIA DE PERNAMBUCO.

TOMO 1.°

SECCULO 16°, E 17.°

PARTE PRIMEIRA.

LIVRO 1°

Da origem da Nação Portugueza ; dos descubrimentos da America , e do Brazil ; dos Indigenas de Pernambuco ; do Governo dos Donatarios n'esta Provincia ; e dos feitos dos Pernambucanos nas conquistas do Maranhão, e Pará.

CAPITULO 1.°

Breve noticia da Nação Portugueza , desde sua origem até o descubrimento da America.

500 A 1500.

INTRODUCÇAÕ.

O jugo ferreo , as tyranias , as injurias , e em summa a somma de males inauditos, com que por tantos annos os Portuguezes nos flagelaram , despertando no coração Pernambucano justissima indignação , excitam em verdade o dezejo de varrer de nossa idéa até o nome Portuguez. Mas injustiça seria confundir esses Portuguezes , (escoria da Nação) cuja maior parte era derramada pelo Brazil em consequencia de seus vicios , com os Illustres e virtuozos Fidalgos , povoadores de Pernambuco, que, atravessando o grande Atlantico , e deixando o Paiz em que viram o seu primeiro dia , vieram aqui sacrificar-se, e expor as vidas, para que brilhassem em nossa Patria a Luz do Evangelho , e as virtudes que então destinguiam a pequena , mas opulentissima Nação Portugueza. Foram esses homens virtuosos os nossos Maiores , foram elles que civilizaram Pernambuco , justo he que não os confundamos com os degenerados , que depois barbaramente nos dominaram.

Si pois descendemos d'esses Portuguezes, necessario he que nas prezentes Memorias , em que tenho por fim dar apontamen-

tos para a Historia do nosso Povo , me remonte á sua origem.

Lançando a vista ás paginas da Historia , acho a Luzitania constantemente tão ligada em seus principios com a Hespanha , que me parece uma , e a mesma Nação. Estes dois Povos passaram por muitas mudanças , antes de occuparem um lugar distincto na lista das Naçoens ; porem como só he meu proposito dar uma mui breve notticia da origem da Nação Portugueza , deixarei em claro essas mudanças , de que sempre foi arbitra a sorte dos combates.

Scipião , o moço , terminando a guerra , na qual desputou aos Cartaginezes a posse da Hespanha , subjeitou ao dominio Romano toda a Peninsula. Agripa no tempo de Augusto completou esta conquista, pela reducção dos Cantabrios , e então os Imperadores Romanos prepetuaram alli seu pacifico dominio. Sob o governo de Galba a Luzitania continha sinco Colonias Romanas , e Ulysipo (Lisboa) era uma Cidade privilegiada.

No fim do 5.º Secculo , começando a sublevação dos povos do Norte , começou tambem a lenta destruição do Imperio Romano. A Hespanha succecivamente foi invadida pelos Alanos , Suevos , e Wisigodos , reinando estes ultimos por mais de tres Secculos. Os Arabes, ou Sarracenos, apoderando-se d'ella pouco depois , ahi se estabeleceram , ficando apenas livres as montanhas das Asturias , que vieram a ser o abrigo dos residuos da opulencia dos Godos. Um punhado d'estes Christãos , capitaneado por Pelagio , pôde resistir aos conquistadores Arabes ; e os successores d'este heróe , inthusiasmados com seu exemplo , e recuperando o Sceptro Gothico , fundaram o Reino de Oviedo , e de Leão , berço da Monarchia Hespanhola.

Então os altivos habitantes das Asturias , transpondo os limites prescriptos pelos Musulmanos Arabes , estendem alem de suas montanhas a confederação Christã , que por feitos d'armas cada dia se tornava mais respeitivel. Fortificados os Christãos no Norte da Hespanha , não tardaram em dividir-se politicamente. Leão , Castello, Aragão , e Navarra governaram-se cada uma sobre si ; mas confederadas para resistirem ao commum inimigo. A'Hespanha Musulmana coube igual sorte: aos reinados brilhantes dos Califas Ommiades de Cordova, succederam divisoens , e guerras civiz. Os Emirs , ou Governadores das Provincias , sublevando-se , tornaram-se pequenos Soberanos independentes, e este estado revolucionario obstou, que os Arabes se opposessem aos progressos dos Christãos , que do Norte da Pennsula, ameaçavam o Meio dia da Europa.

S. Fernando Rei das Hespanhas no principio do Seculo 11º leiva suas Armas alem do Tejo , e , expulsando os Musul-

manos , marca os lemites de seu dominio. Entretanto novamente se devidem os Estados Christãos ; mas Affonço , filho de S. Fernando , reunindo em fim sobre sua cabeça todas as Coroas de seu Pai ; bate os Musulmanos , dilata seus Estados , penetra até a fertil Andalusia , subjuga uma parte das margens do Tejo , e com o titulo de Rei de Castella adquire tanta celebridade , que atrahe á Hespanha muitos jovens cavalleiros Francezes.

Entre esta briosa mocidade se destinguia Henrique de Borgonha , de origem Capeta , neto de Roberto 2 ° Rei de França. Tendo servido primeiro sob as ordens do illustre Cid , cuja gloria o atrahira , assignala Henrique seu valor contra os Mouros da Lusitania , e alcança do Rei de Castella e Leão o Titulo de Conde, e a mão de D. Thereza filha legitima (a) d'este Monarcha.

Unido o Conde Henrique a Castella , illustrou seu Nome por uma multidão de façanhas contra os Mouros, e subjugou a fertil Provincia comprehendida entre o Minho e Douro, a qual perdendo então o seu nome de Lusitania tomou o de Portugal , cuja ethymologia a mais verosimil fas derivar este nome da Cidade do Porto , fundada pelo Conde D. Henrique , e da Villa de Calé, que lhe fica na margem oposta do Douro – *Porto-Calé* , ou *Portugal* , por corrupção do vocabulo.

D. Henrique de Borgonha, elevado a Conde de Portugal , e vassallo do Rei de Leão começa a governar , tendo somente sob seu dominio as Cidades do Porto , Braga , Miranda , Lamego, Coimbra , e Viseu , e por seus novos triunfos , sem tomar o titulo de Rei , lansa os primeiros fundamentos da Monarchia Portugueza. Seu filho D. Affonço Henriques, herdeiro de sua gloria, e de seu valor, destroçando um poderoso exercito de Mouros, e matando em um só dia sinco dos Reis que Capitaneavam este exercito , foi acclamado pelos seus Soldados Rei de Portugal em 1139 no Campo de Ourique , theatro d'esta sanguinolenta batalha. Então as primeiras Cortes Portuguezas juntas em Lamego em 1143 , e compostas por Prelados , Nobres , e Deputados das Cidades confirmam a eleição dos Soldados , e promulgam as leis fundamentaes do Reino , declarando-o hereditario , e independente.

ElRey D. Affonço Henriques , fundador , e legislador ao mesmo tempo, illustrou um reinado de 46 annos por uma administração paternal , e por seus desvellos no progresso das sciencias.

(a) Alguns historiadores menos exactos dizem que D. Thereza era filha natural , mas Barbosa no seu Cath. das Rainhas de Portugal pg. 7 prova que era filha legitima.

A dynastia d'este Fundador da Monarchia Portugueza imperou ate o fim do Seculo 16. º Em seu reinado, e pelos seus cuidados a Ordem de Cavallaria, essa brilhante instituição, que desenvolve as mais nobres paixoens do homem, estabeleceu-se nas margens do Tejo com a mesma pompa, e galantaria com que desde seus principios florecera em França, e em Inglaterra. As frequentes relaçoens com os Mouros imprimiram no caracter Portuguez uma tal mistura de polidez e galantaria, que bem de preça a lingoagem de amor, tomou aquelle tom sublime, que parecia ser propriedade exclusiva da fogosa imaginação Oriental. Viram-se pois em Portugal, repetidos torneios, e festas magnificas: a gravidade, a altivez, e em suma aspaixoens nobres, porem fortes tornaram-se o destenctivo caracteristico dos Cavalleiros, ou Nobres Portuguezes. Formou-se então este espirito Nacional que os Successores de D. Affonço 1 º sublimaram, já pela igualdade que estabeleceram entre si, e a Nobreza, e já pelos limites que elles mesmos marcaram ao Poder Real. As Cortes foram muitas vezes convocadas, a legislação, excitando o amor das grandes virtudes, conferia os titulos de Nobreza em recompensa não só de serviços militares, mas ainda d'aquellas accoens, que caracterizam o desenteresse, e a grandeza d'Alma. As guerras Portuguezas eram ao mesmo tempo Religiosas, e Politicas: o zello da Nação era igualmente excitado pela propagação da Fé, e pelo duplicado interesse da expulsão dos Mouros.

Os successores de D. Affonço edeficaram Cidades, construiram armadas, animaram o Povo, e uniram a Portugal o pequeno Reino do Algarve gue tomaram dos Mouros. Nos primeiros Seculos da Nação Portugueza, vê-se ella expulsar os Musulmanos, fortificar suas fronteiras, e combater, ora os infieis, ora os Castelhanos, quase sempre com vantagem; vê-se este Povo belicoso, cultivar ao mesmo tempo a agricultura, o comercio, e as artes; vê-se tambem o Clero, e a Nobreza, naturaes apoios do Throno, exercitar no Estado uma notavel influencia, e opôr barreira as invazoens do Poder absoluto; vê-se em fim pretenderem os Monarchas por diferentes vezes, mas em vão, despojar o oppulento Clero de sua preponderancia; porem tambem se vê todos estes exforsos malograrem-se diante d'este Corpo respeitavel, que encontra apoio inexpugnavel no poder espiritual dos Papas, perante os quaes alguas vezes se curvaram os Reis Portuguezes. Perturbaçoens frequentes, guerra civiz conservaram todavia á Nação sua vaidade, e energia, sem com tudo alterar suas virtudes.

Os Nobres retirados da Cidade, e da Corte, conservavam nos Palacios os retratos de seus antepassados, como para te-

rem um constante exemplo de suas façanhas e virtudes, que lhes cumpria imitar.

Estava pois toda a Nação já preparada para grandes emprezas, quando nos fins do Seculo 14 º D. Fernando 1 º, nono Monarcha, morreu sem deixar herdeiro masculino, depois de ter cazado D. Beatriz sua filha (a) com D. João 1 º Rei de Castella, julgando assim assegurar o Throno a seu genro, ou a seu Neto, então já nascido. Mas a averção que os Portuguezes tinham ao dominio Castelhano, fez com que elles fizessem que D. João, irmão natural do Rei defunto, cedendo ás instancias (b) de seus compatriotas, se apoderasse do Governo, dando-lhe as Cortes, convocadas em Coimbra, a Coroa, que elle assegurou sobre sua cabeça pela famosa batalha de Aljubarrota em 14 de Agosto de 1358, na qual, com o soccorro dos Inglezes, desbaratou os Francezes, e Castelhanos, que lhe desputavam o Reino.

Este novo Rey, a quem a historia chama *D. João o natural*, foi o tronco da segunda linha, que por espaço de dois Seculos occupou o Throno de Portugal. O seu reinado foi illustre, não só pela victoria decesiva de Aljubarrota, mas ainda pela expedição que armou contra os Mouros, a quem, penetrando até Africa, perseguiu, tomando-lhe Ceuta na famosa batalha de 1415.

Desde então começaram os Portuguezes a conhecer a necessidade da navegação e dos descubrimentos. O reinado de D. João 1 º se faz digno de contemplação, principalmente pelo impulso, e movimento que o Infante D. Henrique, digno filho d'este Monarcha, deu ao espirito de sua Nação, vencendo preocupaçoens, que até então pareciam invenciveis.

Instruido na Geographia, e nas Mathematicas, activo, emprehendedor, illuminado o Infante D. Henrique abriu a seus compatriotas uma carreira gloriosa. Possuidor de um pequeno terreno na extremidade Occidental do Algarve ahi faz construir navios a sua custa, e os envia a reconhecer a costa d'Africa. Os Portuguezes, em todos os tempos emprehendedores, abrem pelas

---

(a) Alguns historiadores, inimigos da Rainha D. Leonor, e que desejavam que Portugal se unisse a Castella, aproveitando a fraqueza que a Rainha teve, entregando-se ao Conde João Fernandes de Andeiro, diceram que D Beatriz não era filha do Rei, e sim d'este Conde; mas isto he falço, porque o criminoso ajuntamento da Rainha com o Conde teve lugar em 1380, quando o Rei esteve em Estremoz, e D. Beatriz nasceu em Coimbra em 1372. Veja-se Fr. Luiz dos Anjos Jard. de Portug. pag. 254.

(b) Veja-se Fern. Lop. Chron. Port. Part. 1ª Cap. 20.

ondas caminhos até então ignorados, e, navegando mares nunca fendidos, dobram os Cabos até esse tempo considerados como limites do Mundo, assombrando a Europa por emprezas atrevidas!

Pela influencia de D. João 1°, e pela inspiração de seu genio os Portuguezes descobrem, primeiro as Ilhas da Madeira, das Canarias, e de Cabo Verde, as do Açores, e, depois, dobrando o Cabo Bojador, correm ao longo da Costa Occidental d'Africa, até onde nunca ainda haviam chegado outros navegantes. Foi tambem sob seus auspicios, que os Portuguezes descubriram, ainda que mais tarde, as Costas de Guiné, e ahi se estabeleceram. O Illustre Infante D. Henrique falesceu em 13 de Novembro de 1460 com quaze 67 annos de idade, pouco depois de ser acclamado Rei D. João 2° seu sobrinho. Si Portugal não contou este Infante no numero de seus Reys, o mesmo Portugal, e toda a Europa, o colloca a par dos mais assignalados Varoens. He a elle incontestavelmente que se devem as primeiras ideas, que nos fins do seculo 15° franquearam o descubrimento da America.

ElRei D. João 2°, que tinha subido ao Throno, pouco antes da morte de seu tio o grande Infante D. Henrique, era a alma das grandes emprezas dos Portuguezes. Alem de cuidar sériamente no governo de seu Reino, elle presidia aos trabalhos, e animava seus Vassallos com um desvello Paternal, entretanto que nas outras duas partes do Mundo então conhecidas, os povos geniam curvados a um jugo estranho. Em quanto a Persia experimentava a tyrania dos Tartaros, o Egypto se curvava á milicia dos Mamelucos, e o resto d'Africa, dividido por muitos Xerifes, reconhecia por senhor o tyrano de Marrocos; a Nação Portugueza fundava novos monumentos da sua gloria, sobre todos os pontos onde a levava sua infatigavel actividade. Forão pois estes Portuguezes illustres, que se tinham assignalado pelo exercicio de grandes virtudes civicas, e Religiosas que povoaram Pernambuco.

CAPITULO 2°

Christovam Colomb descobre a America; descripção da sua viagem.

1486 A 1492.

Qual fosse o lugar em que Christovam Colomb viu pela pri-

meira vez a luz do dia não há certeza absoluta; Uns lhe dão por Patria *Nerni*, ou *Cugureo*, pequenas povoações vezinhas de Genova outros Savone; o que he certo porem he que seus Paes, subditos da Republica de Genova, gosavam de grande consideração em seu Paiz, e que perdendo pelas guerras de Italia, a fortuna que possuiam, se entregaram ao commercio maritimo para ter de que subsistir.

Christovam Colomb desde sua puericia, manifestou grande gosto, e propenção para a vida do mar; seus Paes portanto, aproveitando o talento que lhe descubriam, puseram todo o cuidado em dar-lhe uma educação analoga a tão boas disposicoens. Colomb pois entregou-se com tanta applicação ao estudo da Geometria, Cosmographia, e Astronomia, fez n'estas sciencias tão rapidos progressos, que ainda antes de completar quinze annos de idade, elle entrou em 1461 na carreira que devia illustrar seu Nome.

Em suas primeiras viagens, sob a direcção de Nauticos Genovezes, Colomb derigiu-se aos portos do Mediterraneo; porem desejoso por dilatar seus conhecimentos, emprehendeu visitar os mares do Norte, nos quaes logo se adiantou muitos graus pelo interior do circulo Polar. Depois Christovam uniu-se a um seu parente, tambem chamado Colomb, e Nautico distincto, que com uma pequena fragata armada a sua custa, se havia enriquecido, e feito celebre por correrias, tanto contra os Turcos, como contra os Venezianos, rivaes dos Genovezes no commercio. Durante alguns annos, que durou esta associação, Christovam serviu de um grande socorro a este parente, a quem communicou seus conhecimentos, e defendeu por sua coragem; mas o genio d'este grande homem se via em um circulo mui estreito n'este genero de navegação!

Gosavam então os Portuguezes de uma certa nomeada como descubridores: suas emprezas ousadas abriam por tanto um vasto campo a todos aquelles a quem animava o dezejo de ver paizes novos, ou de distinguirem-se por feitos d'armas; de tal sorte que já alguns martimos, amigos de Christovam, estavam ao serviço de Portugal. Colomb, imitando seus amigos, não tardou em destinguir-se por seu merecimento, e por seus talentos. Estabelecendo-se em Portugal, espósa a filha de Perestrello, famoso navegante, que havia descuberto as ilhas da Madeira, e Porto Santo. Morto Perestrello, seus Diarios, e suas Cartas tornaram-se propriedade de Colomb, que d'elles se aproveitou para estudar as primeiras operaçoens dos Portuguezes, e para colher noticias curiosas, e observacoens importantes, as quaes todavia não adoptou, se não depois de verificadas por elle mesmo nas

viagens que emprehendeu, e em que se mostrou um dos mais habeis Navegantes do seu tempo.

A'vido de conhecimentos, e capaz de meditaçoens profundas, Colomb não cessava de estabelecer ligação, sempre luminosa, entre as antigas e novas descubertas, remontando-se sobre tudo aos principios que tinham guiado os Portuguezes. Persuadido que se podia, não somente ir mais longe do que elles foram, mas ainda achar, (tomando uma direcção oposta) um caminho mais curto do que aquelle pelo qual elles procuravam uma communicação com o continente da India; esta opinião ouzada, o conduziu naturalmente a outra, da qual elle tirou grandes consequencias. Examinando a extenção do caminho que os Portuguezes percorriam, prolongando-se pela Costa d'Africa, conjecturou, que, pois que tanto se penetrava ao meio dia, se poderia tambem descubrir novas terras, amarando-se para o Occidente. Este raciocinio, a authoridade dos Cosmografos, e varios indicios attestados pelos navegantes, o fortificaram cada vez mais em sua opinião. Elle pois com toda a boa fé, que em nada diminue sua gloria, publicou seus principios, e sustentava-os dizendo = *Estando a figura da Terra conhecida, e a grandeza de seu volume determinada com algũa exactidão, segue-se evidentemente que os Continentes da Europa, Azia, e Africa, não formam se não uma pequena parte da superficie do globo terrestre... He pois mui natural que o continente do mundo conhecido, colocado em um dos lados do Globo, seja, no hemisferio opposto, equilibrado por uma quantidade de terra pouco mais ou menos igual a esse continente. Alem d'isto,* sustentava Colomb: *os Pilotos que se tem amarado mais ao Oeste attestam que tem visto sobre as agoas canas de uma grossura enorme, e sem semelhança algũa com as canas Europeas, d'onde se conclue que ellas vem de algũa terra inconhecida, situada no ponto opposto. Quando o vento sopra do Occidente o mar lansa algũas vezes sobre as praias dos Açores pinheiros que as ilhas não produzem. Tem-se visto até homens de uma especie nova, em canoas;* e finalmente concluia Colomb, *dois corpos d'estes estrangeiros, arrojados pelo mar nas Costas dos Açores, convence que ha um Mundo inconhecido, por que examinados estes corpos se observou grande dessemilhança entr'elles, e os dos homens do Mundo conhecido.*

Convencido pois Colomb, já pelas suas observaçoens, e já pelas notticias adqueridas, que havia um outro Mundo habitado, não lhe sahia da memoria descubri-lo; mas esta empreza demandava grandes despezas, e elle não as podia fazer. Lembrou-se primeiro de sua Patria, e aprezentou ao Governo sua theoria

e observaçoens; mas o Senado de Genova desprezou o projecto, por quimerico. Vendo que sua Patria desprezava o fructo de seus estudos, Colomb offereceu-os ao Rey de Portugal D. João 2.º Este não os reputou quimericos, como o Senado de Genova, e pelo contrario agasalhou seu author; mas cioso de se destinguir elle mesmo por operaçoens maritimas, e ávido de novas possessoens, fez partir secretamente uma Caravella para tirar a Colomb a gloria da descuberta. Esta expedição teve o sucesso que merecia: o Piloto encarregado pelo Rey de se servir do plano de Colomb, como era in-habil para isso, depois de ter errado alguns tempos sobre o mar, voltou para Portugal, asseguran-do que o projecto devia ser considerado como um sonho.

Indignado por este procedimento Colomb deixou Portugal, e passou para Hespanha em 1484 com designio de aprezentar seus planos a Fernando, e Izabel que então governavam os Reinos unidos de Castella, e Aragão. Aquelle Principe, um dos mais instruidos, e dos mais opulentos da Europa, acolheu favoravelmente o projecto, e assegurou que elle faria todas as despezas para a sua execução. Mas tendo que lutar com os prejuizos do tempo, e com a ignorancia dos seus conselheiros, Colomb viu-se illudido por mais de cinco annos com vans esperanças, até que disposto a deixar Hespanha, estava já a partir quando a instancias do Prior João Peres, Confessor da Rainha, ainda se demorou, sugeitando-se a que o seu projecto se submetesse a um novo exame. Finalmente aplainadas todas as dificuldades, principalmente pelo interesse que n'este negocio tomou o dito Prior, Fernando, e Izabel assignaram um contracto, pelo qual estes Soberanos creavam a Colomb, (e a seus herdeiros) Grande Almirante, e Vice-Rey de todas as ilhas, e Continente que elle descubrisse, concedendo-lhe o dizimo, de todas as producçoens, e commercio. Izabel poz toda a actividade nos preparativos da viagem; Fernando porem, posto que seu nome figurasse no contracto, testemunhava ainda uma tal desconfiança na execução do projecto, que não quiz tomar nem uma parte n'elle na qualidade de Rey de Aragão, estipulando com sua Espoza, que todas as despezas seriam feitas a custa da Coroa de Castella. Colomb depois do contracto, despedindo-se de Suas Magestades, dirigiu-se para o porto de Palos, pequena Cidade da Andalusia, onde se esquipavam os Navios destinados para a expedição

O armamento todavia não correspondeu, nem a dignidade da Nação, nem a importancia da empreza, cujas despezas, que tanto haviam inquietado o circunspecto Fernando, apenas montaram a cento e oitenta mil Pezos Fortes pouco mais, ou menos.

A espedição compunha-se de tres Navios: o maior era de um porte consideravel, mas os outros dois não passavam de Escunas: aprovisionou-se para um anno, tendo de equipagem noventa homens, entre os quaes se destinguiam alguns Gentiz Homens da Corte de Izabel, encarregados de acompanhar Colomb, e os tres irmãos Pinzons, ricos, e bons maritimos de Palos, que quizeram seguir a fortuna do heroe. O maior dos Navios, commandado por Colomb na qualidade de Almirante, recebeu d'elle o nome de *Santa Maria* em Honra da Virgem Nossa Senhora, de quem era mui devoto; o segundo chamado *Pinta* era commandado por Martin Pinzon, e o terceiro chamado *Nigna* por Diogo Pinzon.

Era precizo sem duvida o genio, e coragem de Colomb, assim como a intima convicção em que elle estava da exactidaõ de seus calculos, para se abandonar a uma navegaçaõ taõ perigoza, e por mares desconhecidos com taõ fracos meios! O illustre viajante naõ ignorava por certo os perigos que hia vencer; mas quam poderoso não he em uma Alma grande, o dezejo de adquerir Gloria, e sobre tudo a confiança na Divindade! Colomb não quiz embarcar, antes de ter por um acto publico de devoção, chamado sobre si, e sobre seus companheiros, a Protecção do Todo Poderoso. Em procissão derigiu-se Colomb, e seus companheiros de viagem a Igreja do Mosteiro da Rabida, onde todos se confessaram, receberam a absolvição de suas culpas, e Commungaram pelas mãos do respeitavel João Peres, que tanto favoreceu esta empreza. Depois d'esta tocante ceremonia todos os assistentes dirigiram a Deus preces pelo bom sucesso de uma empreza, que não podia deixar de estender a fé Christã. Finalmente na manhã de terça feira 3 de Agosto de 1492 ao sahir do sol, e em prezença de um numero consideravel de espectadores, cujas Almas balançavam entre o temor, e a esperança, Colomb deu a vella para esta expedição memoravel, cujos resultados tem tido uma tão grande influencia nos destinos do Mundo.

Do porto de Palos Colomb seguiu direito as Canarias, onde chegou depois de dés dias de uma navegação, cujos menores accontecimentos foram recolhidos com um interesse tal, que só a magnitude da impreza pode justificar. O leme da Pinta quebrou-se no segundo dia de viagem. Os marinheiros, gente de um espirito fraco, e pela maior parte visionaria, posto que vissem n'este accidente o presagio de um mau successo, e testemunhassem os mais vivos temores, notando então a insuficiencia dos navios para uma viagem que se supunha mui longa, e perigosa, com tudo continuaram a viagem. Colomb antes de se meter outra vez a caminho fez cuidadosamente reparar, e fortificar to-

dos os navios, embarcou provisoens frescas, e a 6 de Setembro partiu de Gomera, a mais occidental das ilhas Canarias.

D'alli fazendo proa do Oeste, e deixando os caminhos já sabidos, se entranhou em um mar até então desconhecido. Quando no segundo dia de viagem os marinheiros perderam terra de vista; imaginando, que nunca mais tornariam a vel-a, uns sem coragem, e abatidos, lembrando-se de sua Patria, choravam por seus Paes, e levavam os dias a lastimarem-se; outros dando a conhecer um mais violento desespero, derigiam vivos reproches a Colomb, a quem faziam responsavel por suas vidas, accusando-o de uma ambição illimitada, de que seriam todos deploraveis victimas. Mas Colomb por um dom tão feliz, quanto raro, reunia aos talentos de um grande Nautico, a capacidade necessaria para commandar homens, e guiar os espiritos: tanto insinuante e persuasivo, quanto firme sem arrogancia, elle deveu a seus discursos o chegar a consolar, aquietar, e conservar em obediencia seus sobordenados, que por mais de uma vez, durante a viagem, renovaram seus queixumes, e ameaças. A gravidade de seu semblante, o sangue frio que mostrava nos perigos, inspirava a aquelles que tinham n'alma algũa elevação, uma confiança que augmentava sua coragem, em quanto os outros na esperança de riquesas nutriam a cubica, prolongando sua perseverança.

Colomb velava dia, e noite, e sentia vivamente que a fadiga o constrangesse a dormir algũas horas. O movimento do mar, a direcção das correntes, o vôo dos passaros, os peixes, as plantas marinhas, e todos os objectos que fluctuavam sobre o mar eram objectos de suas observaçoens. Colomb empregava diferentes meios para animar seus companheiros; era um d'estes meios occultar-lhes o verdadeiro numero de legoas que tinham navegado, dando-lhes sempre um terço de menos; porem o temor tornou-se geral quando na destancia de perto de 300 legoas ao Oeste das Canarias, se apercebeu que a agulha não apontava exactamente para a estrela Polar, porem um grau mais ao Oeste, diferença que crescia a medida que se adiantava. Abandonados da unica e preciosa guia que pode encaminhar os homens no mar, os navegantes se persuadiram perdidos no seio de um Occeano sem lemites. N'esta circunstancia Colomb mostrou tanta presensa de espirito quanta sagacidade, e conseguiu socegar a sua gente, explicando-lhe de uma maneira propria a tranquilisal-a aquelle fenomeno, cuja cauza elle em verdade ignorava, como ainda hoje se ignora, se bem que não dá lugar a inquietação, que então lhe deu.

A quatrocentas legoas das Canarias o mar offerece o aspe-

cto de um longo prado , as plantas que o cobrem se encontram em alguns lugares tão espessas que embaraçam a carreira dos navios. Aqui a explicação de Colomb pareceu aos marinheiros perder toda sua clareza , persuadindo-se elles que tinham chegado ao termo de toda a navegação possivel, e que infalivelmente hiam morrer. O Almirante porem achou pelo contrario um motivo para encorajar-se n'aquillo mesmo que fazia a desesperação de sua gente : segundo elle estas ervas eram um signal certo da visinhança de algũa terra. Os navegantes exforsavam-se para participar da segurança de seu Chefe , quando um vento fresco veio felismente desembaraçal-os d'essas plantas importunas ; ao mesmo tempo que viram-se alguns passaros estranhos voltejar em roda dos navios , e voarem para o Oeste. Então cada um tomou coragem , convindo na justeza dos calculos do Almirante ; mas esta favoravel disposição dos animos não durou muito tempo.

Colomb segundo seus calculos achava-se no 1 ° de Outubro a sette centas e settenta legoas ao Oeste das Canarias , e segundo o seu costume declarou a sua gente que tinha andado somente dois terços. Apezar d'esta precaução elle não pode empedir que o terror se apoderasse de toda a equipagem. Julgava-se mais que nunca impossivel qualquer descuberta : os prognosticos tirados do vôo dos passaros , e outras circunstancias não se tinham realisado ; as seguranças dadas pelo Almirante tinham sido enganadoras ; em fim toda a esperança se esvaecia com o aspecto de um mar immensuravel , que parecia não prometer se não uma navegação infinita , e immumeros perigos. O murmurio cressia de dia em dia , descursos os mais resolutos atrahiam os timidos , e em fim as equipagens dos tres navios se rebelaram contra o Almirante , tratando-o por miseravel aventureiro , que para executar um plano quimerico , conduzia a uma perda certa os infelices subditos d'um Principe credulo , cuja proteção havia uzurpado : até se propôs lansar Colomb ao mar. Sua morte , diziam , dará liberdade para pensar na volta , em quanto os navios se acham em estado de se conservarem em sima d'agoa. Todavia o conselho geral foi de se constranger o Almirante a tomar um partido, que assegurasse a salvação de todos.

Colomb não ignorava a conspiração , que contra elle se tramava ; mas elle fingia ignoral-a , aprezentando um rosto alegre, ao mesmo tempo que sua Alma lutava em uma constante agitação. Colomb fallava a cada um segundo seu caracter; a uns deregia consolaçoens , a outros reproches : agora elle exagera aos olhos de uns a opulencia que logo seria sua partilha , logo lembra a outros suas promessas feitas perante Deus, e o Rey. Em quanto pois elle se occupava assim em aquietar os animos alguns

dicios de vizinhança de terra fizeram renaser algũas esperanças, que todavia não tardaram em ser seguidas de novos alarmas. A rebelião appareceu em fim com violencia. Ajuntaram-se tumultuosamente sobre a tolda os conjurados, e ameaçaram seu Chefe: este em vão tentou acalmar os animos; seus descursos foram interrompidos por gritos de impaciencia, e de raiva, que bem demonstravam, que já não havia nem respeito, nem subordinação.

Constrangido a transegir com os rebeldes, Colomb conservava todavia ainda poder sobr'elles para obter uma dilação sufficiente, a fim de completar a execução de seu projecto. Prometteu-pois solemnemente de se conformar com o que exegissem, com a condição porem de que contenuariam a obedecel-o por mais tres dias, por que, passado este termo, elle promettia abandonar sua empreza, e leval-os a Hespanha. Esta proposição foi geralmente acceita.

Entretanto appareceram em grande quantidade bandos de passaros, entre os quaes se notavam especies das que não se alongam muito de terra. Um marinheiro da *Pinta* viu uma cana flutuando sobre o mar, que parecia cortada, a pouco, e um pedaço de pau trabalhado por mão de homem. A gente da *Nigna* achou um tronco de arvore golpeado de fresco. O ar tornou-se mais doce, e mais quente, as nuvens a roda do sol offereceram um aspecto diferente, e durante a noite o vento foi variavel. Todos estes signaes, cheios de encantos, e de interesse para Colomb, não lhe permettiram mais duvidar que estava mui perto de terra. Na noite de 11 de Outubro, depois de uma prece geral, elle fez carregar as vellas, fazendo pairar os tres navios, ao mesmo passo que vellou toda anoite com receio de dar a costa. Pelas dez horas apercebendo ao longe uma luz, chamou dois de seus principaes officiaes, e todos reconheceram que esta luz se movia, e era levada de um lugar a outro. A meia noite se ouviu gritar da *Pinta*: Terra! Terra! Terra!

He impossivel descrever a satisfação que estes gritos levaram ao coração dos navegantes; elles hiam em fim ver essa terra dezejada, que faria esquecer tantos tormentos. Todavia, depois de tantas esperanças frustadas, alguns não ouzavam ainda dar credito a existencia de um verdadeiro sucesso; mas todas as enquietaçoens se dissiparam com a noite. Ao raiar do dia, viu-se destinctamente duas legoas ao Norte uma ilha plana, e verdijante, guarnecida de arvores, e regada de muitos rios, aprezentanto o aspecto de um Paiz delicioso, Então, reinando a seguridade em todos os coraçoens, as felicitaçoens mutuas, e as lagrimas de alegria seguiram-se a tantos pezares. Unidos pelos mesmos sentimentos os tre-Navios deram graças ao Ceo entoan-

do um Te-Deum. Colomb tornou-se logo o objecto de todas as homenagens, e passando de um extremo a outro, aquella mesma gente que no dia anterior o tinha ultrajado, o aclamava como um homem inspirado pela Divindade, e o unico capaz de levar a execução um plano, que lhes parecia exceder a possibilidade homana.

N'aquelle mesmo dia todas as lanchas guarnecidas de gente, e em aparelho militar, com Bandeiras despregadas se encaminharam para terra ao som de musica guerreira. Atrahidos pela novidade, os Americanos correram em chusma para a costa, exprimindo seus gestos a admiracão e pasmo de que estavam possuidos. Colomb ricamente vestido, com a espada na mão foi o primeira Europeo que pizou o novo Mundo no dia 6 de Outnbro de 1492.

Desembarcado Colomb, e toda a equipagem, prostando-se todos, e beijando a Terra, levantaram um Crucefixo, e novamemte renderam graças ao Ser Eterno. Depois Colomb por um Acto solemne, na qualidade de Grande Almirante das Coroas de Castella e Leão, tomou posse da ilha em Nome do Rey Fernando seu Soberano. Denominou a ilha *S. Salvador*, sendo portanto o primeiro acto do seu Vice-Reynado o mudar o nome a ilha, que os naturaes denominavam *Guanáhani*.

Assim descubriu Colomb a rica e innocente America, para pouco depois ser victima da barbaridade de seus crueis hospedes, os quaes com o inefavél beneficio da Lus Evangelica lhe troxeram tambem todos os vicios, e o dominio mais barbaro que jamais se tem visto: mas Colomb perdeu a honra da descoberta, porque um outro aventureiro lh'a roubou, dando o seu nome ao Mundo Novo.

CAPITULO 3º

Americo Vespucio dá o seu o Nome a quarta parte do Mundo, roubando a gloria de Colomb. Desgostoso do Governo Hespanhol, passa a servir o de Portugal, e vezita as costas do Brazil.

1497 A 1500.

Americo Vespucio, natural de Florença, nasceu em 1451. Seu gosto pelas viagens maritimas se desenvolveu na primavera de seus dias. Desdeque Americo soube que Christovam Colomb

tinha descuberto o novo Mundo, ardeu em dezejos de participar de sua gloria. Fernando Rei de Hespanha, aproveitando a capacidade d'este Nautico, forneceu-lhe quatro navios, nos quaes elle partiu da Cadix em 1497, e percorreu as costas de Paria, e Terra firme atè o golfo do Mexico, tornando para a Hespanha no fim de desoito mezes. Deixando á Christovam Colomb a gloria de ter abordado ás ilhas do novo Mundo, elle pretendeu ser o primeiro descubridor do Continente. Americo deu na Europa uma relação tal do que tinha visto em suas viagens, fez tanta impressão o que elle dice, que as terras novamente descubertas, tomaram o seu Nome! Um anno depois d'esta primeira viagem, Vespucio segunda vez veio a America em seis navios, chegou alem das Antilhas, nas Costas de Guiaiana, e Venezuela, e tornou a Cadiz em 1500, levando pedras, e muitas outras preciosidades. Mas mostrando-se os Hespanhoes mui pouco reconhecidos por tantas descubertas, Vespucio passou-se para o serviço de D. Manoel, Rey de Portugal; o qual em reconhecimento lhe deu tres navios para emprehender uma nova viagem ás Indias. Vespucio reconheceu d'esta vez toda a costa do Brazil desde o Cabo de S. Agostinho (Pernambuco) atè o rio da Prata, e voltou para Portugal em 1502. Em 1504 obteve elle de D. Manoel mais seis navios para novas descubertas; e n'esta ultima viagem chegou até o rio Curalado, voltando para Portugal com notticias exactas do Paiz que vizitara.

Este illustre Navegante morreu na ilha Terceira, depois de haver dado seu Nome á ametade do Globo. Postoque com manifesta injustiça se lhe atribuiu uma gloria, que justamente só pertencia ao grande Colombo, não se pode negar que a importancia de suas descubertas o colloca em um mui destincto lugar, entre os mais celebres Navegantes do seu tempo.

CAPITULO 4°

Martin Behem avista Pernambuco, e descobre o Brazil primeiro que Colomb, e Vespucio. Pedro Alvares Cabral, segundo descobridor do Brazil, avista as praias da Provincia das Alagoas, e desembarca em Porto Seguro. Gaspar de Lemos percorre as costas de Pernambuco, depois que Cabral tem tomado posse do Brazil em nome do Rey de Portugal no dia da Invenção da S. Cruz. Breve notticia d'este acto.

1484 A 1500.

Tem-se reputado uma injustiça, o não ter o Novo Mundo,

descuberto por Colomb , tomado o nome d'este navegante ousano , e sim o de Americo Vespucio , que só aventurou-se aos mares do Occidente , depois da memoravel viagem do Colomb , e da relação de suas descubertas , que lhe serviu de guia. O que se dirá agora si se provar , que a descuberta do Novo Mundo não pertence a nem um dos dois , e que ella deve ser atribuida a um terceiro , ainda até hoje quasi desconhecido ?

Martin Behem , natural da Cidade de Nuremberg , (Alemanha) o qual he sem duvida aquelle *Martin Benehira* de quem falla *Garcilasso de la Vega* na Historia do Perú, sua Patria ; viajando a custa de D. João 2 º Rey de Portugal pela Costa d'Africa em direcção ao Congo (descuberto por elle) impellido por uma forte tempestade do Este amarou-se tanto para o Occidente que descubriu as praias de Pernambuco em 1484. (a) Este Behem, armado Cavalleiro pelo proprio Rey de Portugal, que o cubriu de destinções honorificas, pelos serviços que lhe prestou nas descubertas dos Acores , Costa d'Africa , e sem duvida tambem do Brazil , (b) voltou em 1492 para sua Patria carregado de riquesas. Ahi então compôs elle um Globo terrestre, que he reputado como um Chefe d'obra do seu tempo , e que ainda hoje se conserva na Biblioteca de Nuremberg. N'este Globo se observam traçadas as descubertas que elle fez , e ás quaes denominou – *Terras Occidentaes* – , e se vê que elle descreve exacta, e incontestavelmente as costas do Brazil , e as visinhanças do Estreito de Magalhaens , marcando a latitude, e longitude d'estas terras, então desconhecidas. Ora este Globo foi feito no mesmo anno em que Colomb começou as suas viagens de descubertas ; Behem por tanto não podia n'esse tempo aproveitar-se das viagens de Colomb , e muito menos das suas relaçoens ; porque quando elle já traçava em seu Globo com bastante exactidão as costas do Brazil , errava então Colomb sobre os mares em demanda das Terras do Occidente. Este Globo , e os raciocinios de Colomb, ex-

---

(a) Il (*Robertson Historiador*) soutient , mais sans en alleguer aucune preuve , que ce pays n'est qu'une isle fabuleuse. Nous pourrion soutenir avec autant de fondement que Behem , dans son voyage au Congo a été poussé par les vents contraires jusq'a Fernambuc , et . . .

Archiv. Litt. Tom. 6. pg 356.

(b) Colomb quis emprehender uma viagem ás Indias Occidentaes , mas depois de uma notticia que recebeu , quando estava na ilha da Madeira occupado na composição de Cartas geographicas. Esta notticia lhe foi communicada por *Martin Behem* , ou segundo os Hespanhoes , por Affonço Sanches de Huelva, piloto que por accaso tinha primeiro descuberto a ilha que se chamou Dominica . . . . . *Colomb* jamais teria emprehendido a sua viagem a America , si *Behem* lhe não tivesse mostrado o caminho.

Riccioli. Geograf. reccif. Lib 3 º pag. 90.

postos por elle, quando demandava auxilio dos Soberanos da Europa para emprehender a sua viagem, provam não só que a America antes d'elle já tinha sido vista por outros, mas tambem a existencia d'este Behem. Não foram por tanto nem Christovam Colomb, nem Americo Vespucio os primeiros que descubriram a America no Seculo 14º, como com bastante minuciosidade o demonstra o author da obra intitulada *Archives Litteraires de l'Europe* no Tomo 6º pag. 265 a 275, e pag. 352 a 362. Mais um descubridor do Brazil será para o Europeu uma questão de mera curiosidade; porem para um Brazileiro, ella o deve vivamente interessar. Os Gregos conservaram escrupulosamente a Historia fabulosa de seus fundadores: até eregiram-lhes Altares!

Tendo o celebre Vasco da Gama descuberto o novo caminho para as Indias Orientaes pelo Cabo da Boa Esperança; D. Manoel, Rey de Portugal, tornou todos os seus cuidados para os novos estabelecimentos, que esta descuberta o convidava a manter n'aquella interessante parte d'Asia.

D. Manoel pois fez partir de Lisboa em Março de 1500 uma esquadra de 13 Navios, sob o commando de Pedro Alvares Cabral, com ordem de dirigir-se a India, e promover alli o estabelecimento dos Portuguezes. Este navegante, querendo livrar-se das calmarias, tão frequentes na Costa d'Africa, fez-se tanto ao largo, que batido por uma tempestade, foi forçado a correr para o Occidente. N'esta carreira; mas já quando a tempestade declinava, com grande admiração sua aos 24 de Abril de 1500 descubriu ao Oeste uma terra desconhecida na altura de dez gráos ao Sul da Linha. Era a hoje Provincia das Alagoas.

Cabral manda deitar ao mar um batel, e este aproximando-se a Terra viu ao longo da praia alguns selvagens de cor baça, inteiramente mús com os narizes chatos, e os cabellos corridos, e que armados de arcos e flexas se avezinhavam, mas sem manifestarem intenção hostil; porem vendo os Portuguezes desembarcar fugiram e se acolheram ao mato. O vento porem que sobreveio, e a gitação do mar, fazendo recolher o batel obrigaram a Cabral durante a noite a correr para o Sul ao longo da costa a que se havia aproximado, e procurar outro surgidouro: correu pois até 16 gráos de latitude Austral, e descubrindo uma boa enseada fundeou com segurança, e lhe pôs o nome de Porto Seguro. Enviou outra vez bateis a praia, e estes lhe troxeram dois naturaes do Paiz que apanharam pescando. Cabral os fez cubrir de bellos vestidos, adornou-os de manilhas de latão, deu-lhes cascaveis, e espelhos, e os mandou pôr em terra. Este expediente produziu effeito: alguns Selvagens inteiramente

nús , e pintados de cor vermelha se familiarisaram , e , atrahidos dos mimos , e prezentes, estabeléceram com os Portuguezes amigavel communicação , trocando frutos , milho , e farinha de mandioca por bagatellas da Europa de que os navios estavam carregados , a fim de traficarem na Costa d'Africa.

Cabral fez reconhecer a Terra , e pela informação de sens praticos teve a satisfatoria noticia, de que ella parecia fertil, cortada de rios , coberta de arvores de fruto , e povoada de homens, e animaes.

No dia seguinte (Domingo de Paschoa) Cabral desembarcou com seus principaes Officiaes , e uma parte de sua equipagem : eregiu um altar para se celebrar Missa cantada , arvorou uma cruz no mais alto de uma grande arvore copada , e fez levantar outra de pedra junto a praia. D'este Sacrossanto Padrão , e pelo dia no qual se tomou posse da Terra, que foi a 3 de Maio , veio ao Brazil o nome de S. Cruz; mas como n'este Paiz se achou muito do precioso pau de tinturaria , a que os Portuguezes chamavam *Brazil* , (e os Indigenas *Ibirapitanga*) por que á sua côr de fogo , assemelha-se as brazas , prevaleceu o nome d'aquillo que dava interesse aos homens , e não o do Lenho despertador de sua eterna salvação !

Assim começou Cabral o primeiro estabelecimento Portuguez no Brazil sobre o cume de um rochedo esbranquiçado , fronteiro a um terreno, que elevando-se ao Norte se estende para o meio dia.

Em quanto Cabral fazia celebrar a Missa cantada acompanhada de muzica , os Indigenas atrahidos pelo estrondo da Artelharia , vinham em chusma , e paravam em profundo silencio , como feridos de admiração , e espanto. Cabral , fiel aos principios de seu Seculo , encarregou ao Padre Fr Henrique , Religioso Franciscano (Guardião de 8 Missionarios enviados a India) de pregar o Envagelho a estes Povos. Longe estava elle , sem duvida, de acreditar o bom exito de uma predica, que não podia ser entendida ; porem preenchia o dever imposto pelas Bullas Apostolicas , e ao mesmo tempo adequeria o justo titulo de ser o primeiro que n'estas praias fazia ouvir a palavra de Deus.

Durante o officio Divino os Indiginas deram demonstração de grande interesse , que sem duvida não passava de um effeito da novidade : fizeram exactamente todos os actos de adoração e humildade que os Padres , e os assistentes faziam ; ajoelharam , levantaram-se , bateram nos peitos , e em fim imitaram em tudo os Portuguezes para agradar-lhes. N'estas dispossicoens viram os descubridores o presagio de um futuro feliz ; com tudo não se conheceu nesta gente vestigio algum de Religião , de Go-

verno , nem mesmo de Policia.

Cabral fez levantar um Padrão com o Escudo das Armas de Portugal , e despachou logo para a Corte de Lisboa a Gaspar de Lemos , um de seus Capitaens, com as novas d'este descubrimento, mandando em sua companhia um dos Indiginas , que se pode reduzir a embarcar. Lemos n'esta viagem percorreu a Costa de Pernambuco , mas não communicou com os Indios.

Concluidos estes arranjos , voltou Cabral para bordo , deixando na praia dois criminosos condemnados a morte em Portugal , e cuja pena lhes fora commutada em degredo para fins semilhantes. Os Indiginas o acompanharam até aos bateis, cantando, dançando, batendo palmas, atirando flexas ao ar , e levantando as mãos aos Céo , para manifestarem a alegria que lhes cauzara tal vizita. Alguns chegaram a entrar n'agoa para acompanhar os Portuguezes , outros foram a esquadra em suas jangadas , e até homens , e mulheres se lançaram a nado com tanta facilidade , como si agoa fosse o seu elemento. Finalmente Cabral deixou as praias do Brazil , e seguiu a sua viagem para o Cabo da Boa esperança.

CAPITULO 5 °

Americo Vespucio vem ao Brazil , e tem relaçoens com os Indiginas de Pernambuco. O Governo Portuguez envia para o Brazil prostitutas , e criminosos. Estado de Pernambuco anterior ao Governo dos Donatarios.

1502 A 1530.

Contentissimo o Rey Portuguez com a noticia do novo descubrimento , que lhe levou Gaspar de Lemos, determinou mandar examinar a Região descuberta , e obter d'ella uma noticia completa. Aproveitou-se para isto de Americo Vespucio , que por desgostoso do Rey de Castella se havia recolhido a Portugal , (como dice no Capitulo 4 °) e o mandou vizitar as costas do novo Paiz.

Aproveitando-se da experiencia de suas precedentes viagens, Americo Vespucio sahio de Lisboa , e seguiu para o Novo Mundo. Avistando terra um pouco ao Sul da Linha ; mandou alguns homens desembarcar ; mas passou pelo desgosto de os ver prezos , e depois devorados pelos Selvagens. Vespucio por tanto fugiu d'estes antropófagos , e chegando a altura de Pernambuco aqui estabeleceu com os Indiginas em 1502 communicaçoens amigaveis , reconheceu o Paiz , entrou em um dos nossos portos, e finalmente pôs tanto cuidado em suas operaçoens , que pode levar ao Rey (depois que percorreu a costa até o rio da Prata) no-

ticia circunstanciada da nova descuberta. Foi pois Pernambuco o segundo lugar em que os Europeos commerciaram, e estabeleceram communicaçoens amigaveis com os Indiginas. Mas! Quam caro lhes custou! Bem poucos annos depois tiveram que arrepender-se de sua nimia sinceridade.

Conhecido Pernambuco, e que seus naturaes possuidores eram de algũa sorte communicaveis, ainda assim a Corte de Portugal, atrahida então pela riqueza e conquistas da India, não cuidou em cultivar a parte do Novo Mundo que descubrira, e que lhe pertencia segundo a divizão, que com a Corte de Hespanha fizera, (a) e em que entreveio a Authoridade do Summo Pontifice Alexandre 6º de sorte, que o Brazil se conservou alguns annos, sem que n'elle se fizesse algum estabelecimento Portuguez, contentando-se entretanto o Rey em mandar fazer novas averiguaçoens, já por Gonsalo Coelho, já pelo mesmo Vespucio, e já por outros; demaneira que durante o reinado de D. Manoel as expediçoens para o Brazil não tiveram outro objecto, senão indagaçoens, verificaçoens, e tentativas. Com tudo o consumo proveitoso das cargas de pau Brazil, que Americo Vespucio havia levado a Lisboa, convidou alguns especuladores a emprehenderem este commercio, e empregarem n'elle navios mercantes. Estas expediçoens parciaes se multiplicaram, apresentando-se na qualidade de interpretes, feitores, ou correspondentes grande numero de aventureiros, que vieram habitar voluntariamente esta Região deliciosa, e abundante, onde se podia gozar independencia completa entre Selvagens, que pela maior parte ao principio se mostraram hospitaleiros. Estes Colonos voluntarios não foram os unicos: de tempos em tempos o Govermo Portuguez fazia partir para o Brazil um, ou dois navios carregado de prostitutas escandalosas, e incorregiveis, e dos maiores criminosos do Reino, que era quasi o mesmo que entregal-os debaixo dos Tropicos á condemnação, que parecia poupar-se-lhes na Europa. Estes homens, aviltados pelos seus factos, e por uma sentença condemnatoria, se portaram ao principio de algũa sorte circunspectamente com os naturaes do Brazil; mas pouco tardou que estes, pela imprudencia dos novos hospedes, descubrissem muito mais cedo do que podia ser a escravidão que os esperava, e que sem demora tomassem a atitude de-

(a) Francisco 1º Rey de França, quando em 1554 mandou Jacques Cartier vizitar as costas da America dizia engradaçamente — "Que! O „ Rey de Hespanha, e o de Portugal tranquilamente diviriam entre si „ o Novo Mundo sem d'isto me darem parte. Eu dezejara que elles mos„ trassem o Antigo do Testamento de Adão, pelo qual lhes legou a A„ merica! „

Ccaut. de L'Hist. d'Amor.

fensiva. As primeiras relaçoens dos malfeitores Portuguezes com os nossos Indiginas foram pois fatáes ao mesmo tempo a uns, e a outros. Aquelles, assim mesmo depravados como eram, perderam o sentimento de horror, que lhes havia feito experimentar os sacrificios humanos, tão frequentes entre os Selvagens; e estes deixando logo de ter para taes homens (que ao principio tinham julgado de uma Natureza muito superior) a veneração que a sua mesma simplicidadel hes fez tributar, perderam as vantagens, que offerece a civilisação, e sobre tudo, o conhecimento das verdades que ensina a Religião Catholica Apostolica Romana, unica que pode conduzir os miseraveis filhos de Eva á Eterna Gloria.

Tal era a situação de Pernambuco, 20 annos depois do seu descubrimento, quando El-Rey D. Manoel, (o afortunado) depois de um longo Reinado, terminou sua gloriosa carreira, chorado como Pai de seu Povo, amigo das Sciencias, e protector da navegação.

Até esta época a importancia do descubrimento do Brazil, quasi que era desconhecida. Attento unicamente para os negocios da India, o Governo Portuguez cuidava pouco em um Paiz, cujos lucros deviam sahir mais da agricultura, que do commercio. Os Portuguezes amavam então tanto o commercio, e empregavam n'elle tanto ardor, quanto os Hespanhoes no descubrimento de minas de ouro, e prata. D'esta sorte ficou o Brazil aberto ás outras Naçoens da Europa durante os primeiros annos do Reinado de El-Rei D. João 3 °, filho, e successor de D. Manoel. Comtudo aquelle Monarcha, aindaque mais Religioso do que Politico, não tardou muito em dar á descuberta de Cabral a importancia que ella merecia. Tranquillo sobre as pretençoens da Hespanha, desde que terminaram as diferenças entre as duas Naçoens, pelo cazamento que fez com a irman de Carlos 5 °, não teve mais a temer senão a rivalidade dos Francezes, que já nos mares do Brazil exerciam uma especie de pirataria sobre os navios Portuguezes, e ao mesmo tempo tratavam de agradar, e familiarisarem-se com os Indiginas, principalmente com os de Pernambuco, onde em 1530 fizeram algũas carregaçoens de Pau Brazil.

Estas correrias Francezas obrigaram El-Rey D. João 3 ° a mandar por seu Embaixador, fazer reclamaçoens perante o Rey de França; mas não produzindo effeito este meio, resolveu El-Rey tractar como inimigos todos os navios que se encontrassem no Brazil: em consequencia enviou uma Esquadra debaixo do Commando do Capitão Christovam Jaques, encarregando-o de examinar novamente a costa, expulsar d'ella os Francezes, e marcar os pontos convenientes, para construir feitorias, e estabelecimentos permanentes.

Christovam pois, executando pontualmente as ordens de seu Soberano, metteu a pique dois navios Francezes, que achou carregados na Bahia, e, voltando para o Norte, estabeleceu em Pernambuco, na ilha de Itamaracá, a primeira Feitoria Portugueza, que houve no Brazil. Não tardou porem muito tempo que um corsario de Marselha não se apoderasse d'esta Feitoria, guarnecendo-a com 70 homens.

Caberia agora começar a narração do estabelecimento de Duarte Coelho, fundador de Pernambuco, mas parece-me conveniente dar primeiro algũa noticia dos costumes, e estado dos Indiginas Pernambucanos, para depois entrar n'esses detalhes.

CAPITULO 6.º

Breve noticia dos costumes, e caracter dos Indiginas de Pernambuco, e dos das Capitanias limitrofes.

1530.

O Brazil na época de seu descubrimento era possuido por muitas Naçoens diversas; umas occultas nos bosques, outras estabelecidas nas planices sobre as margens dos rios, ou nas costas maritimas: algũas pacificas, a maior parte errantes; estas achando na pesca, e na caça a sua principal subsistencia, e aquellas na producção da terra mais, ou menos bem cultivada. Quasi todas estas Naçoens não se communicavam, e pelo contrario, divididas por odios hereditarios, viviam em constante guerra. Discreverei o caracter e costumes das que habitavam Pernambuco, e suas dependencias, apartando-me mui pouco das observaçoens de Mr. Beauchamp.

Pernambuco era pois habitado na costa desde o Rio de S. Francisco até Itamaracá, e suas proximidades, pelos *Cahetés*, Tribu Selvagem, e ferós; e desde Itamaracá até o rio Abiay, que o devide da Parahiba, pelos *Tabayrés* da mesma casta, mas menos feroses, e fieis nos seus tractados. Os Petiguarés, os mais crueis de todos, possuiam a costa da Parahiba, e do Rio Grande. Os Paratiós, os Chiquirús, e os Caririz, habitavam parte do nosso Sertão.

A antropófagia dominava em todos estes Selvagens: comiam em ceremonial com medonha alegria os seus presioneiros de guerra; mas nem todos os Indios do Brazil eram antropófagos; parece ser a casta dos Tupiz que troxe do Sertão este uzo horrendo, que os Portuguezes acharam introduzido quasi em todo o litoral. A linguagem Tupy era a mais vulgar, ainda que no Brazil se fallava mais de 150 lingoas barbaras, oriundas, segundo a opinião de alguns Missionarios, do Idioma Guarany, lingoa

Mai da America.

Mas aproximados ao bruto do que ao homem, estes Selvagens não reconheciam Divindade algũa: pelo menos nem um indicio davam, que demonstrasse este sentimento consolador, que, bem se pode dizer, he innato na especie humana. Nem uma palavra em sua lingoa expremia o nome de Deus, nem idéa relativa ao Senhor do Oniverso: todavia elles tributtavam notavel veneração ao Sol, e a Lua, e mostravam um grande temor pelo estrondo dos trovoens. Ainda que os signaes de veneração, e respeito que tributavam ao Sol, e a Lua não tivessem caracter de Culto, e nem demonstrassem, que as suas idéas se elevavam á sima dos objectos visiveis; com tudo elles eram supersticiosos: tal vez que as sombras, o dilirio, os sonhos, e em sũma todas essas cauzas phisicas, tão poderosas para alienar espiritos fracos, gerassem superstiçoens, que os seus Pagès, ou advinhos souberam acreditar.

Chocarreiros, e ao mesmo tempo Sacerdotes, os *Pagés* affirmavam a existencia de um espirito mal fazejo, do qual se gloriavam moderar a perigosa influencia; eram por tanto consultados nas enfermidades, e nas occaziões perigosas, principalmente no acto de se fazer a guerra, ou tractar-se a paz. E quanto não depoem esta mesma grosseira crensa contra os libertinos, e materialistas? Quem infundiu n'aquelles barbaros a idéa de espiritos bons, e máos, necessaria consequencia de que acreditavam na existencia d'Alma, e de um Ser Supremo, senão a antiga tradicção dos tempos Deluvianos, e a relação que estas verdades tem com a Natureza? Mas tornemos aos Pagés.

A grosseira crença que estes impostores infundiram no animo dos seus pelos movimentos, e gestos extraordinarios, promessas, e advinhaçoens, induzem a crer; que todos aquelles que os consultavam supunham n'elles relacoens com os Seres inviziveis, superiores a especie humana. Os Cahetés com effeito (assim como todos os Selvagens encontrados no Brazil) attribuiam aos seus advinhadores, não só o poder de fazer as terras ferteis, mas igualmente de inspirar aos guerreiros força, e valor; atributos entr'elles os mais apreciaveis.

Cada Pagé vivia só em uma gruta sombria, onde nem um outro Selvagem ouzava entrar: alli traziam-lhe quanto pedia, e tal imperio exercia nos animos, que si elle prognosticava a morte d'algum, que por ventura o offendia; este desgraçado deitava-se imediatamente na cama, e certo que infalivelmente moria não podia mais comer, nem beber, e assim se realisava o anáthema! Quanto pode a imaginação preocupada!!

Os Selvagens de Pernambuco andavam nús, pintavam a cu-

tis , excepto a do rosto , de côr vermelha , e uniam a esta tinta geral algũas camadas de cores diversas , em muitas partes do Corpo. As mulheres faziam grandes buracos nas orelhas , por onde enfiavam (em lugar de brincos) grossas enfiadas de pequenos óssos brancos , e de pedras de cor , que a maneira de Rosarios lhe cahiam sobre as espaduas. Os homens pellavam cuidadosamente todo o corpo , e entr'elles era uma parte essencial de belleza ter o nariz chato ; de maneira que o primeiro cuidado de um Pai, era dar esta forma ao nariz de seu filho. Nas suas guerras , ou nas festas , ornavam com pennas verdes , amarellas , e vermelhas a testa , as faces , e os braços , ligando estas pennas , tecidas com muit'arte , com goma , ou mel silvestre. Os Chefes , (Caciques) destinguiam-se por um grande collar de conchas.

Entr'estes Selvagens era permettida a poligamia , mas os maridos com tanta facilidade tomavam mulheres , com quanta as deixavam ; porem nem um joven podia cazar, antes que tivesse prezo , ou morto algum inimigo. A mulher para poder cazar não precizava mais do que ter os primeiros signaes de sua puberdade. As donzellas antes de cazar , entregavam-se sem pejo aos homens solteiros , e seus proprios Paes as offereciam ao primeiro que aparecia ; e assim não he para admirar , que na ceremonia do cazamento , que consestia na simples promessa de amor , e fidelidade nem uma estivesse no estado de virgindade ; porem logo que casavam eram fieis a seus maridos , por que o adulterio era reputado infamia grande entr'estes Povos. A condição das mulheres cazadas era desgraçada : tornavam-se escravas dos maridos , eram obrigadas a seguil-os na guerra , e carregar com as provizoens da familia. A principal occupação das mulheres consestia em fiar algodão para fazer redes, e cordas. Tambem ellas se occupavam em fabricar vasos de barro para os uzos domesticos.

As habitacoens variavam na forma , na grandeza , e na distancia de umas as outras ; porem o mais ordinario eram cazas de palha , ou cabanas destribuidas em Aldeias. Algũas povoações havia , cercadas de muros feitos de barrotes , cujos entervallos eram cheios de terra.

A Mandioca era o sustento diario destes Selvagens ; e a esta raiz ajuntavam-lhe outras que redusiam a farinha para comporem bebidas , e tambem bollos mais , ou menos consistentes. A caça , e apesca supriam o resto das precizoens. Não commiam quando bebiam , e vicæ versa ; costume commum de quasi todos os Indiginas da America.

Menos sujeitos ás enfermidades , que as naçoens civilisadas adquirem pelo luxo , e moleza em que vivem , prescreviam

aos seus doentes diéta absoluta, davam-lhes algũas bebidas compostas de seus vegetaes, e n'isto consestia toda a Medecina de seus Pagés. Si porem a doença se tornava incuravel, matavam o doente, quebrando-lhe a cabeça, por que tinham por maxima: que melhor he morrer rapidamente, do que padecer por longos dias, e depois vir a morrer.

Celebravam os seus funeraes carpindo-se, e com tristes lamentaçoens, que ordinariamente continham o elogio do falescido. Si era pai de familia enterravam com elle as suas armas, pennas, e collares, o que nos fornece algũa prova para se crer, que a idea da outra vida lhes não era totalmente estranha. Enterravam os seus mortos em pé, e algũas vezes levantavam sobre a cova, como destinção honorifica, pedras cobertas de certas folhas, que se conservam por muito tempo seccas. Nunca se aproximavam a estes monumentos, sem dar gritos, e derramar copiosas lagrimas.

Não tinham Reys, nem Principes, e nem forma algũa de Governo permanente: a unica Superioridade que reconheciam em tempo de guerra era a de seus Anciãos, ou Velhos directores, encarregados n'esse tempo de excitar por seus descursos a mocidade a tomar armas. Nas grandes crizes juntavam-se em conselho ao qual denominavam *Carbés*, e ahi decidiam-se as questoens por votos unanimes: sem unanimidade de votos nada se decidia.

O homicidio era o unico crime que castigavam: os paes, ou parentes do matador eram obrigados a entregal-o aos do morto, e estes afogavam o culpado, e o enterravam. A reconciliação sincera, e prompta sucedia a esta satisfação; bem diferentes n'isto dos povos civilisados, entre os quaes são muitas vezes hereditarios os odios nas familias! Felices seriamos si não podessemos apontar entre nós mesmos d'estes exemplos, como desgraçadamente podemos indicar!

Sem outras Leis mais que os seus costumes, seguindo quasi sempre o instincto natural, varias Tribus Pernambucanas, principalmente a dos Tabayrés, possuiam algũas virtudes domesticas, e sociaes: exercitavam, e respeitavam a hospitalidade, viviam tranquilamente entre si, soccorriam-se nas enfermidades, e eram fieis aos seus aliados.

Estes Selvagens eram todavia dados a indolencia, e á occiosidade, que os caracteriza. Em tempo de pás manifestavam de algũa sorte enclinaçoens dóceis, e socegadas, e a sua endolencia chegava a tanto, que era mui frequente durmirem muitas vezes vinte e quatro horas seguidas; mas passando de repente de um extremo ao outro, levavam dias inteiros a dansar, e a fazer outros exercicios violentos.

Era com especialidade nos combates, que se manifestava a sua activa, e horrivel ferocidade, e que a crueldade levada ao maior auge, se transformava em virtude guerreira. Nos seus banquetes, desviando qualquer outra idea, entretinham-se com fervor na combinação dos planos contra os inimigos, e principalmente com o prazer que se promettiam de engordal-os, para depois matal-os, e comel-os.

Era mui raro haver entre elles outros motivos para a guerra alem da vingança. A sua principal arma era uma maça a que chamavam -- *Tacapa* -- feita de pau mui forte, e pezado, romba em uma extremidade, e os dois lados com gumes, tendo de comprimento seis pez, e um de largo n'essa extremidade, e no cabo uma polegada de grossura. Uzavam igualmente (como ainda uzam os seus descedentes) de arcos feitos de paus durissimos a que chamavam *Virapára*, servindo-se do fio de algodão para as cordas d'estes arcos, dos quaes habilmente faziam expedir setas, ou flexas a que denominavam *Vyba*, e quando eram ervadas (das quaes especialmente uzavam na guerra) *Vybaacy*. Estas flexas eram armadas de fortes espinhas, ou dentes de peixe, e com tal destreza d'ellas uzavam, que jamais um passaro voando escapava de seus tiros. Uma especie de Corneta a que chamavam *Irubiá*, e flautas que denominavam *Memby* (a) feitas ordinariamente dos óssos das pernas de suas victimas, eram os seus unicos instrumentos de musica.

Apenas o signal de marchar era dado pelos Anciãos, todos os guerreiros se punham em marcha, excitando-se por expressoens as mais energicas de vingansa, e odio. Si em algũa das expediçoens era precizo embarcar, não se desviavam muito das costas pela fragelidade de suas canoas, feitas de um só pau.

Chegados ao paiz que queriam devastar, emboscavam-se cuidadosamente, porque raras vezes atacavam a peito descuberto. Então, cobertos com a sombra da noite, penetravam as habitações, lansavam-lhe fogo, e, aproveitando-se da primeira confuzão, commettiam toda a casta de crueldades. Seu fim principal era fazer prisioneiros, sem os quaes não ficaria satisfeita sua vingansa.

Sendo obrigados a combater em campo juntavam-se, formavam uma especie de Batalhão, marchavam com cadencia, mas acceleradamente; e algũas vezes suspendiam esta marcha para ouvirem descursos mui inflamados, que duravam horas. Então o ardor de combater se tornava em furor desmedido, e os dois partidos acommettiam-se dando gritos, e urros espantosos.

(a) Os flautistas se denominavam na Lingoa Indigina *Memby-jupyçara*.

Entretanto faziam soár as Cornetas , estendiam os braços , ameaçavam-se , e insultavam-se reciprocamente , mostrando os óssos dos prizioneiros que cada um tinha comido. Chegados a duzentos , ou trezentos passos um dos outros, desparavam logo um chuveiro de flexas. As pennas de varias cores de que os gerreiros se a dornavam, e as que estavam prezas ás flexas, espalhavam sob os raios do Sol tal esplendor , que seria difficil descrever tão espantoso espectaculo. Os guerreiros feridos pelas flexas , arrancando-as do corpo , quebravam estes intrumentos de sua dôr, e os mordiam de raiva , e assim em quanto lhe restavam forsas nunca se punham fora do combate , dando com as suas maças , golpes terrivêis , e quasi sempre mortaes.

Decidida a sorte do combate, os vencedores amarravam os prisioneiros , e mostravam-lhes os dentes , maneando as maças , para que elles não duvidassem da sorte que os esperava. Depois mettiam os prezioneiros no centro , e assim entravam em triunfo na sua Aldeia. Ao principio estes infelises eram tratados com uma bondade aparente , lemitando-se o captiveiro ás cautellas necessarias para evitar a fuga ; até lhes davam mulheres para os consolar , pondo sobre tudo o maior cuidado em engordal-os. Quando os viam no estado de nutrição, que lhes desafiava o paladar marcavam o dia de sua morte. As mulheres tinham a seu cargo preparar as vazilhas de barro , compor os licores para a festa , e entransar a *Mussurana* , ou grande corda de fio de algodão , que devia ligar a victima no acto de ser immolada. Os Chefes principaes com o corpo pulverisado de goma, e ornado de pennas curtas, despostas com semetria, segundo as cores, enfeitavam tambem com massos de pennas a astea, ou cabo da *Livvarapemme* , isto he da maça que devia terminar os dias da victima.

Todos os Indiginas da Aldeia, convidados para a ceremonia , passavam dois dias inteiros a dansar, e a beber com o captivo, que parecia não fazer outro papel senão o de convidado; e postoque estivesse certo da sorte que o esperava, fingia a alegria com que se destinguia. As mulheres no dia seguinte traziam a *Mussurana*, e a lansavam aos pés do prisioneiro, e a mais velha d'entr'ellas entoava a cantiga da morte , em quanto os homens deitavam o laço ao pescoço da victima , e a amarravam. A cantiga era allusiva a este laço = « *Somos nós* (cantavam as Indiginas) *que temos o pas-* « *saro prezo pelo pescoço* , (e mofando do captivo por não lhes » poder fugir , continuavam) *Si tu fosses papagaio , que rou-* » *basses nossos campos terias fugido* ». Então muitos dos Selvagens, pegando nas pontas da *Mussurana* ligavam o captivo pelo meio do Corpo, e neste estado passeavam com elle em triunfo. O prezo porem, a quem deixavam as mãos livres , não dava o menor

signal de abatimento , ou de susto; pelo contrario , olhando com altivez para todos que chegavam ao lugar da sua passagem , fallava-lhes , trazia-lhes á memoria as suas expediçoens contra elles , dizendo a um que matara seu pai , a outro que comera seu filho , &c. Entretanto findas estas desputas lhe recommendavam, que levantasse os olhos para o Sol , porque nunca mais o poderia ver , e logo acendiam a fogueira , sobre a qual seus membros em pouco tempo deviam ser estendidos. Quando a hora era chegada , uma mulher cantando e dansando trazia a *Livvara-pemme*, a a roda da qual se havia cantado e dansado desde o amanhecer do dia. O executor aparecia n'esta occazião acompanhado de uma duzia, pouco mais, ou menos de seus amigos , ornados de goma , e de pennas para a ceremonia. Aquelle que tinha a maça , ou *Livvara-pemme* a offerecia á principal personagem da festa ; mas o Chefe da Tribu depois de pegar n'ella , e passal-a muitas vezes por entre as pernas com grandes gestos , a entregava ao executor , que adiantando-se com os seus amigos fazia sciente ao captivo , que antes de morrer se lhe permettia o vingar-se.

Então o presioneiro entrava em furor, apanhava pedras, e as arremessava contra tudo que o cercava ; mas pouco tardava que não se avansasse com a maça na mão, ornado das mais bellas pennas, aquelle que o devia sacrificar. N'este momento um estranho dialogo se suscitava entre ambos : o executor , como vingador de seus companheiros , perguntava ao captivo si era verdade ter elle morto, e comido muitos dos principaes da sua Tribu. Este, gloriando-se por esta confissão, respondia com ameaças, disendo pouco mais, ou menos. Dá-me aliberdade, que eu te comerei, e aos teus. Está bem, respondia o executor , nós te prohiberemos d'isto ; eu vou tirar-te a vida, porque tú, e os teus haveis comido muitos irmãos meus, e tu por isso serás hoje mesmo comido. Esta he a sorte da vida, tornava o presioneiro , os meus Amigos são muitos , elles me vingaráõ. Ainda bem não eram proferidas estas palavras, e logo o executor, levantando a maça, esmagava de um só golpe a cabeça da victima. As mulheres lansavam-se em continente sobre o cadaver, despedaçavam-no com pedras, que cortavam como o ferro, e untavam os filhos com o sangue; ás de maior idade competia limpar as entranhas da victima, que eram no mesmo momento assadas, e devoradas, assim como as outras partes do Corpo. Durante este abominavel banquete, os velhos exortavam os mancebos a procurar mais occazioens iguaes a esta por suas façanhas guerreiras. Não sei n'esta horrivel festá o que mais admire: si a engenhosa barbarida dos algoses, si o valor exaltado das victimas.

Estes Selvagens , apezar do horroroso atractivo que os arrastava a comer carne homana com tanto prazer , todavia só comiam

os presioneiros , e sempre segundo o ceremonial que a cima descrevi, deixando intactos os cadaveres dos que morriam no campo da batalha.

O uzo commum dos Selvagens era amontoar nas Aldeas as cabeças dos prisioneiros que comiam , e mostrar aos estrangeiros por vangloria estes monumento de seu valor , e vingança. Recolhiam com igual cuidado os óssos mais grossos das coxas , e dos braços para fazerem as suas flautas, e sobre tudo os dentes, que , enfiados a maneira de contas , penduravam ao pescoço. Geralmente mediam a sua gloria pelo numero de prisioneiros , e grande cuidado empregavam em perpetuar a memoria do dia em que ganhavam algũa accão, fazendo, por meio de insizoens, debuxos nos braços , nos peitos , nas pernas , e mais partes do corpo.

Tambem algũa parte do Norte dos Sertoens de Pernambuco, da Parahiba, do Rio Grande do Norte, e do Ceará, era habitada por outra raça denominada Tapuya. Esta raça que, segundo as tradiccoens mais antigas , havia sido senhora do Sul do Brazil , e donde fôra expulsa , pelos Tupís , destinguia-se das outras pela estatura alta , cabellos negros , e compridos, côr parda, e força extraordinaria. O seu nome quer dizer -*Inimigos*- titulo que estes selvagens tomaram, pelo estado de guerra continua, que estavam obrigados a manter contra as outras raças , e mesmo por que entre si viviam em effectiva luta. Com tudo de todos os Selvagens eram estes os menos crueis. Não matavam, he verdade, os seus prisioneiros ; mas nem por isso deixavam de ser antropófagos : em vez de comerem os seus inimigos , comiam os seus proprios mortos , como derradeira prova de afecto. Logo que um menino morria, seus paes o comiam , e si era adulto toda a familia tomava parte n'este horrivel banquete !

Os Tapuyas passavam uma vida errante , a maneira dos Arabes , com a diferença porem que elles se continham em lemites particulares , e só mudavam de habitação , segundo as diferentes estaçoens do anno. Os cabellos cortados a maneira de coroa , e a unha do dedo polegar direito de comprimento excessivo, eram os unicos signaes destinctivos dos seus Chefes, ou Caciques, os quaes uzavam tambem de uma capa tecida de algodão , guarnecida com uma renda bordada com pennas de passaros de diferentes cores. Alem d'esta capa, uzavam de uma especie de capuz , com que cubriam a cabeça ; mas estes vestidos só eram uzados nos dias de festividades publicas.

Em 1530 contavam-se só desta raça perto de settenta e seis povoaçoens guerreiras , destinctas por diferentes nomes, e quasi todas espalhadas pela Parahiba , Rio Grande , e Ceará. D'este numero eram os *Gayós* , que ervavam as suas flexas ; os *Jabo-*

rós-Apuyarés, sempre errantes, e que não uzavam d'outra arma senão de paus tostados ponteagudos; os *Aquigirós*, que por excepção notavel eram pigmeos, mas corajosos, e robustos; os *Paliés*, que vestiam-se com uma tunica de canhamo, sem mangas, e fallavam uma lingoa particular; os *Cuxarás*, que habitavam o centro dos Sertoens; os *Mandavés*, e os *Naporás*, que exerciam a agricultura, e muitos outros que nem uma condição tinham que os destinguisse.

No meio de todos estes antropófagos os Campébos eram os unicos que não comiam carne homana; mas decapitavam seus inimigos, e traziam as cabeças penduradas a cintura.

Finalmente tambem pertenciam a raça dos *Tapuyas* os *Mariquitos*, que habitavam parte da Provincia das Alagoas, e que passavam a vida nos bosques. Estes Indios atacavam de ordinario os seus inimigos a cara descuberta, e muitas vezes empregavam o ardil com o bom successo, que lhes assegurava a agilidade de que eram dotados. As mulheres d'estes Selvagens, de figura assás agradavel, partecipavam das suas desposiçoens guerreiras.

Taes eram pouco mais, ou menos os signaes que caracterisavam as Nacoens Indignas, quando Duarte Coelho Pereira tomou posse de Pernambuco. Então a Policia Europea não tendo ainda penetrado os bosques, e as montanhas do Sertão; o caracter primitivo das povoaçoens conservava-se fielmente.

CAPITULO 7°

El-Rey fás doação a Duarte Coelho Pereira de 60 legoas de costa. Duarte Coelho salta em Itamaracá, expulsa os Francezes, bate os Cahetés, e funda Iguarassú.

1530.

Os degredados, e as mulheres de quem Portugal havia descartado-se, por mui pouco tempo conservaram para com os Indios, que tão bem os receberam, a prudencia, que tanto lhes convinha guardar. Aquella gente, tão longe de sua Patria, condemnada a viver entre um povo barbaro, que por felicidade afavelmente a acolhera, em vez de portar-se com este povo de uma maneira que não o desgostasse; pelo contrario tão altiva se mostrou, e de tal sorte se conduziu, que aquelle mesmo povo, que tão hospitaleiramente a hospedára, se viu obrigado a tratal-a como inimiga, e a declarar-lhe guerra. E com effeito nem um só escaparia de ser devorado, si a chegada de Chris-

Duarte Coelho nunca teve o sobre nome de Per.ª Eu seguindo outros escriptores cahi com elles n'este erro; mas

tovam Jaques, e a Fortificação, e Feitoria que estabelecera não lhes servisse de guarida; ainda assim mui poucos poderam ganhar este asylo, porque a maior parte foi victima de sua mesma imprudencia, cahindo em poder dos Indios antropófagos.

Os Corsarios Francezes, que andavam na costa, e que tinham sabido ganhar a afeição dos Indiginas, aproveitaram-se d'estas circunstancias, e, com o auxilio d'aquelles mesmos Indios que a pouco tempo tão benignamente haviam recebido os Portuguezes, atacaram o estabelecimento de Jaques, e a final apoderaram-se d'elle, presionando todos que o defendiam.

N'este estado estavam os negocios de Itamaracá, quando instruido El-Rey D. João 3 º, pela exacta informação que lhe deram Vespucio, Jaques, e outros, que por ordem de seu falescido Pai tinham vizitado a costa do Brazil, de que este requissimo, e ameno Paiz offerecia proporçoens para fundar-se um Imperio, deliberou povoa-lo, e n'elle propagar a fé Christan; não como até então se tinha feito, com a remessa de criminosos infames, e de mulheres depravadas, mas sim de familias illustres, e abastadas, cujos Chefes, tendo servido o Estado com destincão e honra, receberiam em premio de seus serviços a dotação de um certo numero de legoas, com a condição de povoal-as, e civilizar os Indios, que por ventura n'ellas habitassem. Dividiu pois El-Rey todo o Brazil em 14 Capitanias: d'estas, oito conquistaram suas armas, e por isso sempre pertenceram á Coroa, e seis, tendo sido dadas a diversos Varoens, a estes ficaram pertencendo, porque as conquistaram: Pernambuco, e Itamaracá foram deste numero.

Duarte Coelho Pereira, que servira na India com honra, inteligencia, e valor, já como Diplomata, e já como General, foi um dos que em remuneração de seus serviços teve a Capitania de Pernambuco, uma das seis doadas.

Poderia eu aqui, resumindo a doação, dar apenas uma idéa d'ella; porem não escrevendo eu agora a historia; mas sim Memorias para ella, julgo que devo oprezentar áo Historiador a integra d'essa Doação, que El-Rey fez escrever tres annos depois da partida do Donatario, e já quando Olinda estava fundada. A intrega da Doação eil-a.

» Dom João por graça de Deos Rey de Portugal, dos Al-
» garves, da quem, e da alem Mar em Africa, Senhor de Guiné,
» e de Conquista, Navegação, Commercio da Etiopia, Ara-
» bia, Persia, e da India &c. &c. A quantos esta minha Car-
» ta virem: Faço saber que considerando eu quanto serviço de
» Deos e meu proveito, e bem do meu Reyno e Senhorios, e
» dos Naturaes, e Suditos delles, he ser a minha Costa, e ter-

Depois estudando melhor esta questão vim a conhecelo e corregi na 2ª edição d'este 1º Tomo no Cap. 7 pag 40 e principalmente 91 e seguintes. Advirta-se q nem premi este 1º Tomo somente p.ª expurgal-o das inexactidoens com q sahio esta té em us p filhas de meu amanuence, e de me fiar em typographos.

» ra do Brazil mais povoada do que até agora foi assi para se nel-
» la aver de cellebrar o culto, e Officios Divinos, e se exalçar
» a nossa Santa fé Catolica com trazer, e provocar a ella os Na-
» turaes da dita terra Infieis, e Idolatras, como pelo muito pro-
» veito que se seguirá á meus Reynos e Senhorios, e aos Na-
» turaes, e Subditos delle de se á dita terra povoar, e apro-
» veitar, ouve por bem de a mandar repartir, e ordenar em
» Capitanias de certas em certa legoas, para della prover aquellas
» pessoas que me bem parecese, pelo qual esguardando eu os
» muitos serviços que Duarte Coelho, Fidalgo da minha caza, a
» El-Rey meu Senhor, e Padre que Santa Gloria haja, e a
» mim tem feito assi nestes Reynos, como nas partes da India
» omde serviu muito tempo, e em muitas couzas a meu serviço,
» nas quaes deu de si muito boa conta, e vendo como he razão
» de lhe fazer merce, assi pelos serviços que até aqui tem feito
» como por os que espero que me ao diante fará, por todos estes
» respeitos, e per algum outros que me a isto movem, e por
» folgar de lhe fazer merce de meu proprio moto, certa ciencia,
» poder Real, e absoluto sem me elle pedir, nem outrem por
» elle, Hei por bem, e me praz de lhe fazer, e como de feito
» por esta prezente Carta faço merce, e irrevogavel Doação que
» entre vivos e valedora deste dia para todo sempre de juro, e
» herdade para elle, e todos os seus filhos, netos, herdeiros,
» sucessores, que apoz elle vierem, assi descendentes, como
» transversaes, e culateraes, segundo adiante irá declarado,
» de sessenta legoas de terra na dita Costa do Brazil, as quaes se
» comessarão no Rio de S. Francisco, que é do Cabo de S. A-
» gostinho para o Sul, e acabarão no rio que cerca em redondo
» toda a Ilha de Itamaracá ao qual rio ora novamente ponho no-
» me rio de *Santa Cruz*, e mando que assi se nomeie, e cha-
» me da qui em diante; e isto com tal declaração que ficará com
» o dito Duarte Coelho a terra da banda do Sul, e o dito rio on-
» de Christovão Jaques fez a primeira caza de minha Feitoria,
» e a sincoente passos da dita caza da Feitoria pelo rio a dentro
» ao longo da praia se poerá hũ padrão de minhas Armas, e do
» dito padrão se lançará huma linha cortando al oeste pella ter-
» ra firme a dentro, e a terra da dita linha para o Sul será do
» dito Duarte Coelho, e do dito padrão pelo rio abaixo para a
» barra e Mar, ficará assi mesmo com elle Duarte Coelho ame-
» tade do dito rio de S. Cruz para a banda do Sul, e assi en-
» trará na dita terra e demarcação della todo o dito rio de *S.*
» *Francisco*, e a metade do rio *Santa Crus* pela demarcação
» sobredita, pelos quaes rios elle dará serventia aos vesinhos
» delle, de huã parte e da outra, e avendo na frontaria da dita

» demarcação algumas Ilhas ey por bem que sejam do dito Du-
» arte Coelho , e aneixar a esta sua Capitania sendo as taes Ilhas
» até dez legoas ao mar na frontaria da dita demarcação pela li-
» nha de Leste , a qual linha se entenderá do meio da barra do
» dito rio de *S. Cruz*, cortando de largo ao longo da Costa , e
» entrarão na mesma largura pelo sertão e terra firme a dentro ,
» tanto quanto poderem entrar , e for de minha conquista , na
» qual terra pela sobredita demarcação lhe assi faço Doação , e
» mercê de juro , e de herdade para todo sempre como dito he ,
» e quero , e me apraz que o dito Duarte Coelho , e todos seus
» herdeiros , e sucessores que a dita terra herdarem , e subse-
» derem se possam chamar Capitaens , e Governadores d'ella.

» 1. º Outro si lhe faço Doação e merce de juro e herdade
» para sempre para elle e seus descendentes successores no modo
» sobredito da jurisdição civil e crime da dita terra , da qual el-
» le dito Duarte Coelho e seus herdeiros , e successores uzarão
» na forma e maneira seguinte.

» 2. º Poderá por si , e por seu Ouvidor estár a elleição
» dos Juizes e Officiaes , o alimpar e apurar as pautas , e passar
» Carta de confirmação aos ditos Juizes , e Officiaes as quaes se
» chamarão pero dito Capitão e Governador , e elle porá Ouvi-
» dor que poderá conhecer de acçoens novas a dez legoas donde
» estiver , e de appelaçoens e aggravos conhecerá em toda a dita
» Capitania e Governança , e os ditos Juizes darão appelação pa-
» ra o dito seu Ouvidor nas quantias que mandam minhas Or-
» denaçoens , e do que o dito seu Ouvidor julgar asi por acção
» nova , como por appelação e aggravo, sendo em cauzas civeis
» não haverá appelação nem aggravo até quantia de cem mil reis,
» e da hi para cima dará appelação á parte que quizer appelar ,
» e nos cazos crimes ey por bem que o dito Capitão e Governa-
» dor e seu Ouvidor tenham jurisdição e alçada de morte natu-
» ral inclusive em Escravos , e Gentios ; e assi mesmo em Piães
» Cristãos homens livres , e em todos os cazos assi para absol-
» ver , como para condemnar sem haver appelação nem aggra-
» vo , e nas pessoas de mor calidade terão alçada de dez annos
» de degredo , e até cem cruzados de pena, sem appelação nem
» aggravo, e porem nos quatro cazos seguintes a saber : *heresia*,
» quando o heretico lhe for entregue pelo Ecclesiastico , *e trei-*
» *ção* , *e sodomia* , *e moeda falça* terão alçada em toda a pes-
» soa de qualquer calidade que seja para condemnar os culpados
» á morte , e dar suas Sentenças á execução sem appelação, nem
» aggravo ; e porque nos ditos quatro cazos pera absolver de
» morte , posto que outra pena lhe queiram dar menos de morte,
» darão appelação e aggravo por parte da Justiça.

» 3 ° Outro si me praz que o dito seu Ouvidor possa co-
» nhecer das appelaçoens , ou aggravos que a elle ouverem de ir
» em qualquer Villa , ou Lugar da dita Capitania em que esti-
» ver posto que seja muito apartado do lugar onde assi estiver ,
» com tanto que seja na propria Capitania , e o dito Capitão e
» Governador poderá poer Meirinho dante o dito seu Ouvidor ,
» e Escrivão , e outros quaes quer Officios necessarios , e acos-
» tumados nestes Reynos , e assi na Correição da Ouvedoria
» como em todas as Villas e lugares da dita Capitania e Gover-
» nança. E será o dito Capitão e Governador e seus sobcesso-
» res obrigados quando a dita terra for povoada em tanto creci-
» mento que seja necessario poer outro Ouvidor de o poer onde
» por mim , ou por meus Successores for ordenado.

» 4 ° Outro si me praz que o dito Capitão e Governador ,
» e todos os seus Sucessores possam per si fazer Villas todas e
» quaes quer Povoaçoens que se na dita terra fizerem e lhe a elle
» parecer que o devem ser, as quaes se chamarão Villas , e terão
» Termo e Jurisdição, Liberdades, e Insignias de Villas, segundo
» foro e costumes de meus Reynos, e isto porem se entenderá que
» poderaõ fazer todas as Villas que quiserem das Povoaçoens que
» estiverem ao longo da Costa da dita terra, e dos rios que se
» navegarem , porque por dentro da terra firme pelo Sertão , as
» não podorão fazer , menos espaço de seis legoas de hũa a outra
» para que possam ficar ao menos tres legoas de terra de Termo
» a cada hũa das ditas e ao tempo que assi fizerem as taes Villas ,
» ou cada hũa dellas , lemitarão , e assignaráõ logo termo para
» ellas , e depois não poderão da terra que assi tiverem dada por
» termo fazer mais outra Villa sem minha licença.

» 5 ° Outro si me praz que o dito Capitão e Governador ,
» e todos os seus Sucessores a que esta Capitania vier, possam no-
» vamente crear , e prover por suas cartas os Taballiaens do
» Publico e Judicial que lhe parecer necessario nas Villas e Po-
» voaçoens da dita terra , assi agora , como pelo tempo adian-
» te , e lhe darão suas cartas assignadas por elles , e asseladas
» com seu sello , e lhes tomarão juramento que sirvam seus offi-
» cios bem , e verdadeiramente , e os ditos Tabaliaens servirão
» pelas ditas Cartas sem mais tirarem outras em minha Chance-
» laria ; e quando os ditos officios vagarem por morte , ou re-
» nunciação, ou por erros de se assi he , os poderão isso mesmo
» dar , e lhe darão os Regimentos per onde hão de servir con-
» formes aos de minha Chancellaria , e ey por bem que os ditos
» Tabaliães se possam chamar e chamem pelo dito Capitão e Go-
» vernador e lhe pagarão suas pensoens , segundo forma no Fo-
» ral que ora para a dita terra mandei fazer , das quaes pensoens

» lhe assi faço mercê , e doação de juro e herdade para sempre.
» 6 ° E outro si lhe faço doação e merce de juro e herdade
» para sempre das Alcaidarias Mores de todas as ditas Villas e
» Povoaçoens da dita terra com todas as rendes , direitos , fo-
» ros , tributos , que a ellas pertencerem , segundo são escri-
» ptas e declaradas no Foral, as quaes o dito Capitão e Governa-
» dor , e seus cuccessores haverão e arrecadarão para si no mo-
» do e maneira no dito Foral contheudo e segundo forma d'elle ,
» e as pessoas a que as ditas Alcaidarias Mores forem entregues
» da mão do dito Capitão e Governador , elle lhes tomará a me-
» nagem dellas segundo forma de minhas Ordenaçoens.
» 7 ° Outro si me praz por fazer merce ao dito Duarte Co-
» elho , e a todos seus Successores a que esta Capitania e Go-
» vernança vier de juro e herdade pera sempre que elles tenham
» e ajam as moendas de agoas , marinhas de Sal , e quaes quer
» outros engenhos de qual quer calidade que sejam que na dita
» Capitania e Governança se poderem fazer , e ey por bem que
» pessoa alguma não possa fazer as ditas moendas , marinhas ,
» nem engenhos se não o dito Capitão e Governador , ou aquel-
» les a que elle pera isso der licença, de que lhe pagarão aquelle
» foro , ou tributo que se com elles concertar.
» 8 ° Outro si lhe faco doação e merce de juro e de her-
» dade para sempre de dez legoas de terra ao longo da Costa da
» dita Capitania , e Governança , e entrarão pelo Sertão tanto
» quanto poderem entrar , e for de minha Conquista , a qual
» terra será sua , e livre , e izenta sem della pagar foro , tri-
» buto , nem direito algum , somente o Dizimo de Deos a Or-
» dem do Mestrado de Nosso Senhor Jesuz Christo , e dentro
» de vinte annos do dia que o dito Capitão e Governador tomar
» posse da dita terra , poderá escolher e tomar as ditas dez lego-
» as de terra em qual quer parte que mais quiser ; não as to-
» mando porem juntas , se não repartidas em quatro ou cinquo
» partes , e não sendo de huma a outra menos de duas legoas ,
» as quaes terras o dito Capitão e Governador , e seus Succes-
» sores poderão arrendor , e aforar em fatiota , ou em pessoas ,
» ou como quiserem , e lhes bem vier , e pelos foros , e tribu-
» tos que quiserem , e as ditas terras não sendo aforadas , ou
» arrendadas dellas quando o forem virão sempre a quem suce-
» der na dita Capitania , e Governança pelo modo nesta doação
» contheudo , e das novidades que Deos nas ditas terras der ,
» não o dito Capitão e Governador , nem as pessoas que da sua
» mão serão as tiverem, ou troxerem obrigados a me pagar foro,
» nem direito algum, somente o dizimo de Deos a Ordem que
» geralmente se hade pagar em todas as outras terras da dita

» Capitania , como abaixo irá declarado.

» 9.º Item o dito Capitão e Governador, nem os que a poz » ello vierem não poderão tomar terra alguma de sesmaria na » dita Capitania para si nem para sua mulher , nem para o filho » e herdetro della , antes darão , e poderão dar e repartir todas » as ditas terras de sesmaria a quaes quer pessoas de qual quer » calidade e condição que sejam , e lhes bem parecer livremente » sem foro , nem direito algum , somente o Dizimo de Deos que » serão obrigados pagar á ordem de todo o que nas ditas terras » houverem segundo he declarado no Foral , e pela mesma ma- « neira as poderão dar e repartir por seus filhos fora do Morgado, » e assi por seus parentes ; e porem aos ditos seus filhos e pa- » rentes não poderão dar mais terra da que derem ou tiverem » dado a qual quer outra pessoa estranha , e todas as ditas terras » que assi der de sesmaria a huns , e a outros , será conforme a » ordenação das sesmaria só com a obrigação dellas , as quaes » terras o dito Capitão e Governador, nem seus subsessores não » poderão em tempo algum tomar para si, nem para sua mulher, » nem filhos herdeiros como dito he , nem pôlas em outrem » para depois virem a elles per modo algum que seja , somente » as poderão haver por titulo de compra verdadeira das pessoas » que lhas quiserem vender passados oito annos depois de as taes » terras serem aproveitadas , e em outra maneira não.

» 10. Outro si lhe faço doação e merce de juro e de her- » dade para sempre de ametade da dizima do Pescado da dita » Capitania que a mim pertencer , por que a outra ametade se » hade arrecadar para mim , segundo no Foral he declarado , » a qual ametade da dita dizima se entenderá do Pescado que se » matar em toda a dita Capitania fora das dez legoas do dito Ca- » pitão e Governador ; por quanto as ditas dez legoas he terra » sua , e izenta segundo a tras he declarado.

» 11. Outros si lhe faço duação e merce de juro e de her- » dade para sempre da dizima de todas as rendas , e direitos que » á dita ordem , e a mim de direito na dita Capitania pertencer ; » a saber , que todo o rendimento que á dita Ordem , e a mim » couber ; assi dos Dizimos , como de quaes quer outras rendas, » ou direitos de qual quer calidade que sejam hajam o dito Ca- » pitam e Governador e seus subsessores huã dizima , que he » de dez partes huma.

» 12. Outro si me praz por respeito , do cuidado que o di- » to Capitam e Governador e seus subcessores hão de ter de go- » ardar e conservar o Brazil que na dita terra houver , de lhe » fazer duação e merce de juro e de herdade para sempre da vin- » tena parte do que liquidamente render para mim , forro de to-

» dos os custos , o Brazil que se da dita Capitania trouxer a estes » Reynos , e a conta do tal rendimento se fará na caza da Mina » da Cidade de Lisboa , onde o dito Brazil hade vir. E na dita » casa, tanto que o Brazil for vendido , e arrecadado o dinheiro » d'elle lhe será logo pago , e entregue em dinheiro de contado » pelo Feitor e Officiaes della aquillo que por boa conta na dita » vintena montar , e isto por quanto todo o Brazil que na dita » terra houver hade ser sempre meu, e de meus successores, sem o » dito Capitão e Governador, nem outra algũa pessoa poder tra- » ctar nelle , nem vendel-o para fora , somente poderá o dito » Capitão , e assi os moradores da dita Capitanias aproveitar- » se do dito Brazil ahi na terra , no que lhes for necessario , se- » gundo he declarado no Foral, e tractando nelle, ou vendendo » para fora incorrerão nas penas contheudas no dito Foral.

» 13. Outro si me praz fazer duação e merce ao dito Capi- » tão e Governador , e a seus Successores de juro e de herdade » para sempre que dos escravos que elles resgatarem, e houverem » na dita terra do Brazil , possam mandar a estes Reynos vinte » e quatro peças cada anno, para fazer dellas o que lhes bem vier, » os quaes Escravos virão ao Porto da Cidade de Lisboa , e não » a outro algum Porto , e mandará com elles certidão dos Offi- » ciaes da dita terra , de como são seus, pela qual certidão lhes » serão qua despachados os ditos Escravos forros, sem delles pa- » gar direitos alguns , nem cinco por cento , e alem d'estas vin- » te e quatro peças, que assi cada anno poderá mandar forras , » ey por bem que possam trazer por Marinheiros e Gurumetes em » seus Navios todos os Escravos que quiserem , e lhes forem ne- » cessarios.

» 14. Ontro si me praz por fazer merce ao dito Capitão e » Governador , e a seus Subcessores, e assi aos vizinhos e mo- » radores na dita Capitania que nella não possa haver em tempo » algum direitos de Cizas, nem Imposiçoens, Saboarias, Tributo » do Sal, nem outros alguns Direitos, nem Tributos de qualquer » calidade que sejam, salvo aquelles que per bem desta Duação e » do Foral ao prezente são ordenados que haja.

» 15. Item Esta Capitania e Governanca , e rendas e bens » dellas, ey por bem e me praz que se herde e subceda de juro e » de herdade para todo sempre pelo dito Capitão e Governador , » e seus descendentes filhos , e filhas legitimos com tal decla- » ração que em quanto houver filho legitimo barão no mesmo » grão , não subceda filha , posto que seja em idade que o fi- » lho ; e não havendo macho , ou havendo , e não sendo em » tão propinquo grão ao ultimo possuidor como a femea , então » subceda a femea , e em quanto houver descendentes legitimos

» machos , ou femeas , que não subceda na dita Capitania bas-
» tardo algum , e não havendo descendentes machos , ou femeas
» legitimos então subcederáõ os bastardos machos , e femeas ;
» não sendo porem de danado coito , e subcederão pela mesma
» ordem dos legitimos , primeiro os machos , e depois as femeas
» em igual gráo , com tal condição que se o possuidor da dita
» Capitania a quizer antes deixar a hum seu parente transversal ,
» que aos descendentes bastardos , quando não tiver legitimos
» o possa fazer , e não havendo descendentes machos , nem fe-
» meas legitimos , nem bastardos da maneira que dito he, em
» tal cazo subcederão os ascendentes machos e femeas , primeiro
» os machos , e em defeito delles as femeas , e não havendo des-
» cendentes , nem ascendentes , snbcederão os transversaes pelo
» modo sobredito , sempre primeiro os machos que forem em
» igual gráo , e depois as femeas , e no cazo de bastardos , o
» possuidor poderá se quizer deixar a dita Capitania a hum
» transversal legitimo, e tiral-a aos bastardos, posto sejam descen-
» dentes de muito mais propinquo gráo ; e isto ey assi por bem
» sem embargo da Lei Mental , que diz que não subcedam fe-
» meas , nem bastardos , nem transversaes , nem ascendentes ,
» por que sem embargo de todo me praz que nesta Capitania
» subcedam femeas , e bastardos, não sendo de coito danado, e
» transversaes e assendentes do modo que já he declarado.

» 16. Outro si quero , e me praz que em tempo algum se
» não possa a dita Capitania , e Governança , e todas as couzas
» que por esta Duação dou ao dito Duarte Coelho , partir nem
» escambar , espedaçar , nem em outro modo enalhear , nem
» em cazamento de filho , ou filha , nem a outra pessoa dar ,
» nem para tirar Pay , nem outra algũa pessoa de Cativo , nem
» para outra couza , ainda que seja mais piedoza , por que mi-
» nha tenção , e vontade he que a dita Capitania , e Governan-
» ça, e couzas ao dito Capitão e Governador nesta Duação dadas,
» andem sempre juntas , e se não partam nem aliennem em
» tempo algum , e aquelle que a partir , ou alienar , ou espe-
» daçar , ou der em cazamento , ou para outra couza , por
» onde haja de ser partida , ainda que seja mais piedosa ,
» por esse mesmo feito perca a dita Capitania , e Gover-
» nança , e passem direitamente a aquelle a que houvera de
» ir , se o tal que isso assi nom cumprio fosse morto.

» 17. Outro si me praz que por caso algum de qual quer
» calida que seja, que o dito Capitão e Governador cometa , por
» que segundo Direito , e Leys d'estes Reynos mereça perder
» a dita Capitania , e Governança , Jurisdição , e Rendas d'el-
» la , a não perca seu Subcessor, salvo se for tredor á Coroa

» d'estes Reinos , e em todos os outros cazos que cometer será
» punido quanto o crime o obrigar; e porem o seu Subcessor nom
» perderá por isso a dita Capitania , e Governança , Jurisdição,
» Rendas , e bens della como dito he.

» 18. Item mais me praz , e ey per bem que o dito Duarte
» Coelho , e todos os seus Subcessores a que esta Capitania e
» Governança vier uzem inteiramente de toda a Jurisdição , Po-
» der , e Alçada nesta Duação contheuda , e assi , e da manei-
» ra que nella he declarado , e pela confiança que delles tenho
» que guardarão nisso tudo o que cumprir a Serviço de Deos ,
» e meu , e bem do Povo e Direito das partes ey outro si per
» bem e me praz que nas terras da dita Capitania não entrem ,
» nem possa entrar em tempo algum Corregedor , nem alçada ,
» nem outras algumas Justiças para nellas uzar de Jurisdição
» algũa por nenhũa via , nem modo que seja ; nem menos será
» o dito Capitão Suspenço da dita Capitania , e Governança ,
» e Jurisdição della. E porem quando o dito Capitão cahir em
» algum erro , ou fizer couza por que mereça , e deva ser cas-
» tigado , eu , ou meus Subcessores o mandaremos vir a nós pa-
» ra ser ouvido com sua Justiça , e lhe ser dada aquella pena ,
» ou castigo que de Direito por tal cazo merecer.

» 19. Item esta merce lhe faço como Rey e Senhor destes
» Reynos , e assi como Governador e Perpetuo Administrador
» que sou da Ordem e Cavallaria do Mestrado de Nosso Senhor
» Jezus Christo , e per esta prezente Carta dou poder , e au-
» thoridade ao dito Duarte Coelho que elle per si , e per quem
» lhe aprover possa tomar e tome a posse real , e corporal , e
» actual das terras da dita Capitania e Governança , e das Ren-
» das , e bens dellas, e de todas as mais couzas contheudas nesta
» Duação , e uze de todo inteiramente como se nella contem ; a
» qual Duação ey per bem , quero , e mando que se cumpra ,
» e guarde em todo , e per todo com todas as clausulas , con-
» diçoens , e declaraçoens nella contheudas , e declaradas sem
» mingua , nem desfalecimento algum , e para todo o que dito
» he derogo a Ley Mental , e quaes quer outras Leis , Orde-
» naçoens , Direitos , Grozas , Costumes que em contrario d'is-
» to haja, ou possa haver per qual quer guisa ou modo que seja ,
» posto que sejam taes que fosse necessario serem aqui expressas
» e declaradas de verbo ad verbo , sem embargo da Ordenação
» do segundo Livro Titulo quarenta e nove que diz que quando
» se as taes Leys e Direitos derogarem se faça a expressa menção
» dellas , e da sustancia dellas ; e por esta prometo ao dito Du-
» arte Coelho , e a todos os seus Subcessores que nunca em tem-
» po algum vá nem consinta ir contra esta minha Carta de Dua-

» ção em parte nem em todo, e rogo e encomendo a todos os
» meus Subcessores que nunca em tempo algum vám nem con-
» sintam ir contra esta minha Carta de Duação em parte nem em
» todo, e rogo e encomendo a todos os meus Subcessores que
» lha cumpram, e mandem cumprir, e guardar; e assim man-
» do a todos os meus Corregedores, Dezembargadores, Ouvi-
» dores, Juizes, e Justiças, Officiaes, e Pessoas dos meus
» Reynos e Senhorios que cumpram e guardem, e façam cumprir
» esta minha Carta de Duação, e todas as couzas contheudas
» nella, sem lhe a isso ser posta duvida, nem embargo, nem
» contradicção alguma, por que assi he minha merce. E por
» firmeza de todo lhe mandei dar esta minha Carta por mim as-
» signada, e asselada do meu Sello de Chumbo. Manoel da
» Costa a fez em Evora a dez dias do mês de Março, Anno do
» Nassimento de Nosso Senhor Jezu Christo de mil quinhentos
» e trinta e quatro. E eu Fernão de Alvares Thezoureiro Mor
» d'El-Rey Nosso Senhor, Escripvão de sua Fazenda a sobs-
» crevi.

REY. . .

» E posto que no 10 º Capitulo desta Carta diga que faço
» Duação e merce ao dito Duarte Coelho de juro e de herdade
» para sempre d'ametade da Dizima do Pescado da dita Capita-
» nia, ey per bem que a tal merce não haja effeito, nem tenha
» vigor algum, por quanto se viu que não podia haver a dita
» ametade da Dizima por ser da Ordem, e em satisfação della
» me praz de lhe fazer merce, como de effeito per esta prezente
» faço Duação e merce de juro e de herdade para sempre de ou-
» tra ametade do Dizimo do mesmo Pescado, que ordenei que se
» mais pagasse, alem da Dizima inteira, segundo he declarado
» no Foral da dita Capitacia, a qual ametade de Dizima do dito
» Pescado o dito Capitão e todos os seus herdeiros, e Subcesso-
« res, a que a dita Capitania vier, haverão e arrecadarão para si
» no modo, e maneira contheuda no dito Foral, e segundo
» forma delle, e esta Apostilla passará pela Chancellaria, e se-
» rá registada ao pé do registo desta Duação. Manoel da Costa
» a fez em Evora a vinte e sinco de Settembro de mil quinhen-
» tos e trinta e quatro.

REY. . .

FORAL DE PERNAMBUCO.

» D. João por Graça de Deus Rey de Portugal, e dos Al-
» garves, daquem, e dalem Mar, em Africa Senhor de Gui-
» né, e da Conquista, Navegação, Commercio da Ediopia, A-
» rabia, Persia, e da India &c. &c.

» A quantos esta minha Carta virem: Faço saber que eu
» fiz ora Duação e Merce a Duarte Coelho, Fidalgo de minha
» Caza para elle, e todos seus filhos, netos, herdeiros, e Subces-
» sores de juro e de herdade para sempre da Capitania e Gover-
» nança de sessenta legoas de terra na minha costa do Brazil, as
» quaes se começão no rio de S. Francisco, que he do Cabo de S.
» Agostinho para o Sul, e acabam no rio de S. Cruz, que he do
» dito Cabo para a linha, segundo mais inteiramente he con-
» theudo, e declarado na Carta de Doação que da dita terra lhe
» tenho passado, e por ser muito necessario haver ahi Foral dos
» direitos, foros, e tributos, e couzas que na dita terra hão-de
» pagar assi do que a mim, e a Coroa de meus Reynos pertence,
» como do que pertence ao dito Capitão per bem da dita sua
» Duação, eu avendo respeito a calydade da dita terra, e a
» se ora novamente ir morar, povoar, e aproveitar, e por que
» se isto melhor, e mais cedo faça, sentindo-o assi por servico
» de Deus, e meu, e bem do dito Capitão, e moradores da
» dita terra, e por folgar de lhes fazer merce ouve per bem de
» mandar hordenar e fazer o dito Foral na forma e maneira se-
» guinte.

» 1° Item. Primeiramente o Capitão da dita Capitania e
» seus Subcessores darão e repartirão todas as terras della de
» Sismaria a quaes quer pessoas de qual quer calydade, e con-
» dição que sejam, com tanto que sejam Christãos, livremente
» sem foro, nem direito algũ somente o dizimo, que serão obri-
» gados de pagar a Ordem do Mestrado de Nosso Senhor Jezu
» Christo, de tudo o que nas ditas terras ouverem; as quaes
» Sismarias darão na forma e maneira que se contem em minhas
» Ordenaçoens, e não poderão tomar terra algũa de Sismaria
» para si, nem para sua mulher, nem para o filho herdeiro da
» dita Capitania, e porem podelaam dar aos outros que não
» forem herdeiros da dita Capitania, e assi a seus parentes co-
» mo se em sua Duação contem, e se algũo dos filhos que não
» forem herdeiros da dita Capitania, ou qual quer outra pessoa
» tiver alguma Sismaria per quall maneira que a tinha, e vier a
» herdar a dita Capitania, será obrigado do dia que nella subce-
» der a hum anno primeiro seguinte de a largar, e trespassar a
» dita Sismaria em outra pessoa, e não a trespassando no dito

» tempo perderá para mim a tall Sismaria , com mais outro tan-
» to preço , como ella valer ; e per esta mando ao meu Feitor ,
» ou Almoxarife , que na dita Capitânia por mim estiver , que
» em tall cazo lance loguo mão pela dita terra para mim , e a
» faça assentar no Livro dos meus Proprios , e faça execução pe-
» la valia della , e não o fazendo assi ey por bem que perca seu
» Officio , e me pague de sua fazenda outro tanto quanto montar
» na valia da dita terra.

» 2 ° Item. Avendo nas terras da dita Capitania , Coos-
» ta , Maares , Rios , e Bahias dellas qual quer sorte de pedra-
» ria , perollas , aljofar , ouro , prata , coraal , cobre , esta-
» nho , chumbo , ou outra qual quer sorte de metal pagar-se-
» ha a mim o quinto, do quall quinto averá o Capitão sua dizima,
» como se contem em sua Duação , e ser-lhe-ha entregue a par-
» te que lhe na dita dizima montar ao tempo que se o dito quin-
» to para mim arrecadar per meus Officiaes.

» 3 ° Item. O páao do Brazil da dita Capitania , e assi
» qual quer especiaria , ou drogaria de qual quer calydade que
» seja que nella houver . pertencerá a mim , e seraa tudo sem-
» pre meu , e de meus Subcessores , sem o dito Capitão , nem
» outra algũa pessoa poder tratar nas ditas couzas , nem em
» algũa dellas laa na terra , nem as podera' vender , nem ti-
» rar para meus Reynos ou Senhorios , nem para fora delles ,
» sob pena de quemm o contrario fizer perder por isso toda a sua
» fazenda para a Coroa do Reino , e ser degradado para a Ilha
» de S. Thomé para sempre. E porem quanto ao Brazill ey
» por bem que o dito Capitão , e assi os moradores da dita Ca-
» pitania se possam aproveitar delle hy na terra , no que lhe for
» necessario , não sendo em o queimar , por que queimando-o
» encorrerão nas sobreditas penas.

» 4 ° Item. De todo o pescado que se na dita Capitania
» pescar , não sendo ha' cana se pagara' a Dizima a Ordem , que
» he de dez peixes hũ , e alem da dita dizima ey por bem que se
» pague mais meya dizima , que he de vinte peixes hũ , a quall
» meya dizima o Capitão da dita Capitania avera' e arrecadara'
» para si , por quanto lhe tenho della feito merce , como se
» conthem em sua Duação.

» 5 ° Item. Querendo o dito Capitão e moradores e po-
» voadores da dita Capitania trazer, ou mandar trazer per si, ou
» per outrem a meus Reynos , ou Senhorios qual quer sorte de
» mercadorias que na dita terra e partes dellas ouver , tirando
» Escravos , e as outras mais couzas que a sima são defezas , po-
» delo-hão fazer ; e serão recolhidos e agazalhados em quaes
» quer Portos , Cidades , Villas , ou lugares dos ditos meus

» Reynos ou Senhorios em que vierem aportar, e não serão
» constrangidos a descarregar suas mercadorias, nem as vender
» em algũs dos ditos Portos, Cidades, ou Villas contra suas
» vontades, se para outras partes antes quiserem ir fazer seus
» proveitos, e querendo-as vender nos ditos lugares de meus
» Reynos, ou Senhorios não pagarão dellas direitos algũs,
» sobmente a ciza do que venderem, posto que per os Foraes,
» Regimentos, ou Costume dos taaes lugares fossem obrigados a
» pagar outros direitos, ou tributos; e poderão os sobreditos
» vender suas mercadorias a quem quiserem, e levallas para
» fora do Reyno se lhes bem vier, sem embargo dos ditos Fo-
» raes, Regimentos, e Costume que em contrario haja.

» 6º Item. Todos os Navios de meus Reynos, e Senho-
» rios que a dita terra fôrem com mercadorias, de que já cá te-
» nham pago os Direitos em minhas Alfandegas, e mostrarem
» d'isso certidão dos meus Officiaes dellas não pagarão na dita
» terra do Brazil direito algum, e se lá carregarem mercadorias
» da terra para fora do Reyno, pagarão de sahida dizima a mim,
» da qual dizima o Capitão haverá sua redizima, como se contem
» em sua Duação. E porem trazendo as taes mercadorias para
» meus Reynos, ou Senhorios não pagarão da sahida couza al-
» guma, e estes que troxerem as ditas mercadorias para meus
» Reynos ou Senhorios serão obrigados de dentro de um anno
» levar, ou enviar aa dita Capitania Certidão dos Officiaes de
» minhas Alfandegas do lugar aonde descarregarem, de como
» assi descarregaram em meus Reynos, e as calydades das mer-
» cadorias que descarregaram, e quantas eram, e não mos-
» trando a dita certidão dentro no dito tempo, pagarão a dizima
» das ditas mercadorias, ou daquella parte dellas que em os ditos
» meus Reynos ou Senhorios não descarregarem, e levarem para
» fora do Reyno, e se for pessoa que não haja de tornar a dita
» Capitania, daraa laa fiança ao que montar na dita dizima para
» dentro no dito tempo de bum anno mandar Certidão de como veo
» descarregar em meus Reinos, ou Senhorios, e não mostran-
» do a dita Certidão no dito tempo, se arrecadará e averá a dita
» dizima pela dita fiança.

» 7º Item Quaes quer pessoas Estrangeiras, que não forem
» naturaes de meus Reynos, ou Senhorios que a dita terra leva-
» rem ou mandarem levar quaes quer mercadorias, posto que as
» levem de meus Reynos, ou Senhorio, e que qua tenham pago
» dizima, pagarão lá da entrada dizima a mim das mercadorias
» que assi levarem, e carregando na dita Capitania mercadorias
» da terra para fora, pagar-me-hão assi mesmo dizima da sahi-
» da das taes mercadorias das quaes dizimas o Capitão haverá

» sua redizima , segundo se contem em sua Doação , e ser-lhe » ha a dita redizima entregue per meus Officiaes ao tempo que » se as ditas dizimas para mim arrecadam.

» 8 ° Item. De mantementos , armas , arthelharia , pol- » vora , Salitre , enchofre , chumbo , e quaes quer outras cou- » zas de munição de guerra que á dita Capitanea levarem , ou » mandarem , levar ao Capitão e moradores della , ou quaes » quer outras pessoas assi naturaes , como Estrangeiros ey por » bem que se não paguem direitos alguns , e que os sobreditos » possam levremente vender todas as ditas couzas , e cada huã » dellas na dita Capitania ao Capitão e aos moradores , e povoa » dores d'ella que forem Christãos , e meus subditos.

» 9 ° Item. Todas as pessoas assi de meus Reynos e Senho- » rios , como de fora delles que a dita Capitania forem não po- » derão tratar nem comprar , nem vender couza algnma com os » Gentios da terra , e tratarão somente com o Capitão , e povoa- » dores della comprando e vendendo , e resgatando com elles to- » do o que podem aver , e quem o contrario fizer ey por bem » que perca em dobro toda a mercadoria , e couzas que com os » ditos Gentios contratarem , de que será a terça parte para a » minha Camara , e outra terça parte para quem os accuzar , e » a outra terça parte para o Espritall que na dita terra houver , » e não no avendo hy seraa para a fabrica da Igreja della.

» 10. Item. Quaes quer pessoas que na dita Capitania » cargarem seus Navios serão obrigados, antes que comecem a « cargar , e antes que sayam fora da dita Capitania de o fazer » saber ao Capitão della para prover , e ver que se não tiram » mercadorias defezas, nem partiráõ per isso mesmo da dita Capi- » tania sem licença do dito Capitão , e não o fazendo assi , ou » partindo sem a dita licença , perder-se-hão em dobro para » mim todas as mercadorias que cargarem , posto que não se- » jam defezas ; e isto porem se entenderá em quanto na dita Ca- » pitania não ouver Feitor, ou Official meu por que avendo-o hy » a elle se fará saber o que dito he , e a elle pertencerá » fazer a dita deligencia , e dar as ditas licenças.

» 11. Item. O Capitão da dita Capitania , e os morado- « res , e povoadores della poderão livremente tratar , comprar , » e vender suas mercadorias com os Capitaens das outras Capi- » tanias que tenho providos na dita Costa do Brazill , e com os » moradores , e povoadores della , a saber de umas Capitanias » para outras , nas quaes mercadorias e compras e vendas dellas » não pagarão huns nem outros direitos alguns.

» 12. Item. Todo o vezinho , e morador que viver na di- » ta Capitania , e for Feitor , ou tiver Companhia com alguã

» pessoa que viver fora de meus Reynos, e Senhorios não po-
» derá tratar com o Gentio da terra, posto que sejam Chris-
» tãos, e tratando com elles ey por bem que perca toda a fazen-
» da com que tratar, da qual será hum terço para quem o ac-
» cusar, e os dois terços para as obras dos muros da dita Ca-
» pitania.

» 13. Item. Os Alcaides Mores da dita Capitania, e das
» Villas, e Povoaçoens della averão, e arrecadarão para si to-
» dos os direitos, foros, e tributos que em meus Reynos e Se-
» nhorios per bem de minhas Ordenaçoens pertencem, e são
» concedidos aos Alcaides Moores.

» 14. Item. Nos rios da dita Capitania, em que ouver
» necessidade de pôr barcas para a passagem delles, o Capitão
» as porá e levará dellas aquelle direito, ou tributo que lá em
» Camara for taxado que leve, sendo confirmado por mim.

» 15. Item. Cada um dos Tabeliães do publico, judicial
» que nas Villas e Povoaçoens da dita Capitania ouver será' obri-
» gado de pagar ao dito Capitão quinhentos reis de penção em
» cada hum anno.

» 16. Item. Os moradores, e Povoadores da dita Capi-
» tania serão obrigados em tempo de guerra a servir nella com o
» Capitão, se lhe necessario for. Notifico assi ao Capitão da
» dita Capitania que ora he, e ao ditante for, e ao meu Fei-
» tor, Almoxarife, e Officiaes della, e aos Juizes, Justiças
» da dita Capitania, e a todollos outrem Justiça, e Officiaes de
» meus Reinos, e Senhorios, assi de Justiça, como da Fa-
» zenda, e mando a todos em Gerall, e a cada hum em expe-
» ciall, que cumpram, guardem, e façam inteiramente cum-
» prir e guardar esta minha Carta de Forall assi, e da maneira
» que se nella contem, sem lhe nisso ser posto duvida, nem
» embargo, nem contradição alguma, por que assi he minha
» merce. E por firmeza dello mandei passar esta Carta por
» mim assignada, e assellada do meu Sello pendente, a qual
» mando que se registe nos livros da minha Feitoria da dita
» Capitania, e assi na minha Alfandega de Lisboa, e pela mes-
» ma maneira se registará' nos Livros das Camaras das Vellas e
» Povoaçoens da dita Capitania para que a todos seja notorio o
» contheudo n'este Forall, e se cumpra inteiramente. Manoel
» da Costa a fez em Evora a vinte e quatro dias do mes de Set-
» tembro do Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezu Christo
» de mil quinhentos e trinta e quatro annos.

REY. . .

Estes Titulos, datados em 1534, e extrahidos em 1793 por certidão do proprio original na Torre do Tompo em Lisboa, a requerimento do falescido Coronel Antonio Marques da Costa Soares, fixariam a época da fundação de Iguarassú, ao menos no dicto anno de 1534, si uma carta que El-Rey dirigiu em 1532 a Martim Affonço (a) não provasse que Duarte Coelho veio para

---

(a) Martim Affonço, amigo, Eu ElRey vos envio muito saudar; vi as cartas, que me escrevestes por Joam de Sousa, e por elle soube da vossa chegada a essa terra do Brazil, e como hieis correndo a costa, caminho do Rio da Prata, e assim do que passastes com as Náos Francezas, dos cossairos que tomastes, e tudo o que nisso fizestes vos agradeço muito, e foi tam bem feito, como se de voos esperava, e são certo, que a vontade, que tendes para me servir. A Nao, que qua mandastes, quizera, que ficara antes lâa com todos os que nella vinham, daqui em diante, quando outras taes Náos de cossairos acharides, tereis com ellas, e com a gente dellas, a maneira, que por outra Provisam vos escrevo.

Porque folgaria de saber as maes vezes novas de vós, e do que laa tendes feito, tinha mandado o anno passado fazer prestes hum navio, para se tornar Joam de Souza pera vôs, e quando foi de todo prestes para poder partir, era tam tarde pera laa poder correr a costa, e por isso se tornou a desarmar, e não foi; vai agora com duas Caravellas armadas pera andarem comvosco o tempo, que vos parecer necessario, e fazerem o que lhe mandardes; e por ate agora nam ter algum recado vosso, do que no assento da terra, nem no Rio da prata tendes feito, vos não posso escrever a determinaçam, do que deveis fazer em vossa vinda, ou estada, nem couza, que a isso toque. e somente encomendarvos muito, que vos lembre a gente, e Armada, que lâ tendes, e o custo que se com ella fez, e faz, e segundo vos o tempo tem sucedido, e o que tendes feito, ou esperardes de fazer, assim vos determineis em vossa vinda, ou estada, fazendo o que vos milhor, e maes meu serviço parecer; porque Eu comfio de vôs, que no que assentardes, será o milhor; havendo destar laa maes tempo, emviarcis logo huma Caravella com recado vosso, e me escrevereis muito largamente todo o que ate então tiverdes passado, e o que na terra achastes, e assim o que no Rio da prata, tudo mui declaradamente, pera Eu por vossas cartas, e emformação saber, o que se ao diante deve fazer, e se vos parecer, que não he necessario estardes laa mais, podervos-eis vir; por que polla comfiança, que em vôs tenho, o deixo a vôs, que sam certo, que nisso fareis o que mais meu servisso for.

Despoes de vossa partida se praticou, se seria meu servisso povoar-se toda essa costa do Brazil, e algumas pessoas me requerião Capitanias em terra della.

Eu quizera, antes de nisso fazer couza alguma, esperar por vossa vinda para com vossa emformação fazer o que me bem parecer, e que na repartição que disso se ouver de fazer, escolhaes a milhor parte, e porem, porque despoes fui emformado, que dalgumas partes fazião fundamento de povoar a terra do dito Brazil, considerando Eu com quanto trabalho se lançaria fora a gente, que a povoasse, despoes de estar assentada na terra, e ter nella feitas algumas forças, *como já em Pernambuco comessavão a fazer, segundo o Conde da Castanheira vos escreverá, determinei de mandar demarcar de Pernambuco ate*

Pernambuco muito antes, ou pelo menos em 1530, segundo a oppinião de alguns Historiadores, (a) e que por tanto Pernambuco não começou a ser formalmente povoado depois de ter sido escripta a Doação de Duarte Coelho, como quer o Author das *Memorias da Capitania de S. Vicente.*

Alem da carta de El-Rey a Martim Affonço, que tanto esclarece o negocio, mormente quando aquelle Monarcha [em 1532] chama o Paiz doado a Duarte Coelho = *Pernambuco* =, nome este, que tendo sido prestado á nossa Provincia pela barra da sua Capital, como adiante se verá, dá certeza de que então já estava fundada Olinda, local que antes de ser pizado por Duarte Coelho era absolutamente desconhecido, o que se evidencia

---

o Rio da prata cincoenta legoas de Costa a cada Capitania, e antes de se dar a nenhuma pessoa, mandei apartar pera vôs cem legoas, e para Pero Lopes vosso irmão cincoenta nos melhores limites dessa Costa por parecer de Pillotos, e de outras pessoas, de quem se o Conde por meu mandado emformou, como vereis pellas doaçoens, que logo mandei fazer, que vos enviarà, e despoes de escolhidas estas gento, e sincoenta legoas de Costa para vôs, e para vosso irmam, mandei dar a algumas pessoas que requeriam Capitanias de cincoenta legoas a cada huma, e segundo se requerem, parece, que se darà a mayor parte da Costa, e todos fazem obrigaçôes de levarem gente, e Navios â sua custa em tempo certo, como vos o Conde mais largamente escreverâ; porque elle tem cuidado de me requerer vossas couzas, e Eu lhe mandei que escrevesse.

Na Costa de Andaluzia foi tomada agora pollas minhas Caravellas, que andava narmada do Estreito, hũa Nao Franceza carregada do Brazil, e trazida a esta Cidade, a qual foi de Marselha a Pernambuco, e desembarcou gente em terra, a qual desfez huma Feitoria minha, que ahi estava, e deixò laa setenta homens com tenção de povoarem a terra e de se defenderem, e o que Eu tenho mandado que se nisso faça, mandei ao Conde, que vollo escrevesse, pera serdes emformado de tudo o que passa, e se ha de fazer, e pareceo necessario fazervollo saber para serdes avisado disso, e terdes tal vegia nestas partes por onde andais, que vos nam possa acontecer nenhum mao recado, e que qualquer força, ou fortalleza, que tiverdes feita quando nella não estiverdes, deixeis pessoa de que confieis, que a tenha a bom recado, *ainda que Eu creio, que elles nam tornarão laa mais a fazer outra tal; pois lhe esta nam succedeo como cuidavam, e muy declaradamente me avisai, de tudo o que fizerdes,* e me mandai novas de vosso Irmam, e de toda a gente que levastes; porque com toda a boa que me emviardes, receberei muito prazer. Pero Anriques a fez em Lisboa aos 28 de Setembro de 1532 annos.

REY.

(a) Vasconc. Chron. da Comp Liv. 1 º nº 100 pg. 91. Jaboat. Preamb. Digres. 4. Estanc. 123 pg. 93. Castriot. Lusit. Part 1ª Liv. 1º nº 14.

consultando os Historiadores, accresse que duas cartas que o mesmo Duarte Coelho endereçou ao Rey em 1546, e 1549, copiadas, como a Doação, do proprio original da Torre do Tombo, e que por conterem pontos historicos aqui publico (a)

(a) Senhor — Posto que neste anno de mil quinhentos quarenta e seis tenha escripto por trez vezes a Vossa Alteza, dando-lhe Conta das Couzas de qua, e assi de algũas couzas que me parecco Seu Serviço, e pela incerteza das couzas do Mar, quiz, Senhor, por esta tornar a dar a mesma Conta, para Vossa Alteza prover o que for Seu Serviço.

Quanto he, Senhor, a está nova Luzitania, posto que com muito trabalho, e com assás de fadiga tanta quanta ho Senhor DEOS sabe, a couza esteja bem principiada aos Louvores, mas ha muitos inconvenientes, e istorvos para ir a couza em crecemento, e augmento, como eu, Senhor dezejo para Serviço de DEOS, e de Sua Alteza, eos que eu qua Senhor, posso remediar trabalho tanto, por isso quanto, Senhor, he possivel, mas ao que eu não posso, Senhor, acudir, he necessario Vossa Alteza remediar, e com brevidade prover sobre isso. Este quer ser Servido.

Ja tenho escripto a V. Alteza, e lhe fiz Saber per outras, que escripto lhe tenho, que hũa das couzas que mais denefica ao bem, e augmento destas terras, he fazer-se Brazil, nem a vinte legoas das Povoacçoens que se ora novamente povoão, em especial nesta nova Luzitania, porque o Brazil, Senhor está mui longe pelo Certão adentro, e mui piligrozo de aver, e mui custozo, e os Indios fazem-no de má vontade, pelo qual esse que eu la tenho mandado estes annos passados para Vossa Alteza, e assi hũ pouco que ate oprezente fiz para mim pela Licença de que me Vossa Alteza fez mercê, face todo por sua Ordem, e muito devagar conforme a condição dos Indios em dez, e doze mezes, e em anno e meio a carrega de hum Navio, e que me saia mais custozo he necessario. Senhor, sofrelo pelo que cumpre ao bem da terra; mas a esses a que V. Alteza lá faz mercê de Brazil comoquerque lhe custa pouco, nem estão com os trabalhos, e fadigas, e nos peligros, e derramento de sangue em que eu, Senhor, estou, e ando, não lhes dá nada, Senhor, de couza alguma do qne me amim daa, e do que eu sinto não ho sentem elles; nem a perda que V. Alteza recebe.

Porque por fazerem seu Brazil emportunão tanto aos Indios, e prometen-lhe tanta couza fora d'Ordem, que mettem a terra toda em dezordem da Ordem em que ha eu tenho posto, e se lhe dão alguma conza do que lhe promettem he deitar aperder o concerto, e ordem que tinha posto, para o que cumpre ao trato deste Brazil quando se Vossa Alteza quizer servir delle, porque não basta, Senhor, dar-lhe as ferramentas, como estaa em custme, mas por fazerem os Indios fazer Brazil dão-lhe Contas da Bahia, e Carapuças de pena, e roupas de corres que homem qua não pode alcançar para seu vestir, eo que pior he espadas, e espingardas em especial huns poucos de poucos homens que com favor, e abrigo meu, de trez annos para qua estão na terra de Pedro Lopes pegado comigo, que em som d'armadores de fazer fazendas como habitadores na terra, são armadores de Brazil que nunca de se ão de o fazer, e carregar porque de trez annos para qua tem levados mais de seis, ou sette Navios carregados de Brazil. Eu já lho tenho requerido, e feito sobre isso o que me pareceo bem, e Serviço de Sua Alteza, e qua em minhas terras, Senhor, provido sobre isso, e pregoado conforme a Ley que Vossa Alteza poz em minhas Duaçoens, e vou á mão a isso quanto posso porque certifico a Vossa Alteza, que de trez annos para qua que se conrompeo este fazer de Brazil,

igualmente provam que Pernambuco já estava fundado, quan-

que ponhe em muita confuzão a terra, e a mim dá grande trabalho, e fadiga em acudir a tantos desconcertos, e remediar desmanchos. Porque até nos estorvar este fazer de Brazil afazermos nossas fazendas em especial os engenhos, porque quando estavão os Indios famintos, e dezejozos de ferramentas pelo que lhe davamos nos vinhão afazer as Levadas, e todas-las outras obras groças, e nos vinhão a vender os mantimentos de que temos assaz necessidade E como estão fartos de ferramentas fazem-se mais roys do que são, e alvoração-se, e ensoberbessem-se, e levantão-se.

E porque as fazendas, em especial os engenhos, por estarem espalhadas, e não juntas, eos que vem a fazer estes engenhos não vem como homens poderozos para rezistir, mas para fazerem seus proveitos, e para os eu haver d'emparar, e defender como cada dia faço. Mas quem, Senhor, terá tanto dinheiro para polvora, e pelouros, artelharia, e armas, e as outras couzas necessarias? Digo Senhor, que he mui necessario remediar Vossa Alteze, e prover sobre isso e mandar-me logo Provizão que a vinte leguas de todas estas minhas Povoaçoens; a saber de Olinda vinte Leguas para o Sul, que he ja outra geração de Indios, e de Santa Cruz a vinte Leguas para o Norte, que he ja outra geração na terra de Pedro Lopes de Souza se não faça Brazil da qui a dez, ou doze annos ao menos sobre pena da mesma pena que Vossa Alteza ja tem posto, e mande-me Provizão disto. e nisto, remedeará V Alteza o que por outra via alguã se não pode remediar, e quem quizer fazer Brazill ha outros portos muitos onde o podem fazer sem nos fazerem tanto mal, e damno, e tanto deserviço de Deos, e se Vossa Alteza, e esse de pôr aqui ao redor, que he o milhor de todo outro Brazill ficará guardado para quando se Vossa Alteza quizer Servir delle; que por sua Ordem, e com tudo rezervado se fará.

Outro si Senhor, por as outras que atraz digo ter escritpto a Vossa Alteza lhe dei Conta, e per esta lhe torno a dar, que cumpre muito a seu Serviço, e ao bem, e salvação das couzas de qua mandar que pois todos somos Portuguezes, e seus Vassalos, e Subditos que não uzem como Portuguezes, e outros como Franccezes, e outros como se focem Castellhanos. Digo isto, Senhor, por es outras pessoas que Vossa Alteza tem dado terras por esta Costa do Brazill que em suas terras, ou Capitanias, que cumprão, e fação cumprir as Cartas Precatorias que lhes os outros Capitaens, e Governadores mandarem, e que fação, e uzem como huza o Duarte Coelho a quem Vossa Alteza qua mandou, e porque o qua mandou procura de fazer o que deve, e ho que cumpre a seu Serviço como sempre fez; e digo isto a Vossa Alteza porque anda esta couza em dezordem, e he muito necessario prover Vossa Alteza sobre isso antes que ahi haja mais dezaranjos por que nisto não lhe quebranta V. Alteza suas Duaçoens, por que eu de minha parte não tão somente obedecerei, mas receberei mercê de V. Alteza ser eu o primeiro a que o mande; e os outros que sigão por isso.

Equanto he Senhor, ao previlegio, e Liberdade que V. Alteza deu amim acerca dos omiziados que em Evora pedi-lhe, se entende nos delictos dellãa para os que laa andarem omiziados ainda que llaá sejão condenados por suas justiças, vindo-se a estar, e a povoar comigo em minhas terras não poderão por aquelles cazos ser qua Citados. nem demandados. desta maneira Senhor, se entende em estoutras teras, Capitanias se lhes Vossa Alteza tem dado esta Liberdade entendemna ao reves, porque os delitos, e maleficios qua comettidos, e feitos qua hão de ser punidos, e castigados como for razão, e Justiça e se de minhas terras fugirem alguns malfeitores para outras com temor do castiguo, ou d'outras para a minha

do foi escriptá a Doação de seu primeiro Donatario.

esta tall Liberdade, e previlegio lhes não deve de valer, porque se assi for, e como es outros Capitaens qua costumão, diguo, Senhor, e afirmo que se não povoará a terra, mas que em breve tempo se despovoará o povoado, e irá tudo a travez, poll quall, Senhor, diguo, que he muito necessario que todos em gerall huzem das Cartas Precatorias, e as cumprão, e que Vossa Alteza o mande.

Outro si, Seuhor, ja por trez vezes tenho escripto, e disso dado conta a Vossa Alteza a cerca dos degradados, e isto, Senhor, diguo por mim, e por minhas terras, e por quão pouco Serviço de DEOS, e de Vossa Alteza, he, e bem, e augmento desta nova Luzitania mandar qua taes degradados, como de tres annos para qua me mandão, porque certifico a V. Alteza, e lhe juro pela ora da morte, que nenhum fruito, nem bem fazem na terra, mas muito mal, e dano, e por sua cauza se fazem cada dia males, e termos perdido o credito que ate aqui tinhamos com os Indios, porque o que DEOS nem a Natureza não remediou, como eu o posso remediar, Senhor, se não com cada dia os mandar enforcar o quall he grande descredito, e menoscabo com os Indios; e outro si não são para nenhum trabalho vem proves, e nús, e não podem deixar de husar de suas manhas, e nisto cuidão, e resnão sempre em fogir, e em se irem, crêa Vossa Alteza que são piores qua na terra que peste, pollo quall peço a V. Alteza, que pollo amor de Deos tal peçonha me qua não mande, porque tem mais destruir o servico de Deos, e seu, eo bem meu, e de quantos estão comiguo, que não huzar de mizericordia com tal gente, porque ate nos Navios em que vem fazem mill malles, e como vem mais dos degradados, que da jente que marêa os Navios levantam-se, e fogem, e fazem mill malles, e achamos qua menos dous Navios que por trazerem muitos degradados são desaparecidos; torno a pedir a Vossa Alteza, que tall gente me qua não mande, e que me faça mercê de mandar as suas Justiças que os não mettão nos Navios que para minhas terras vierem, porque he, Senhor, deitarem-me aperder

Outro si Senhor, dou Conta a V. Alteza, e lembro-lhe, o que lhe ja tenho escripto, que proveja, e mande a todas as pessoas a que deu terras no Brazill, que venhão a povoar, e rezidir nellas, que assi cumpre a seu Serviço, pois essa foi ha condição, ou já que não vem, que ponhão em suas terras pessoas autas, e suficientes, e Ouvidores, que emtendam, e saibam o que hão de fazer, e não homeis de por ahi, porque estes taes não fazem mas desfazem no bem que se deve de fazer; porque *mercenaria, mercenaria sunt*.

E nestas terras de Pedro Lopes de Souza, que DEOS haja, que estão aqui junto comigo mande Vossa Alteza que ponhão ahi Ouvidor que saiba, e entenda ho que hade fazer, porque tem ahi quatro pessoas que melhor seria não estarem ahi, porque outra fazenda nem fruito não fazem se não fazer Brazil d'armadores, e como qero castigar degradados vão-se para lláa, e fazem couzas por omde merecião ja todos ser enforcados, se lla mando alguma Carta Precatoria dizem que aquillo que he couto, e que tem previlegios, estas couzas, Senhor, não são para sofrer, e se as eu ate agora sofri, foi Senhor, por não qebrantar a Jurisdição alhea; mas parece-me que será necessario, e Serviço de DEOS, e de Vossa Alteza acudir a isso pelo peligro, e dano que se póde cauzar das taes desordens.

Das couzas dessas terras, e Capitanias debaixo, este Agosto passado, por hũ Feitor de Affonço de Torres que aqui veo ter, escrepvi a Vossa Alteza per aquall lhe dei disso alguma breve Conta, e por esta torno a lembrar a Vossa Alteza, que deve de prover sobre as couzas da Bahia, porque

E a não ter vindo Coelho ao menos , como dizem os Histo-

me parece comprir a seu Serviço , porque Francisco Pereira he Velho , e doente , e não está para isso ; e postoque Vossa Alteza lá tenha tudo bem sabido , toda via direi , o que eu qua Senhor , entendo ácerca do que enqueri , e soube das Couzas da Bahia , que postoque Francisco Pereira tenha culpa de não saber uzar com a jente como bom Capitão , e ser mole para rezistir ás doudices , e desmandos dos doudos , e mallensinados que fazem , e cauzão levantamentos e onvoēs de que se elle não pode excuzar de cullpa , toda via , Senhor cumpri , e he necessario os que em tall erro cahirão por suas doudices , e dezordem , e máos ensinos , e dezobediencias , que com o dito Francisso Pereira tiverão serem mui bem castigados ; porque afirmo a V Alteza que foi huma couza mui dezonesta , e feia , e dina de muito castigo , por que aquellas revolitas , elevantamentos contra ho Francisco Pereira , foi a cauza de se a Bahia perder , eo Cllerigo que foi o principio daquelle dano, e mall, deve Vossa Alteza de o mandar ir prezo para Portugall , e que nunca torne ao Brazill, porque tenho sabido ser hum grão Rebalido

E outro si torno a dar Conta per esta a Vossa Alteza do que passa ácerca dos dizimos , e dos direitos dos engenhos , o quall tudo per petição do Povo , e requerimento do Feitor de Vossa Alteza , se processarão autos , em os quaes eu sahi com Sentença , que pagassem todos em jerall o dizimo ém açuquar feito . e purgado segundo uzo , e costumes nos Reynos , e Senhorios de Portugall com as mais razoens que Vossa Alteza lla verá , pelo trellado dos autos , e Sentença que com esta vay com outros costumes novos que mandei que se uzassem daqui em diente , por assi ser razão , e justiça porque estes donos dos engenhos querião-me esfolar o Povo , pesso a Vossa Alteza que o mande ler peran si , e se lhe parecer ser justiça que ho confirme ; porque afirmo a Vossa Alteza que he justiça . e que antes vou contra o Povo , e que contra os donos dos engenhos , mas a negra cubiça do mundo he tanta que turba o juizo aos homens, para não concederem no que he rezão , e justiça.

Torno a lembrar a Vossa Alteza , e a lhe pedir proveja sobre este fazer do Brazill , porque hora novamente per hũ Navio que aqy chegou do Reyno , nos deu qua novas de estarem lla prestes para se virem aqy fazer trinta mill quintaes , e passantes delles couza que tanto escandallo , e alvorossos metteo neste Povo d Olinda , e em todos os moradores , e povoadores destas minhas terras , e me vierão , Senhor , com petiçoes , e com requerimentos , que tall não consentice , se não que me emcamparião as fazendas , e os engenhos , e mas ouverão por emcampadas se tall consentice ; e posto Senhor , que ja ho qua tinha defeso , hoje neste dia o tornei mandar preguar por todallas Povoaçoens , e fazendas , que pessoa alguma ho não corte , nem faça nem falle com se fazer Brasil a vinte leguas destas Povoaçoens , sob a pena per Vossa Alteza postas em minhas Duaçoens , que he perdimento de bens , e ir degradado para sempre para Santomé ; isto Senhor , foi mandado e provicado em nome de Vossa Alteza , e por virtude de minhas Duaçoens pelo qual , Senhor , he necessario mandar-me Vossa Alteza logo Provizão conforme a isto , porque eu prometi , e jurei ao Povo , de ho não fazer , nen consentir fazer , pois tanto dano por isso se recrece ao Serviço de DEOS , e de Vossa Alteza , e ao bem , e a Salvação de todos os que qna estamos.

Outro si , Senhor he necessario dar Conta a Vossa Alteza de algũas outras desordens que qua andão , e se uzão por estoutras terras , e Capitanias de mim para baixo para o Sul , ao quall não sei se lhe chame povoadores , ou se lhes diga , e chame Salteiadores, diguo isto , Senhor , por

riadores que citei , em 1530 , como poderia elle [tendo vindo

que aos Capitães ou pessoas a que Vossa Alteza deo as terras per Ley , e custume Militar , e uzança de guerra , elles devem mui bem de olhar . e tomar mui bom Concelho sobre o fazer paz, ou guerra, fazerem-na elles como lhes melhor parecer, e a necessidade se lhe offerecer , e não deixarem nem concentirem que ha jente , povo andem Salteando por todas partes aquem mais poderá Saltear por onde se cauza danarem , e deitarem aperder tudo , e andão tam encarniçados nisto , que tem por lla tudo alevantado , e não abasta por lla , mais ainda vem asaltear em minha Costa e em toda parte onde podem ; porque este anno , Senhor , prezente vierão dellá adebaixo aqy ter seis Caravelloens como que me vinhão aver , e a tratar com minha jente ; e quando entenderão que eu estou esperando a ora que DEOS for Servido de medar pocebilidade para seguir esta empreza do sertão, que tanto dezejo por Servir a Vossa Alteza offerecerão-se a irem commigo promettendo-lhes eu grandes partidos , e me puz afazer Bragantins novos , e quando me não precatei todos apanharão o panete em pago das boas obras que de mim receberão , soube como forão Salteando por minha costa primeiro que a isso acodice, sem poder aver ámão se não hum só que Salteou nos Petiguoarés, terra onde ora ha trez annos ouve por resgate vinte e cinquo , ou trinta Portuguezes que se ha hi perderão , e todos quantos Indios trazião Salteados lhos tomei , eos tornei a mandar para suas terras ; porque quando afortuna der com alguns Portuguezes ahi á Costa por ser ruim pareja terá homem esperança de hos aver por resgate , a estes Salteadores dei ho castiguo que me bem pareceo. Dou esta conta a Vossa Alteza porque será necessario mandar Vossa Alteza á todos esses Capitães debaixo , que tall não uzem , porque eu em minhas terras ho não consinto , nem concentirei. Quiz dar de todas as sobreditas couzas Conta a vossa Alteza por descarrego de minha conciencia , e por cumprir o que V. Alteza me tem mandado , e encomendado. Peço a V. Alteza que proveja sobre todas estas couzas , pois cumpre a Seu Serviço. Desta Villa de Olinda avinte de Dezembro de mil quinhentos quarenta e seis.

Este Março passado de mil quinhentos quarenta e seis , foi aqui entregue a hum Piloto de hũ Navio de costatim de Cairos , huma Caixa de mostra d'açucar escolhidos para V. Alteza ver , e ho Feitor de V. Alteza por meu mandado lha entregou pregada , e assi comperante mim foi concertada , e sobe eu que não fora dada a V. Alteza, posto que me diserão , que fora entregue n'Alfandega , e que ha hi desaparecera. Mande Vossa Alteza aos Officiaes , que quando virem couza que vai para V. Alteza , que lha levem , e lha seja prezentada , e que não desapareça llá pois DEOS llá a lleva. As couzas que me V. Alteza me escreva que proveria per as Igrejas , na lhe esqueção. Servo de Vossa Alteza — Duarte Coelho.

Senhor — Averá hum mez , que por hum meu criado por nome Francisco Frazão , escrevi a V. Alteza , dando-lhe conta de mim , e do que me pareceo serviço , rellatando lhe as couzas conforme ao tempo , e a necessidade . seguudo meu entender , a quall me reporto , e peço a V. Alteza a veja , e sobre o nella contheudo proveja , e me responda , para que saiba o que devo fazer

E por esta , Snr. , quero dar conta a V. Alteza do que despoes da outra escripta , e daqui par ida avinte dias vim asaber per Cartas de meus amigos , em especiall per huã de Manoell d'Albuquerque , que me disso deo Conta por ja lla ter passado alguã practica sobre isto com algũas pessoas que no negocio entendem , ou entender querem , as quaes segundo per huns apontamentos vi se offerecem a V. Alteza de quererem

em 1535, segundo pretende o Author das referidas *Memorias de*

povoar, , ou ajudar ha povoar as Capitanias perdidas dellá debaixo, e outras couzas que nos apontamentos vi, para o quall pedem a V. Alteza que por vinte annos lhe dè o Brazill de todo a Costa metendo diante de tudo ho destas minhas terras da nova Luzitania; e assi lhe pedem, que deutro no dito tempo lhe llarge e de todo los dizimos, e rendas de todallas terras, e Costa do Brazill, e assi ho rendimentos de qua, como o dellá, de que de qua for, e outras couzas que nos apontamentos vi; e posto, Senhor, que se me offerecia algũas couzas em este estante para sobre isto dizer-lhe sofri, e Callo, e ho não faço por não ter certeza se ho de mim V. Alteza tomará, segundo minha saã, e verdadeira intenção, e por haver trez annos que per qatro vias tenho escripto, e dado Conta a V. Alteza, de tudo ho que me pareceo seu Serviço, e ate ho prezente não tenho visto, nem avido resposta; ho quall, Senhor, me parece proceder do pouco credito que com V. Alteza tenho.

Mas quiz, Senhor acudir ho que com rezão, e com justiça a mim toca e relleva, não me afastando do que a seu Serviço cunpre, pois este foi sempre meu propozito, e custume, e digo, Senhor, que quanto he asi tornarem a povoar, e a proveitar as terras, e a Capitanias de Láa debaixo que se despovoárão da maneira que Vossa Alteza já llá sabe, e he muito bem, e serviço de Deos, e de Vossa Alteza, e se Vossa Alteza as que lhe tenho escripto vio nellas veria o que sobre isso lhe escrevi, e dei Conta por que sempre me pareceo muito seu Serviço prover sobre isso pollos respe tos que nas minhas a Vossa Alteza lhe lembrava, e este foi, e he meu parecer, que torne a mandar que se povoe, e aproveite as ditas terras, como Vossa Alteza for Servido, e for rezão, e jurtiça.

Mas aspera couza, Senhor, parece quererem esses armadoures, ou Contractadores metter ho que Deos por sua Mizericordia, e meus grandes trabalhos, gastos, e despezas, e derramamento de Sangue qys que este ganhado, e melhor priucipiado, e povoado, e regido, e guovernado, e com Justiça adminstrado que todallas outras como ho que por muitos desvarios está perdido; e o proveito, e bem disto que tenho adquerido, e grãjeado para V. Alteza do que levo muito gosto, e contentamento, em especiall pelo mais que da qy em diente se mostra aver, e multiplicar; e outro sy alem de me nisso tirarem o gosto, e contentamento, algum proveito, e fruito, que de meus trabalhos me podesse vir, e caber querem elles para si, não me parece ser rezão, nem justiça, e V. Alteza nisso fará o que for servido, mas eu, Senhor, não deicharei de dizer ho que com verdade entendo, que tanto portanto melhor, e mais rezão seria acudir com alguma ajuda, e favor aquem ho ganhou, e com tanto trabalho, gasto, e fadiga, e derramameuto de Saugue, o pôs, e tem no estado em que estáa, e para a couza ir de bem em melhor, e se mais multiplicar, e augmentar, e que he ho proprio pastor, e não mercenarios que querem disso adquerir, e tirar seu proveito, e por syma de tudo V. Alteza fará ho que for Servido, posto que de minha livre voutade não concederei em me metterem em taes armaçoens, e companhias, nem quero de V. Alteza o que elles querem, e pedem, somente se V. Alteza for servido, e lhe parecer rezão, e justiça para a cauza que entre as mãos trago, e dezejo fazer vir a bom effeito ajudar-me, e favorecer-me receberei nisso mercê, que he o siguinte.

E quanto, Senhor, aos direitos, e dizimos destas minhas terras, assi os de qua, como os delláa que lhe pedem, torno, Senhor, a dizer que V. Alteza os seve, e haja em tudo e per tudo como se em minhas

S. Vicente] no curto espaço de onze annos fundar duas Villas,

---

Duaçoens contem , que nada delles lhe peço somente que delles se tirem qua os pagamentos dos Ordenados dos Seçardotes como se ora qua faz , e por V. Alteza foi ordenado, quando para qua vim ; e assi , Senhor para as obras , e couzas das Igrejas da obrigação de V. Alteza , sobre o quall tenho escripto a V. Alteza por trez vezes , e por trez vias , e sobre isto peço a V. Alteza , que proveja , por aver disso muita necessidade.

Mas ha mercè que a V. Alteza peço e que me licitamente pode fazer, que por espaço dos vinte annos , ou pollo espaço que V. Alteza conceder a esses armadores aja por bem de me largar os dizimos dos meus proprios engenhos , e isto somente dos de minha lavra, eo que me pertencer das partes, que a parte dos Lavradores seja muito embora de V. Alteza ; e isto se V. Alteza disso for servido , e se não seja como mandar.

E outro si que por espaço do dito tempo aja por bem de me dar Lycença que em cada hum anno possa mandar de qua trez mill qyntaes de brazill ás minhas proprias custas, forros de todos os direitos, para ajuda dos sobreditos gastos , para me tornar a fornecer , e reformar de couzas do que tenho necessidade para os negocios de qua, por que não acho ja no Reyuo quem me empreste nem dê tanto dinheiro a caybos , ho qual brazill poderei mandar adonde me bem vier , quer a Levante , quer a Poente onde quer que mandar buscar as couzas necessarias , e aqy será pezado pello seu Feitor , e Officiáes e passarão sua arrecadação para onde quer que for , com declaração do que he , do qual sendo V. Alteza disso Servido me mande passar a Provinzão , ea mande dar a Manoel de Albuquerque , ou a quem por minha parte lha requerer ; o quall brazill farei em parte onde não faça nojo , por que assy me cumpre ; e digo , Senhor , trez mill quintaes , por que segundo qua custa , eo pouco que lla vall não se tornarão em mil quintaes

E por quanto , Senhor , este fazer de brazill com tanta dezorde querem fazer , e he tão danozo , e tão odiozo o fazer nesta Comarca d'Olinda , e S. Cruz quanto já tenho escripto a V. Alteza , e enviado por estromentos , e pedindo-lhe ha trez annos , e per trez vias , que sobre isso proveja , porque de quantos Alvaraes V. Alteza tem mandado passar todos se querem aqui vir para acabar de deitar a perder tudo , e para pior ser está pegada comigo a terra de Pedro Lopes de Souza, que DEOS aja. onde não estaa o proprio pastor , mas hum mercenario por Lingua , e Feitor d'armadores que em outra couza não entendem se não em fazer brazill, ja disto tenho dado Conta a V. Alteza proveja sobre isso. Peço a V. Alteza , que mande que do Cabo de S. Agostinho ate Capiguoarybemery que he o estremo dos Pitiguarés , que pode ser doze , ou treze Legoas pouco mais , ou menos , que he tudo de huma jeração, que nesta sobredita Comarca se não faça brazill allgum daqy adez , ou dôze annos para se ha couza tornar a meter em ordem , pois ahi ha tantos outros Portos em que ho podem fazer , assi do Cabo de S. Agostinho ate S. Francisco , que he na mesma minha Costa como d'ahi para baixo , e na Costa dos Petiguoarés que são outras gerações contrairos destes e fasendo llá não nos danificão , e aquem V. Alteza ouver por bem de ho dar, quer nos Petiguoarés, quer nos outros meus Portos debaixo pode Senhor, vir aqy para mais seguridade , e toda hajuda , e favor que lhes eu poder dar lhes darei de boa vontade , assi para os Petiguoarés que he daqy doze , qynze , e vynte , trinta , e corenta leguas tudo Costa onde ha brazill muito , e bom , e mais barato que este daqy , asi polla desordem , como por ser dez , doze , qynze leguas pello o Sertão a dentro ; como querendo ir aos outros meus Portos do Cabo de Santo Agostinho para ho Sul , que he outra jeração

[Iguarassú , e Olinda] edificar engenhos , eregir Arsenaes ,

contrairos destes , porque asi como os meus Bragantins , eos Caraveloens dos moradores andão a maior parte do anno por toda minha Costa, asi poderão mandar os seus Navios , e eu os favorecerei, e hajudarei no que poder , e aqy se poderão fornecer , e aviar de Linguas , e do mais que lhes cumprir , e poderão comprar , e vender com os moradores , e povoadores da terra , e fazerem seu proveito sem nos danificarem, asi a mim , como os que comigo estão.

Eposto , Senhor , que disto tenho escripto , e dado Conta a V. Alteza averá obra de hũ mez , acerca de não me serem lla guardadas minhas Duaçoens conveome tornar per esta a escrepver sobre iso , e dar Couta a Vossa Alteza do que passa , e a cauza he esta Algũas pessoas aqui moradores se me vierão a queixar de como lhes lla não querião guardar as Liberdade contheudas em minhas Duaçoens , e sobre isto mesmo me escrepverão de Portugal algumas pessoas que comigo estão consertados para virem , ou mandarem fazer engenhos , e parece que por saberem lla que se não guardavão minhas Duaçoens , e porque nos Alvaraes que de nós tem diz que ey por bem , e serviço de V. Alteza , que do dia que vierem , ou per si , e em sua pessoa mandarem a povoar , e a fazer os engenhos , que trazendo , ou mandando trazer os Officiaes , e toda a jente , e couzas necessarias para elles , que possão gozar dos previlegios , e Liberdades de moradores , e povoadores destas minhas terras , como se em minhas Duaçoens comtem Sabido isto , Senhor , qua foi grande alvoroço , e ajuntamento em todo ho Povo , e todollos Officiaes , e pessoas nobres , e honradas todos juntamente se ajuntárão em conselho , e fizerão Camara , e me fizerão sobre iso hũa petição per elles assignada , que com esta vai , pedindo-me com grandes ellamores que hos provesse com justiça, ao quall eu respondi o que V. Alteza verá nas Costas da petição , e os consollei de seu agastamento , eos apacefiquei , dando-lhes allgumas desculpas de V. Alteza disso não ser sabedor , e prometendo-lhes de logo o fazer saber a V. Alteza , e dando-lhes esperança que V. Alteza proveria nisso.

Para o quall , Senhor , peço a V. Alteza veja minha Carta , e lhe tome o intento , e achará , que he tudo de sustancia de seu servcio , sobre que ando morrendo , que melhor me fora já hũa morte que tantas sem acabar de morrer ; porque as couzas destas calidades, que per fora tam alongadas do Reyno querem-se , Senhor , per outros meios , e maneiras que não as dellaa , e pois Vossa Alteza sabe que eu sempre tive cuidado tão especiallmente das couzas do seu Serviço , e dado tamboa conta de mim, como DEOS , e V. Alteza sabe , e a todos he notorio. Rezão será , Senhor , que por sua parte me não venhão estorvos para as couzas do seu Serviço que dezejo levar ávante ; porque, muito mais perdas será o que se pode seguir , não se guardando has Liberdades , e privilegios que o proveito que disso pode redundar , eu não tenho para mim , nem poço crer que isto vem per V. Alteza , nem que disso he sobedor , mas que por Officiaes que querem eyceder ho modo por se mostrarem Servidores ; ou se vem por Rendeiros lembre-se V. Alteza do que cumpre a seu Serviço , porque esses taes não se lembrão se não do seu proveito

E pois Vossa Alteza sabe , que polo Servir qua vim , e me concedeo em minhas Duaçoens para se acouza melhor , e mais prestesmente poder fazer , e ir para bem como louvores a DEOS vai entre as quaes couzas concedeo , e ouve por bem polla informação , e declaração que disso lhe dei , ouve por bem , e seu Serviço que asi eu como todos os meus herdeiros , e Subcessores , e todollos moradores , e povoadores que em minhas terras viessem a morar , ou povoar , que de todallas mercadorias , e couzas que

construir embarcacoens , arrotear a terra, coberta de matas vir-

de qua mandassemos ou levassemos llâa no Reyno não pagassem se não huma soo siza ; a saber de dez hum , e que podessem vender, e fazer dellas o que lhes bem viesse. E outro si que posto que sejão entrados ou chegados aquall quer porto, Cidades, Villas, ou Lugares dos seus Reynos, e Senhorios, em hi não quizerem vender, nem descarregar que livremente ho poção fazer , e irem pera onde lhe bem vier , sem serem constrangidos , nem lhe poderem ir a mão a isso , posto que nos taes Portos , Cidades , Villas , e Lugares aja outros Foraes , ou costumes em contrairo deste , o quall segundo me dellá , Senhor , espoem , e qua todo o Povo se me queixa se não guarda llaa ; nem querem guardar aos morddores , e povoadores que ha doze , e dez , e oito , e seis annos que morão , e povoão na terra , e qua tem grosas fazendas , Criados , e escrapvos que omrão , e aumentão ha terra porque argũe llâa , que tem as molheres no Reyno , e qne lhes não ham de guardar as liberdades , e privilegios em minhas Duaçoens contheudas.

E outro si pessoas nobres , e poderozas que lla estão no Reyno , e qua povoão , e outros que querem povoar por seus Feitores , e jentes, escrapvaria , e fazer engenho que he couza Reall, e que muito augmento , e acrescenta ho bẽ da terra , e dão muito proveito a Vossa Alteza , e muito mais daqui emdiente indo a terra para bem como louvores a DEOS , vay, Vossa Alteza averá

E outro sy , Senhor querem llaa aver por moradores , e povoadores o que elles querem , e não os que eu qua per minha Ordem , e per meu trabalho , e endustria amdo adquerindo para a terra , e mando assentar no Livro da Matricula , e tombo das terras todos aqelles que são moradores, e povoadores , e a estes o Feitor e Almoxarife de V. Alteza , e Escripvão de seu carrego paçâo as arrecadaçoens de moradores , e povoadores , e aos outros não. Eoutro si dizem llâa , e levantão outro sologysmo que não hão de gozar das liberdades os moradores , e povoadores que de qua mã dão açucares , ou algodões , se não os que forem de sua lavra , e colheita ; isto , Senhor , parece abuzão porque em todas as terras do mundo se costuma , e huza o que eu aqy costumo , e huzo , e tenho posto em Ordem.

Que entre todos os moradores , e povoadores huns fazem engenho d'açucar porque são poderozos para isso , outros Canaviaes , e outros algodoaes , e outros mantimentos que he a princippall , e mais necessaria couza para a terra , outros huzão de pescar , que outro si he mui necessario para a terra , outros huzão de Navios que andão buscando mantimentos , e tratando pela terra conforme ao Regimento que tenho posto , outros são Mestres d'engenhos, outros Mestres de açucar , Carpinteiros, Ferreiros , Pedreiros , Oleiros , e Officiaes de formas , e sinos para os açucares , e outros Officiaes que ando trabalhando , e gastando o m eu por adqeryr para a terra , e os mando buscar a Portugal , e a Galiza , cás Canarcas , as minhas custas , e algums que os que vem afazer os engenhos trazem , e aqy morão , e povoão delles Solteiros , e delles Cazados aquy , e delles que cada dia Cazo , e trabalho por Cazar na terra ; porque toda esta ordem , e maneira , Senhor , se ha de ter para povoar terras novas , e tam alongadas do Reino , e tão grandes como estas e de que se espera tanto bem , e proveito , asi para ho Servico de DEOS, como de V. Alteza , e para bem de todos os seus Reinos , e Senhorios ; e pollas mais rezoens que V. Alteza sabe , por cuja cauza me qua mandou Ora pois , Senhor, pois que eu qua por minha parte trabalho , e faço tanto o que devo , não consinta Vossa Alteza llá bolirem com taes couzas , porque não he tempo para com tall se bolir ; mas para mais acrecentar as liberdades , e privi-

gens , e de madeiros tão corpulentos ; que parecia disputarem antiguidade ao proprio Tempo , e tudo isto em um Paiz dominado pelos Cahetés , [Tribu formidavel] e , como diz o Historiador Rocha Pita , conquistado palmo a palmo do poder d'estes selvagens ? Occorre mais que a Coroa não entrou com numerario para as consideraveis despezas d'esta Capitania , e que essas despezas foram todas feitas pelo Donatario. Ora si ao Rey mesmo seria curtissimo o espaço de onze annos, ou de quatorze [referindo-me á ultima carta de Duarte Coelho] para tornar de matas impenetraveis até aos raios do sol ; e de um campo maninho, dominado pela mais formidadavel das Tribus, em um Paiz, tal qual da mesma carta se deprenhende , e onde duas Villas , longe uma da outra sette legoas, floreciam; e um campo cultivado offerecia ao colôno laborioso copiosa recompença de seus suores ; si conseguir tudo isto pois seria bem difficil , senão impossivel, ao Monarcha ; como poderia ser facil a um particular , que por mui rico que fosse, muitos recursos lhe deviam faltar ?

Segue-se por tanto indubitavelmente que a Doação foi redusida a escripto, muito depois de estar Duarte Coelho em Pernambuco , e que por tanto o Autor das citadas *Memorias de*

---

legios , e não para os diminuir. Peço a V. Alteza que veja esta minha , e que lhe tome ho yntento , e que sobre todas estas couzas proveja com brevidade ; e que me leve em Conta minha boa , e sãa entenção , e pois sabe que minha condição , e entenção he fazer verdade , e falar verdade com todos em jerall, quanto mais eom Vossa Alteza , e nas couzas de seu Serviço , sobre que ando trabalhando , e que tamto cumpri , e importa que se isto não fora , e asi o não entendera , juro polla hora da morte que dias á que para Portugall me fora ; pois sou homẽ para em todas partes de mais omra , e proveito servir a V. Alteza do que até oprezente tenho , e sei de serto que dera boa conta de mim , como que a melhor deo , ou der.

Torno apedir a V Alteza que proveja sobre todas estas couzas que lhe tenho escripto , e dado Conta para que saiba o que devo fazer , e se não passe o tempo em balld , que he a maior perda das perdas , pois tudo se pode cobrar se não o tempo perdido.

DEOS por sua Mizericordia tenha a V. Alteza em sua guarda , ea todollas couzas de Seu Serviço , e lhe dê vitoria contra todos os que prezumirem de contra ellas ser : amem. D'Olinda a quinze d'Abril de mil quinhentos quarenta e nove.

Acerqua das couzas do Brazill proveja V. Alteza , asi p ela desordem , como porque o robão com estas dezordens , e asi o confirme . do que llevo grande payxão , e desgosto , e se me qua quero remediar lla , Senhor , faz-se outra couza , e não o que ordeno pollo servir , e atalhar a tanta dezordem , que não acho que não prezumo de fazer , e tratar em brazill , como tratar em erva , e alleacer , e hillo vendêr apraça ; eu castiguei alguns que se desmandarão, mas na juridição alhêa não entendo se não com requerimento , e Cartas Precatorias , o quall não dam mais por iso , que por castigos de Sollão. Eu tenho ya diso aviasdo a V. Alteza , não sera ami aculpa. Servo de V. Alteza » Duarte Coelho.

S. Vicente, que tanto se esforçou em provar que a Provincia de S. Paulo foi fundada primeiro, do que a de Pernambuco, carece de provas para ser acreditado.

Attenda-se que Duarte Coelho foi quem expulsou os Francezes de Itamaracá, que a nossa Provincia só teve o nome de Pernambuco, depois da fundação d'Olinda, que antes de Duarte Coelho fundar esta Cidade, a unica barra conhecida era a de Itamaracá; e depois combine-se isto com a carta que El-Rey fez escrever a Martim Affonço em 1532 (dois annos anteriores a data da Carta de Doação) e verse-ha, que o Rey já n'aquella época uza do nome Pernambuco, e sobre tudo que diz a Martim, Affonço, alludindo aos feitos de Coelho — «*Eu creio que el-*» *les* (os Francezes) *nam tornarão laa mais a fazer outra* » *tal; pois lhe esta* (a) *não succedeo como cuidavam . . .* » — concluindo-se evidentemente de tudo isto, que em 1532 ja Duarte Coelho havia fundado Olinda, cuja barra tendo dado o nome á Provincia, torna o mesmo nome dependente d'essa fundação. Ora sendo incontestavel que Olinda foi fundada por Coelho; sendo incontestavel igualmente, que da barra d'esta Cidade Capital veio o nome á Provincia, sendo finalmente tambem incontestavel que esta barra, antes de Coelho, não era notavel, e nem ao menos conhecida; segue-se inquestionavelmente, que o Rey em 1532 não denominaria este Paiz – *Pernambuco* –, si antes Duarte Coelho ja não tivesse fundado Olinda.

A Villa de Iguarassú foi por tanto fundada em 1530. Em 1534, ou 1535 o que Duarte Coelho fez foi mandar (b) transportar da Europa sua Mulher e filhos, e já depois de ter povoado Olinda; conclusão esta mui rasoavel, tanto mais porque não he presumivel, que transportasse em 1530 sua familia para um Paiz, onde a unica habitação Europea que havia era uma Feitoria (ou armazem de recolher Pau Brazil) a beira do mar, e que para mantel-a era precizo estar constantemente sob as armas, ja para defendel-a dos Indiginas, que se tinham tornado inimigos dos Portuguezes, pelos maus tratamentos que lhes deram os degredados remettidos pela Corte, e já para se livrar dos Francezes, os quaes para ganharem a confiança dos Selvagens, e obterem Pau Brazil os tinham feito sublevar, e se aprezentavam á sua frente, como em Portugal ja se sabia.

Duarte Coelho pois tendo a Doacão vocal do Paiz, que em 1534 lhe foi formalmente doado, embarcou em Lisboa em 1530 carregando á sua custa tres navios de tudo quanto era precizo

(a) Allude El-Rey n'esta passagem a ter Duarte Coelho batido os Francezes, e presionado-os, quando saltou em Itamaracá.

(b) Ou tal vez que fosse em pessoa.

para invadir, e povoar, trazendo sob suas ordens muitos de seus parentes, e grande numero de gente de guerra. Com prospera viagem avistou terra em 26 de Settembro d'esse anno, e molhando ancoras em Itamaracá ahí desembarcou, bateu, e presionou os Francezes que estavam senhores da Feitoria estabelecida por Jaques, e seguiu pela margem do rio *Jurusa* (o qual depois El-Rei denominou *S. Cruz*) até que avistando sobre um alto uma povoação de Indios Cahetés, que em todo o caminho lhe tinham demandado o passo, atacou-a, e a final depois de bem desputada resistencia, apoderou-se d'ella. E por que estes Indios, apenas viram as nossas embarcaçoens exclamaram = *Iguará-Assú* =, que em seu Idioma quer dizer *canoa grande*; d'esta exclamação tomou Coelho motivo para denominar esse lugar *Iguarassú*. Ahi pois fundou a primeira Villa de Pernambuco; e porque expulsou os Cahetés d'esse lugar em 27 de Settembro, dia dos Martires *SS. Cosme, e Damião* consagrou o Templo que ahi edificou a esses Santos, a cuja proteção atribuiu a victoria; foi por tanto fundada a Villa de Iguarassú em 27 de Settembro de 1530.

CAPITULO 8°

Duarte Coelho funda Olinda; allia-se com a Tribu Tabayré; bate os Cahetes, e finalmente consegue arrotear a terra, e levantar engenhos.

Expulsos os Cahetes de Iguarassú, tractou Coelho, senhor do Campo, de o fortificar, edificando ao mesmo tempo habitaçoens commodas; empreza esta que conseguiu em pouco tempo, apezar dos continuos ataques dos Indios inimigos. Entretanto por meio de um procedimente franco e leal, Coelho alcançou contrahir alliança com a Tribu dos Tabayrés, cujo principal Chefe, chamado Tabyra, grandes serviços lhe prestou. Fortificado Iguarassú, e arranjadas as couzas alli de uma maneira conveniente, deixou Coelho esta nova Villa guarnecida como convinha, e a frente do seu pequeno Exercito sahiu pela costa em demanda de sitio, que reunisse á um bom surgidouro outras commodidades indespensaveis em uma Cidade maritima, e que faltavam em Iguarassú; e seguindo para este fim caminho do Sul, mas sempre com muita cautella, para livrar-se das emboscadas dos Cahetes, avistou em Janeiro, ou Fevereí-

ro (a) de 1531 um aprazivel outeiro proximo ao mar, 8 graus ao Sul da Linha, no qual habitavam alguns Indios, e transportado pela belleza do sitio exclamou: *O' linda situação para se fundar uma Villa.* Aprovaram todos a lembrança; mas para que ella não ficasse izempta de lisonja, accordaram em que á Villa que alli se fundasse se lhe desse o nome de *Olinda*, formado das primeiras palavras proferidas por seu Chefe. Fez por tanto o Exercito alto, e tratou Coelho de fundar a Villa; e com affeito tanto trabalhou, que dentro de um anno, já ella contava settecentas habitaçoens; algũas sumptuosas em relação ao tempo, e lugar.

Todavia Coelho não podia dilatar os seus estabelecimentos: os Cahetés, Tribu barbara e selvagem, notavel entre todas as outras pela sua ferocida, e pelo uzo que fazia de canoas que carregavam ate doze pessoas, o encommodava constantemente. Iguarassú, e Olinda eram quasi todos os dias atacadas por esta Tribu; e em verdade os novos povoadores teriam sucumbido infalivelmente si Coelho fosse General menos habil, e si igualmente não tivesse sob suas ordens officiaes tão habeis como elle. Olinda em 1535 viu-se em grande aperto, Coelho foi ferido; mas a constancia, e valor venceram tudo, e o soccorro dos Tabayrés habilitou os novos povoadores, não só para sustentarem os ataques, mas até para atacarem os inimigos em seu campo, e arredal-os para bem longe, conquistando Coelho a palmos o Paiz que lhe tinha sido doado por legoas.

Os Tabayrés foram, como já referi, os primeiros que se ligaram aos fundadores de nossa Patria. Um dos seus Chefes, chamado *Tabyra*, era dotado de grandes talentos para a guerra, e por isso o terror dos Cahetés. Elle mesmo hia espial-os nos seus Arraiaes, para descubrir os projectos que por ventura quisessem pôr em pratica, aproveitando-se da vantagem de fallar a mesma lingua. Tabyra armava emboscadas, atacava os inimigos pela noite, em fim conservava-os n'um continuo sobresalto. Os Cahetés por tanto, fazendo um exforso para se livrarem de tal inimigo, reunem todas as suas forsas, marcham sobre elle, cercam-no e atacam. N'este combate, uma flexa crava-se no olho de *Tabyra*; mas este intrepido, sem alterar-se, arranca com a pupilla do olho a seta que o ferira, e voltando-se para os seus diz-lhes: *Tabyra com um só olho vê quanto he bastante para bater seus inimigos* — e com effeito apezar do seu

(a) Não me foi possivel descubrir com certeza o dia da fundação de Olinda: a época que eu lhe dou he a mais aproximada, e deduzida de certas passagens dos Authores que tenho consultado, o que seria enfadonho aqui referir.

numero bateu-os, e pol-os em completa debandada.

O seu immediato, e digno emulo *Hagise (braço de ferro)* foi um dos *Tabayrés* que mais se destinguiu, e *Piragibe (braço de peixe)* fez serviços tão importantes, que El-Rey o condecorou com o habito de Christo, e concedeu-lhe uma pencão. Foi pois com o auxilio d'estes intrepidos alliados, que Coelho fundou Olinda, e livrou Iguarassú de ser preza dos Cahetés.

Fundadas as Villas de Iguarassú, e Olinda, denominou Coelho o Paiz que lhe foi Doado = *Nova Lusitania* =, (a) mas como os Indiginas chamavam a barra, que fica pouco mais de meia legoa ao sul d'Olinda *Pérá-Nambuco* [que quer dizer *Pedra furada, ou buraco*] em allusão a fenda que há no Recife, e pela qual entram os navios, prevaleceu este Nome, que os Indiginas davam a barra, ao que lhe quiz dar o seu Donatario; mas *por Euphonia* esta Provincia ficou chamando-se Pernambuco, nome sob o qual hoje se comprehende a outra Capitania de Itamaracá.

A alliansa dos *Tabayrés*, as providencias de Coelho, e sobre tudo o terrivel effeito das armas de fogo, afugentaram os Cahetés para tão longe, que os novos povoadores poderam edificar engenhos, arrotear a terra, e finalmente respirar em pás por alguns annos. Olinda crescia a olhos vistos, e Iguarassú, cercada de estabelecementos ruraes, mui pouco lhe cedia o passo. N'este estado estavam as couzas, quando os *Cahetés*, ciosos pelos favores concedidos aos *Tabayrés*, e estimulados pelo mau tratamento que lhes davam, de novo tomam armas em 1548, e cercam *Iguarassú*. Esta Villa então estava apenas guarnecida por noventa dos novos povoadores, trinta escravos negros, e alguns Indios alliados; e os Cahetés sitiantes eram doze mil! Iguarassú não tinha outra fortificação mãis do que uma trincheira de pau a pique, que o cercava, e da qual os sitiados faziam fogo. Os sitiantes construiram, se bem que de uma maneira informe, dois entrincheiramentos de arvores cortadas: de noite recolhiam-se a elles para se defenderem das sortidas inesperadas, e de dia punham-se a abrigo dos tiros de espingarda em fóssos profundos, que haviam cavado, e donde sahiam muitas vezes para surprender a Praça: n'estes ataques, logo que viam fazer-se-lhes pontaria deitavam-se por terra, entretanto que passadas as ballas, levantavam-se, e avançavam, arremessando dardos á estacada, e disparando frexas guarnecidas de algodão inflamado, para encendiar as obras, e as cazas, que pela maior parte ainda eram de madeira, ou taipa.

Ou este modo de combater fosse natural nos Cahetés, ou não passasse de uma grosseria imitação da destruição que n'elles

(a) Este nome nos primeiros tempos estendeu-se a todo o Brazil.

fazia as armas de fogo, elles o repetiam constantemente; e ainda que nem um partido tiravam, com tudo não cessavam de ameaçar os sitiados, asseverando-lhes que hiam devoral-os. Entretanto os viveres faltavam em Iguarsssú, a mândioca (principal pão dos Pernambucanos) não podia ser colhida, porque os Cahetés estavam senhores das rossas: duas chalupas foram expedidas para Itamaracá a procurar viveres; mas o rio era tão estreito que os Cahetés, lansando-lhe grandes arvores, de algũa sorte prohibiram a navegação; com tudo a nossa gente rompeu estes obstaculos, e pode fornecer de viveres seus companheiros: finalmente depois de um sitio de trinta dias, perdendo os Cahetés a esperança de redusirem Iguarassú pela fome, pediram pás, e se retiraram. Depois d'estas hostilidades a Capitania de Pernambuco, e principalmente Olinda, continuou a prosperar até a morte de Coelho.

Tenho chegado já a uma época muito posterior a creação da Capitania de Itamaraçá, (parte integrante de Pernambuco) e ainda não tractei d'esta porção do nosso territorio, que posto que á mais de um Secculo tenha perdido a sua importancia politica, todavia em seus principios foi independente de Pernambuco. Suspenderei por tanto agora a narração dos factos da Capitania de Duarte Coelho, para dar uma mui breve noticia da de Itamaracá desde a sua fundação até quando foi encorporada a de Pernambuco.

CAPITULO 6°

Pedro Lopes de Souza funda a Capitania de Itamaracá. Noticia da Villa de Goiana, e d'outras da mesma Capitania.

1535 A 1763.

Ao mesmo passo que Duarte Coelho engradecia os seus estabelecimentos, El-Rey D. João 3° doou a Pedro Lopes de Souza por Carta Regia datada em Evora a 21 de Janeiro de 1535 oitenta legoas de costa; a saber 50 na Provincia de S. Paulo (que então se chamou Capitania de S. Vicente) e 30 em Pernambuco desde o Rio S. Cruz em Itamacacá, até a Bahia da Traição.

A Capitania pois de Itamaracá, tão nomeada, e citada nos antigos Mappas, quanto hoje pouco conhecida, dilatava-se na costa por espaço de trinta legoas. Seu primeiro Donatario, que pouco sobreviveu á sua fundação, era irmão de Martim Affonço de Souza, Donatario de S. Vicente. Em todos os livros que te-

nho consultado , o que algũa couza diz sobre a fundação d'esta Capitania he o Chronista de S. Antonio do Brazil ; (a) eu passo por tanto a copial-o , sem que me constitua fiador de suas noticias , e pelo contrario de algũa sorte mostrarei que em grande parte não he exacto.

» Constando a El-Rei [diz o Padre] que Francezes ha-
» vião levantado huma Fortaleza em *Itamaracá* com artilhe-
» ria , e presidio de 100 homensr e que a ella vinhão navios de
» França a permutar Páo Brazil com os Indios , assim da Ilha ,
» como do Continente circumvizinho ; despachou huma Esqua-
» dra , e por Capitão mór della a Pedro Lopes de Souza , a
» quem ordenou , que fosse a Itamaracá a desalojar os France-
» zes , e o mesmo fizesse a Estrangeiros de qualquer nação , se
» mais alguns achasse estabelecidos em a Nova Lusitania , ou
» commerciando nos portos della. Mais lhe ordenou , que ,
» depois de demolir as Fortificações dos ditos Francezes , le-
» vantasse as necessarias para segurança de huma Feitoria ,
» que por elle mandou criar na paragem , que julgasse mais
» conveniente , para o effeito de se extrair Páo Brazil por conta
» da sua Real Fazenda.

» Chegou Pedro Lopes a *Itamaracá* a tempo , que sa-
» hia para França hum navio deste Reino , e o Capitão delle ,
» em vendo a Esquadra Portugueza , logo se fez na volta do
» mar com todos os pannos soltos. Vinha na Esquadra de Pe-
» dro Lopes hum homem da sua caza , por nome João Gonçal-
» ves , Soldado valeroso , e de muita experiencia na guerra ,
» o qual era Commandante de huma caravela muito ligeira.
» A este ordenou o Capitão mór , que désse caça ao navio Fran-
» cez. Seguio-o João Gonçalves , alcançou-o, e fez nelle preza
» depois de muito valerosa resistencia. O navio era de 6 peças,
» e rendeu-se com 35 homens.

» Pouco depois de partir a caravela , avisárão ao Ca-
» pitão mór , que na Ilha se esperava todas as horas outro navio
» da mosma nação , e elle mandou a Alvaro Nunes de Andrade,
» Fidalgo Gallego , e a Sebastião Fernandes de Alvello , Com-
» mandantes de duas caravelas , que lhe sahissem ao encontro :
» quando se contavão 27 dias de assistencia dos Portuguezes na
» Ilha , entrou pela sua barra João Gonçalves com a preza , e
» na mesma maré chegárão tambem os outros dous Capitães com
» o navio , que se esperava , já rendido. São as desgraças tão
» cobardes , que a ninguem acommettem , sem virem acompa-
» nhadas de outras muitas. Isto experimentárão os Francezes

(a) Jaboat Degres. 4. Estanc. X n.° 124 pag. 91.

» da Fortaleza ; pois além de perderem os seus navios , suble-
» várão-se contra elles os *Potiguarés* , Indios valerosos , que
» havião conquistado a Ilha de Itamaracá , e o seu contorno em
» a Terra firme. A cauza da revolta foi esta :

» Antes de surgir no Porto de *Itamarracá* a Esquadra de
» Pedro Lopes , tinhão os Francezes aprisionado alguns Portu-
» guezes , que conduzirão para a Ilha. Estes achárão meio
» de contrahir amizade com os Indios , e tanto que virão no
» porto a Esquadra dos seus Nacionaes , aconselhárão aos In-
» dios , que matassem aos Francezes , e fossem alljar-se com o
» Capitão d'El-Rei de Portugal. Agradou o conselho aos Bar-
» baros , e resolvêrão pôlo em execução : os Principaes buscá-
» rão a Pedro Lopes , e manifestárão-lhe o seu intento de assas-
» sinarem aos Francezes , para assim comprovarem a estimação ,
» que fazião da amizade Portugueza. Agradeceu-lhes Pedro
» Lopes a offerta ; mas rogou-lhes , que interinamente se abs-
» tivessem da matança ; pois era seu intento não fazer mal aos
» Francezes , se voluntariamente se rendessem. Nesta occasi-
» ão se alliôu com os *Potiguasés*.

» Vendo-se os do Presidio sem o socorro dos viveres , e
» gente , que esperavão no segundo navio , e sabendo , que os
» Indios se havião unido aos Expugnadores da Fortaleza , as-
» sentárão , que lhes era impossivel defendêla , e resolvêrão
» entregála : despachárão logo hum Plenipotenciario , que fos-
» se capitular com Pedro Lopes , e este sem repugnancia conveio
» na proposta , a qual era em substancia , que entregarião o
» Forte , e tudo , quanto nelle se achasse , concedendo-se a
» vida aos rendidos. Assignarão-se os artigos , e os sitiados
» não esperárão , que chegasse o Vencedor , ao qual fôrão bus-
» car desarmados , e no caminho lhe entregárão as chaves. En-
» trou na Fortaleza o Capitão mór , e não lhe agradando a sua
» situação , demolio-a , depois de evacuada , e de novo man-
» dou levantar dous Baluartes ; hum no lugar da Povoação , e
» outro onde chamão os Marcos na Terra firme , para resguar-
» do da Feitoria do Rei , que assentou nesta paragem. Guar-
» neceu as Forças novas com a artilheria da Fortaleza demolida ,
» e dos navios aprezados , e o mais cedo , que lhe foi possivel ,
» despachou para o Reino alguns navios carregados de Páo Bra-
» zil tomado aos Francezes , e tambem de algum beneficiado na
» nova Feitoria Real.

» Depois de gastar alguns mezes nestas diligencias, dei-
» xando nas Fortalezas a gente necessaria para a sua defensa , e
» da Real Feitoria , sahio de *Itamaracá* , acompanhado de Pe-
» dro de Goes , e foi reconhecer os portos até o Rio da Prata ,

» onde padeceu naufragio , e com elle o dito Pedro de Goes , » que o acompanhou por estas Costas. D'allí voltou para o Rei- » no , e com as boas noticias , que de tudo déra a ElRei , e » com as que o mesmo Senhor houvera de Christovão Jaques , » resolveu a repartilas por pessoas particulares , para as vi- » rem povoar. A Pedro Lopes de Souza fez mercê de 50 le- » goas para a fundação de huma Capitania , as quaes elle não » quiz juntas , mas separadas ; e assim tomou huma parte aqui » em *Itamaracá* , e a outra em *S. Vicente* junto á de seu ir- » mão Martim Affonso de Souza.

» Não achamos o anno certo da fundação desta , mas » como não ha dúvida , que a Villa de *Iguaraçú* foi a primeira » Povoação das partes de *Pernambaco* , e esta teve o seu pri- » cipio pelos fins do annos de 1530 por Duarte Coelho Pereira ; » deste anno por diante devemos assentar teve principio a funda- » ção de *Itamaracá*. E nem o seu Donatario o podia fazer an- » tes deste anno, porque pelos de 1525 (a) ou 26 se achava em *S.* » *Vicente* com o cuidado de fundar a outra de *Santo Amaro* » em concur o com a do dito seu irmão Martim Affonso de Sou- » za , que por este mesmo tempo lidava tambem com a fundação » da sua. No anno de 1539 partindo da India para o Reino » com 4 náos , de que elle era Capitão , a sua desappareceu na » viagem , sem se saber o fim , que levou. »

Foi sim Jaboatão o Historiador antigo , que mais algũa couza dice a respeito de Itamaracá ; mas infelismente tendo lou- vado-se em informaçoens inexactas atribuiu a Pedro Lopes os factos de Duarte Coelho , e confundiu de tal sorte as noticias , que só por meio de um estudo mui reflectido , e cotejando-se as passagens dos outros escriptores (b) se poderá desenvolver a verdade do spesso véo em que elles todos, e sobre tudo o inter- vallo de trez Secculos, a tem envolvido.

Pedro Lopes em 1530 não commandou Esquadra algũa , e muito menos foi encarregado por El-Rey de reconhecer os Por- tos até o Rio da Prata. He verdade que Lopes n'esse anno veio ao Brazil , assim como aquelle Pedro de Goes , de quem falla Jaboatão , mas não em Esquadra que commandasse ; porem sim na Esquadra commandada pelo Capitão Mor (c) Martim Affonço , seu irmão , o qual era o incumbido de reconhecer os

(a) Falsidade manifesta ! Martim Affonço veio pela primeira vez ao Brazil em fins de 1530 , e muito depois d'este anno , começou a fundar S. Vicente. Mem. para a Hist. da Cap. de S. Vicente Liv. 2.º

(b) Padre Vasconcellos Chron. Fr. Vicente Salvador Santuario Ma- riano Tom IX Liv. II Tit. 31.

(c) N'aquelles tempos Capitão Mor em uma Esquadra equivalia a Ge- neral do Mar. Ord. Aff. Liv. 1.º Tit. 55. Esta Patente foi creada por

portos do rio da Prata, onde com effeito naufragou uma embarcação em que hia Pedro Lopes, e o mencionado Goes, mas nem esse naufragio teve lugar quando Jaboatão diz, nem esta Embarcação era pertencente a Esquadra que commandasse Pedro Lopes, mas sim a de seu irmão Martim Affonço, como refere Vasc. na sua Chron. Liv. 1 º n º 63 pag. 60.

Da mesma sorte não se pode dizer que Pedro Lopes, quando em 1530 veio para o Brazil, sob o commando de seu irmão Martim Affonso (a) passou por Itamaracá, e praticou esses factos que refere Jaboatão; por quanto si fossem praticados por Lopes, não era possivel que primeiro tivesse o Rey em Portugal notticia d'elles, do que Martim Affonço no Brazil como se conclue da carta Regia que n'este Livro inxeri em a Nota -a- da pagina 46; e dado mesmo o cazo de que Lopes, separando-se da Esquadra, de seu irmão, praticasse esses factos, e d'elles désse conta ao Rey, então não poderia o Monarcha a Martim Affonço, que lhe désse nóvas de seu irmão. E alem d'estas razoens, que inteiramente contestam Jaboatão, accresse que tratando o Rey a Martim Affonço com tanta amizade, e concideração, como da Carta se vê, não se havia de esquecer de commemorar com destincão o Nome de Pedro Lopes, si com effeito elle tivesse obrado os factos que refere Jaboatão, principalmente tratando El-Rey pela primeira vez d'esses factos.

Está pois evidentemente demonstrado, que todas as accoens referidas por Jaboatão foram praticadas por Duarte Coelho, por que com effeito foi este que expulsou os Francezes de Itamaracá. Mas como essa Capitania tinha sido doada a Pedro Lopes, Jaboatão persuadiu-se que tudo quanto ahi teve lugar foi praticado pela Donatario respectivo, o que induz a crer que aquelle escriptor ignorava inteiramente a Topographia do Paiz, tanto mais quando elle, para marcar a época da fundação de Itamaraca', refere a da Villa de Iguarassú, confessando que esta foi primeiro fundada, o que convence que ignorava, que a barra de Iguarassú he a de Itamaraca', e que aquella Villa não podia ser fundada, sem que esta barra estivesse desembaraçada.

Alem de tudo isto, estando evidentemente provado, até pelo mesmo Jaboatão, que a Villa de Iguarassú foi fundada primeiro que Olinda, sendo igualmente evidente que Duarte Coelho não podia fundar Iguarassú sem expulsar os Francezes de Itamaraca', (única barra que então era conhecida) estando provado no Capitulo precedente, que quando o Rey escreveu a

D. João 1. º, e Severim. Not. D. 2, § 14 diz que de novo a estabeleceu El-Rey D. Fernando.

(a) Memorias para a Hist. da Capitania de S. Vicente Liv. 2. º n. º 12 pag. 144.

Martim Affonço ja' Olinda estava fundada, he fora de duvida, que si Coelho então tinha tantos Soldados que pòde, apezar das Tribus inimigas, fundar duas Villas, sobrando-lhe braços para a agricultura, jamais consentiria que na barra da primeira Villa do seu dominio se estabelecessem, e fortificassem settenta Francezes, cortando-lhe a retaguarda.

O que por tanto he unicamente verifico, he que; havendo Pedro Lopes, depois de ter regressado de S. Vicente para a Europa, obtido a Capitania de Itamaraca' em 1535, fundou nesse mesmo anno a sua Capital, combatendo, e destroçando os Petiguarés, a cuja frente se aprezentavam alguns Francezes, que para obterem Pau Brazil infestavam os nossos Portos, e seduziam os Indios, a fim de pertubar os estabelecimentos Portuguezes.

A carta de Doação de Pedro Lopes acha-se registrada no Archivo da Camara de Goiana no Livro 8 º do Reg. de Patentes e Ordens Regicas a fl. 81, e no Archivo da Camara de S. Vicente Provincia de S. Paulo; porem como confrontando as copias extrahidas desses Registros com a que tras D. Antonio Caetano de Souza nas provas da Historia Genealogica da Caza Real Portugueza achei erros consideraveis na parte mais excencial da Doação; isto he na demarcação das oitenta legoas concedidas, como apontarei em notas, transcrevo aqui a dita Carta de Doação na forma que se lê no referido author incerta na Carta de Confirmação conferida ao Marques de Cascaes [herdeiro de Pedro Lopes] pelo Rey D. João 5. º

» D. Joam por graça de Deos Rei de Portugal, .e dos Al-
» garves, d'aquem, e d'alem mar, em Africa Senhor de Gui-
» né, e da Conquista, Navegaçam, e Commercio da Ethiopia,
» Arabia, Persia, e da India &c. A quantos esta minha Carta
» virem, faço saber, que considerando eu, quanto serviço de
» Deos e meu, proveito e bem de meus Reinos, e Senhorios,
» dos naturaes, e subditos delles, o ser a minha costa, e ter-
» ra do Brazil mais povoada, do que athe agora foi, assim para
» se nella haver de celebrar o Culto, e Officios Divinos, e se
» exalçar a nossa Santa Fe Catholica com trazer, e provocar a
» ella os naturaes da dita terra Infieis, e Idolatras, como pelo
» muito proveito, que se seguirá a meus Roynos, e Senhorios,
» e aos naturaes, e subditos delles, em se a dita terra povoar,
» e aproveitar. Houve por bem de mandar repartir, e orde-
» nar em Capitanias de certas legoas, pora dellas prover aaquel-
» las pessoas, que bem me parecesse, e pelo qual havendo eu
» respeito a creaçam, que fez Pedro Lopes de Souza, Fidalgo
» da minha Caza, e aos serviços, que me tem feito, e ao di-

» ante espero , qũe me faça , e por folgar de lhe fazer mercê ,
» de meu proprio motu , certa sciencia , poder Real , e abso-
» luto , sem mo elle pedir , nem outrem por elle. Hey por
» bem , e me praz de lhe fazer mercê , como de feito por esta
» presente Carta faço mercê , e irrevogavel Doaçam entre vivos
» valedora deste dia para todo sempre , de juro , e herdade ,
» para elle , e todos seus filhos , netos , herdeiros , e succes-
» sores , que apôs delle vierem , assim descendentes , como
» transversaes , e collateraes , segundo adiante ira declarado ,
» de 80 legoas de terra na dita Costa do Brazil , repartidas nes-
» ta maneira ; 40 legoas , que começaram de 12 legoas ao Sul
» da Ilha da Cananea , e acabaram na terra de Santa Anna ,
» que está em altura de 28 graos , e hum terço ; e na dita al-
» tura se porá o Padram , e se lançará huma linha , que se cor-
» ra a Loeste : e 10 legoas (a) , que começaram do Rio de Cur-
» parê , e acabaram no Rio de S. Vicente ; e no dito Rio de
» Curparè da banda do Norte se porá Padram , e se lançará
» huma linha , pelo rumo de Noroeste athe altura de 23 grãos ,
» e desta dita altura cortará a linha direitamente a Loeste ; e no
» Rio de S. Vicente da banda do Norte será outro Padram , e se
» lançará huma linha (b) , que corte direitamente a Loeste ; e
» as 30 legoas , que fallecem , começaram no rio , que cerca
» em redondo a Ilha de Itamaracá , ao qual rio eu ora puz nome ,
» Rio da Santa Cruz , e acabaram na Bahya da trayçam , que
» está em altura de 6 graos , e isto com tal declaraçam , que a
» 50 passos da Caza da Feitoria , que de principio fez Christo-
» vam Jaques pelo rio dentro ao longo da praia , se porá hum
» Padram de minhas armos , e do dito Padram se lançará huma
» linha , que cortará a Loeste pela terra firme adentro , e a di-
» ta terra dita linha para o Norte será do dito Pedro Lopes , e

(a) Na Carta registrada na Camara de S. Vicente traz *doze legoas*. Como hum dos argumentos fortes , com que os Condes de Vimieiro mostravam, que os successores de Pedro Lopes não podiam passar com a sua Demarcação do Rio da *Bertioga* , por lhes ter dado D. João III. sómente 10 legoas nesta paragem , e haver nella ao menos 12 , accrescentaram com dólo mais 2 legoas , para cessar a força do argumento.

(b) Nas duas Copias das Camaras de S. Vicente, e Gaiana faltam todas as palavras seguintes do texto acima : *pelo rumo de Noroeste athe altura de 23 graos , e desta dita altura cortará a linha direitamente a Loeste , e no Rio de S. Vicente da banda do Norte será outro Padraõ , e se lançará huma linha* . . . . Se não houvesse este erro , ou dólo de se suprimirem as sobreditas palavras , principalmente *no Rio de S. Vicente da banda do Norte* , e se não tivessem supprimido na Doação de Martim Affonso as palavras , *Braço do Norte* , talvez não haveria tantas contendas entre as Cazas de Monsanto , e Vimieiro sobre o Padrão de S. Vicente, como se pode ver nas *Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente*.

» do dito Padram pelo rio abaixo, para abarra, e mar, ficará assim mesmo com elle dito Pedro Lopes ametade do braço do dito Rio Santa Cruz da banda do Norte, e será sua a dita Ilha de Itamaracá, e toda a mais parte do dito Rio Santa Cruz, que vai ao Norte; e bem assim seram suas quaesquer outras Ilhas, que houver, athe 10 legoas ao mar na frontaria, e de marcaçam das ditas 80 legoas. As quaes 80 se entenderam, e seram de largo ao longo da Costa, e entraram pelo Sertam, e terra firme adentro tanto, quanto puderem entrar, e for da minha Conquista, da qual Terra, e Ilhas pelas sobreditas demarcaçoens lhe assim faço Doaçam, e mercê de juro, e herdade para todo o sempre, como dito he. E quero, e me praz, que o dito Pedro Lopes, e todos seus herdeiros, e successores, que a dita terra herdarem, e succederem, se possam chamar, e chamem Capitaẽs, e Governadores dellas.

» Outro sy lhe faço Doaçam, e mercê de juro, e herdade para todo sempre, para elle, e seus descendentes, e successores no modo sobredito da Jurisdiçam civel, e crime da dita terra, da qual elle Pedro Lopes, e seus herdeiros, e successores usaram na forma e maneira seguinte:

» A saber, poderá por si, e por seu Ouvidor, estar aa eleiçam dos Juizes, e Officiaes, e alimpar, e apurar as pautas, passar Cartas de Confirmaçam aos ditos Juizes, e Officiaes, os quaes se chamaram pelo dito Capitam, e Governador, e elle poerá Ouvidor, que poderá conhecer de auçoens novas a 10 legoas, donde estiver; e de appellaçoens, e aggravos conhecerá em toda a dita Capitania, e governança; e os ditos Juizes daram appellaçam, para o dito seu Ouvidor nas Cauzas, que mandam minhas Ordenaçoens, e de que o dito seu Ouvidor julgar, assim por auçam nova, como por appellaçam, e aggravo, sendo em cauzas civeis, nam haverá appellaçam, nem aggravo athe a quantia de cem mil reis; e dahi para cima dará appellaçam a parte, que quizer appellar; e nos cazos crimes hey por bem, que o dito Capitam, e Governador, e seu Ouvidor, tenham Jurisdiçam, e alçada de morte natural inclusive em escravos, e gentios; e assim mesmo em piaẽs, Christaons, homens livres, e em todolos cazos, assim para absolver, como para condemnar, sem haver appellaçam, nem aggravo; e porem, nos quatro cazos seguintes; Herezia, quando o heretico lhe for entregue pello ecclesiastico, e treiçam, e sodomia, e moeda falça, terá alçada em toda a pessoa de qualquer qualidade que seja, para condem-

» nar os culpados a morte, e dar suas sentenças a executam
» sem appellaçam, nem agravo; e porem, nos ditos quatro
» cazos, para absolver de morte, posto que outra pena lhe
» queiram dar, menos de morte, daram appellaçam, e ag-
» gravo, e appellaram por parte da justiça: e nas pessoas de
» maior qualidade teram alçada de dez annos de degredo, e
» athe cem cruzados de pena sem appellaçam, nem aggravo.

» E outro sy me praz, que o dito seu Ouvidor possa co-
» nhecer das appellaçoens, e aggravos, que a elle houverem
» de hir em qualquer Villa, ou lugar da dita Capitania, em
» que estiver, posto que seja muito apartado desse lugar,
» donde estiver, com tanto que seja na propria Capitania.

» E o dito Capitam, e Governador poderá poer Meirinho
» dante o seu Ouvidor, e Escrivaens, e uotros quasquer Of-
» ficiaes necessarios, e costumados nestes Reinos, assim na
» correiçam da Ouvidoria, como em todas as Villas, e
» lugares da dita Capitania, e governança,

» E seram o dito Capitam, e Governador, e seus suc-
» cessores, obrigados, quando a dita terra for povoada em
» tanto crescimento, que seja necessario outro Ouvidor, de o
» poer onde por mim, ou por meus successores for ordenado.

» E outro sy me praz, que o dito Capitam, e Governa-
» dor, e todos seus successores, possam por si fazer Villas to-
» das, e quaesquer povoaçoens, que se na dita terra fizerem,
» e lhes a elles parecer, que o devem ser, as quaes se chama-
» ram Villas, e teram termo, e jurisdiçam, liberdades,
» e insignias de Villas, segundo o foro e custume de meus Rei-
» nos; e isto, porem, se entenderá que poderam fazer todas as
» Villas, que quizerem, das povoaçõens, que estiverem ao
» longo da Costa da dita terra, e dos rios, que se navegarem;
» porque dentro da terra firme pelo Sertam nam as poderam fa-
» zer em menos espaço de 6 legoas de huma a outra, para que
» possam ficar ao menos 3 legoas de terra de termo a cada huma
» das ditas Villas, e a cada huma dellas lhe limitaram, ou as-
» signaram logo termo para ellas, e o depois nam poderam
» da terra, que assim tiverem dado por termo, fazer outra
» Villa sem minha licença.

» E outro sy me praz, que o dito Capitam, e Governa-
» dor, e todos seus sucessores; a que esta Capitania vier, pos-
» sam novamente criar, e prover por suas Cartas os Taballia-
» ens do publico, e judicial, que lhes parecer necessarios nas
» Villas, e povoaçoens das ditas terras, assim agora, como
» pelo tempo em diante, lhes daram suas Cartas assignadas
» por elles, e selladas com o seu sello, e lhe tomaram jura-

mento, que sirvam seus Officios bem, e verdadeiramente, e os ditos Taballiaens serviram pelas ditas suas Cartas, sem mais tirarem outras de minha Chancellaria, e quando os ditos Officios vagarem por morte, ou renunciaçam, ou por erros desse, assim as poderam por isso mesmo dar, e lhes daram os regimentos, por onde ham de servir, comforme aos de minha Chancellaria.

» Hey por bem, que os ditos Tabelliaens se chamem, e possas chamar pelo dito Capitam, e Governador, e lhe paguem suas pensoens, segundo a forma do Foral, que ora para a dita terra mandey fazer, das quaes pensoens lhe assim mesmo faço Doaçam, e mercê de juro, e herdade para sempre.

» Item outro sy lhe faco mercê de juro, e herdade para todo o sempre das Alcaidarias mores de todas as ditas Villas, e Povoaçoês da dita terra, com todas as rendas, direitos, foros, tributos que a ellas pertencerem; segundo he declarado no Foral, as quaes o dito Capitam, e Governador, e seus successores haveram, e arrecadaram para si no modo, e maneira no dito Foral contheudo, segundo a forma delle, e as pessoas a que as ditas Alcaidarias mores forem entregues da mam do dito Capitam e Governador, elle lhes tomará omenagem dellas, segundo a forma de minhas Ordens.

» Outro sy me praz fazer mercê ao dito Pedro Lopes, e a todos seus successores, a que esta Capitania vier, de juro, e herdade para sempre, que elles tenham, e hajam todas as moendas de agoas, marinhas de sal, e quaesquer outros engenhos de qualquer qualidade que sejam, que na dita Capitania; e governança se puderem fazer.

» E hey por bem, que possa alguma nam possa fazer ditas moendas, marinhas, nem engenhos, senam o dito Capitam, e Governador, ou aquelles a quem elle para isso der licença, de que lhe pagaram aquelle foro, ou tributo, que com elle se consertar.

» Outro sy lhe faço Doaçam, e mercê de 10 legoas de terra de longo da Costa da dita Capitania, e entraram pelo Sertam tanto, quanto puderem entrar, e for da minha conquista, a qual terra será sua livre, e izenta, sem della pagar direito, foro, nem tributo algum somente o dizimo da Ordem do Mestrado do N. Senhor Jesus Christo. Dentro de 20 annos do dia, em que o dito Capitam, e Governador tomar posse da dita terra, podera escolher, e tomar as ditas 10 legoas de terra em qualquer parte; nam as tomando porem

» juntas , senão repartidas em quatro , ou sinco partes , nam
» sendo de huma a outra menos de duas legoas , das quaes ter-
» ras o dito Capitam, e Governador , e seus successores pode-
» ram arrendar , e aforar emfatiota , ou em pessoas , ou como
» quizer , e lhes bem vier , e poer os foros , e tributos que
» quizerem , e as ditas terras nam sendo aforadas , ou as ren-
» das dellas , quando o forem , viram sempre a quem succe-
» der aa dita Capitania , e governança pelo modo nesta Doaçam
» contheudo , e das novidades , que Deos nas ditas terras der
» nam seram o dito Capitam , e Governador , nem as pessoas ,
» que das suas maons as tiverem , ou trouxerem obrigados a me
» pagar foro , nem direito algum , somente o dizimo a Deos ,
» aa Ordem , que geralmente se ha de pagar em todas as outras
» terras da dita Capitania , como abaixo he declarado.

» Item o dito Capitam , e Governador , nem os que apòs
» delle vierem , nam poderam tomar terra alguma de Sesmaria
» da dita Capitania para si , nem para sua mulher, nem para
» filho herdeiro della , antes daram , e poderam dar , e re-
» partir todas as terras de Sesmaria a quaesquer pessoas de qual-
» quer qualidade , e condiçam que sejam , e lhe bem parece-
» cer , sem foro , nem direito algum , somente o dizimo a
» Deos , que seram obrigados a pagar aa Ordem de tudo quanto
» nestas ditas terras houver , segundo he declarado no Foral ,
« e da mesma maneira as poderam dar , e repartir por seus fi-
» lhos fora do Morgado , e assim por seus parentes ; e porem os
» ditos seus filhos , e parentes , nam poderam dar mais terra ,
» da que derem , ou tiverem dado a qualquer outra pessoa es-
» tranha , todas as ditas terras , que assim der de Sesmaria a
» humas , e outras , seram conforme a Ordenaçam da Sesma-
» ria , e com obrigaçam dellas , as quaes terras o dito Capitam ,
» e Governador , nem seus successores , nam poderam em tempo
» algum tomar para si , nem para suas mulheres , nem filho
» herdeiro , como dito he , nem pollas em outrem , para depois
» virem a elles por modo algum que seja , somente as poderam
» haver por titulo de compra verdadeira das pessoas , que lhas
» quizerem vender , passados 8 annos , depois das ditas terras
» serem aproveitadas , e em outra maneira nam.

» Item outro sy lhe faço mercê de juro , e herdade para
» sempre de meia dizima do pescado da dita Capitania , que he
» de vinte peixes hum , que tenho ordenado se pague aleem da
» dizima inteira, que pertence aa Ordem , segundo no Foral he
» declarado , a qual meia dizima se entendera do pescado , que
» se matar em toda a dita Capitania , fora das 10 legoas do dito
» Capitam , e Governador ; por quanto as ditas 10 legoas he

» terra sua livre , e izenta , segundo atraz he declarado.

» Item outro sy lhe faço Doaçam , e mercê de juro , e her-
» dade para sempre da redizima de todas as rendas , e direitos ,
» que aa dita Ordem , e a mim de direito na dita Capitania per-
» tencerem , convem a saber , que todos os rendimentos , que
» aa dita Ordem , e a mim couber , assim dos Dizimos , como
» de quaesquer outras rendas , ou direito de qualquer qualidade
» que seja , o haja o dito Capitam Governador , e seus succes-
» sores , huma dizima , que he de 10 partes huma.

» Item outro sy me praz , que por respeito do cuidado ,
» que o dito Capitam Governador , e seus successores , hão de
» ter de guardar , e conservar o brazil , que na dita terra hou-
» ver , de lhe fazer Doaçam , e mercê de juro , e herdade para
» sempre da vintena parte , do que liquidamente render para
» mim fora dos custos , e o brazil , que se da dita Capitania trou-
» xer a estes Reinos , e a conta do tal rendimento se fará na Ca-
» za da Mina da Cidade de Lisboa , onde o dito brazil ha de vir ,
» e na dita caza , tanto que o dito brazil for vendido , e arreca-
» dado o dinheiro delle , lhe será logo pago , e entregue em
» dinheiro decontado pelo Feitor , e Officiaes della , aquillo ,
» que por boa conta na dita vintena montar , e isto por quanto
» todo o brazil , que na dita terra houver , ha de ser sempre
» meu , e de meus successores , sem o dito Capitam , nem ou-
» tra alguma pessoa poder tratar nelle , e nem vendello para
» fora , e so poderá o dito Capitam , e assim os moradores da
» dita Capitania , aproveitar-se do dito brazil na terra , no que
» lhe for neccessario , segundo he declarado no Foral , e tra-
» tando nelle , ou vendendoo para fora , incorreram nas penas
» contheudas no dito Foral.

» Item outro sy me praz , por fazer mercê ao dito Capi-
tam , e seus Sucessores , de juro , e herdade para sempre ,
que todos os escravos , que elles resgatarem , e houverem na
dita terra do Brazil , possam mandar a estes Reinos 24 peças
cada anno para fazer dellas , o que lhe bem vier , os quaes es-
cravos viráõ ao porto da Cidade de Lisboa , e nam a outro al-
gum porto , e mandará com elles certidam dos Officiaes da di-
ta terra , de como sam seus , pela qual certidam lhe seràõ
despachados os ditos escravos forros , sem delles pagar direito
algum , nem 5 por cento , e alem das ditas 24 peças , que
assim cada anno poderá mandar forros , hey por bem , que
possa trazer por Marinheiros , e Grumetes em seus navios os
escravos , que quizer , e lhe for ne essarios.

» Item outro sy me praz , por fazer mercê ao dito Capitam ,
e seus Successores , e assim aos vizinhos , e moradores da di-

» ta Capitania , que nella nam possa em tempo algum haver
» direitos de cizas , nem imposições saboarias , bributos de
» sal , nem outros alguns direitos , nem tributos de qualquer
» qualidade , que sejam , salvo aquelles , que por bem desta
» Doaçam , e do Foral ao presente sam ordenados , que hajam.

» Item esta Capitania , e governança , e rendas , e bens
» della , hey por bem , e me praz , que se herdem , e succe-
« dam de juro , e herdade para todo o sempre pelo dito Capi-
» tam , e Governador , e seus descendentes , filho , e filhas le-
» gitimos com tal declaraçam , que em quanto houver filho le-
» gitimo varaõ no mesmo gráo , nam succeda filha , posto que
» seja de maior idade ; e nam havendo macho , ou havendo-o ,
» e nam sendo em tam propinguo gráo ao ultimo possuidor como
» a femea , entam que succeda a femea ; em quanto houver
» descentes legitimos machos , ou femeas , que nam succeda na
» dita Capitania bastardos alguns , e que nam havendo descen-
» dentes machos , nem femeas legitimas , entam succederam os
» bastardos machos , e femeas , nam sendo porem de damnado
» coito , e succederam pela mesma ordem dos legitimos , pri-
» meiro os machos , e depois as femeas em igual gráo com tal
» condiçam , que se o possuidor da dita Capitania quizer antes
» deixar a hum parente transversal , que aos descendentes bas-
» tardos , quando nam tiver legitimos , o possa fazer , e nam
» havendo descendentes machos , nem femeas legitimos , nem
» bastardos da maneira que dito he , em tal cazo succederam as-
» sendentes machos , e femeas , primeiro os machos , e em de-
» feito delles as femeas ; e nam havendo descendentes , nem
» ascendentes , succederam os transversaes pelo modo sobredi-
» to , assim os machos , que forem em igual gráo , e depois as
» femeas , e no cazo dos bastardos o possuidor poderaa , se
» quizer , deixar a dita Capitania a hum transversal legitimo ,
» e tirala aos bastardos , posto que sejam descendentes em mui-
» to mais propinquo gráo , e isto hei assim por bem sem embar-
» go da Lei mental , que diz , nam succedam femeas , nem
» bastardos , nem transversaes , nem ascendentes , sem embar-
» go do dito me praz , que nesta Capitania succedam femeas , e
» bastardos , nam sendo de damnado coito , e transversaes , e
» ascendentes do modo , que ja he declarado.

» E outro sy quero , e me praz , que em tempo algum se
» nam possam a dita Capitania , e governança , e todas as cou-
» zas , que por esta Doaçam dou ao dito Pedro Lopes , partir ,
» nem escambar , nem em outro modo alhear , nem em caza-
» mento a filho , ou filha , nem a outra pessoa dar , nem para
» tirar o Pay , ou filho , ou outra alguma pessoa de captivo ,

» nem pera outra couza, ainda que seja a mais piedoza; por
» que a minha tenção, e vontade he, que a dita Capitania, e
» governança, e couzas ao dito Capitam, e Governador, nes-
» ta Doaçam dadas, andem sempre juntas, e se nam partam,
» nem alienem em tempo algum, e aquelle, que a partir; ou a-
» lienar, ou espedaçar, ou der em cazamento, ou para outra
» couza, por donde haja de ser partida, ainda que seja a mais
« piedoza, por esse mesmo effeito perca a dita Capitania, e
» governança, e passe direitamente aaquelle, a que houvera de
» hir pela ordem sobredita, se o tal, que isto assim nam cum-
» prir, fosse morto.

» Item outro sy me praz, que por cazo algum de qualquer
» qualidade, que seja, que o dito Governador, e Capitam
» commetta; por que segundo o Direito, e leis destes Reinos,
» mereça perder a dita Capitania, governança, jurisdiçam,
» rendas, e bens della, a nam percam seus successores, sal-
» vo se for traidor aa Corôa destes Reinos, e em todos outros
» cazos, que commetter, sera punido, quanto o crime o obri-
» gar, e porem o seu successor nam perderá por isso a dita Ca-
» pitania, governança, jurisdiçam, rendas, e bens della,
» como dito he.

» Item me praz, que o dito Pedro Lopes, e todos seus suc-
» cessores a que esta Capitania, e governança vier, uzem in-
» teiramente de toda a jurisdição, poder, e alçada nesta Doa-
» çam contheuda, assim, e da maneira que nella he declarado,
» e pela confiança que delles tenho, que guardaram nisto tudo
» o que cumprir a serviço de Deos, e meu, e bem do Povo, e
» direito das partes.

» Hei outro sy por bem, e me praz, que nas ditas terras da
» dita Capitania nam entrem, nem possam entrar em tempo al-
» gum Corregedor, nem alçada, nem outras algumas Justiças,
» para nellas uzarem de jurisdiçam alguma por nenhuma via,
» nem modo que seja, nem menos será o dito Capitam suspen-
» so da dita Capitania, governança, e jurisdiçam della; e
» porem, quando o dito Capitam cahir em algum erro, ou fi-
» zer couza porque mereça ser castigado, eu, e os meus Suc-
» cessores o mandaremos vir a nos para ser ouvido com a sua jus-
» tiça, e lhe ser dada aquella pena, e castigo, que de Direito
» por tal cazo merecer.

» Item quero, e mando, que todos os herdeiros, e suc-
» cessores do dito Pedro Lopes, que esta Capitania herdarem,
» e succederem por qualquer via que seja, se clamem de Sou-
» za, e tragam as armas dos Souzas, e se algum delles assim
» nam cumprir, hey por bem, que por este mesmo feito per

» ca a dita Capitania , e successam della ; e passe logo direita-
» mente a quem de Direito devia de hir , se este tal , que isto
» assim nam cumprir fosse morto.

» Item esta mercê lhe faço , como Rey , e Senhor destes
» Reynos , e assim como Governador , e perpetuo Administra-
» dor , que sou da Ordem , e Cavallaria do Mestrado de N.
» Senhor Jesus Christo , por esta prezente Carta dou poder , e
» authoridade ao dito Pedro Lopes , que elle per si , ou por
» quem approvar , possa tomar , e tome posse real , e corpo-
» ral , e actual das terras da dita Capitania , e governança , e
» das rendas , e bens della , e de todas as mais couzas conteudas
» nesta Doaçam , e uze de tudo inteiramente , como se nella
» contem , a qual Doaçam hey por bem , quero , e mando ,
» que se cumpra , e guarde em tudo , e por tudo , com todas
» as clauzulas , condições , e declarações nellas contheudas , e
» declaradas sem mingua , nem desfalecimento algum , e
» para tudo o que dito he , revogo a Ley mental , e quaesquer
» outras Leys , Ordenações , Direitos , Glozas , e costumes ,
» que em contrario desta haja , ou possa haver , por qualquer
» via , ou modo que seja , posto que sejam taes , que fossem
» necessarias serem aqui expressas , e declaradas de verbo ad
« verbum , sem embargo da Ordenaçam do segundo Livro tit.
» 49 , que diz , que quando as taes Leys , e Direitos se dero-
» garem , se faça expressa mençam dellas , e da substancia del-
» las, e por esta prometto ao dito Pedro Lopes, e a todos os seus
» successores , que nunca em tempo algum va , nem consinta
» hir contra esta minha Doaçam em parte , nem em todo ; e ro-
» go , e encommendo a todos os meus Successores lha cumpram ,
» e mandem cumprir , e guardar esta minha Carta de Doaçam ,
» e todas as couzas nella contheudas , sem nisso ser posta duvi-
» da , embargo , nem contradiçam alguma ; porque assim he
» minha mercê , e por firmeza de tudo lhe mandey dar esta Car-
» ta por mim assignada , e sellada com o meu sello de chumbo ,
» a qual vay escrita em tres folhas a fora esta , em que está o
» meu signal, e sam todas assignadas ao pe de cada lauda por D.
» Miguel da Silva , Bispo de Vizeu , do meu Conselho , e meu
» Escrivam da puridade, Manoel da Costa a fez em Evora ao
» primeiro dia do mez de Setembro. Anno do Nascimento de N.
» Senhor Jesus Christo de 1534. E posto que nesta diga faço
» Doaçam , e mercê ao dito Pedro Lopes de juro , e herdade
» para sempre de 10 legoas de terra , que sejam suas livres , e
» izentas , hey por bem , que sejam 16 legoas de terra , da-
» quas lhe faço Doaçam de juro , e herdade para sempre no mo-
» do , e maneira , que se contèm no capitulo desta Doaçam ,

» que falla nas ditas 10 legoas ; e assim me praz , que os escra-
» vos , que elle , e seus successores poderam mandar trazer for-
» ros de direitos , sejam 39 peças em cada anno para sempre ,
» posto que nesta Carta fossem 24 peças somente , e mando ,
» que isto se entenda , e cumpra assim inteiramente para sem-
» pre , sem lhe nisso ser posta duvida , nem embargo algum ;
» porque assim he minha mercê , e hey por bem , que esta Car-
» ta passe pela Chancellaria , posto que seja passado o tempo ,
» em que houvera de passar , e pagará somente Chancellaria
» singela. Manoel da Costa a fez em Evora a 21 dias do mez
» de Janeiro de 1535.

REY. . .

Pedro Lopes de Souza tomou posse da sua Capitania no mesmo anno em que lhe foi doada , e, dando principio ao seu estabelecimento, fundou a Villa de Itamaracá no mesmo tempo em que se fundava Olinda, e n'aquelle mesmo lugar em que Jacques havia estabelecido a Feitoria , donde Coelho expulsou os Francezes.

Depois que Pedro Lopes fundou a Villa de Itamaracá , e a povoou com os moradores que conduziu de Portugal, embarcou para a India , onde foi servir por ordem de El-Rey ; mas voltando d'alli para Europa em 1539 commandando 4 Náos , acconteceu desgarrar-se a em que vinha das outras tres, e desaparecer, de maneira que mais nunca se soube o fim que levara. A respeito de sua morte somente posso assegurar que já era morto em 1542 , porque sua mulher D. Izabel de Gamboa no fim d'esse anno constituiu Capitão Loco-Tenente das 50 legoas de S. Vicente a Christovam d'Aguiar Altero , e Ouvidor a Gonsalo Affonço , como tutora que era de seu filho Pedro Lopes. Este menino succedeu a seu Pai , e foi o segundo Donatario ; mas falescendo ainda menor passou a Capitania para seu irmão Martim Affonço , tambem ainda menor , que ficou igualmente sob a tutella de sua Mai.

Caberia agora tratar da successão d'esta Capitania , e de varias questoens que occorreram sobre o seu dominio , antes e depois da invazão dos Hollandezes ; mas pareceu-me melhor dizer primeiro algũa couza sobre o seu augmento , Freguezias , e governo interno, para depois remontar-me a essas questoens de dominio , que sustentaram os herdeiros do 1 º Donatario no principio do Seculo 17. º

Dentro do Destricto da Capitania de Itamaracá se crearam vinte e tantos annos depois [pouco mais ou menos] da sua fundação sinco Freguezias ; a saber Nossa Senhora da Conceição de Itamaracá , Tejucupapo , Goiãna , Itambé, e Taquara. D'estas Goiãna he a mais antiga , e a que primeiro floreceu , tanto que por algũas vezes foi a cabeça da Capitania. Tendo Goiana crescido muito em riqueza , e população passaram em virtude da Provizão Regia de 1685 para esta Freguezia a Camara , e Justiças de Itamaracá , mas em 20 de Novembro de 1709 regressaram para o seu primeiro estabelecimento , ficando todavia Goiãna com o titulo de Villa. Por este facto requereram os habitantes d'esta Villa ao Bispo Governador de Pernambuco D. Manoel Alvares da Costa , que a vista d'aquelle procedimento, como um dos Capitulos da Carta de Doação d'aquella Capitania ao Marques de Cascaes lhe concedia eregir uma Villa , a qual não fora até então erecta , se cumprisse alli esta faculdade , por accresser a precizão de se obstar ao consideravel prejuizo das partes , e da Justiça , originado pela falta de Juizes em um lugar tão longe da Capital , d'onde não podiam vir com presteza as providencias que o momento exegia , mormente em tempo de inverno , no qual as enchentes dos rios interceptam o tranzito. Attendido este requerimento, mandou o Bispo Governador eregir a Villa de Goiãna , o que se effectuou em 7 de Janeiro de 1711 pelo Ouvidor Geral Diogo de Paiva Baracho , formando n'esse mesmo dia a Camara , dando pósse aos Officiciaes d'lla, adjucando-lhe os termos de Taquara , e Desterro ; e dando-lhe a perogativa de ser a Capital da Capitania de Itamaracá. Assim permaneceu até 5 de Dezembro de 1713 , dia em que o Ouvidor pela Lei João Guedes Alcanforado , destruindo o estabelecimento de Villa, deu ás Justiças de Itamaracá a Jurisdição de toda a Capitania ; mas o Ouvidor trienal Dr. Felicianno Pinto de Vasconcellos , conhecendo a deficuldade assás grande que as partes sentiam em demandar justiça n'esta ilha , resolveu em 1714 fazer algũas Audiencias em Goianna , e o mais que se offerecesse ; exemplo que seguiram os Juizes Ordinarios , e Vereadores , de que se queixaram alguns do Povo da ilha em 1719 ao Governador , e Capitão General Manoel de Souza Tavares. Convindo porem o General no procedimento do Ouvidor , e dos Vereadores , foram o mesmo Ministro , e os Camaristas perseverando em Goianna atè que El-Rei em 6 de Outubro de 1742 confirmou este arbitrio.

Mas tornando agora ao primeiro Donatario Pedro Lopes de Souza. Falescendo este Fidalgo pouco depois de ter fundado Itamaracá , ficou regendo-se a Capitania em nome de seu pri-

meiro filho, tambem chamado Pedro Lopes, e falescendo este ainda menor, foi seu irmão Martim Affonço de Souza 3.° Donatario. D. Izabel Gamboa sua Mai viuva, na qualidade de Tutora d'estes seus filhos nomeava os Capitaens, Governadores, Ouvidores &c. &c., e assim se continuou a reger a Capitania.

A doação de Pedro Lopes não só comprehendia Itamaracá, mas tambem 50 legoas na Capitania de S. Vicente, limitrofes da doação de seu irmão Martim Affonço de Souza. As 50 legoas de Pedro Lopes chamaram-se pois Capitania de S. Amaro, e as que foram doadas a seu irmão Capitania de S. Vicente. Não tardou porem muito que os descendentes d'estes dois Donatarios se julgassem mutuamente esbulhados uns pelos outros, e que em Juizo sustentassem renhidos pleitos; mas os ataques dos Tamoios, obrigando á commum defeza, suspenderam de algũa sorte o curso das demandas, as quaes posto que versassem sobre os terrenos das Capitanias de S. Vicente, e S. Amaro. [hoje S. Paulo] todavia como Itamaracá estava incluida na doação da segunda, dependia o seu dominio da ultima dicisão d'ssas demandas.

Estavam as couzas n'este estado quando a desposição testamentaria de D. Izabel de Lima de Souza e Miranda, ultima Donataria da linha de Pedro Lopes de Souza seu Avô, deu novo motivo ás confuzões antigas, assim cemo foi cauza das modernas o Conde de Monsanto D. Alvaro Pires de Castro, por se intitular Donatario de *S. Vicente*, sem o ser, e não se appellidar Donatario de *S. Amaro*, como devia, e tinhão feito os descendentes de Pedro Lopes, a quem elle succedeu, a qual desordem produzio o engano de se reputarem da Capitania de *S. Vicente* todas as terras, que o Conde possuia, sendo algumas de *Santo Amaro*. Morrendo sem filhos aquella Fidalga, e vendo extincta a geração do dito Pedro Lopes, declarou no seu testamento, que a Lopo de Souza, seu Primo, e Donatario da Capitania de *S. Vicente*, competia a successão nas duas Capitania de *Santo Amaro*, e *Itamaracá*. De ambas se apossou o dito Lopo; e como deste modo ficou elle sendo Donatario de *Santo Amaro*, e de *S. Vicente*, e os Povos iguoravam a cauza disso, ficáram entendendo, que Lopo de Souza era Senhor de ambas, como herdeiro de Martim Affonso seu Avô. Isto porem não obstante, sempre fallavam em Capitania de *Santo Amaro*, sem ninguem saber qual era, onde tinha a sua verdadeira posicam, e de quantas legoas se compunha.

O mencionado Lopo de Souza, sua irmã D. Marianna de Souza da Guerra, Condessa de Vimieiro, e D Luiz de Castro, Conde de Monsanto, todos erão netos do dito Martim Affonso

de Souza ; isto porem não obstante , nunca o Conde intentou herdar a Capitania de *S. Vicente* , por conhecer a preferencia incontestavel de seus Primos , os quaes eram filhos de varão (de Pedro Lopes de Souza) , e elle de femea (de D. Ignez Pimentel) ; mas oppoz-se á successão das outras Capitanias de *Santo Amaro* , e *Itamaracá* , e unicamente sobre estas moveu demanda a Lopo de Souza , com o fundamento de se acharem os litigantes no mesmo gráu de consanguinidade a respeito da ultima Possuidora; nem um dos dous trazerem sua origem do Instituidor Pedro Lopes de Souza ; e o Conde ser mais velho do que Lopo de Souza. Este desfructou em sua vida as Capitanias litigiosas , por ainda não estar decidido o pleito ; e morrendo sem descendentes aos 15 de Outubro de 1610 , instituio herdeira , e successora a Condessa de Vimieiro sua irmã. Contra ella proseguio a demanda o Conde de Montanto D Alvaro Pires de Castro , filho de Author originario D. Luiz de Castro , e depois de passados alguns annos , os Juizes nomeados por El-Rei para resolverem a contenda sem appellação , nem aggravo , deram sentença final do teor seguinte :

» Vistos estes Autos , Libellos dos Authores o Conde , e » Condessa de Monsanto , artigos de habilitação , nos quaes » por fallecimento do Conde D. Luiz de Castro se habilitou seu » filho D. Alvaro Pires de Castro , e como mais velho succedeu » no Condado , e está pronunciado , que com elle , e a Con- » dessa sua mãy , por ficar em posse e cabeça de cazal , corres- » se esta cauza ; Contrariedade dos Réos habilitados , por fal- » lecer Lopo de Souza , irmão da Condessa do Vimieiro ; mais » artigos recebidos , Doaçoens , e papeis juntos ; minha Pro- » visão porque mandei , que os Desembargadores do Paço de- » terminassem a quem pertencia esta Capitania de Itamaracá » breve e summariamente sem appellação , nem aggravo. » Mostra-se fazer El-Rey D. Joam III. Doação a Pedro Lopes » de Souza de juro e herdade para elle, e seus descendentes, as- » sendentes , e transversaes, e bastardos não sendo de damnado » coito de 80 legoas de terra na costa do Brazil em a Capitania de » Itamaracá, repartidas pelo modo contheudo na dita Doação , e » por morte de Pedro Lopes de Souza vir a dita Capitania a D. » Jeronyma de Albuquerque sua filha , mulher de D. Antonio » de Lima , e por sua morte lhe succeder D. Isabel de Lima » sua filha , que falleceu sem descendentes. Consta destes Au- » tos o Conde D. Luiz de Castro , e Lopo de Souza fallecidos ,

(a) Prov. da Hist Geneal. da Caza R. Tom. VI. ao Liv. XIV. n. 35. Archiv. da Cam. de Goiana Liv. VIII. de Registro a fol. 81.

» e a Condessa do Vimieiro Ré com a dita Isabel de Lima se-
» rem todos Primos segundos , por o dito Pedro Lopes de Souza
» ser irmão de Martim Affonso de Souza , Avô do Author , e
» Réo , do qual ficáram dous filhos , convem a saber , Pedro
» Lopes de Souza que falleceu na jornada de Africa com ElRey
» D. Sebastiam , e D. Ignez Pimentel cazada com D. Antonio
» de Castro , Conde de Monsanto , Pay do Conde Author ori-
» ginario D. Luiz de Castro , e de Pedro Lopes de Souza fal-
» lecido na guerra ficar Lopo de Souza Réo originario fallecido ,
» e a Condessa do Vimieiro sua irmãa , a qual pretende pertен-
» cer-lhe a dita Capitania , por ser da linha masculina ; e por
» seu Pay viver por gloria ao tempo , que D. Isabel de Lima ,
» possuidora da dita Capitania falleceu , e além disso haver a
» dita D. Isabel nomeado o dito Lopo de Souza seu irmão na dita
» Capitania. Prova o Author de Pedro Lopes de Souza não
» ficar mais que huma filha , de que nasceu D. Isabel de Lima ,
» ultima possuidora , e a linha de Martim Affonso de Souza nam
» fazer ao cazo , por elle não haver sido Instruidor do dito Mor-
» gado conforme a Ordenação do Reyno , nem possuidor se-
» não Pedro Lopes de Souza seu irmão , nem morrer na bata-
» lha o Pay da Ré Condessa , e visto viver por gloria ; porque
» o Direito commum instituio isso sómente , para escusar das-
» tutorias , e outros encargos publicos , e a Ordenação deste
» Reyno no Liv. II. tit. 35. § 1. não instituio o viver por
» gloria senão em cazos de entre tios , e sobrinho , cujo Pay
» falleceu na guerra , e assim succedeu em todos os cazos das
» sentenças , que se allegam , nem haver nomeado D. Isabel a
» seu Primo Lopo de Souza na dita Capitania lhe dá direito al-
» gum por ella fallecer sem filhos : o que tudo visto , e a fór-
» ma da Ordenação , e mais dos Autos , e como nesta cauza
» não podem haver lugar as tres razoens , em que se fundam os
» Réos , e como se prova estarem os Authores originarios em
» igual gráu com a defunta D. Isabel , e bem assim ser o dito
» Conde de Monsante mais velho em idade , do que o dito Lopo
» de Souza , julgo pertencer a dita Ilha de Itamaracá ao Conde
» D. Alvaro Pires de Castro habilitado , com os rendimentos
» da morte da dita D. Isabel em diante , dos quaes haverá a
» parte , que lhe cabe a Condessa sua mãy , e outro sy Autho-
» ra , e condemno aos Réos nas custas dos Autos em Lisboa a
» 20 de Maio de 1615.»

Depois de proferida a Sentença , com ella recorreu o Conde a S. Magestade , pedindo Carta de confirmação por successão das 80 legoas concedidas a Pedro Lopes de Souza , e o Rey lhe fez a mercê de o confirmar nas ditas 80 legoas da mesma sorte , que

as havia possuido o mencionado Pedro Lopes, e depois delle todos os seus Successores até a ultima Administradora D. Isabel de Lima, a qual Carta de confirmação foi passada em Lisboa a 10 de Abril de 1617, e ao depois segunda vez confirmada na mesma Cidade aos 3 de Julho de 1628.

Convem notar aqui que a Condessa de Vimieiro, em quanto durou o pleito, não requereu confirmação pela successão das duas Capitanias letigiosas, nem da outra de S. Vicente, que ninguem lhe desputava. Como pois nem o Conde, nem a Condessa ainda tinham Carta de Confirmação das Capitanias de S. Vicente, e S. Amaro nem um dos dois as governou até 1616, e todos os Capitaens, Ouvidores, e Officiaes de Justiça eram nomeados por El-Rey, ou pelo Governador Geral na falta da Provizão Regia.

D'esta sorte ficou Itamaracá independente do Governo de Pernambuco até a invazão dos Hollandezes: expulsos estes tomou a Corôa posse d'ella; mas questionando o Marquez de Cascaes D. Luiz Alvares de Castro Atahide e Souza [descendente do 1° Donatario] sobre esta posse, e dominio obteve Sentença a seu favor contra a Corôa, e tomou posse da Capitania por seu procurador o Ouvidor Antonio Rodrigues Pereira em 1693. Sob o dominio d'esta caza se conservou a Capitania de Itamaracá até que por convenção tornou para a Coroa em 1763 D'ahi por diante ficou subordenada ao Governador de Pernambuco no Politico e Militar, mas em quanto ao Judicial continuou a fazer parte da Ouvedoria da Parahiba, como já fazia desde 1688. He de notar porem que os Donatarios tanto de Itamaracá, como de Pernambuco, já mesmo antes da invazão dos Hollandezes não tinham o mesmo poder que tiveram ao principio, porque o Rey pouco a pouco lh'o hia coartando quanto era possivel, e depois da expulsão dos Hollandezes o dominio do Marquez de Cascaes, bem se pode dizer que foi nominal, como mui bem se conclue do resultado que tiveram as questoens de Goiãna, e Itamaracá.

CAPITULO 10.

Morte de Duarte Coelho. O Governo passa a Viuva, durante a auzencia do filho herdeiro, que estava em Portugal estudando. Os Indios confederam-se contra os Pernambucanos. Os Cahetés matam, e comem o 1° Bispo do Brazil. Jeronimo d'Albuquerque he eleito Chefe da Força armada, e subjuga os Cahetés, que a final são condemnados a perpetua escravidão. Chega Duarte d'Albuquerque Coelho de Portugal, e toma posse do Governo. Os Francezes expulsos do Rio de Janeiro surprendem o Recife, e são d'aqui expulsos. Os Jesuitas fundam o seu Collegio em Olinda. Primeiros fundamentos da Parahiba.

1554 A 1579.

Duarte Coelho, tendo fundado, e povoado Pernambuco, e governado mui bem o seu Povo, tendo em seus dias a felicidade de ver affluir o numero consideravel de familias Nobres que povoaram Pernambuco, falesceu finalmente em 1554. Seu filho primogenito Duarte Coelho d'Albuquerque lhe succedeu nos Direitos; mas como no tempo da morte de seu Pai achava-se estudando em Portugal, para onde tinha hido de tenra idade, ficou em virtude de uma verba testamentaria, encarregada do Governo a viuva sua Mãi D. Brites d'Albuquerque.

A morte de Duarte Coelho foi quasi immediatamente seguida de uma confederação geral dos Indigenas, contra os Pernambucanos; apenas a constante Tribu Tabayré se conservou fiel; com tudo as hostilidades só romperam um anno depois, principiando por um facto da mais execravel barbaridade.

A indomavel Tribu dos Cahetés, retirada das proximidades d'Olinda pelos exforços do primeiro Donatario, ardia em dezejos de vingança, e não perdia um só momento em que os podesse satisfazer. Um triste accazo deparou-lhe occazião d'ella se fartar de sangue humano!

Desavindo-se n'um conflicto de jurisdição em a Cidade da Bahia o 1° Bispo do Brazil D. Pedro Fernandes Sardinha, com o 2° Governador Geral D. Duarte da Costa, embarcou-se aquelle Prelado para Lisboa, a fim de submetter pessoalmente á decizão d'El-Rei as descordias do Clero com o Governador; mas naufragando o navio que o transportava nos baixos do rio de S. Francisco, pôde o Bispo, o Provedor Mor Antonio Cardozo

de Barros, e mais noventa e oito pessoas [inclusive a equipagem] que tambem vinham, salvarem-se do naufragio em as lanchas, desembarcando na praia de *Cururipe*, ao Norte do dicto rio de S. Francisco. Porem infelismente estes naufragados, que esperavam achar em terra a salvação, que o mar lhés negava, não encontraram senão uma morte horroroza, caindo sob o poder dos *Cahetés* em 25 de Fevereiro de 1556. N'esse mesmo dia, homens, mulheres, crianças, e velhos em numero de cem foram todos despedaçados, e comidos por esses tigres de figura humana!

Um só homem da tripulação que fallava a lingoa dos *Cahetés*, e dois Indios da Bahia poderam escapar-se das mãos d'aquelles antropofagos, e levarem ao Governador a triste nótticia do lastimoso naufragio, e de que o Bispo tinha sido a primeira, e a mais deploravel das victimas (a)

A esta barbaridade, que só de escrevel-a se me gela o sangue, seguiu-se uma geral sublevação dos Indios *Cahetés*. Pernambuco achou-se então em perigo: os habitantes d'Olinda não ousavam aventurar-se a duas legoas d'esta Capital! N'esta crize os Jesuitas, e os Chefes Civis e Militares, convocados pela Governadora para em Conselho deliberarem o que convinha a commum segurança, tomam uma medida que salva a todos. Jeronimo d'Albuquerque Coelho, filho mais moço do primeiro Donatario, que não contava ainda mais do que vinte annos de idade, hé eleito Chefe da Força armada, e esta eleição, cujo acerto foi confirmado por sinco annos de trabalhos, guerras, e prosperos successos, salvou Pernambuco.

Jeronimo envestido do commando da Força armada, póstase á frente dos Pernambucanos seus patricios, e dos Indios alliados, penetra o Sertão, estende-se até o rio de S. Francisco, percorre o Norte e fas, onde chega seu braço, uma terrivel mortandade nos Cahetés. Então estes barbaros, repelidos em todos os pontos, outra vez abandonam o Paiz aos conquistadores. Com tudo não se lemitou só n'isto a pena de seus nefandos delictos, ella excedeu mesmo os limites da justiça, e athe foi terrivel.

Por hum Edicto Regio todos os Cahetés, e seus descendentes, sem excepção de sexo, ou idade foram condemnados a perpetua escravidão. Sentença implacavel, que confundiu o innocente com o culpado, e cuja amplitude foi iniquidade ainda maior,

(a) Affirmam os historiadores d'esse tempo, que sendo o lugar onde o Bispo foi morto, e devorado [e que ainda conserva o nome de Monte do Bispo] mui fertil em produzir arvores silvestres frondozas, de tal sorte se esterilizou, depois d'esta scena horrivel, que nunca mais nasceu n'elle folha algũa verde, ficando [diz Brito Freire na Nova Luzitania] como Epitafio melagroso d'este Varão sagrado.

pois que abrio a porta a inaudictos abuzos. Depois d'ella, para que um Indio qualquer fosse reduzido a escravidão, nada mais era precizo do que allegar que elle pertencia, ou descendia da raça dos Cahetés; e o mais revoltante era ser Juiz n'esta cauza quasi sempre o propio denunciante! Começou pois a escravidão legal dos Indios em Pernambuco em 1557, e posto que alguns annos depois esta barbara sentença fosse modificada, exceptuando-se os que abraçavam o Christianismo, com tudo os abuzos continuaram ainda por mais de um Secculo.

Entretanto as nottícias do estado de Pernambuco chegarām a Lisboa mui adulteradas; mas Duarte d'Albuquerque Coelho ainda não tinha acabado os seus estudos: com tudo a Rainha D. Catharina, julgando conveniente a prezença do proprio Donatario em Pernambuco, ordenou-lhe positivamente que se recolhesse a sua Capitania. Em consequencia embarcou Duarte d'Albuquerque em companhia de seu irmão Jorje d'Albuquerque Coelho, e de varias familias Nobres convidados para estabelecerem-se em Pernambuco, e aqui chegou em 1560, reunindo então em sua pessoa a Jurisdicão civil, que ainda exercia sua Mai, e a Militar que tão dignamente tinha sido exercida por seu irmão.

Si Duarte d'Albuquerque Coelho já não achou Indios que o obrigassem desembainhar a espada, não tardou muito que os Francezes lhe lançassem a luva surprendendo o Recife.

Aniquilada quasi completamente a Tribu *Cahetè*, affluindo constantemente em Pernambuco um grande numero de familias, animada a agricultura, desenvolvido o Commercio, cresceu tão rapidamente a população d'esta Provincia, que em 1567 (apenas com 37 annos de existencia) já ella, animada pelo genio bellico que a destingue, pôde mandar seus filhos soccorrer o Rio de Janeiro, bem persuadida em verdade, que para exercitar suas armas com um inimigo mais habil do que os Indios antropofagos, lhe era precizo sahir de seus muros. Mas não tardou muito que uma Nação Europea viesse em nossas praias experimentar o valor dos Pernambucanos, e convencel-os que aqui mesmo teriam occazião de medir suas armas com inimigos mais habeis do que os Indios.

As discripcoens pomposas que alguns Corsarios Francezes fizeram na Europa das vantagens que offerecia o Brazil, onde tinham a farto abordado, a importancia que o Gòverno Portuguez já dava a este bello Paiz, então tão pouco conhecido, fizeram com que alguns aventureiros Europeos concebessem a idea de formar estabelecimentos duraveis no Brazil, cujo dominio se tinha tornado exclusivo da Nação Portugueza, a mais pequena da Euro-

pa quanto a população, e extenção de territorio; porem a mais ouzada, a mais em prehendedora!

Nicoláo Durando de Villegagnon, Cavalleiro de Malta, que tinha abraçado o Calvenismo, vendo-se perseguido em consequencia de sua nova crensa Religiosa por Henrique 2 º Rey de França, foi um dos que primeiros projectou estabelecer-se no Brazil, já pela fama das vantagens que o Paiz offerecia, e já para se pôr acoberto da perseguição que se fazia aos protestantes. Tomando pois por pretexto o projecto de formar uma Collonia Franceza na America Meridional, conseguiu para isto licensa de seu Governo, e, congregando perto de 89 Calvinistas, armou dois navios optimamente preparados, e sahiu de Havre de Grace em Maio de 1555 em demanda do Brazil, finalmente avistando Cabo Frio em Novembro d'esse anno, desembarcou no Rio de Janeiro, fundou uma Fortaleza, e fez alliança com os Indios Tupinambás, que se tinham retirado da Bahia. Senhor Villegagnon do Rio de Janeiro, resistiu aos ataques dos Fluminences, apresentando uma atitude respeitavel. Entretanto tendo voltado Vellegagnon a Europa para agenciar soccorros que precizava, afim de estender sua conquista, Portugal acordou do lethargo em que tinha permanecido por quatro annos a respeito dos negocios do Brazil, mandando ordem a Mendo de Sá Governador da Bahia para expulsar os Francezes do Rio de Janeiro. Então este Governador, conseguindo um auxilio de cem Pernambucanos, faz esquipar uma Esquadra de onze vazos (tres de guerra, e oito transportes) e dá vélas ao vento para o Rio de Janeiro. Com trinta e sette dias de viagem avistou terra a Esquadra em 21 de Fevereiro de 1560: Mende de Sá desembarcou, e depois de ter em varios encontros batido, já os Francezes, e já os Indios Tamoyos seus alliados, a final depois de uma bem porfiada contenda, na qual muito serviram os cem Pernambucanos, obrigou os Francezes a embarcarem-se, e fazerem-se ao largo. Estes porem, em vez de seguirem para a Europa, quiseram tentar ainda fortuna, e n'este designio procurando Pernambuco desembarcaram no Recife em o principio de 1661 com tenção d'aqui se estabelecerem. Mas Olinda, Capital de Pernambuco estava mui proxima do Recife, e Duarte d'Albuquerque Coelho 2 º Donatario, que a governava tinha valor bastante, e soldados aguerridos. Apenas pois os Francezes se apoderaram do Recife (então apenas aqui haviam algũas cabanas de pescadores, e dois ou tres armazens de recolher utensilios dos Navios). Duarte de Albuquerque Coelho a frente dos Pernambucanos atacou tão vigorosamente os Francezes, que estes não tiveram outro remedio senão embarcarem-se acceleradamente, e com

bastante prejuizo. Um dos Francezes antes de tornar a embarcar expremiu o seu pezar relativamente ás desgraças de seus compatriotas no Brazil, gravando sobre uma pedra estas palavras, que o Historiador Rocha Pita nos conservou com a sua mesma orthografia: *le munde vá de pis am pi* O MUND VAI DE MAL EM PEIOR.

Restabelecido em Pernambuco o socego, pela retirada dos Francezes, cuidou Duarte d'Albuquerque em que o Povo tornasse aos seus costumados trabalhos, e, conseguindo facilmente isto, embarcou para Lisboa, deixando o Governo da Capitania a sua Mai D. Britis de Albuquerque, a quem passou para este fim uma procuração, que se acha registrada no Tombo do Mosteiro de S. Bento em Olinda. Governou D. Brites de 1572 até 1575, época em que falesceu. Em consequencia tomou posse do Governo seu irmão Jeronimo d'Albuquerque, em nome do sobrinho que estava na Europa. Sob a administração d'este Governador dois factos notaveis tiveram lugar: a fundação do Collegio dos Jesuitas em Olinda, no mesmo anno em que elle principiou a governar; e a fundação da Capitania da Parahiba em 1579.

A Parahiba estava comprehendida no territorio doado a Pedro Lopes, Donatario da Capitania de Itamaracá; mas tendo falescido este Donatario, e carecendo a Capitania de forças via-se todos os dias exposta as incurções dos Indios da Parahiba. Foi n'esta conjunctura que o Capitão Mor, que governava Itamaracá em nome do Successor de Pedro Lopes, e o Donatario de Pernambuco, de commum acordo organisaram uma expedição, e entregando-a ao mando de João Tavares a fizeram marchar em 1579. Com effeito Tavares, batendo os Indios que se lhe oppuseram, e alliando-se com outros, lançou os primeiros fundamentos da hoje florescente Provincia da Parahiba.

Jeronimo d'Albuquerque teve da filha do *Cacique* Arco Verde muitos filhos; e de sua legitima mulher D. Felippa de Mello, filha do Fidalgo Christovam de Mello, (um dos povoadores de Pernambuco) com a qual cazou por ordem da Rainha D. Catharina, tambem teve, alem d'outros filhos, a D. Catharina d'Albuquerque e Mello. Esta D. Catharina cazou com Fellippe Cavalcanti Fidalgo de Florença, e dos mais esclarecidos d'aquella Monarchia. He d'este cazal que descendem os Srs. Cavalcantis de Pernambuco. (a) Jeronimo d'Albuquerque era irmão de D. Brites de Albuquerque, sobrinha de Affonço de Albuquerque o grande conquistador de Goa, Ormuz, e Malaca, e de seu Primo Francisco d'Albuquerque, que a desposaram, andando

(a) Rocha Pitta Hist. da Amer. Port. Livro 2º pag. 109 n. 70.

A mer de Felippe Cavalcanti não foi filha legitima de Jeronimo de Albuq, mas sim natural e havida da India filha do Arco verde.

Este engano eu corregi a pg. 92 da 2ª Edição d'este Tomo

elles na India, com Duarte Coelho, fidalgo descendente de Egas Coelho, que El-Rey D. Pedro 1 º declarou traidor, por matar a D. Ignez, como El-Rey D. Affonço 4 º mandou. Duarte Coelho alias ganhou em duas viagens á China grandes riquezas, e casado com D. Brites veio fundar Pernambuco. D'aquelle Jeronimo d'Albuquerque, cunhado d'este fundador, descendem igualmente os Albuquerque Cunhaús, e os Albuquerques de Mello.

Os Albuquerques paes, e Avós de Jeronimo, e da mulher do Donatario, dos quaes decendem os Srs. Cavalcantis de Pernambuco, como affirma o Historiador Rocha Pitta, que escreveu a mais de um Secculo, (em 1726) eram os Senhores de Villa Verde, e Angeja, tios dos Noronhas, que El-Rey D. Affonço 5 º tratava por Primos. Vid. Barros Decad. 2 ª Resende Cron. de D. João 2 º, e a Cron. de D. Affonço 5 º nos Inedictos da Academia Tom. 1. º

Mas tornando ao objecto principal. Em quanto pois esta Provincia, desassombrada dos Francezes, e livre dos Cahetés gosava plena pás, sob a administração do prudente, e circunspecto Jeronimo d'Albuquerque; um accontecimento estrondozo prepara-lhe na Europa o mais insoportavel dos captiveiros. Cortarei portanto aqui o fio d'estas Memorias, em quanto narro esse accontecimento, que submetteu nossa Patria ao cruel jugo Hollandez.

CAPITULO 11.

El-Rei D. Sebastião marcha contra os Mouros, e morre em Africa. O Cardeal D. Henrique lhe succede, e por sua morte cahe Portugal, e o Brazil sob o dominio Hespanhol. Governadores que houveram em Pernambuco n'esse tempo. Estado d'esta Provincia na época em que o Brazil passou ao dominio de Felippe 2 º de Hespanha.

1578 A 1593.

El-Rei D. Sebastião, inimigo do descanso, e dos divertimentos domesticos, deixou-se arrastar de tal sorte pelo dezejo de gloria, que o Jesuita Luiz Gonsalves da Camara, (valido do Cardeal D. Henrique) soube infundir-lhe n'alma, naturalmente grande, e altiva, que, dominado por esta paixão sem limites, nada mais ambicionava do que assignalar-se por Conquistas em Africa, onde seus passados tanto se destinguiram. A mistura de ideas Religiosas, e guerreiras excitava-lhe o dezejo de tri-

nfar dos Mouros, na esperança de arvorar o Estandarte da Cruz sobre as Mesquitas de Marrocos.

Em pás com todas as Potencias da Europa, Senhor do mais xtenço commercio, adorado pela Nação, porque achava n'elle a irtudes dos seus mais illustres Soberanos, D. Sebastião pare- ia não dever-se occupar senão da felecidade de seus Subditos; orem a paixão pela celebridade, fazendo-lhe esquecer o bem da Nação, o levou a sua perda. Os lisongeiros o fizeram surdo aos vizos de seus antigos Ministros, ás reprezentações da Rainha D. Catharina, sua Avó, e do Cardeal D. Henrique, seu Tio, em fim aos clamores de todo o Povo, que, receioso dos pe- igos a que seu Monarcha se hia expor, lhe implorava desestisse lo intento.

O successo da primeira expedição á Africa, onde El-Rey avia em pessoa combater, e desfazer os Monros animando este alor guerreiro, seu pensamento dominante, e sua unica pai- ão, de tal sorte tinha preocupado este Monarcha, que elle ara se pôr em campo não esperava mais do que um pretexto qual quer, que o accaso lhe offerecesse: com effeito elle não tardou.

Muley Abdelmelek acabava de expulsar do Throno de Marrocos a seu neto *Muley Mohamet*, ao qual nem uma qua- lidade recommendavel destinguia aos olhos de seus Vassallos. Depois de em vão ter solicitado soccorro de Felippe 2.° Rey de Hespanha, *Mohamet* alcançou accesso na Corte de El-Rey D. Sebastião, cujo animo guerreiro e bellicoso era bem conhecido. O Principe fugitivo prometteu a El-Rey os portos de *Arzila*, e *Larache* si o reentregasse na posse de seus Estados. D. Sebas- tião aproveitou com gosto a occazião que tanto dezejava, mais para fazer por meio de accoens estrondosas, celebre o seu No- me em Africa, do que para restabelecer em seu Throno o Prin- cipe, cuja cauza acabava de abraçar.

Para esta expedição temeraria exhauriu D. Sebastião as rendas do Estado, já individado pelos desperdicios dos Minis- tros. Insensivel ás lagrimas e rogos de seus Vassallos, fez ben- zer o Estandarte Real, e sahiu de Lisboa em 25 de Junho de 1578, tendo levantado ancoras com sincoenta vazos, sinco galeras, mui- tos transportes, e um exercito de quinze mil homens de Infan- taria, e mil de cavallaria.

Este exercito fraco, composto de recrutas de diferente Na- coens, continha em si mesmo o germen de sua ruina no luxo, e nos excessos dos Officiaes. Chegando a Tanger, e deixando os navios em que se transportara, marchou logo sobre *Arzila*: n'este lugar acampou-se D. Sebastião; porem o seu genio fo- gozo não o deixava tomar medidas de prudencia! Contra o pa-

recer dos Generaes o Exercito, levantando o campo, avançou para *Larache* pelo interior do paiz, desprezando o caminho de mar.

No momento em que o Exercito Portuguez julgava o Rey de Marrocos na defensiva, este Principe tão habil Capitão, como grande Politico, mostra-se de repente nas planices de Alcacer a frente de um Exercito dessiplinado por elle mesmo, e tão superior em numero ao Portuguez que contava 46 mil homens, inclusive 36,000 de cavallaria.

Finalmente no dia 4 de Agosto de 1578 engajam-se os dois Exercitos, e uma batalha sanguinolenta (na qual Soldados da Europa, e Africa, a quem a diversidade de costumes, e de Religião anima, desputam o preço do valor e gloria) decide, sem em tal se pençar, do destino do Brazil, principalmente de Pernambuco. Envolvidos pela Cavallaria Affricana, que formava um immenso meio circulo, os Portuguezes e seus alliados são feitos em postas.

El-Rey D. Sebastião, mais Soldados do que General, apparece em toda a parte, e affronta os perigos; mas succumbe, e coberto de feridas he prezo por um troço de Mouros, que entre si logo desputam a preza. Um dos seus Generaes fas caminho pelo meio d'estes desesperados, promptos a virem ás mãos, e assim lhes falla — » *Que! Quando Deus vos dá a victoria,* » *he que então vos degolaes por um prisioneiro?* — » Mais barbaro que seus Soldados este General descarrega um tremendo golpe de alfange no desgraçado Rey D. Sebastião, e o derruba moribundo do cavallo, e em continente os outros Mouros o acabam de matar.

Outo mil Christãos morreram, a maior parte dos que escaparam a morte, ficaram captivos dos Mouros, a quem a victoria custou desoito mil homens. Mas o que torna este dia mais memoravel he a morte dos trez Reys que pelejaram na batalha. *Muley Abdelmelek*, chefe do Exercito vencedor espirou de enfermidade em a liteira em que vinha, e donde, durante a acção, deu ordens as mais bem acertadas possivel; seu neto *Mahomet* fugindo, afogou-se; e *D. Sebastião*, alliado d'este, acabou como acabo de narrar!

D'esta sorte pereceu com pouco mais de vinte e qratro annos de idade (a) com a flor de sua Nobreza, e sem herdeiro o bisneto do grande Rey D. Manoel, deixando o Reyno esgo-

(a) Beauchamp. dá a D. Sebastião a idade de 34 annos quando morreu em Africa; mas n'isto enganou-se por que D. Sebastião nasceu em Lisboa a 20 de Janeiro de 1554, e morreu em 4 de Agosto de 1578. Vid. De la Clede Hist. de Port. Liv. 20.

lo, e seus vassallos consternados. Todo o Reino cubriú-se de uto, e o Sceptro passou ás mãos do Cardeal D. Henrique, a quem a idade, e fraqueza tornavam ainda menos apto, para sustentar o pezo de uma Monarchia vacilante.

Apenas Felippe 2°, Rei de Hespanha, soube da morte de El-Rey D. Sebastião, derigido por sua ambiciosa, e fallaz politica fez partir para Lisboa a D. Christovam de Moura, Ministro Portuguez, vendido a seus interesses, a fim de sondar os espiritos a respeito da situação do Reino. Ao mesmo tempo que em Madrid fazia celebrar exequias pelo Rey defunto, despunha-se para fazer valer seus Direitos a Coroa de Portugal, e como não duvidava que lhe seria desputada, não desprezou meio algum de apossar-se d'ella pela força das armas.

Esta Coroa estava como em deposito, sobre a Cabeça do Cardial Rey, o qual, prevendo seu proximo fim, nomeou sinco Regentes para governarem o Reyno, depois de sua morte, em quanto as Cortes não resolvessem, e regulassem os interesses da Sucessão.

Sinco Principes se julgavam com direito á Coroa Portugueza, e a reclamavam: D. Antonio, Prior do Crato, filho natural do Infante D. Luiz (a) sustentava que era filho legitimo, e allegava em seu favor a promessa de cazamento feita a sua mãi pelo Avô do falescido Rey D. Sebastião; D. Catharina, Duqueza de Bragança, firmava suas pretençoens como neta de El-Rey D. Manoel; Filippe de Heshanha, nascido de D. Izabel, filha mais velha do mesmo D. Manoel, antepunha a perogativa do sexo para igualar os direitos do nascimento; D. Rainuncio, Principe de Parma, allegava que era filho de D. Maria, neto do Infante D. Duarte, e bisneto do mesmo Rey D. Manoel, e finalmente o Duque de Saboia, e Principe de Piemonte mostrava ser filhõ da Infanta D. Brites, e tambem neto de D. Manoel.

Senhor; na Europa da Hespanha, das Duas-Sicilias, de Milão, da parte Catholica dos Paizes-Baixos, e do Franco-Condado; n'Alfrica dos terretorios de Tunés, e d'Orom, das Canarias, e de muitas ilhas de Cabo-verde; n'Azia das Filippinas, das ilhas do Sunda, e de uma parte das Molucas; n'America em fim dos Imperios do Mexico, Perú, e do Chili, e das mais bellas ilhas entre os dois hemisferios, o filho de Carlas 5° cederia por ventura seus direitos a compitedores incapazes de resistir ás suas armas, ou á influencia do seu ouro?

(a) Tambem Beauchamp se enganou na filiação do Prior do Crato, dando por filho de El-Rey D. João 3°, sendo elle filho do Infante D. Luiz.

Não : Filippe de Hespanha calculou de antemão todos os inconvenientes da usurpação que premeditava.

Contando 68 annos (a) de idade o Cardeal Rey não reinou em Portugal senão para ver a herança do Reyno tornar-se em objecto de discussão juridica, e seu Sobrinho perturbar-lhe os ultimos momentos, para obrigal-o a adjudicar-lhe uma tão rica sucessão.

Porem temendo que prevalecessem os Direitos que tinha a Duqueza de Bragança á Coroa Portugueza, Filippe offerece ao Duque seu Esposo, todas as Colonias Portuguezas em plena Soberania com o titulo de Rey, si D. Catharina desestisse de suas pretençoens. Nem o Rey de Hespanha, fazendo este offerecimento ; nem o Duque de Bragança, recusando-o souberam apreciar toda a sua importancia.

Entretanto sobrevindo a morte do Cardeal Rey, em 31 de Janeiro de 1580, antes d'elle completar dois annos de Reynado, ficou Portugal entregue á cubica ambiciosa de Filippe. Em vão o Povo de Lisboa, horrorisado do jugo de Hespanha, toma partido em favor de D. Antonio, Prior do Crato, e se atreve a Coroal-o ; em vão, coadjuvado pela Inglaterra, e pela França, este Principe escreve para as Indias, e para o Brazil na esperança de que se declaravam por elle ; Filippe ajunta um Exercito de vinte mil homens, e determina ao famoso Duque d'Alva, que marche contra D. Antonio, e invada Portugal. O Duque acha a victoria fiel ás suas bandeiras, e por toda a parte os Portuguezes são vencidos. O Duque de Bragança reconhece a Filippe por seu Rey, e D. Antonio, proscripto, expulso de sua Patria corre a buscar azilo em França; mas apezar de algum conseguir Lisboa em fim he tomada e destruida ; e a armada Portugueza recebe as Ordens de Felippe, que, reconhecido Soberano de Portugal pelas Cortes de Thomar, apressa-se em tomar posse de seu novo Reyno.

D'esta sorte o Brazil, seguindo a sorte da Metropole, passou para o poder Hespanhol, e então Pernambuco (cujo 2º Donatario havendo marchado para Africa com El-Rey D. Sebastião morreu na batalha de Alcacer, depois de obrar grandes gentilezas, e estar a pé, por ter prestado ao Monarca o cavallo em que montava) teve seu 3º Donatario Jorge d'Albuquerque Coelho, que sucedeu ao irmão, falescido em Africa, por que este finou-se sem descendencia.

Jorge d'Albuquerque, para tomar posse da Capitania, obteve Carta de Confirmação de Filippe 2º, Rey de Hespanha.

(a) Beauchamp dá ao Cardeal 70 annos, mas elle tinha 68, porque nasceu em 1512, e morreu em 1580.

Este 3 º Donatario, que tinha acompanhado seu irmão, quando d'aqui foi para Europa, não havia voltado ainda para Pernambuco, e mesmo depois de obter a Confirmação da Capitania por Filippe 2 º não regressou; mas tendo falescido seo Tio Jeronimo d'Albuquerque, que governava Pernambuco por Provimento do finado 2 º Donatario, constituiu em 1580 seu lugar Tenente o Licenciado Simão Rodrigues Cardozo, o qual aqui governou até 1592, anno em que foi substituido por Pedro Homem de Castro; mas este Governador, só serviu um anno, por que em 1593 por Provimento d'este 3 º Donatario, foi substituido por Filippe de Moura.

No decurso d'estes annos, isto he, ate o fim de 1692, mantida a paz e aliança com os Indios Tabayres, destruida a Tribu dos *Cahetés*, e afugentada a dos *Pitiguarés* Pernambuco permaneceu em pás, sem offerecer nada de notavel; apenas em todo este tempo se nota, no rapido engradecimento d'Olinda, a fundação do Convento dos Antonios em 1583, e a do dos Carmelitas em 1588.

Cabe aqui agora dar uma idéa do estado de Pernambuco na época em que o Brazil passou para o dominio de Hespanha.

Construida em um lugar elevado perto do mar, Olinda, Capital de Pernambuco, cercada de colinas, tinha (e tem) a impossibilidade de ser fortificada regularmente; mas como os inimigos que devia bater eram Indios ignorantissimos, e sem arte, simples estacadas, guarnecidas d'algua Artilharia, eram bastantes para os afugentar, e assim todos os estabelecimentos de Pernambuco eram d'esta sorte fortificados.

Olinda continha em 1580 sette centas cazas de pedra e cal, e varios edificios Publicos, principalmente conventos e Templos, entre os quaes se distinguia pela brilhante vista de que goza, e pela magnificencia com que foi construi-lo o Collegio dos Jesuitas, (fundado a custa d'El-Rey D. Sebastião) onde se ensinavam bellas letras aos Pernambucanos, e tambem aos Indios convertidos, que mostravam algum talento.

Mais de vinte engenhos de fazer assucar, nos quaes se empregavam (alem de vinte a trinta homens em cada um para defendel-o,) quatro a cinco mil escravos Africanos, as cazas d'Olinda todas habitadas, o Recife já de algua sorte povoado, e servindo de deposito da gente de mar, são dados bastantes para se fazer uma idea do cressimento da população. Pernambuco então apresentava em campo, sem fazer notavel falta a agricultura, mil Soldados, e d'estes quatro centos de cavallaria.

Mais de cem cazas gozavam de uma renda de cem a quinhentos cruzados, e algũas de oito centos, e mesmo de mil.

Em poucos annos, aventureiros que tinham chegado pobrissimos de Portugal, voltaram ricos para sua Patria.

O corte, e exportação de pau Brazil, e os engenhos de assucar, eram preferidos a qualquer outro genero de industria. He verdade que em parte algũa do Brazil eram os viveres, e vituallhas mais caros, do que em Pernambuco; mas este inconveniente era latamente compensado pela fertilidade do Sólo.

Iguarassú merecia mais o nome de Cidade do que de Villa, e ainda hoje as ruinas de seus magestozos edificios testeficam sua antiga opulencia.

A Freguezia de N. S. de Nazareth da Mata, situada a 5 ~~nove~~ legoas d'Olinda, se bem que não tinha os seus edificios unidos em Povoação, era todavia mais povoada que Iguarassú.

Cortar pau Brazil, e leval-o a Olinda para ser embarcado, era a principal occupação dos habitantes da Mata Este pau precioso pertencia a Corôa, que pela permissão de o cortar e exportar recebia um certo Direito. S. Lourenço, outra Povoação, se elevava então entre a Mata e Olinda: alli se fazia já o melhor assucar da Provincia. N'esta epoca já haviam estabelecimentos, mais ou menos concideraveis desde Olinda até o rio de S. Francisco

Os navios de commercio que partiam de Pernambuco carregados de assucar pagavam dez por cento a Corôa, e sinco mais chegando a Portugal, alem dos Direitos dos Donatarios.

Quarenta e sinco navios, pouco mais ou menos, vinham annualmente a Pernambuco carregar de assucar, e pau Brazil, e com tudo esta importante Provincia não tinha Fortalezas, nem quasi obra alguma defensiva. Alguns Pernambucanos, attentos, e perspicases exprimiam já seus receios sobre os perigos a que estava exposta Olinda, o Recife, e toda a Capitania, e insistiam para com o Governo sobre a necessidade de apôr a abrigo de algũa empreza hostil.

Os Capitaes que Duarte Coelho sacrificou para fundar esta Provincia, os encommodos, e riscos por que possou, se bem que em sua vida quasi nada lhe produzissem, por que tudo quanto arrecadava era absorvido em suprir as novas necescidades, que a cada momento nasciam, troxeram todavia a seu filho a renda annual de dez mil cruzados, produto dos direitos empostos sobre as pescarias, e engenhos de assucar. Eis o estado Politico, e commercial de Pernambuco, na época em que Portugal passou ao dominio de Castella.

O Clima de Pernambuco, saudavel como he, foi com tudo algũa couza nocivo a muitos de seus novos povoadores, cuja constituição vigorisou-se debaixo de um Ceo diferente, bem

como as plantas, exoticas que degeneram e morrem, ainda que transplantadas para terreno mais fertil, e região mais feliz.

As mulheres Portuguezas no principio crearam mui poucos filhos; dois terços d'estes morriam, poucos dias depois de nascidos; porem as filhas d'estas mulheres, que chegaram a crear-se, e mesmo ellas, acomodando-se ao clima, e regeitando o pezo dos vestidos, e o uzo de abafar a cabeça dos filhinhos, banhando-os pelo contrario em agoa morna, não se queixaram mais de que o clima fosse destruidor das vidas dos recem-nascidos.

Todavia a mistura das tres diferentes castas *Europea*, *Africana*, e *Americana* produziu molestias novas, ou pelo menos novas constituiçoens, que modificaram de tal sorte as antigas enfermidades, que os novos symptomas escaparam á sagacidade dos Medicos. Uma inflamação no figado e estomago, a que denominaram frialdade, tornou-se epedemica na clace inferior, principalmente no inverno, de que pereciam muitos escravos. O estupor, a cujos doentes applicavam fumegaçoens de incenso, e de myrrha, e banhos adstringentes mui quentes, era mui frequente enfermidade. As optahmias, não o eram menos; o mais terrivel porem dos males, eram as febres intermetentes, e sobre tudo as feridas no anus, ou maculo, que atacava os habitantes da margem do rio de S. Francisco, molestia esta que se não era logo atacada com cristeis mui estimulantes de pimenta, fazia o infeliz paciente passar pela morte a mais dolorosa, e cruel.

Taes eram, com pequena diferença, os males fysicos que aflegiam os Pernambucanos no primeiro seculo de sua existencia. Aquelle que queria ter longa vida, abstinha-se com cuidado do uzo das carnes, vinhos, e licores, e por meio de uma regular sobriedade chegava a uma velhice feliz, e socegada.

CAPITULO 12.

James Lancaster apodera-se do Recife, e o saqueia.

1593.

A mudança de Metropoli foi ao principio pouco sencivel ao Brazil, por que apezar da orgulhosa Politica de Felippe 2°, nada elle desprezou que podesse conciliar a independencia apparente de seus novos Vassallos, com a sua verdadeira escravidão. Nada alterou por tanto debaixo do novo governo o regimen de Pernambuco; mas a insasiavel cobiça do intruso Monarcha, preparava-lhe muitos annos de calamidades!

Possuidor de toda a Peninsula Hespanhola, dando Lei

n'Azia, e Africa, e em quasi toda a America, Felippe fazia despertar o ciume de todos os Soberanos da Europa; porem a excepção de Izabel Rainha de Inglaterra, que sabia Reynar, todos os outros Principes eram fracos, desprezados, ou desditosos.

Animados, e protegidos por sua Soberana, intrepidos armadores Inglezes, aprezentam-se no mar, e navegam a devastar as Regioens submettidas a Felippe: Pernambuco por tanto não tardou em ser victima dos odios dos Soberanos da Europa.

Alguns Officiaes do Conselho de Inglaterra, e Commerciantes de Londres, querendo vingar o destroço que na Costa do Brazil sofreu o Capitão *Cavendish* no ataque que derigiu contra a Provincia do Espirito Santo, armaram uma espedição, e a derigiram contra este Paiz innocente, e que mais não tinha feito do que uzar do imprescreptivel Direito que todos tem de defenderem sua propria conservação.

James Lancaster, nobre Inglez, foi eleito d'esta Expedição. Portugal, e o Brazil não lhe eram particularmente desconhecidos; tendo servido entre os Portuguezes, como Soldado, e traficado com elles na qualidade de negociante em verdade era mui apto para tal empreza. Foi porem sem duvida uma especie de traição moral fazer a guerra contra uma Nação, com a qual se vinculara antes com os laços da amizade, e de quem recebera provas de benevolencia; mas os sentimentos de honra raras vezes prevalecem ao amor das riquezas. Pernambuco foi a Capitania que Lancaster resolveu atacar. Fez-se por tanto a vella com tres navios, e duzentos e settenta homens de equipagem, trazendo com sigo dois Francezes de *Dieppe*, que sabiam o dioma dos nossos Indios. Duas vezes um dos navios arribou para reparar os mastros, que outras tantas perdera: então julgando-se as equipagens muito fracas patentearam a Lancaster com um tom de revolta que desejavam que elle desse de mão ao seu projecto. Mais esté Chefe respondeu-lhes que *Carker* seu Vice Almirante que tinha arribado, era mui resoluto para o não alcançar, logo que podesse voltar ao mar, e que mesmo na falta d'elle protestava não tomar diverso partido do que aquelle que esperava teria feliz exito. » *He a falta de uma resolução firme nos homens* » (continuou Lancaster) *que dá cauza ao naufragio das em-* » *prezas mais atrevidas; porem todos os obstaculos não vencem* » *a coragem!* ».

Com effeito Barker com o seu navio se lhe reuniu na altura do Cabo-Branco. Lancaster tinha tomado uma quantidade de navios Portuguezes, e Hespanhoes, e sabendo de um prisioneiro que uma embarcação ricamente carregada, e vinda da India,

aufragara na costa de Pernambuco , e que toda a sua carga estava em deposito no Recife , derigiu-se immediatamente para a lha de Mago , onde mandou uma grande lancha com inte oito remos para a abordar. Achava-se ahi uma esquadra ngleza de dois navios , uma Puiana , e uma preza Biscainha , ommandada pelo Capitão *Venner*. *Lancaster* o move com as uas persuasoens , e *Venner* fica seu companheiro d'armas.

Conforme o uzo maritimo , esta união dos dois corsarios foi ractificada por uma escriptura por ambos assignada : Lascaster levia reservar para si tres partes , e Venner uma dos despojos , que colhessem. Com todo o panno fazem força de vella para o Recife , e chegam aqui pela meia noite do ultimo de Março de 1593. Tres grandes navios Hollandezes , fundeados á entrada lo porto fizeram receiar uma vigorosa resistencia. Lancaster , guarneceu de gente as suas sinco prezas , e ordenou aos Officiaes , no cazo de opposição da parte dos Hollandezes , que abordassem os seus navios , pozessem-lhes fogo , apoderando-se das lanchas para se servirem d'ellas no desembarque. Esperava por esta maneira desembarcar ao romper do Sol , deixando os navios fora até que fossem tomados algũas fortificaçoens ligeiras que já haviam , e o pequeno povoado do Recife. Pos-se em pratica o desembarque , e *Lancaster* em pessoa tomou o commando da Fragata , onde postou oitenta homens escolhidos ; porem logo que veio o dia apercebeu as suas embarcaçoens que bordejavam a um quarto de legoa a entrada da barra. O refluxo não lhe consentia que se aproximassem , e ficaram por isso em inação a vista da endrada. *Lancaster* teve a satisfação de ver os Hollandezes desviarem-se para lhe deixarem o passo livre.

D. Felippe de Moura Governador de Pernambuco , mandou ao meio dia um Parlamentario para saber o que a Esquadra Ingleza pretendia. *Lascaster* respondeu que queria a carga da embarcação naufragada , e que por força , ou por vontade a possuiria , como o mesmo Governador em pouco tempo veria. Entretanto os Pernambucanos guarneciam a Fortificação , que defendia o Porto, collocada pouco mais , ou menos , onde está hoje a Fortaleza do Brum , e aprezentavam uma força de mais de seis centos homens para obstar o desembarque. Lancaster manda que seus Soldados desembarquem um pouco ao Norte fora do alcance d'Artilheria , e apenas os vê em terra despedaça as canoas para não terem outro recurso se não em Deus , e nas suas armas. Estes piratas ostentavam de Religiosos , e em seus descursos o Nome de Deus era constantemente repetido, parecendo-lhes infalliveis os soccorros da Providencia para o bom exito de uma empreza , cujo unico fim era roubar !

As duas horas depois do meio dia de 2 de Abril, permettiu a maré que Lancaster avançasse, e que seus navios, que estavam fora, passando pelos dos Hollandezes envestissem a barra. O forte da terra atira; mas apezar do vivo fogo os piratas desembarcam debaixo de sua Artilheria: uma das lanxas encontra nos rochedos, alaga-se, e vai apique, outras embarcaçoens experimentam a mesma sorte; vencer ou morrer; eis a alternativa que resta aos Inglezes. Sette peças guarnecem a Fortificação do Bom Jezus, porem os Soldados Pernambucanos, ainda máos artilheiros, erram os tiros, empregando as ballas na area. Em todo este ataque só um dos piratas he ferido.

Entretanto Lancaster, que com a gente que tinha desembarcado de manhã vinha avansando, aproveita-se dá pouca agilidade dos nossos artilheiros, e anima os seus exclamando — *Coragem amigos, valor Camaradas! Avante escalemos o Forte, elle he nosso, Deus nos proteje.* — A esta vós os Inglezes avançam, os nossos apezar de bisonhos resistem com o seu natural valor; mas cedendo á disciplina inimiga, e ainda mais a falta de municoens, abandonam a Fortificação, e se retiram pelo interior da terra, atravessando o rio Beberibe. Então Lancaster faz sigual a toda sua Esquadra para entrar, e guarnecendo a Fortificação que tomara com gente sua, volta a Artilheria contra a Cidade d'Olinda, donde temia uma surtida. Depois poem-se em marcha contra o Recife, que então continha um cento de habitaçoens. Apenas avansaram os habitantes do Recife lançam-se precipitadamente nas suas canoas, (a) retiram-se pelo Beberibe, e Capibaribe, e abandonam aos piratas os seus armazens, a rica carregação da Caraca naufragada, e uma grande quantidade de producoens do paiz.

Lancaster, depois da victoria, mostrou tanta prudencia, quanto tinha sido o valor que durante a acção apresentara; os seus Soldados não commeteram desordem publica algũa, nem roubo particular: jamais piratas se portaram com tanta ordem e sangre frio.

Ora o saque que tinha de ser recolhido era grande, e indespensavel por tanto se tornou ao pirata tomar posse temporaria do Recife. Fortificou-se com palissadas, e construiu um Fortim com duas bocas de fogo no mesmo sitio, onde depois foi construido o Forte do Brum.

(a) Então ainda não estava construida a ponte do Recife. As habitações limitavam-se ao Bairro de S. Fr. Pedro Gonsalves. S. Antonio e Boa-vista cheios de mangues, e outras arvores não eram habitados ainda se não por alguns pescadores.

Concluidos estes arranjos, entrou Lancaster em negociação com os Capitaens Hollandezes, offerecendo-lhes grandes fretes, a fim de lhe transportarem para Inglaterra parte do saque; e elles não duvidaram associarem-se ao Corsario aventureiro!

Tres dias depois da tomada do Recife, avistaram-se sinco navios de Piratas Francezes, um dos quaes tinha no anno precedente salvado Lancaster de um naufragio na ilha de Mona, nas Indias Occidentaes. Reconhecido o pirata, Lancaster acolheu seu bemfeitor com benevolencia, e lhe deu uma carregação de madeiras. Prezenciando os outros Capitaens Francezes a generosidade de Lancaster, voluntariamente se submetteram as suas determinaçoens, esperando participar do saque; e d'esta sorte teve Lancaster ás suas ordens uma Frota auxiliar, a cuja gente recompençou generosamente, repartindo com ella o que seria forçado a deixar, ou inutilizar por falta de transportes.

No mesmo dia em que se avistaram os piratas Francezes, quatro dos principaes habitantes d'Olinda intentaram tractar com Lancaster, porem este evitou a negociação, passando-se para bordo dos navios Hollandezes, onde permaneceu, apezar das reiteradas embaixadas, fatigando assim a paciencia dos contratantes. Surprendidos todos de uma conducta tão singular, perguntaram-lhe o motivo — » Melhor do que vós (respondeu o pirata) co» nheço os colonos do Brazil com quem vivi muito tempo. » Quando não vencem com a espada, recorrem ás astucias, pois » que não tem nem fé, nem franqueza (a). E que ganharia» mos em tratar com elles? Não possuimos já, com a ajuda do » Céo, o que de climas tão remotos viemos procurar? Indis» cretos seriamos se deixassemos arrancar por enganadoras per» suasoens, o que com tanto custo ganhámos! (b).

Lancaster avizou ao Governador d'Olinda, de que em vez de acceitar proposição algũa, o primeiro que se atrevesse a dirigir-se ao Recife para esse fim, seria logo enforcado, e assim tirou a esperança de negociação.

Toda a actividade de Lancaster estava então empregada em fazer carregar os despojos, e em repellir os habitantes d'Olinda contra elle armados. Em um dos muitos combates que lhe deram, tomou Lancaster sinco carros dos nossos; preza mais pro-

---

(a) E por ventura teria Lancaster, e os outros ladroens, que se lhe uniram fé, e franqueza? Si estas expressoens fossem soltadas por um inimigo honrado, eu com uma serie nunca interrompida de factos publicos lhe provaria, que a boa fé, e franqueza sempre caracterisaram os Pernambucanos desde seus principios; mas como foi um ladrão que as soltou, não me abaixo a responder-lhe, dando tanto pezo ao seu dicto.

(b) E tambem com muito boa fé, e franqueza?

veitoza do que as municoens que elles conduziam, e do que a artilheria de que na mesma acção se assenhoreara; porque, faltando estes carros, elle não poderia conduzir para o embarque senão uma pequena parte das mercadorias, que haviam cahido em seu poder. No dia seguinte a esta vantagem entrou pela barra, sem a menor desconfiança, vindo da Costa d'Africa, um navio Portuguez, com 40 homens de equipagem, e 60 escravos. Lancaster deu liberdade aos negros, e empregou os secenta Portuguezes em puxar os carros, aliviando por este insolente abuzo da victoria, os seus soldados de tão rude trabalho.

Havia já vinte dias, que o ditoso Corsario estava senhor do Recife, todavia sustentando repettidos assaltos, e sendo obrigado todos os dias a combater para adquerir agoa; porem sem soffrer grandes damnos. Os Pernambucanos, que não podiam tolerar, que o ladrão se retirasse impunemente, convencionaram que o melhor meio de o segurar era queimar-lhe a Esquada. N'este intento enchendo sinco grandes canoas de combustiveis preparados com materias inflamaveis; em alta noite, quando a corrente d'agoa conduzia para a Esquadra, tocaram fogo nos combustiveis, e assim inflamados, deixaram ir as canoas com a corrente. Lancaster porem que havia antevisto este genero de guerra, tinha collocado em torno da Esquadra seis barcas, providas de ganchos, e cadeias de ferro, e com estes instrumentos desviou as canoas inflamadas, e as fez encalhar. Seis dias depois d'esta tentativa, os Pernambucanos outra vez intentaram encendiar a Esquadra dos piratas, e em lugar de largarem canoas, carregaram de combostiveis preparados, e de uma maneira conveniente, para que a agoa os não molhasse, oito jangadas grandes, e defendidas por extenços croques para não serem abalroadas, e as derigiram pelas onze horas da noite, depois de inflamadas, contra a Esquatra. Inglez algum ouzou apartal-as, tudo tremia; mas Lancaster, a quem nada desorientava, fazendo cubrir mui bem os seu paióes, e barriz de polvora com grandes pannos molhados, animou então as equipagens a aventurarem-se. Chegando em fim as jangadas arremessaram-lhe fatexas prezas a correntes, e d'est'arte as poderam levar a reboque para a margem opposta onde arderam até o outro dia.

Não conseguindo o incendio da Esquadra, tentaram os Pernambucanos cortar-lhe as amarras; mas apezar de muitas tentativas, não o poderam conseguir; porque Lancaster era mui vigilante. Preparavam ainda os Pernambucanos uma terceira tentativa de incendio, quando Lancaster, receiando as consequencias, e vendo que permanecendo por mais tempo no Recife infalivelmente sucumbiria sob o valor Pernambucano, accelerou

o embarque do resto do saque, e despós-se para uma prompta partida. Esperava portanto somente a maré da tarde para se fazer a vella, quando descubriu os Pernambucanos em grande numero sobre o Sthmo, onde está hoje pouco mais ou menos a Cruz do Patrão, e donde pertubariam a sahida das embarcaçoens. Tornou portanto immediatamente para o Recife, e convocou um Conselho.

N'este Conselho sustentaram uns Officiaes que a Esquadra sahisse de noite, outros que seria imprudencia emprehender uma acção sem necessidade, e outros pelo contrario opinavam, que podendo o vento contrario impedir a sahida, demorando-os na barra dominada pelo fogo dos Pernambucanos, cumpria antes dessalojal-os d'aquelle lugar, para se sahir com segurança. Lancaster abraçou esta ultima oppinião, e em consequencia trezentos homens Inglezes, e Francezes tiveram ordem de atacar as Tropas de Pernambuco, derribar as obras que tinham levantado, e voltar apreçadamente para embarcarem-se. Avançaram estes trezentos homens, e os Pernambucanos os receberam com um vivissimo fogo; mas querendo atrahir o inimigo para mais longe da protecção da Esquadra, deminuem pouco a pouco o fogo, e a final abandonam uma plátaforma, e uma bataria que os Inglezes logo destruiram, e retiram-se para a retaguarda atrevessando o Beberibe que estava secco (a)

Animados por este successo, cuja cauza não conheceram, vendo as Bandeiras dos Pernambucanos, que flutuavam do outro lado, fora da vista da Esquadra, estes Homens inconsiderados avançam, supondo marchar a uma victoria certa. Mas completamente enganaram-se: então a acção tornou-se geral, os Pernambucanos aprezentaram-se em campo razo, e os Inglezes, e Francezes depois de um bem porfiado combate, foram constrangidos a retirarem-se desordemnadamente, deixando mortos o Vice Almirante Barker, Lugar Tenente de Lancater, dois Capitaens Francezes, e perto de cem Soldados. Os Pernambucanos não deixaram de perseguir os fugitivos senão quando os viram debaixo das baterias da sua Esquadra. Lancaster recolhendo os restos do infeliz destamento, levantou ancora na mesma noite, e fez-se a vella com onze navios, sofrendo mui pouco na sahida, porque a sua gente no ataque da praia havia inutilizado a artilheria dos Pernambucanos quando se apoderaram da bataria, e plátaforma. Esteve pois o Recife sob o poder d'este pirata trinta e qnatro dias; mas em nem um d'estes deixou

(a) Sem duvida esta segunda acção foi na campina da Tacaruna, para onde com a maré secca passa-se com agoa pela cavella.

o seu oppressor de ser encommodado, embora tivesse sob suas ordens melhor de mil Soldados, mui bem dissiplinados, e com tanta resolução, quanta se deve suppor n'uma quadrilha de ladroens, que se abalaram da Europa só com o fim de nos roubar.

CAPITULO 18.

Manoel Mascarenhas Homem substitue no Governo de Pernambuco a Felippe de Moura. Mascarenhas marcha para o Rio Grande do Norte, e em seu lugar ficam governando Pernambuco o Bispo, e um Vereador da Camara d'Olinda. Concluida esta Expedição, volta a Pernambuco e governa até ser substituido por Alexandre de Moura. O Governador Geral do Brazil reside em Pernambuco. Primeiros fundamentos da Provincia do Ceará. Duarte d'Albuquerque 4 º Donatario toma posse de Pernambuco. Expedição para a descuberta, e conquista do Maranhão. Primeiros fundamentos da Provincia do Pará. Mathias d'Albuquerque governa Pernambuco, até que he succedido por André Dias da Franca, ultimo Capitão Mor, que governou em Nome dos Donatarios.

1596 A 1629.

Resgatado o Recife do poder dos piratas, voltaram os habitantes as suas antigas occupaçoens, e apezar de ter sido o saque mui grande, e de subido preço; com tudo a fortuna publica não sofreu consideravel prejuizo. Felippe de Moura continuou a governar, sem que sobreviesse mais outro facto notavel até 1596, época em que foi substituido por Manoel Mascarenhas Homem.

Por este tempo, afugentados das praias de Pernambuco os Corsarios Francezes, encaminharam-se para o Rio Grande do Norte, e de tal sorte souberam insinuar-se com os Indios *Pitiguarés*, que conseguiram fazer muitos carregamentos de pau Brazil. Felippe 2 º, querendo privar este commercio, e ao mesmo tempo domar a Tribu *Pitiguaré*, que constantemente encommodava o nascente estabelecimento da Parahiba, ordemnou ao Governador Geral do Brazil D. Francisco de Souza, que fizesse expedir uma força para o Rio Grande, que ao mesmo tempo impedisse o Commercio dos Francezes, e domasse os Indios. D. Francisco, nomeando para Commandar esta importante Expedição a Mascarenhas, Governador de Pernambuco, ordemnou tambem que elle a organizasse de Pernambucanos, e que a sua frente marchasse. Em consequencia, depois de ter apromptado, com a brevidade que o negocio exigia, trezentos homens de guerra, Mascarenhas, entregando o Gover-

no de Pernambuco (segundo a ordem do Governador Geral de 2 de Maio de 1599) ao Bispo do Brazil D. Antonio Barreiros , que estava em Olinda de vizita , e ao Vereador mais velho da Camara da mesma Olinda Duarte de Sá , embarcou com a sua Expedição , e seguiu para o Rio Grande do Norte , levando em sua Companhia , na qualidade de enginheiro , um Jesuita , e por interprete da lingoa dos Indiginas , um Franciscano. Com feliz viagem chegou Mascarenhas , e envestiu a embocadura do Rio Grande. Apenas foi visto , os Indios intentaram prohibir o desembarque , mas cortados pelo ferro Pernambucano em breve cederam o campo. Mascarenhas tomando posse do porto edificou um pequeno Fortim de madeira , proximo ao terreno em que hoje está collocada a Fortaleza dos Reys , e entregando o commando d'este Fortim ao entrepido Pernambucano Jeronimo d'Albuquerque , fez aliança com *Sorobabé* , Chefe dos Indios Aborigenes , depois que Jeronimo em muitos encontros os bateu . e finalmente lançou os primeiros fundamentos da Cidade do Natal , assim denominada, por que seu fundador entregou ao chão a primeira pedra no dia 25 de Dezembro de 1599.

Batida e afugentada a Tribu *Pitiguaré*, feita a aliansa com a dos *Aboregines* , lançados os primeiros fundamentos da Cidade do Natal , entregou Mascarenhas o novo estabelecimento a Jeronimo d'Albuquer , e retirou-se para Pernambuco , deixando a maior parte dos Pernambucanos que foram sob suas ordens para povoarem o Rio Grande. Chegando a Pernambuco em 1602, continuou a governar , até 1610 , , em que foi substituido por Alexandre de Moura. Este governou até 1613 , anno na qual o Governador Geral do Brazil Gaspar de Souza veio residir em Pernambuco , a fim de organisar a Expedição destinada para a conquista do Maranhão, o que chegou a concluir em 1614 retirando-se então para a Bahia no principio de 1615, e deixando o Governo de Pernambuco entregue a Vasco de Souza Anno e Pacheco , sob cuja administracão fundaram os Beneditinos o seu Convento em 1616. A este Pacheco Substituiu João Paes Barreto , ultimo Governador que governou Pernambuco por nomeação do 3 º Donatario Jorge d'Albuquerque Coelho.

N'estes dez e seis annos nada se offerece tão notavel , como a conquista do Maranhão, na qual os Pernambucanos, assim como tiveram todos os encommodos , e despezas , tambem lhes coube toda a gloria : demorar-me-hei todavia n'ella só tanto quanto permite o plano d'estas Memorias . não deixando de commemorar os primeiros fundamentos da Provincia do Ceará , que igualmente se devem aos Pernambucanos.

Tendo El-Rey D. João 3 º doado o espaço de Costa , que

se estende desde o Maranhão até o Rio Grande ao Historiador João de Barros, este homem, que tantos serviços prestou a sua Nação, associou-se com os Cavalleiros Fernando Alvares, e Ayres da Cunha, a fim de juntos poderem fazer as despezas, que demandava um estabelecimento tão extenço. Com effeito estes Fidalgos apromptaram uma Esquadra, e entregando o commando d'ella a Ayres da Cunha, sahiu este do Tejo em 1535 com novecentos homens em dez navios de guerra; mas infelismente esta famosa Expedição, na qual vinham dois filhos do Donatario, naufragou toda nos baixos do Maranhão, escapando a penas algũa gente que se recolheu a ilha do *Médo*, (que fica na entrada do Maranhão) d'onde voltou para Portugal no primeiro navio que lhe appareceu. Em consequencia d'este naufragio, resignou Barros a Doação, e El-Rey doou o mesmo espaço de terreno a Luiz de Mello, dando-lhe tambem para o conquistar sinco navios de guerra; mas este segundo Donatario foi quasi tão desgraçado como o primeiro, porque a sua Esquadra se perdeu nos mesmos baixos, salvando-se apenas uma embarcação em que voltou para Lisboa.

Por estes contratempos, desanimados os emprehendedores, conservou-se a ilha do Maranhão inculta até 1594, quando o Francez Mr. *Rifault*, com uma Esquadra de tres navios, apoderou-se d'essa ilha, construiu Fortificaçoens, e deixando-as guarnecidas sob as ordens de *Carlos de Vaux* voltou para França. Esta debil Colonia Franceza, conseguindo a amizade dos Tupinambás, retirados de Pernambuco, (a) assim mesmo conservou-se

---

(a) Os Francezes para conseguirem a amizade dos Tupinambás, e indespol-os ainda mais contra os Portuguezes, não perdiam occazião de se fazerem afaveis, aprovando até as estravagancias d'estes selvagens. Diziam-lhe os Missionarios Francezes, quando elles amargamente se queixavam de que os Portuguezes desaprovassem os seus uzos. —„ Vós gostaes „ de furar os vossos beiços, furai-os quanto quiserdes; si tambem gos„ taes de pintar o rosto, e todo o resto do corpo trazer-vos-hemos de „ França tintas de cores mais bellas, vivas, e variadas do que aquellas „ de que uzaes, em fim nós somos vossos protectores, respeitaremos „ vossos uzos, e descançai que sob nossa protecção vós estaes a cuberto „ do barbaro jugo Portuguez: „ A um d'estes discursos pronunciado por De Veaux na Assembléa dos Chefes da Tribu *Montborre-Ouaiassú*, velho Tupinambá deu uma resposta memoravel, e digna das paginas da historia.

„ Eu vi (dice Montborre-Ouaiassú) a primeira entrada dos Portugue„ zes em Pernambuco: elles principiaram como vós outros, não tratando „ senão de commerciar com nosco. Davam-nos foices, facas, machados, e outras mercadorias da Europa, e todos os estabelecimentos por „ elles formados não nos cauzavam temor. Tomaram o pretexto da sua „ segurança, e diceram-nos que era-lhes precizo construir Fortalezas para se aguardarem, e edificar Cidades a fim de se unirem com nosco

augmentou d'alguma sorte, sendo reforçada em 1612 por Mr. *Ravardiere*, que n'esse anno fundou o Forte de S. Luiz em honra de Luiz 13 Rey de França. Tal era o medo que os Portuguezes tomaram dos baixos do Maranhão, que por tantos annos alli estiveram os Francezes incolomes. Estava porem reservada aos Pernambucanos a gloria de vencer os perigos da barra, expulsar os dominadores intrusos, e domar os Indios com quem se tinham alliado.

Martim Soares Moreno, Official de Pernambuco, que acabava de prestar relevantes serviços na serra de *Ibiapava*, havia n'esta expedição conduzindo-se tão bem com os Tapuyas, que *Jacuana*, o principal Chefe d'estes Selvagens, o chamava seu filho. O merito e talento d'este Pernambucano eram tão geralmente reconhecidos, que o Governador Geral, apenas chegou a Pernambuco, o nomeou logo Capitão Mor do Ceará.

Com o seu novo Titulo, e quasi sem sequito partiu Moreno para fundar este novo estabelecimento, para o que devia alguns soccorros seguil-o; mas elle contava mais com os Tapuyas, do que com os Soldados que lhe prometteram. Com effeito Jacuana recebeu-o com transporte, forneceu-lhe trabalhadores, e ajudou-o elle mesmo a construir um Forte, e uma Igreja sob a Invocação de Nossa Senhora do Amparo. Moreno augmentou bem depreça os seus meios, e a sua reputação militar pela tomada de um navio Hollandez, de que se apoderou com um Corpo de Tapuias embarcados em canoas, e tão bem disciplinados, que os Hollandezes se persuadiram que era accommetido por Europeos. Os auxilios que se prometteram não foram remettidos; com tudo o estabelecimento prosperou, e Moreno pode immortalizar seu Nome, lançando os primeiros fundamentos do Ceará em 1613, atrahindo para alli algũas familias de Pernambucanos, para o povoarem. Concluidos estes arranjos, Moreno entregou o novo estabelecimento ou Prezidio do Ceará, ao

---

„ em uma só familia. Durante este tempo tratavam livremente com nossas filhas, o que nós reputavamos grande honra. Depois deram-nos „ a entender que Deus reprovaria o cazarem com ellas, senão abraçassem „ o Christianismo, e que para o conseguir deveriamos dirigir-nos aos „ Sacerdotes. Vieram estes, arvoraram Cruzes, instruiram alguns de „ nós, e os baptizaram. Tentaram depois persuadir-nos que lhes eram „ indispensaveis escravos, tanto para cultivarem a terra, como para o „ trabalho das Cidades, e não contentes de reduzirem a escravidão os „ prizioneiros de guerra, quiseram alem d'isso os nossos filhos, e final„ mente concluiram subjugando a nossa Nação com tanta tirania, que a „ mair parte d'aquelles dos nossos, que ficaram em plena liberdade, fo„ ram obrigados a fugirem da Patria para se subtrahirem a escravidão! „ Vós, ó Europeos, sois todos o mesmo!

seu emmidiato Estevam de Campos, e voltou para Pernambuco, a fim de acompanhar seu digno companheiro Jeronimo d'Albuquerque na importante conquista do Maranhão.

Em quanto Moreno lançava os primeiros fundamentos do Ceará, apromptava em Pernambuco o Governador Geral do Brazil a Expedição que devia conquistar o Maranhão, e expulsar d'elle os Francezes. Com effeito estando tudo prompto, e nomiado para a commandar o Fidalgo Jeronimo d'Albuquerque, deu este a vella em 1614 com tres navios, mas somente com cem homens de guerra, levando em sua companhia Martim Soares Moreno fundador do Ceará. Seguiu Albuquerque pela costa, e avançou pela corrente denominada *Buraco das Tartarugas*, que desagoa na ensiada de Jericoacorá em Ceará. Na fós d'esta ensiada construiu Albuquerque uma Fortaleza, denominando-a Nossa Senhora do Rozario, e depois despachou Moreno em uma das embarcaçoens para reconhecer a ilha do Maranhão. Tendo esperado em vão por Moreno, voltou Jeronimo d'Albuquer por terra para Pernambuco, deixando quarenta homens de gurnição no Forte que construira.

Por este tempo solicitava na Europa a recompensa dos seus longos serviços Diogo de Campos Moreno, Sargento Mor do Brazil, e parente proximo de Martim Soares. Este Diogo obteve como grande graça o ter parte na conquista do Maranhão, para a qual se lhe prometteu 400 homens; mas só lhe deram cem, com os quaes chegou a Pernambuco em Maio de 1614 justamente quando o Governador Geral estava para isto organisando uma segunda Expedição que devia marchar debaixo das ordens do mesmo Jeronimo d'Albuquerque, que fundara o Forte de Nossa Senhora do Rosario. Os 40 Pernambucanos que ficaram n'este Forte viram-se redusidos a maior penuria, por falta de viveres, e pelos repectivos assaltos dos Indios, e infalivelmente sucumbiriam senão lhe chegasse o reforço de mais trezentos Pernambucanos: nunca auxilio algum veio tanto a tempo.

Tres dias depois da sua chegada, *Mr. De-Pratz* commandante de um navio Francez, que trazia a seu bordo trezentos homens destinados para auxiliar os Francezes do Maranhão; sabendo em caminho do estado miseravel a que estava reduzida a guarnição do Forte *No S. do Rozario*, deixando a sua derrota, dessembarcou a toda a preça, e dando grandes gritos como applaudindo a victoria antes do combate, avançou a tomar o Forte; mas os Pernambucanos que estavam emboscados; de repente apparecem em grande numero, e constrangem os Francezes a retirarem-se acceleradamente, e a recolherem-se ao seu navio com bastante perda.

Entretanto já era passado mais de um anno, e não se sabia ainda nova algũa de Martim Soares Moreno, que tinha hido reconhecer a ilha do Maranhão. O mesmo Governador Geral não tinha certeza de que os Francezes ahi tivessem estabelecimentos permanentes; o que se sabia era que elles commerciavam com os Indiginas. Moreno depois de ter descuberto a colonia Franceza, examinou as suas forças, mas experimentou na volta ventos tão fortes, que fazendo-o desarvorar, o arrojaram para os mares de Hespanha, onde aportou, e deu circustanciada parte ao Gabinete Hespanol do estado do Maranhão.

Segundo a relação de Moreno, mandou a Corte de Madrid ao Governador Geral do Brazil ordem expressa para expulsar os Francezes do Maranhão, e fazer a conquista d'esta ilha. Desde então a Expedição que se organisava em Pernambuco, adquiriu um consideravel grau de importancia; mas os preparativos tinham sido por muitas vezes contrariados. Jeronimo d'Albuquerque, e Diogo de Campos Moreno, depois de terem levantado um Corpo de Indios em Parahiba, buscaram em vão transportes para conduzirem as tropas em numero de quinhentos homens. Alem d'isso a idade, e experiencia de Diogo, justificavam a sua repugnancia em estar sob o commando de Jeronimo d'Albuquerque; de maneira que o Governador para acomodal-o nomeou-o Commandante collateral, titulo vão, que não lhe dava jurisdição, mas que todavia o satisfez.

Finalmente o Governador Geral ordenou a partida da Expedição; mas receiando que Jeronimo d'Albuquerque não se estendesse excessivamente, limitou-lhe as operaçoens entre o rio Tityoya, e a ilha de Pereá, com ordem de fortificar-se dentro destes limites, donde não devia avançar sem novas ordens. Esta Expedição marchava sob os melhores auspicios: o Governo do Brazil, e mesmo a Metropole haviam desenvolvido uma actividade não ordinaria; os Officiaes principalmente patentearam, um desenteresse, e zelo memoraveis. Jorge Fragozo d'Albuquerque, sobrinho do Commandante em Chefe, sendo Capitão marchou com o soldo de simples Soldado, e este exemplo foi imitado por todos os outros Officiaes. Os voluntarios formaram um corpo separado, e o resto das tropas foi dividido em quatro companhias de secenta homens cada uma. Deram a vella, e no terceiro dia de viagem alcançaram o Rio Grande, onde entraram felismente, apezar dos perigos da barra.

Ahi fizeram os Commandantes resenha das forças despuniveis, e acharam em dois navios, uma caravella, e sinco caraveloens, trezentos homens de tropas regulares, duzentos e trinta e quatro Indios alliados, debaixo das ordens de doze de

seus Chefes , trazendo estes Indios com sigo suas mulheres , e filhos em numero de trezentos. Depois d'esta revista a Expedição levantou ancora , e em dois dias chegou a bahia de Iguapé. Ahi desembarcou Jeronimo d'Albuquerque com os Indios , mas depois de dois dias de marcha tornou a ajuntar-se com a Frota no lugar denominado Nossa Senhora do Amparo , d'onde avizou ao Forte das Tartarugas a sua proxima chegada. A mais de um anno que o Capitão do Prezidio do Ceará esperava a Expedição ; e apenas esta chegou uniu-se a ella com as melhores tropas, que tinha sob seu commando , substituindo-as no Prezidio pelos Soldados que tinham dado a entender , que dezejavam ardentemente achar occazião que os despensasse de tornarem a estar amontoados nos navios.

O Chefe Indio Camarão , chegou tambem vindo do Rio Grande , e tendo passado no caminho grandes encommodos, serviram-lhe estes de pretexto para ficar com seu irmão Icuanha , amigo intimo de Martim Soares , e apezar das instancias d'este ultimo, não auxiliou a Expedição senão com vinte Indios, debaixo das ordens de seu filho , soccorro este que não supria toda a falta que faziam quarenta desertores , que no seu terretorio se haviam refugiado.

Nossa Senhora do Amparo era mau sitio para repouso ; não só porque a vizinhança das Aldeas dos Indios prejudicava a disceplina ; mas tambem porque o ar era pessimo , e uma multidão de ratos devorava até os cabos dos navios. Diogo de Campos seguiu em consequencia para a bahia de Pernamerim , tres graus ao Sul da linha , onde esperou o Commandante em Chefe. A' sua chegada ajuntaram-se-lhe de novo os Indios auxiliares , e a Expedição montando o parcel de Jericoacoára , molhou ancoras no Prezidio das Tartarugas. Era tambem este um mau sitio , apezar de ser frequentado pelos Francezes ; porem examinando Jeronimo d'Albuquerque as margens do Rio Camussí , ás quaes quiz dar preferencia , achou a terra pobre , e a entrada deficil , de maneira que assentaram ser mais conveniente demorarem-se em Tartarugas.

Antes de avançarem d'este sitio , quiz Jeronimo assegurar-se da boa vontade dos Tapuyas (a) da serra de Ibiapaba , com

---

(a) Os Tapuyas da Ibiapava não matavam os seus presionciros de guerra , e todo o inimigo que conseguia abrigar-se em algũa de suas cabanas era salvo. Jamais Tapuya algum violou este santuario de benevola hospitalidade , por maior que fosse a sua colera , por mais justo que fosse o seu ressentimento. A outros muitos respeitos differiam estes Selvagens dos outros povos do Brazil. Os seus Chefes , que exerciam o officio de Curandeiros , pretendiam curar as molestias com fricçoens de fumo

os quaes tinha aberto communicaçoens amigaveis, assim como

le tabaco. Quando alguã rapariga chegava ao estado de cazar, e não tinha noivo, a Mãi traçando-lhe sobre os olhos uma risca vermelha, (sinal da sua puberdade) a condusia ao Chefe mais vezinho, para que desposesse d'ella segundo o seu gosto. Os Tapuyas uzavam de sendalhas de cortiça de urnguá, e ambos os sexos ornavam os braços, e as pernas com braceletes feitos de caroços de *aguay*. Tres qualidades de instrumentos compunhão toda a sua musica; uns feitos de óssos humanos, outros das armas dos bois, e outros de canas.

Estes Selvagens festejavam a elevação das constellaçoens com canticos, e danças, porque as reputavam Divindades. Mudavam de vivenda, com mais frequencia do que nem uma outra Tribu do Brazil. Na vespera da partida ajuntava o Chefe os advinhos para consultar e decedir, que direcção deviam tomar, e onde convinha fixar a nova residencia. Antes de marchar toda a multidão se banhava, esfregava-se com arêa fina, e tornava-se a banhar, e cada Tapuya raspava o corpo com os agudos dentes de um pequeno peixe, até verter sangue, acreditando que com isto preveniam a fadiga, e a remedeavam.

Logo que se aproximavam ao sitio designado para a nova habitação, os mancebos; uns cortavam ramos, e faziam Cabanas, outros hiam caçar, e outros empregavam-se na pesca, e na cresta do mel de Abelha. A mulher mais idosa de cada familia, colhia fructos das arvores, e raizes, e a mais moça preparava o sustento. Os mesmos advinhos eram os que apontavam a direcção, que os caçadores deviam tomar, acompanhando a estes os mais destros na arte de decifrar inigmas. Apenas avistavam a caça cercavam o lugar que a abrigava, e si o animal escapava ás flexas, o que era quasi impossivel, caens industriados o alcansavam infalivelmente.

Finda a caça traziam para as novas habitaçoens todo o resultado d'ella, dansando e cantando pelo caminho Os que tinham ficado sahiam ao encontro dos caçadores com as mesmas demonstraçoens de alegria. A caça era immediatamente mettida em uma cova, ou especie de forno, guarnecido por dentro com folhas, ao qual depois de coberto com terra e folhas, tocavam fogo até assar as viandas. Preparado assim o banquete o estendiam em folhas, e o devoravam, servindo-lhe o chão de meza. Em quanto havia mantimentos elles não cessavam de comer, porque o seu apetite dura em quanto ha viveres.

Passavam esse dia em regosijos. Os mancebos cantavam, e as raparigas dansavam, e entoavam cantigas cada uma atrás d'aquelle que mais amava. Seguia-se uma luta, para a qual escolhiam os troncos de duas arvores novas de comprimento, e grossura iguaes. Dividiam-se então em duas tropas: um dos lutadores de cada uma d'ellas tomava um dos troncos, e o lansava tão longe, quanto lh'o permettiam as suas forças Tomava-o depois outro lutador, e o partido que triunfava era aquelle, que chegava assim primeiro ao lugar onde deviam estabelecer a vivenda permanente.

Este tronco então era collocado na Cabana do Chefe, para servir na futura retirada. As mulheres eram encarregadas dos trabalhos da agricultura, no que tambem differiam do resto dos Indios do Brazil. Os Tapuyas tinham uma vida mui longa, e seus filhos começando a andar mui cedo, aprendiam a nadar quasi ao mesmo tempo. Aos machos desde a mais tenra infancia furavam as orelhas, e rachavam o beiço inferior para formar uma bocca supplementar. Esta dolorosa operação fazia-se perante todo o povo; e os meninos para este fim eram conduzidos como

com os *Turamambezes* de Tytova, que Martim Soares Moreno conciliara, quando viera explorar a ilha do Maranhão. Pouco se esperava da sua alliança, porem a sua inimisade seria fatal no cazo de que o Exercito marchasse por terra. O potente Chefe dos Turamambezes chamado *Jurapariquassú* (Grande Diabo) foi convidado. Esperava Jeronimo d'Albuquerque obter soccorros, persuadindo-o que a Expedição era tambem a seu favor, e que protegia os seus interesses; porem os Soldados, que o conheciam a fundo, asseguraram que semelhantes esperanças eram vans, e que o *Grande Diabo* escolhera o nome que bem lhe competia.

Não havia ainda muito tempo, que elle conseguira dous Portuguezes armados para o defenderem de alguns Tapuyas, e isto por continuas, e apertadas instancias; mas logo que ganhou a victoria com o seu auxilio, e que comeu os presioneiros, quiz igualmente devorar os Europeos, e tel-o-hia feito, si as supplicas de sua mulher lhes não salvassem as vidas. Quando Jeronimo teve noticia d'este facto anteviu uma resposta negativa. Com effeito, dois Embaixadores do Grande Diabo lhe vieram significar, que uma molestia contagiosa dessolava o seu povo; porem que logo que esta cessasse viria despor-se debaixo dos seus Estandartes. Dissimulou Jeronimo, e fingiu receber a desculpa, despedindo os dois Selvagens com prezentes.

Mais fraco, do que antes se presumira, tornou-se o pequeno Exercito expedicionario com a falta d'este soccorro. Era igualmente provavel, que os Indios dos contornos do Maranhão estivessem ligados com os Francezes, e por isso penetrando o Paiz, soccorro algum se podia esperar, ao mesmo passo que si se retirassem expunham a reputação das armas Pernambucanas, e os novos estabelecimentos.

---

para uma ceremonia Religiosa. Um Advinho ligava os pés, e as mãos do paciente, e outro fazia a incizão com um instrumento de pau, em quanto a mãi derramava copiosas lagrimas.

Alguns historiadores julgaram os Tapuyas da serra da Ibiapava, como a mais imprudente, e temeraria de todas as Tribus do Brazil: com tudo a vantagem de sua sitiação no meio d'essas montanhas, não lhes era estranha; por quanto em lugar de emigrarem para as campinas em busca de maior numero de caça, cultivavam nos seus valles a mandioca, e alguns legumes, com o que se perseveravam da fome.

Os seus Pagés sustentavam que um dia o mundo tomaria novo ponto, e que os Tapuyas seriam senhores dos homens brancos. Igualmente contra o Christianismo teceram elles uma objecção engenhosa. „ A incar-„ nação, *diziam elles*, não deve somente aproveitar aos homens bran-„ cos; quando aprouver a Deus o resgate dos Indios, encarnará no ven-„ tre de uma India Virgem, e então receberemos com gosto o Baptismo.

Chamou Jeronimo d'Albuquerque os Officiaes as Conselho, a resolução unanime foi de se tomar posse do rio Tytoya, primeiro lugar marcado nas instrucçoens do Governador Geral, de se fortificar este ponto; mas não havia Piloto que conhecesse entrada. N'esta circumstancia Sebastião Martim, que dice haer já reconhecido o porto, offereceu-se para guiar a Esquadra ilha de Pereá, igualmente apontada nas instrucçoens; mas ebastião errou o rumo, e este erro teria occasionado a destruião da Frota, si o vento augmentasse, como se receiava.

Costearam de novo, já com as vellas rotas, e em breve spaço se viram dentro de um labyrintho de escolhos, sem se oderem desviar, pois que os navios estavam muito carregados ara resistirem a um mar agitado; felizmente o vento tornou-se favoravel, e a Frota durante a noite, alcansou o canal, e adintando-se com segurança, posto que tocando á cadà momento os bancos de arèa, lançou ancoras a tres legoas da ilha.

Os dous Commandantes tomaram immediatamente terra om uma parte das suas tropas, para no cazo de opposição protegerem o desembarque. Tomaram posse d'ella em Nome do Rey de Hespanha com as formalidades costumadas. Francisco de Farias, commandante d'Artilheria, tratou logo de escolher uma posicão favoravel para levantar um Fortim. Muitas para isso seriam appropriadas, se não lhes faltasse agoa: propuseram por tanto que se abrissem poços; mas os Soldados que tinham estado em Nossa Senhora do Rosario, atribuiam ao uzo d'agoa de poços as doenças que n'esta Fortaleza os tinham atacado. A exposição que elles fizeram dos seus soffrimentos, horrorisou de tal sorte aos seus camaradas, que a ilha de Pereà se lhes tornou odiosa; contemplaram-na como um lugar mortifero, e dando aos seus receios o caracter de bravura, soltaram gritos sediciosos, e pediram que sem demora os guiassem ao inimigo; porque, diziam elles, não tememos a morte combatendo, mas não a podemos encarar a sangue frio, e inutilmente na cede, ou no veneno dos reptiz.

O Alferes Sebastião Pereira era o cabeça dos revoltados, animado tal vez pela idéa de que Jeronimo d'Albuquerque se inclinava a encobrir o ataque do Maranhão, e que gostaria de um pretexto, que o fizesse avançar sem ser obrigado a dar a conhecer os seus designios.

Albuquerque persuadindo-se que facilmente arredaria os Tupinambás do partido dos Francezes, não ordemnou obra algũa, que o abrigasse dos ataques a que a proximidade do inimigo o expunha; mas o seu Collega, Soldado experiente e acautellado, não cessava de instar, para que se concluissem os

intrincheiramentos que estavam delineados: Porem (dizia Albuquerque) » tudo que referem dos Francezes são puras fabulas, » inventadas pelos Tapuyas, a fim de illudirem Martim Soares, ou mesmo que na ilha hajam alguns são tão poucos, que » não se atrevem a sahir a campo, e ficam encurralados. Como » se pode acreditar que Soldados experimentados, tivessem » deixado aberto um porto de tal importancia como este, estando » tão junto d'elle si tivessem forças bastantes para o guarnecerem? » Estou por tanto resolvido a marchar em direitura ao Maranhão; he este o grande alvo do Governador Geral, e da » Corte de Madrid, e si a navegação for impraticavel para os » navios maiores, irei nas caravellas.

Esta linguagem surprendeu a Diogo Soares, que considerava uma temeridade inutil a repentina aggressão do Maranhão. Segundo a opinião d'este Cabo do Exercito, não convinha que a Expedição abandonasse a situação em que estava, que lhe franqueava o livre accesso da ilha, e que por tanto para a sustentar compria fortifical-a a todo o custo. » Não se deve perder » de vista (accressentava o Commandante Collacteral) que o navio inimigo, que tentou tomar o Forte das Tartarugas, está fundeado perto dos estabelecimentos Francezes, com outros muitos navios de guerra. Não estando a nossa armada » preparada não se pode (sem grande temeridade) medir com » a dos Francezes. He por tanto prudente fortificar-mo-nos onde estamos, e dar parte do nosso estado, tanto á Corte de Hespanha, como ao Governador Geral. Ainda mesmo que os Francezes fossem superiores em numero, não poderiam empedir-nos » que recebessemos reforços de todos os lados em quanto conservassemos este posto. Em quanto aos *Tupinambás*, pelo » contrario, cada vez mais ficarão indespostos contra nós, e » fugirão de com nosco tratarem alliança, logo que as relaçoens » amigaveis que contrahimos com os *Turamambezes*, seus mortaes inimigos, chegarem a sua notticia.»

Não foram absolutamente inuteis estas reflexoens, Jeronimo d'Albuquerque mandou em um batel de seis remos a Belchior Rangel, nascido no Rio de Janeiro, joven emprehendedor, e mui versado em diversas lingoas dos Indios reconhecer a ilha do Maranhão, examinar a barra, e fazer alguns presioneiros si podesse. No dia immediato procurou Albuquerque pessoalmente um terreno conveniente para se acampar; mas quatro dias se passaram em frivolas delongas, sem que se começasse um só intrincheiramento.

Inquietado algũa couza pela longa auzencia' de Rangel mandou o General em Chefe procurar Diogo a sua barraca, e par-

ticipando-lhe os seus temores, concluiu que se deveria prover a segurança da Expedição. O Commandante adjunto, supondo que Albuquerque d'esta vez não mudaria de opinião partiu ao declinar do Sol com o Chefe Engenheiro para examinar uma posição vezinha da barra. Achou uma favoravel perto de um lago d'agoa doce, e já estavam dadas as ordens para principiar as obras, quando se divizou uma pequena lús a entrada da barra: era o batel de Rangel.

Segundo a relação d'este Official, havia elle explorado todas as paragens perto do Maranhão, sem que discubrisse navios Francezes, nem Europeo algum d'esta Nação, e tinha reconhecido sobre a costa em frente da ilha um excelente ancoradouro, denominado *Quaxemduba*, situado felismente tanto para acampamento do Exercito, como para fazer subsistir as tropas: regado por um rio, que tornava o lugar proprio para toda a qualidade de cultura. O transito para elle lhe parecia abrigado dos Francezes, visto que a viagem se fazia por entre nma imensidade de ilhas, que encubriam a passagem das tropas.

Entretanto que Rangel dava relação da sua viagem ao General em Chefe, os Soldados igualmente de tudo sabiam pela boca dos remeiros, que tinham ido com este Official: então renovaram os seus clamores sobre o projecto de intrincheirarem-se onde estavam. Albuquerque porem, sem dar ouvidos a estes clamores, depois de dois dias de irresolução, ordemnou o embarque, e fez-se a vella para Quaxenduba, apezar de todas as reprezentaçoens do Commandante adjunto. Quatro dias foram bastantes para concluir esta viagem difficil, na qual os navios a cada passo tocavam a costa, e navegavam por entre mil difficuldades. Ganham finalmente Quaxenbuba, mostrando tal aparato as Famulas e Bandeiras, que apercebidos do Maranhão infundem terror nos Francezes, que guarneciam o Forte do S. Luiz.

Os Pernambucanos desembarcam sem opposição, e immediatamente se intrincheiram; e tirando sortes, em quanto se celebrava o Santo Sacrificio da Missa, para se saber qual devia ser a invocação do Forte, que alli deviam construir sahe o bilhete com o Nome — *Natividade de Nossa Senhora*. No mesmo dia começam o Forte que devia ter o Nome, que a sorte determinou sob tão sagrados auspicios.

No outro dia veio um Chefe *Tupinambá*, acompanhado por alguns dos seus, ao Campo dos Pernambucanos, queixar-se amargamente do tratamento que dos Francezes recebera, dando conta das suas forças, e offerecendo a Jeronimo d'Albuquerque o trazer-lhe algũas Tribus do Maranhão. Todavia as informaçoens d'este Chefe não combinavam com as que os seus compa-

nheiros (separadamente inquiridos) davam ; porem Jeronimo, que prestava credito a tudo quanto lisongeava suas idéas , e arredava de si todo aquelle que lh'as contrariava, acolheu o Selvagem, e , convencido da veracidade das suas palavras, enviou com elle sinco dos seus mais fieis auxiliares, como espioens; retendo em refens dois Tupinambás , que diziam ser filhos de outro Chefe : tanto este General estava persuadido, que, contentando os Selvagens, ganharia o Maranhão sem desparar um tiro!

Entretanto as fortificações continuavam com ardor, de maneira que em poucos dias montaram Artilheria, e deram principio as obras exteriores. Em quanto porem o Exercito se intrincheirava, algũas mulheres e filhos dos Indios alliados se exposeram a sahir do Campo , e ainda que se apartassem pequena destancia , desembarcou uma partida dos Selvagens da ilha , e matou , e presionou algũas Indias. Um Tapuya defendeu-se valorosamente , porem foi morto. Derramou-se immediatamente o terror pelo Campo , e os Tupinambás, sendo logo perseguidos, retiraram-se apreçadamente com os seus prisioneiros. Entr'estes ultimos se encluiam a mulher , e a filha de *Mandicapuá* , um dos Chefes dos Indios nossos auxiliares. Este Chefe, no cumulo da desesperação , combateu tão corajosamente para livrar as duas pessoas que lhe eram tão charas , que tomou todos os presioneiros , e apoderou-se de uma canoa commandada por um Chefe Tupinambá. Este Indio a quem a mulher , e a filha de Mandicapuá deviam a vida , foi igualmente salvo , e tão favoravelmente tratado , que deliberou-se a revelar tudo o que sabia das forças , e poder dos Francezes, e das suas medidas quer offensivas , quer defencivas. » Os teus inimigos (dice elle a » Jeronimo d'Albuquerque) occupam todas as passagens por » terra , e por mar , com o fim de cortar-te a retirada. Os » Tapuias , e os outros dos teus alliados , que enviaste » como espioens, para observarem os seus movimentos, estão » em ferros no Forte de S. Luiz , depois de os terem posto » em tormento, por meio do qual lhe extorquiram uma completa » confissão de teus projectos , e das tuas forças. Amanhã verás » duas embarcaçoens Francezas reconhecer tuas linhas , que de- » terminâram atacar , e por este reconhecimento te convence- » rás da verdade do que te estou dizendo.

Nada porem era capàs de apagar na imaginação de Jeronimo d'Albuquerque as suas illnsoens. Estava ainda persuadido de que os *Tupinambás* passariam para o seu campo : « si elles » ainda não se declararam a meu favor , dizia Albuquerque , » he somente porque o inimigo tem tomado a precaução de » feixar todas as passagens. » Ao romper do dia appareceram

om effeito os navios de guerra Francezes , como no dia prece-
ente predice o presioneiro , e um dos Fortes inimigos , deno-
minado *S. Joze*, situado em *Itapary* , sobre a margem opposta,
esparou dois tiros d'Artelheria em signal de guerra. Os Per-
ambucanos responderam-lhe com uma descarga geral, e arvora-
am no mesmo momento os seus Pavilhoens.

Na maré da tarde aproximou-se uma das embarcaçoens Fran-
ezas, cõmandada por Mr. De Pratz (Fidalgo da Camara do Rey
e França, e Official destincto) para reconhecer a posição do Ex-
rcito. Jeronimo d'Albuquerque fel-a atacar ; porem como essa
mbarcação demandava pouca agoa, os Francezes se poseram aco-
erto dos nossos tiros, pairando entre os bancos de arêa, onde não
odiam ser perseguidos. Ao amanhecer do dia seguinte, descu-
riu-se arvorada em um mastro, collocado no banco de arèa exis-
e no meio do canal de Quaxemduba, uma bandeira parlamenta-
ia. Suppondo Albuquerque ser ella pertencente aos Indios da
ha , mandou Rangel em uma jangada para entrar na barra ,
azo o não podesse fazer em sua chalupa. Jà Rangel , e os seus
oldados estavam na jangada, quando a equipagem recusou abor-
ar , julgando serem Francezes, desfarçados entre os Indios, que
s queriam receber. Com effeito uma descarga de mosquetaria
rou toda a duvida ; e si a chalupa não fosse logo em soccorro
a jangada a força de remos, cahiria a partida na mão dos inimi-
os. Mui indignado ficou Albuquerque com este artificio dos
rancezes , pela infracção das Leis da guerra , que he de com-
num interesse das Naçoens observarem , e imputando somente
elles este facto, improprio de uma Nação civilizada , não cessou
e acreditar de que os Tupinambas favoreciam secretamente os
eus projectos. Uma grande canoa cheia d'estes Insulares , to-
ou a praia , e os que vinham dentro desembarcaram não muito
onge do Forte ; mas sendo surprendidos, dois d'elles salvaram-
e a nado , atrevessando o canal , que tem duas legoas de largo ,
os outros deposeram as armas , e com uma dissimulação, que a
uga dos seus companheiros em nada alterara , fingiram que vi-
nham como amigos. Este artificio illudiu ainda o General , o
jual acolheu estes Selvagens com benignidade , e deixou que vol-
assem para a canoa. Um d'estes porem , com a esperança de
ornar a ver sua mãi , que estava escravà em Pernambuco ,
eclarou ao Capuchinho Frei Manoel da Piedade , que a canoa
inhà sido mandada para reconhecer a posicão do Exercito , e
sseguron , alem d'isso , que os Francezes atacariam na manhã
lo dia seguinte , quasi certos do bom exito , e sitiariam o For-
e por mar , e por terra.

Apressou-se o Monge em communicar este avizo a Diogo de

Campos que reuniu sem demora uma parte dos seus Soldados, e mandou informar o General em Chefe, que elle estava em marcha para defender a Frota até derramar a ultima gota de seu sangue. Chegou Jeronimo d'Albuquerque inesperadamente, e obstou-lhe que continuasse a marchar, não querendo, como elle dizia, que as suas tropas se sacrificassem, quando deviam ser empregadas na defeza do paiz, do qual tomara posse em Nome do Rey. Transportado de colera, perguntou-lhe Diogo, que conta daria ao Rey da perda da Frota, e da honra das armas Portuguezas. » Eu sou o unico responsavel pelos successos; » (respondeu Albuquerque) a honra das nossas armas está fir- » mada, e não necessita de novas provas; a que mais ambicio- » no, e que mais me lisongearia de alcançar seria vencer os » Francezes. » Proferidas estas palavras, ordemnou que os navios se aproximassem a terra.

Desde a primeira apparição dos Pernambucanos em Quaxenduba, *Le Ravardiere*, Commandante em Chefe dos Francezes do Maranhão, teria atacado Albuquerque, si a respeito de suas forças, e posição tivesse previamente obtido informaçoens; mas como somente as podesse obter dos sinco Tapuyas, que puzera em tormentos, e dos Tupinambàs da ilha, que Albuquerque imprudentemente soltara, foi então que para o ataque embarcaçoens dediversas qualidades foram preparadas, e guarnecidas competentemente por tropas de baixo do Commando de Mr. *Pizien*, seu lugar Tenente, de Mr. *De Pratz*, e do Cavalleiro de *Rassilly*.

A frotilha Franceza, avançou em boa ordem para atacar os nossos navios na enseada. Estavam ainda os Capitaens a metter-lhes marinheiros e Soldados, em virtude das ordens do dia precedente, quando aperceberam os Francezes. N'este cazo vendo que infalivelmente eram prezas do inimigo, lançam-se ao mar, e passando a nado recolhem-se ao campo, cahindo em poder dos inimigos dois dos navios maiores.

Depois d'esta vantagem, filha da imprudencia, e em que nada perdeu o credito das nossas armas, seguiram-se frequentes escaramuças por terra, e por mar. Entretanto os viveres todos os dias se deminuiam, e os Indios nossos alliados não se aventuravam a procaral-os em um paiz, que se declarara pelos Francezes: finalmente a fome tornou-se espantoza no nosso campo, e o grito geral dos Pernambucanos foi: » Ponhamos termo » a guerra com a victoria, ou aos nossos males com a morte.

Taes eram as desposiçoens do Exercito Pernambucano, quando os Francezes appareceram de repente a entrada da bahia de *Quaxenduba*.

La Ravardiere em pessoa vinha atacar as linhas com sette navios, quarenta e seis canoas com quatrocentos Francezes, e quatro mil Tupinambás. E observando que os Pernambucanos estavam irregularmente acampados nas proximidades de um monte, que os dominava, mandou ametade das suas forças, que occupassem esta eminencia, cuja posse os nossos tinham desprezado. Divididos em duas partidas, uma commandada por *Pizien*, e outra por *De Pratz*, os Francezes com aquelle ardor, e coragem que sempre os destingue, deixam as embarcaçoens, e se lansam ao mar antes de abordarem, para se apoderarem logo da praia. Obstaculo algum os detem; os Tupinambàs, seus alliados os seguem, levando uma faxina cada um, para entupir os fóssos, que por ventura encontrassem, ou para se guardarem da fuzilaria.

Em quanto *De Pratz* se apodera da collina, e n'ella se fortifica, Pizien abre trincheiras até a borda do mar, para conservar franca communicação com a sua Frota. Vendo Jeronimo d'Albuquerque, que estas desposiçoens tendiam a bloquear-o, e prival-o d'agoa, e reconhecendo por tanto, que outro meio lhe não restava, para evitar a total destruição do seu Exercito, senão uma acção geral, resolveu combater; resolução esta que foi approvado por toda a Officialidade. Dividiu pois o seu pequeno Exercito em dois Corpos, contendo cada um settenta Pernambucanos, e quarenta Tapuyas. Do primeiro tomou o commando, e entregou o segundo a Diogo, deixando somente no Forte trinta invalidos. Do resto dos Indios alliados formou o Corpo de reserva que entregou ao commando de Gregorio Fragozo.

Hia Albuquerque dar o signal para o ataque, quando um Emissario Francez se lhe aprezentou, e lhe entregou uma carta de *La Ravardiere*. Era uma longa intimação aos Pernambucanos para deporem as armas. Diogo, que em Flandres combatera contra *La Ravadiere*, dice ao General, que era maxima d'este Official Francez, convencionar em quanto adiantava os preparativos, e que por isso nem um só momento de delonga devia conceder-se ao inimigo. Jeronimo, que não sabia ser irresoluto no campo da batalha, ordenou o combate sem mais demora. Diogo era quem o devia romper, forçando as obras da borda do mar, em quanto o proprio Albuquerque batesse as do monte.

Avançou Diogo encoberto pelos bosques; mas observando que muitos dos seus Soldados marchavam com passo tardio, e com extrema repugnancia, voltou-se para elles, e em tòm severo perguntou-lhes: si não eram elles aquelles mesmos, que em *Percá* se tinham amotinado por estarem longe do inimigo? » Ju-

ro, accressentou Diggo, que matarei o primeiro, que com a » fuga procurar salvar-se. « Esta ameaça proferida por um Official, cuja firmeza era conhecida, e que sustentava uma pistola na mão, teve o dezejado effeito. Então não se viu mais temor, nem hezitação, os Soldados corridos por aquella reprehenção, que só a alguns cabia, e não a todos, avançam com o seu natural denodo, forçam os intrincheiramentos dos Francezes, e espalham o terror, e a confuzão em suas filas, entretanto que Jeronimo d'Albuquerque, circulava o bosque para atacar o monte.

Os Francezes, que ahi se tinham postado, não prevendo perigo algum, vieram soccorrer os seus compatriotas, que estavam sendo batidos na praia. Então viu-se Diogo entre dois fogos; porem Fragozo com os *Tapuyas* do Corpo de reserva, accommetteu os Francezes pelo campo, e Albuquerque, não se detendo, manobrou n'outra direcção, e acabou de os desordemnar, cahindo inopinadamente sobr'elles Depois de um curto, mas sanguinolento combate, foi Pizien ferido mortalmente, e então os seus Soldados, abandonando a praia, retiraram-se com os *Tupinambás* para a retaguarda das trincheiras do monte; mas os Pernambucanos atacando-os ahi mesmo, proseguiram a vitoria; tomando as fortificaçoens por assalto, e derrotando completamente os Francezes.

La Ravardiere não tinha até então feito tentativa algũa para vir soccorrer esta ametade de suas forças, tanta era a confiança que tinha no numero de suas tropas, e tal era o orgulho com que desprezava o inimigo. Quando conheceu porem o perigo, e quiz remedial-o era já tarde, e até para recolhecer os que fugiram lhe era dificil o embarque, por quanto tendo a maré vazado, e achando-se os navios em secco, entr'elles, e a praia havia um grande espaço, cheio de lama, e lôdo por onde não era possivel transitar. Quiz Ravardiere ver se poderia fazer uma diversão, atacando o Forte, porem ainda ahi mesmo a falta d'agua, e o vivo fogo que lhe fizeram os doentes, que o tinham ficado guarnecendo, obstaram que elle se aproximasse.

O Exercito Francez compunha-se de quatro centos Francezes, e quatro mil Tupinambás, e o nosso de cento e quarenta Pernambucanos, e de perto de mil *Tapuyas e Turamambezes* auxiliares, que foram os que entraram em acção; os mais que estavam doentes, e guarnecendo o Forte não se bateram. Deixaram os Francezes sobre o campo da batalha cento e quinze mortos, inclusive Mr. *Pizien*, e perto de duzentos feridos, ficando presioneiros quasi todos os mais que

tinham desembarcado. Os Tupinambás alliados dos Francezes, pela maior parte fugiram, deixando prisioneiros um pequeno numero, que assistiu até o resto da batalha. O nosso prejuizo não foi consideravel, e filismente nem um Official perdemos. De um dos prisioneiros Francezes soube Jeronimo d'Albuquerque, que seis centos, ou sette centos Indios de *Cumá* esperavam sobre a terra firme momentos, para se reunirem ás reliquias do Exercito desbaratado. Ora esta junção deu cuidado a Albuquerque, obrigando-o a preparar-se para um segundo ataque. Com effeito no dia seguinte appareceram os Indios de *Cumá* em dezesseis grandes canoas, que se deregiam para o rio Mony; mas as margens d'este rio foram a tempo occupadas por cem fuzileiros dos nossos; o que todavia não privou, que muitos inimigos dessembarcassem: com tudo esta prevenção, e a noticia da derrota que lhes deram os fugitivos, fizeram que estes Indios, mudando de designio e direcção, tornassem de novo a embarcar, e se recolhessem a *Cumá*.

La Ravardiere desafogou a raiva que o delacerava em uma carta dirigida ao General dos Pernambucanos, na qual lhe lansava em rosto ter violado o direito da guerra, retendo o seu Emissario, tolerando que os Tapuyas exercitassem crueldades expantozas contra os Francezes feridos, que cahiram em seu poder, e não concedendo aos mortos sepultura.

A resposta de Jeronimo foi laconica, porem energica. Depois de se ter queixado de uma aggressão não provocada, nem prevista, allegava os direitos do Rey de Hespanha, e Portugal sobre o Maranhão; lembrava-lhe a perfidia da falsa bandeira parlamentaria; sustentava que os Francezes mortos com as armas na mão tinham sido sepultados com os seus Soldados, que haviam tido a mesma sorte, e para os quaes os bosques, e as florestas eram honrosos Mausolèos, e finalmente negava que se tivesse praticado crueldade algũa com os Francezes feridos, e, oppondo a esta accusação vaga, uma imputação positiva, affirmava-lhe que os *Tupinambás* alliados dos Francezes, tinham cortado, e comido o braço de um Pernambucano ferido no ataque das trincheiras; » mas não me ad-» miro, continuou Albuquerque, porque sou velho, e acus-» tumado a muito tempo n'estes climas, ás vicissitudes, e ás » crueldades de uma guerra, que nada pode ter de compara-» vel com as guerras da Europa.

O Commandante Francez, achando em um dos navios que havia tomado, cartas escriptas antes da batalha, nas quaes alguns Officiaes dos nossos referiam, e até exageravam os seus pe-

rigos, e as suas miserias, remetteu essas cartas a Jeronimo d'Albuquerque; mas este tornando-lh'as a enviar, confessou que ellas continham a verdade, accressentando na carta que lhe escreveu: » O vosso Official parlamentario poderà elle mesmo » instruir-vos da nossa situação. No nosso Paiz, e nos nossos » estabelecimentos telo-hiamos tratado melhor; mas aqui ape- » nas temos para viver alguns grãos de farinha, e alguns pe- » daços de cobra. Aquelles que entre nós não poderem supor- » tar este genero de vida, que se retirem: a querra não se » compoem senão de privaçoens, fadigas, e calamidades.»

A correspondencia entre os dois Generaes tomou então um tom de civilidade, e politica conveniente. La Ravardiere convidou Jeronimo a abrir communicação, e comprimentou-o por que tinha o nome do grande Albuquerque, que se tinha immortalizado na India; fez retirar a sua frota, e expremiu o dezejo que tinha de que Diogo de Campos, que elle conhecera nas guerras de Flandres, e que fallava perfeitamente o Idioma Francez, fosse enviado para conferenciar com elle. Em consequencia Diogo, e Gregorio Fragozo d'Albuquerque foram enviados a bordo do navio de La Ravardiere, e dois Officiaes Francezes ficaram detidos em o nosso campo como em refens.

A primeira entrevista se passou em desculpas, e reciprocos comprimentos; depois propondo o General Francez um armisticio até o fim do anno, entretanto que partiam Officiaes dos partidos belligerantes para as Cortes respectivas, a fim de se decidir o negocio definitivamente convieram os dois Generaes: — em que ficassem suspenças as hostilidades até o fim do anno; em que os Pernambucanos, e os Indios seus alliados, excepto os Officiaes Generaes, ficassem prohibidos de se adiantar a mais de dez legoas dos Fortes e postos Francezes, sem uma authorisacão especial; em que o partido que recebesse ordem de sua Corte para retirar-se evacuaria logo a ilha do Maranhão, e o Continente dentro em tres mezes, contados da determinação final dos dois Governos; e finalmente em que se faria troca reciproca dos prisioneiros, sem restricção algũa. — La Ravardiere obrigou-se tambem a permettir a livre entrada na bahia de Quaxenduba aos auxilios que Albuquerque esperava de Pernambuco, mediante a segurança de que em nem um cazo se renovaria as hostilidades. Assignados estes Artigos, para o que Albuquerque se mostrou mui delicado, e cortez, porque votando-se no Conselho que se exegisse de La Ravardiere a Patente do Rey de França, pela qual fazia a guerra, sem o que teriam direito de o considerarem como pirata, Albuquerque em vez de fazer esta exigencia, mostrou ao General Francez as Au-

henticas de seu Governo, e aquelle fez logo outro tanto.

Os Pernambucanos, logo que foram assignados os Artigos da convenção, fizeram uma Procissão em acção de graças ao Todo Poderoso, e começaram a edificar uma Igreja invocada a Nossa Senhora da Agada. Entretanto La Ravardiere mandou um dos seus Cirurgiões vigiar cuidadosamente os feridos Portuguezes, e requereu no mesmo dia, que Diogo de Campos, e o Padre Manoel da Piedade fossem apaziguar os Tupinambás, cuja fermentação ameaçava a ilha. Suppuseram estes Selvagens, que em consequencia da Convenção de Quaxenduba, seriam divididos pelas duas partes contractantes, e vendidos como escravos, assim como o barbaro Pedro Coelho havia vendido os Tapuyas de Ibiapava. Esta detestavel acção não fugia da memoria dos Indios. Com effeito Diogo, e o Padre Manoel conseguiram aquietar esta pobre gente.

A convenção de Quaxénduba com tudo não passava, alem d'esses tratados ephemeros, que a necessidade impoem, a politica inspira, e a má fé illude. He verdade que de ambos os lados ao principio se tinha empregado essa apparencia de franqueza, e lealdade com que soe mascarar-se a ambição: mas da parte dos Pernambucanos si houve algum refolho, este jamais lhe pode ser notado, porque elles defendiam o proprios Paiz, sobre o qual tinha adquerido direitos a Nação Portugueza a que então pertenciam, e pelo contrario da parte dos Francezes, aggredindo elles, sem que fossem provocados, nem um motivo honesto colóra a falta de sinceridade, que por ventura empregaram.

Finalmente pouco depois d'estes arranjos, partiram para a Europa enviados de ambos os partidos a fim de advogar cada um a sua cauza, isto he, para se decidir qual dos dous devia ficar de posse do Maranhão. Por parte dos Francezes foi Mr. De Pratz, e dos Pernambucanos Jorge Fragozo d'Albuquerque.

Jeronimo d'Albuquerque contava tanto como um successo infalivel, a decizão a seu favor, que recommendou ao seu Enviado, que tratasse de assegurar á todos os Francezes do Maranhão uma protecção permanente, tornando-se elles subditos do Governo Hespanol, visto o seu total conhecimento do Paiz, e as estreitas relacoens que entretinham com os Indios. Recommendou por tanto ao Enviado que fizesse todos os exforços, a fim de que da exclusão decretada contra todos os colonos extrangeiros, fossem exceptuados os Francezes do Maranhão: » Si » se adoptar esta medida, dice Jeronimo d'Albuquerque, per- » manecerão os Selvagens da ilha sobmettidos, e tranquillos; » teremos menos obstaculos a superar, para formar novos estabe-

» lecimentos , e poder-se-ha então pençar na expulcão dos Hol-
» landezes do Cabo do Norte , onde começam a fortificar-se.

Guiado por estas instruccoens , fez-se Fragozo a vella para a Europa em um navio Francez , em que foi tambem Mr. De Pratz , e Diogo de Campos Moreno , que se offereceu para ir a Hespanha tractar do mesmo objecto. Mas ainda que o negocio estava affecto á decizão dos Monarchas , todavia os Artigos da Convenção não foram por muito tempo guardados pelos dois Generaes ; porque pequenas infraccoens foram toleradas , se bem que não eram expressamente concedidas : Entretanto chegaram não só de Pernambuco , e Bahia soccorros a Jeronimo d'Albuquerque , commandados por Francisco Caldeira de Castello Branco , mas tambem alguns de Portugal. A' chegada d'estes reforços informou Albuquerque a La Ravardiere , que para dar execução ás novas ordens que recebera da Corte , devia elle considerar o Maranhão , como parte integrante dos dominios da Coroa Portugueza , e que achando-se desmembrada cumpria , que outra vez se unisse ao todo , e que por tanto a Convenção de Quaxenduba tinha tocado o seu termo. » Lisongeo-me to-
» davia (continuou Jeronimo d'Albuquerque) de poder manter
» entre nós as amigaveis relaçoens , que devemos a uma mutua
» estima ; obrigo-me tambem pessoalmente a tratar as tropas
» Francezas com todos os respeitos que merecem , e a fazel-as
» comboiar para França com toda a segurança , logo depois da
» evacuação da ilha, que ellas occupam.» Entrou La Ravardiere em negociação , e a final convencionou em evacuar o Maranhão , e todos os seus Fortes dentro em cinco mezes , debaixo da condição expressa de que Jeronimo lhe pagaria uma somma equivalente ao valor da Artilheria da Praça , que igualmente cederia , e que lhe forneceria , alem disso , um supplemento de transportes ; e posto que La Ravardiere não tivesse tal vez tenção de cumprir estas condiçoens a que se sugeitava , logo que recebesse soccorros de França ; com tudo em penhor da sua palavra entregou o Forte de *Itapary* , de que os Pernambucanos tomaram posse immediatamente.

Entretanto que assim se arranjavam as couzas em Maranhão , havia Diogo de Campos chegado a Portugal , cujo Governo então estava encarregado ao Arce-Bispo de Goa D. Aleixo de Menezes , com o Titulo de Vice Rei. Este Arce-Bispo concedeu a Diogo com muita presteza os soccorros que solicitava , tanto que em menos de cinco mezes, contados da sua sahida de Quaxenduba , elle pode voltar para Pernambuco com seu Sobrinho Martim Soares Moreno. Então estava aqui o Governador Geral do Brazil Gaspar de Souza , apromptando uma nova Expe-

lição para o Maranhão. Reunidos pois a esta Expedição uma entena de Soldados, vindos de Portugal, organizou o Gover-ador Geral um Corpo de nove centos homens. Todas estas for-as, embarcadas em sette navios, e duas caravellas, foram confi-das ao commando de Alexandre de Moura, Governador de Pernambuco, onde em seu lugar, e em Nome do Donatario icou governando Vasco de Souza Anno e Pacheco. Diogo de Campos embarcou na qualidade de Almirante.

Sahiu a Esquadra do Recife em Setembro de 1616, e no lia 1° de Outubro d'esse anno entrou no mesmo Porto da ilha le Pereá, onde os Francezes tinham ancorado. Jeronimo d'Al-buquerque veio a bordo da Esquadra, e sabendo que Moura era o Commamdante em Chefe, e que não só vinha authorisado, mas trazia ordem, para annullar a Convenção celebrada com La Ra-vardiere, e concluir a conquista, submetteu-se a esta mutilação injusta, e impolitica da sua Authoridade com tanta complacen-cia, que nem a sua palavra, nem a sua honra soffreram desar, por se ter conformado com esta condição. Elle mesmo investiu o Forte de S. Luiz, e a final o rendeu, entregando-se-lhe os Fran-cezes a discrição.

Diogo de Campos tomou posse do commando do Forte, e o General Francez com mais de quatro centos de seus compatriotas, foi obrigado a embarcar para a Europa, deixando apenas na ilha um pequeno numero d'elles, que, por terem cazado com Indias, quiseram ficar.

Livre o Maranhão de inimigos, tomaram os Missionarios Portuguezes posse do Convento dos Capuchinos Francezes, e entraram no exercicio de sua importantissima Missão. Ale-xandre de Moura, em virtude dos plenos poderes que lhe tinham sido conferidos, nomeou a Jeronimo d'Albuquerque Capitão Mor do Maranhão, e a Castello Branco, Capitão Mor dos des-cubridores do *Grão-Pará*. Castello Branco, adquerindo todas as informaçoens que os Francezes tinham podido obter do Pará, deu principio aos seus descubrimentos, embarcando com duzen-tos Soldados Pernambucanos em tres navios, e seguindo ca-minho de Norte. Depois de ter penetrado a arriscada barra de *Geparara* desembarcou, apezar da opposição dos Indios, e escolheu um terreno para o seu novo estabelecimento. Tendo ahi chegado em 3 de Dezembro de 1616, dia de S. Francisco, Xa-vier, começou logo Castello Branco, com os duzentos Pernam-bucanos, a edificar na margem Oriental do rio Majú, uma Ci-dadella invocada a N. Senhora de Belem.

Fundada a nova Cidadella, Castello Branco á frente dos Per-nambucanos bateu dous Corsarios Hollandezes que se tinham esta-

belecido, ao Norte do Amasonas, e em fim fundou a Provincia do Pará, unindoa-a aos dominios da Coroa de Portugal.

Jeronimo d'Albuquerque morreu pouco tempo depois com settenta annos de idade, tão celebrado pelo seu valor, como pela austeridade de suas virtudes. A conquista do Maranhão, em que este bravo Pernambucano sacrificou todos os seus bens, por um excesso de patriotismo pouco vulgar, foi devida sómente ao seu valor, e virtudes; e os cuidados do Governo d'esta colonia nascente, e as agonias que lhe cauzaram a tardança de soccorros, de que algũas vezes teve necessidade extrema, apressaram o seu passamento.

A Parahiba, o Rio Grande do Norte, o Ceará, o Maranhão, e finalmente o Pará, devem pois sua existencia aos Pernambucanos, seus primeiros Povoadores, e tambem aos Bahianos, que algũa couza, se bem que pouco, cooperaram para estas expediçoens. Um dobrado laço une por tanto as Provincias do Norte; e Pernambuco, que se pode ufanar de ser a commum Patria dos seus fundadores nunca afrôxou esses laços que o ligam aos seus dignos irmãos do Norte, em cuja defeza não tem poupado, nem o sangue de seus filhos, nem o dinheiro de seus Cofres; ao mesmo tempo que os seus irmãos do Sul lhe tem merecido desvelos, e sacrificios iguaes. Diga-o o Pará, diga-o o Maranhão, diga-o o Ceará, diga-o a Bahia, diga-o S. Catharina, e diga-o o Rio Grande do Sul, cujos campos tem sido regados pelo sangue Pernambucano.

Concluidas as conquistas do Maranhão, e do Pará, nada mais de notavel offerecem os annaes de Pernambuco até 1629. Vasco de Souza Anno e Pacheco, que como dice n'este Capitulo, havia tomado posse do Governo, quando Alexandre de Moura marchou para o Maranhão, governou até 1619, anno em que foi substituido no governo pelo Fidalgo João Paes Barreto, ultimo Governador, que regeu Pernambuco em nome do 3° Donatario.

Pelo falescimento d'este Donatario, tomou posse de Pernambuco por Procurador o 4° Donatario Duarte d'Albuquerque, e em seu Nome começou a governar em 1620 Mathias d'Albuquerque, o qual regeu Pernambuco até 1626, tempo em que entregou o Governo a André Dias da Franca, Fidalgo da caza Real, e Commendador de Vemioso, e Freixadas da Ordem de Christo. Este França foi o ultimo Capitão Mor, que Governou Pernambuco em Nome dos Donatarios.

Até então gozou Pernambuco pás; e chegou a um auge tal de opulencia, e riqueza, que a não ser descripto por alguns dos contemporaneos que escreveram, muito custaria a crer.

Olinda, sua Capital, contava settenta e duas ruas principaes, e occupava quasi tres quartos de legoa; um commercio opulento, mantido pelos requissimos productos do nosso mui fertil Sólo, havia tornado Olinda a mais bella, e a mais rica das Villas do Brazil.

As virtudes porem dos primeiros Pernambucanos tinham enfraquecido em grande parte de seus filhos: o luxo sem limites, esse cancro dos Estados, companheiro fiel dos vicios, havia, immoralisado, e de tal sorte ensoberbecido os potentados, que estes, para destinguirem-se da gente a quem a fortuna não tinha protegido tanto, aprezentavam nas portas de suas cazas feixaduras, e pregos de prata! Mas o Povo gemia opremido! A palavra virtude era um som que nem uma idea expremia! Ninguem ousava sensurar os vicios! Nem mesmo aos Ministros da Religião era dado sençural-os. Todavia no meio d'esta corrupção geral, em que os grandes só tinham direitos, e os pequenos eram subcarregados de deveres, um zeloso Ministro do Evangelho na Quaresma de 1629 trovejou do Pulpito de uma das Igrejas d'Olinda: que si os grandes, exemplificando o Povo, não se arrependessem de seus peccados, e por meio de uma contrição sincera, não suspendessem o castigo Celeste, que estava eminente, não tardaria Pernambuco em cahir sob o jugo de hereges. Este zello Evangelico do Ministro do Altar, em vez de commover, e produzir o dezejado effeito, pelo contrario incolerisou aquelles, que ouviram nas palavras do Sacerdote a fiel historia de seus crimes. Estes homens pois, que assistiam ao Sermão, levantam-se, ameaçam o Padre, e, não contentes com este desacato em um Templo, sóbem ao Pulpito, e violentamente arrancam da Cadeira da verdade o virtuoso Ministro, que os admoestara!

A profecia realisou-se com effeito; mas ninguem foi exceptuado na Sentença do Juiz Eterno! Pernambuco por espaço de 24 annos sofreu o barbaro, e terrivel jugo de hereges.

Estão
olho q
a tegui

LIVRO II.

a guerra Hollandeza durante o Governo do General Mathias d'Albuquerque.

CAPITULO 1.

Tollanda declara guerra á Hespanha. Creação da Companhia Occidental Hollandeza. Expedição contra o Brazil. A Bahia he tomada por surpreza. Restauração d'esta Cidade, então Capital do Brazil.

1623 A 1625.

Pernambuco, que desde o seu estabelecimento não havia do que superar, senão dificuldades locaes, ou quando muito ombater selvagens, ou repelir piratas aventureiros, e esses mesnos carecendo da publica protecção dos seus Governos, em vão e esforçavam para se estabelecerem no Brazil; não tardou, que epois de tantas vantagens, e oppolencia se visse a braços com ma Nação formidavel, offerecendo o espectaculo de uma luta enhida, mas glorioso, e na qual com tudo só cedeu por algum empo ao poder de um povo illustrado, pela sua firmeza, e onstancia nas desgraças. Vencedor glorioso nas lagoas 'Hollanda, este povo leva consigo nas emprezas mais remoas, esse espirito activo, industrioso, e perseverante, que abe triunfar de todos os obstaculos. A tyrania de Felippe 1.° de Hespanha, serviu de insentivo, para que estes Republicanos, com uma rapidez espantoza, firmassem sua existencia olitica, e acumulassem immencas riquezas.

Tendo uma indignação geral armado os Paizes-Baixos ontra o seu oppressor Felippe de Castella, a Hollanda, e a Zelandia, Provincias até então desconhecidas, arvoraram o Estandarte da Independencia, e reconheceram Guilherme de Orange por seu Chefe.

Viu-se então um paiz pantanoso, esteril, e mui pouco povoado, tornar-se o theatro de uma resiestncia heroica contra os Soldados e algozes de Felippe 2.°, e os seus habitantes rechaçarem as aguerridas tropas Hepanholas, e levantarem diques para se preservarem das irrupçoens do Occeano.

Em quanto pois d'esta sorte arrancam ao mais poderoso Monarcha do Mundo trinta legoas de um paiz pobre, miseravel, e quasi submergido, constroem e preparam rapidamente Frotas, invadem as possessoens Hespanholas nas Indias, atacam as Equadras do seu oppressor, assenhoream-se das Mo-

lucas, conquistam Java, e fundam a celebre Cidade de Batavia, onde muitos potentados d'Azia mandam por seus Embaixadores reconhecerem-se seus tributarios. Ao mesmo passo que assim firmava a sua Independencia, a Hollanda abria innumeraveis canaes, transformando seus pantanos em campinas ferteis, suas Aldeias em opulentas Cidades, e suas cabanas em magnificos Palacios. As suas armadas, senhoras do Occeano, derramando na capital as riquezas dos dois hemisferios, constituiram seu Governo em estado de prestar subsidios á muitos Soberanos da Europa. Tal foi a revolução assombrosa, que uma só geração emprehendeu, e concluiu nas lagoas d'Hollanda na infancia do Secculo 17.º; taes foram os contrarios que invadiram Pernambuco, e taes foram aquelles vinte e quatro mil Soldados que os Pernambucanos, faltos de recursos, despresados da Metropole, sem armas, sem muniçoens, sem Generaes venceram, e expulsaram de sua Patria!

Os esforços que em vão os Hespanhoes fizeram para subjugar os Hollandezes, de tal sorte tinham esgotado a Hespanha de homens, e dinheiro, que Felippe 3.º se viu na dura necessidade de pedir pás a esses mesmos a quem seu Pai chamava Vassallos rebellados, e ainda assim não pode alcansar da Hollanda mais do que uma tregua de 12 annos, segundo o tractado de Anvers, no qual foram medianeiros os Reis de Inglaterra, e de França, e em virtude do qual reconheceu a Hespanha plenamente livres, e independentes as Provincias Unidas.

Estava a espirar o prazo d'esta tregua, quando Felippe 3.º, Principe fraco, e que nunca diregira por si as redeas do Governo, acabou a carreira de seus dias, depois de ter desprezado Portugal, e vibrado muitos golpes contra os seus privilegios. Felippe 4.º seu filho, exaltado ao Throno na idade de 16 annos, entregou toda a sua confiança a D. Gaspar de Gusmão, Conde Duque de Olivares, o maior valido que reconheceu a Hespanha, ainda recorrendo aos Seculos anteriores; joven ambicioso, que chegou a ser o unico depositario do Poder Soberano, e cuja Politica tinha por fim principal a conservação de sua propria fortuna.

Si Felippe 4.º de Castella, e 3.º de Portugal confiasse os seus poderes a outro Ministro mais prudente, e menos ambicioso, os doze annos de tregoas seriam seguidos de uma pás solida, e a conclusão do cazamento da Infanta com o Principe de Galles, tendo sido effectuada, não daria cauza á Inglaterra de ressentir-se, e de vingar uma repulsa; e a Europa, e America, livres então dos resultados, e calamidades de

uma guerra devastadora e longa, daria tempo á Hespanha de restabelecer suas exhaustas forças. Mas o altivo, e ambicioso Olivares não se pode decedir a ver descer para a segunda ordem dos Monarchias, aquella Nação, cujo Rey lhe entregara toda sua confiança, que por tanto tempo dictara Leis a Europa, e que elle despoticamente regia. Accendeu-se por tanto a guerra entre a Hespanha, e Hollanda; e o Brazil, que então estava sujeito á primeira, foi victima necessaria da ambição e altivez do valido do Soberano, que então regia os Dominios Portuguezes.

A Hollanda pois cubria os mares com formidaveis Esquadras, e animada pelos prosperos successos que não tardou em alcançar nas Indias Orientaes, lançou suas vistas ambiciosas para o Brazil. Uma companhia foi estabelecida em 1621 com a denominação de *Companhia Occidental*, a simelhança da de Batavia, e os Estados Geraes concederam-lhe os mesmos privilegios conferidos á primeira, excepto o da eleição de Governador. *Barnevelt* foi quem formou esta Companhia, porem morreu antes de ver os seus resultados, que tão funestos nos foram.

Um negocio tão importante não podia deixar de dar lugar a muitos debates Politicos no Conselho das Provincias Unidas. Os adversarios do Principe de Orange, atemorisados com a sua grande influencia, teceram contra o estabelecimento da nova Companhia, e contra a invazão do Brazil um grande numero de objecoens. Mas a cobiça do ouro, prevalescendo ao amor da Justiça, sahiu victoriosa, e a invazão do Brazil foi decretada.

Formou-se finalmente a Companhia das Indias Occidentaes (assim algum tempo os Geographos denominaram a America) Hollandezas, á qual se concedeu o privilegio exclusivo de fazer o commercio da America, e da Costa d'Africa, entre o Tropico de Cancro, e a Cabo da Boa Esperança, durante vinte e quatro annos. Eram estes os mesmos previlegios obtidos pela Companhia das Indias Orientaes, com a diferença porem de que a eleição do Governador da nova Companhia devia ser submettida a aprovação dos Estados Geraes, e que todos os Officiaes lhes deviam prestar juramento, devendo alem d'isso, de seis em seis annos, dar contas das suas conquistas, progressos destas, e respectivas administraçoens.

Uma Armada de secenta vellas foi immediatamente aprestada, e dividida em duas Esquadras. Uma se entregou a *Jacob Willekens*, General de consumada experiencia, tendo por Almirante o celebre Petrid, que de simples marinheiro chegara aos primeiros graus da Marinha, e a outra foi confiada á direcção de *Hans Vandort*, mais particularmente destinado a

commandar as Forças de terra. Antes de sahirem ao mar o Generaes Hollandezes se instruiram cuidadosamente da situaçã politica do Brazil, recebendo exactas informaçõens dos Judeos que aqui se estabeleceram, e que ardentemente dezejavam pas sar ao dominio Hollandez, pela sua grande tolerancia em mate rias de Relegião. Porem depois de se terem comprado estas in formaçoens secretras, os mercadores de Amsterdão venderam igualmente o segredo da Expedição aos seus correspondentes de Bruxellas, e Lisboa; e finalmente a Corte de Madrid foi ad vertida, de que o Brazil era o alvo, e o que particularmente experimentaria os effeitos da formidavel Armada, que atrahia as vistas de toda a Europa, e que todos julgavam ameacar os grandes estabelecimeetos da India. Até a Infanta Izabel trans mettiu este importante avizo a Corte de Madrid. Mas nada foi capás de despertar Olivares de seu letargo politico; ou fosse por que julgasse as noticias pouco exactas, ou por que as despre zasse, ou, por que (e he o mais provavel) entrasse em suas vistas o enfraquecimento de Portugal, que elle já trata va como uma Provincia conquistada, o certo he que Hespanha olhou impassivel para todo o formidavel perparativo.

Em quanto pois o Ministro Hespanhol fluctuava entre a negligencia, e a indicisão, a Armada Hollandeza sahia do porto de Amsterdão em 21 de Dezembro de 1623. Separada porem por uma grande tormenta a vista de Plymout, reuniu se novamente em Cabo Verde, e seguiu sua derrota. Apenas passou a linha, logo os dois Generaes abriram as suas instru çoens, que até li tinham conservado selladas, e acharam or dem positiva de atacar a Bahia. Tomaram por tanto este cami nho, e em poucos dias avistaram o Morro de S. Paulo, doze legoas ao Sul da Bahia, onde Willekem esperou quasi um mês, a fim de que se lhe reunissem os navios de Vandort, desper sos por uma tempestade, que os arrojara para Serra Leôa.

Havia já tres dias, que a Frota Hollandeza costeava o Mor ro de S. Paulo, e ainda o Governador Geral D. Diogo de Mendonça, não estava informado da apparição do inimigo. O primeiro avizo annunciou-lhe somente um navio inimigo; no vas mais certas depois chegaram; porem o Governador, não tinha á sua desposição senão oitenta homens de tropas regu lares, e estas mesmas tropas, alem de seu pequeno numero, não eram mui ageis.

Todavia D. Diogo não era falto de experiencia Militar, e pelo contrario nas guerras da India tinha adquerido honrosa reputação. Apressou-se em reunir nas Aldeas, e Povoaçoens do Reconcavo todos os homens capazes de pegar em armas, e

assim formou um pequeno Exercito de dois mil Soldados Milicianos; ordemnou o reparo das fortificaçoens, e dos pontos mais accessiveis; em fim despôs acertadamente dos fracos recursos, de que podia lancar mão. Porem as Milicias em pouco tempo cedem ao pezo das fadigas, e se entregam a um profundo descontentamento. Arrancadas ás suas familias, e aos seus trabalhos, os Bahiano do Reconcavo não perdiam da memoria, suas mulheres, filhos, engenhos, plantaçoens &c. &c., e alem d'isso, persuadidos de que o inimigo, si se conservava no mar a tanto tempo, e com tantas forças era somente para pilhar alguns navios, e não para atacar a Cidade, julgaram superflua a sua ássistencia na Capital.

Esta falsa oppinião, acreditada pelo medo, e acolhida pela preguiça, se deffundiu de tal maneira entre as Milicias Bahianas, que, sem temerem o castigo, desamparam a Cidade, e desertam quasi todas no mesmo dia, e na mesma hora, realizando-se assim a esperança de Willekens. Em 7 de Maio (a) de 1624 appareceu elle de improvizo a entrada da barra da Bahia, com a sua Armada naval, desposta em ordem de batalha.

O Governador Geral, já assaz punido com a deserção das Milicias, da fraqueza, e poucas providencias adoptadas, porem não desanimado, arma com presteza muitos navios mercantes que estavam fundeados no Porto, e, auxiliado por um punhado de bravos Soldados, e por alguns dos habitantes da Cidade, intenta corajosamente resistir áo inimigo. A custa de penosas fadigas, e com um trabalho incrivel, fas transportar para as muralhas alguã artilharia, e envia seu filho D. Antonio a occupar com duzentos homens o Forte de S. Antonio. O Bispo D. Marcos Teixeira não se isempta de defender a Cidade, e toma armas com todo o Clero, para defeuder os lugares sagrados.

Em 9 de Maio avança para o Porto a Frota Hollandeza, e começa um vivo fogo d'Artilharia, que cauza mais pavor do que damno; os navios armados envestidos pelo Almirante Petrid lhe resistem, mas em vão: em breve tempo elles são aprezados, e os Hollandezes, apezar do fogo dos dois Fortes, desembarcam uma legoa longe da Cidade.

Tão superiores em numero, como em desciplina, tomam os Hollandezes no primeiro assalto o Forte de S. Antonio, e, avansando depois para a Praça, occupam o Mosteiro de S. Bento, onde se fortificam com toda a pressa. Atacam imme-

(a) Brito Freire Nova Luzit.

diatamente a porta vezinha d'este Mosteiro, porem experimentam tão viva resistencia, que em desordem, e descoroçoados voltam para abrigarem-se no mesmo Mosteiro, onde se tinham fortificado, e cobertos pelas sombras da noite se retiram. Abatidos os Hollandezes com este revez, não cuidam senão na posição da praça, e na extenção do seu circuito, com uma especie de inquietação. Desesperam de vencer tantas dificuldades, e a maior parte d'elles já fallava em ganhar os navios, quando os sitiados, possuidos por um terror panico, e ignorando sem duvida a perplexidade do inimigo, abandonam covardemente a Cidade, que tão valorosamente acabavam de defender.

Todos sem destinção de claces deixam mulheres, filhos, riquezas, em fim tudo, e entregam-se a uma fuga precipitada e vergonhosa, e como perseguidos pela imagem da destruição, e da morte correm a refugiar-se nos bosques, e nas montanhas. Settenta Soldados porem ficam com o Governador, que não se apercebe d'esta segunda déserção senão depois d'ella executada. Todavia não desiste da empreza, e resolve se resistir a um novo ataque, que o avizam se daria de noite: e sabendo que o Palacio do Governo, onde estavam a maior parte das muniçoens de guerra, fora abandonado, corre a sacrificar-se em sua defensa, acompanhado somente por seu filho D. Antonio Furtado, Lourenço de Brito Correa, e Capitaens de Infantaria, pelo Sargento Mor Francisco de Almeida de Brito, por Pedro Casqueiro da Rocha, Audictor Geral, pelo Alferes Manoel Gomes, e por doze soldados (a) inseparaveis companheiros de sua fortuna.

A claridade do dia, fez patentes aos Hollandezes as ameias desguarnecidas, e vendo elles este abandono, e não podendo duvidar, de que a Cidade, onde reinava o mais profundo silencio, tivesse sido abandonada, desembarcam o resto d'Artilheria, penetram pelas ruas sem opposição, saqueiam as cazas, e profanam as Igrejas. Derigem-se depois em grande numero para o Palacio do Governador, que acabava de se fortificar com os settenta bravos de 1.ª Linha, que nunca o abandonaram; atacam-no, mas são repellidos; conduzem portanto Artilharia, e entimam ao Governador que escolha *render-se, ou não se lhe dar quartel.*

Mendonça recusa ao principio toda a qualidade de composição, como si a ostentação de seu valor n'esse aperto, desculpal-o podesse da indolencia da sua passada conducta.

(a) Brito Freire Nova Luzit.

Anima os seus, avança por um corredor já occupado pelas Tropas Hollandezas, e abre caminho com a espada na mão, fazendo espantoza carnagem; porem bem de preça o numero o opprime, e os seus mesmos Soldados o exhortam a que não faça inultimente o sacrificio de sua vida. Espantado o inimigo por uma tão heroica resistencia, offerece-lhe condiçoens honrozas.

Cede finalmente Mendonça, e entrega as armas, seguro sobre a promessa de que não se attentaria couza alguma contra sua liberdade. Ainda que esta palavra fosse abonada pelos Generaes Hollandezes, foi indignamente violada, e com o desprezo de todas as Leis da honra, o bravo Mendonça, e seu filho, com elle prisioneiro, foram conduzidos a bordo do navio Almirante.

Senhores da Cidade da Bahia, e ricos dos despejos dos seus habitantes, apossam-se os Hollandezes de todos os navios Portuguezes, e Hespanhoes, que sem suspeitarem a tomada da Cidade, entram successivamente no porto com inteira segurança. Em poucos dias doze navios mercantes foram prezas do vencedor.

Vandort, (e a sua Divizão) separado pela tempestade da Esquadra de Willekens, appareceu logo depois, e tomou posse da Cidade conquistada, cujo Governo lhe era destinado, tratou de a fortificar, reparando as antigas fortificaçoens, e addicionando lhe outras.

Os infelizes habitantes da Bahia, persuadidos que a Expedição Hollandeza não tinha por fim senão o saque, e não a conquista, haviam abandonado as suas riquezas, para salvar as vidas; porem logo que se viram entranhados pelos bosques, sem asylo, sem recursos, e cercados de suas mulheres, e de seus filhos chorosos; envergonharam se de ter perdido o credito com os bens, abandonando covardemente a sua Capital.

Reanimou-se então o genio Nacional, e em nada mais se cuidou, senão em reparar as passadrs faltas. Juntos em Conselhos o Bispo, e as principaes pessoas em uma das Aldeies de Indios do Reconcavo, elegem por seu General o mesmo Bispo reorganizam o Exercito com mil e quatro centos Bahianos, e duzentos e sinquenta Indios, marcham para o Rio Vermelho, uma legoa distante da Cidade, desafiam os Hollandezes, e batem estes invasores em muitos encontros, nos quaes muito serviu o Capitão Pernambucano Antonio de Moraes, que a sua custa armou, e sustentou uma Companhia para socorrer a Bahia. Entretanto passados tres mezes Ma-

thias d'Albuquerque (que estava governando Pernambuco) nomeado Governador Substituto de Mendonça, manda tomar o Commando do Exercito Bahiano por Francisco Nunes Marinho d'Eca, e roga ao Bispo volte todos os seus cuidados para os negocios espirituaes, e sobre tudo que obste a propagação de oppinioens hereticas, que os Hollandezes se esforçavam em desseminar.

Marinho d'Eça tomando o commando provisorio do Exercito Bahiano, seguiu o mesmo plano de guerra creado por seu predecessor, que consestia em cansar os inimigos sem cessar, arrebatar-lhes as suas forragens, e comboios; o que não podia deixar de enfraquecel-os, e descoroçoal-os.

Entretanto em Madrid, e Lisboa se espalhava o espanto, e o pezar por cauza da perda recente da Bahia, e a Corte de Hespanha, que, apezar de previamente avizada, não tinha tomado medida alguã para se oppor a esta aggressão, atemorisada das consequencias que ella poderia ter, toma o negocio em grande consideração. Portugal lamentava a perda da Bahia, e os grandes do Reino, tão desembaraçadamente fallavam, que Olivares, sacrificando o odio que tinha a tudo quanto pertencia a Portugal, mostrou-se pessoalmente desposto a favorecer, e seguir o voto geral.

Uma grande Esquadra Portugueza, e Hespanhola se aprompta, e em fim doze mil Soldados de desembarque em 60 navios apparecem em 11 de Março de 1625 nas agoas da Bahia, sob o Commando do Hespanhol D. Fradique de Toledo Ozorio, Marquez de Valdueza, o mais acreditado General que a Hespanha então tinha. A 28 d'este mez fundearam a entrada da barra.

Diversas acções então tiveram lugar: os Bahianos, animados pelo soccorro que lhes entrava pela barra, atacam a Cidade, mas são repellidos; os Hespanhoes, e Portuguezes desembarcam, e sitiam a praça, os Hollandezes intentam romper o sitio, porem não o conseguem, finalmente depois de se passar um mez n'estas escaramuças, nas quaes de parte a parte bizarras gentilezas acreditam o valor de ambos os lados, os Soldados Hollandezes sublevam-se, e obrigam seus Chefes a pedir Capitulação.

Escreverám-se por tanto as condiçoens da entrega, e depois de muitas conferencias foi estipulado entre os Generaes belligerantes, que n'aquella mesma noite os Hollandezes entregariam uma das portas da Cidade, com a Artilheria, armas, bandeiras, Arrecadaçoens publicas, e os escravos. Alem d'isto a guarnição prisioneira se obrigou a não pegar mais em armas

sob qualquer pretexto que fosse contra os Hespanhoes até a sua chegada á Hollanda. Logo que se concluiu, e assignou a capitulação por ambos os lados, obteve a guarnição passagem livre com uma determinada quantidade de bagagem, e foram-lhe concedidos navios, provizoens, e seguro transito com as armas sufficientes para, durante a viagem, se defenderem. No primeiro de Maio de 1625, conforme as condiçoens, foi entregue a principal porta da Cidade á um Corpo de Infantaria Hespanhola, e tres dias depois o Exercito combinado tomou posse da Praça, e de todos os Fortes. Duzentas e secenta Peças d'Artilheria de grôsso calibre, grande quantidade d'armas, de muniçoens de guerra, e o valor de trez milhoens de libras tornezas em metal, e em mercadorias foram os despojos de que se aponderaram os vencedores.

Sabendo D. Fradique, que havia na Praça um registro, onde estavam lançados os nomes de todos os habitantes, que se tinham submettido aos invasores, para conservarem as suas propriedades, pediu este registro, a fim de castigar os que o tinham assignado, porem os Hollandezes recusaram entregar-lh'o, e o rasgaram. Esta acção tão honrosa, como politica foi louvada pelos mesmos Hespanhoes, e ainda mais pelos Portuguezes. Mas esta clemencia só aproveitou aos Bahianos: os Judeos, e os Indigenas, que se tinham confiado nas proclamaçoens da Hollanda, foram abandonados, e muitos d'elles soffreram pena capital.

Tal foi o resultado da primeira invazão Hollandeza no Brazil, celebre ao principio pela mais heroica bravura de ambos os lados; mas que promettia uma resistencia mais honrosa da parte dos que por fim foram vencidos.

CAPITULO 2.

A Companhia Occidental d'Hollanda, arma uma poderosa Armada contra Pernambuco. Reflexoens sobre o estado d'Olinda. A Armada Hollandeza reune-se em Cabo Verde. Generaes que a commandavam.

1627 A 1629.

Evacuada a Bahia, perdeu com effeito Hollanda quasi tudo quanto tinha despendido com esta expedição; mas si por esta vez a Companhia Occidental soffreu grave prejuizo, si por elle os inimigos do seu estabelecimento quasi que con-

seguem dessolvel a, o Almirante Petrid porem em 1627 de novo percorre os mares da Bahia, fas n'elles consideraveis prezas, e sobre tudo por um d'esses acazos singulares, que parece a fortuna lhe preparava, por premio de seu valor, uma porção dos mais preciosos thesouros da Hespanha, cahiu subitamente em seu poder, não longe dos mesmos mares, onde acabava de fazer consideraveis prezas: eram os Galioens do Mexico, commandados por João de Benevides, e que, carregados de Piastras, e barras d'ouro, e prata, navegavam para Cadix. Este despojo, o mais rico que jamais se tomou no mar, deu á Hollanda mais de quinze milhoens tornezes, que juntos aos productos de tantas outras mercadorias, cubriram, e mesmo excederam todas as perdas, e despezas da companhia Occidental. Viu-se ella então em circunstancias de emprestar grandes sommas aos Estados Geraes, e de renovar os seus projectos de conquistas.

Os Hollandezes pois senhores do mar, e ricos de ouro Hespanhol, não se esqueciam todavia da conquista do Brazil; e a consolidação da Companhia Occidental, socegando os espiritos, alimentava as esperanças d'um successo brilhante. Já não se questionava nos Conselhos da Republica, si se devia de novo invadir o Brazil, pois que a este respeito havia uma unica opinião, um só voto; o ponto que se debatia sómente era: qual das Capitanias deveria ser o alvo dos primeiros ataques?

Derigir novamente os tiros contra a Bahia, era passo, sôbre impolitico arriscadissimo: o espirito Nacional dos Bahianos tinha-se desenvolvido vantajosamente, e já não se podia contar com o apoio dos negros, e dos Judeos abandonados covardemente pelos Hollandezes, A Capitania de Pernambuco pela sua vantajosa posição, e riqueza atrahiu consequentemente a attenção da avidez Batava. As suas ensiadas, e portos numerosos, situados no oitavo grau de latitude Meridional, eram como tantos abrigos, donde os Armadores da Hollanda podiam dar a vélla para apresarem os Galioens das Indias.

Segundo os indicios, e informaçoens, os Accionistas da Companhia Occidental de Hollanda, avaliavam em dois milhoens annuaes os lucros que d'Olinda tirariam. Afretavam-se aqui todos os annos cento e sinquenta, a cento e secenta navios para carregar de assucar, pau Brazil &c. &c. Foi por isto principalmente, que contra nossa Patria se derigiram as vistas das Provincias Unidas. Alem d'estas riquezas, que desafiavam a cobiça dos Corsarios Hollandezes, a mesma oppulencia d'Olinda; o destruidor luxo, que se tinha introduzido

ui, havia como que arrefecido (compungente dôr o refiro) o
pirito guerreiro de nossos Paes. Olinda então já não era uma
idade de Irmãos: a lascivia, o fausto, a intemperança, a vaidade,
uzura, a emulação, as vinganças, os odios, as aleivozias final-
ente em ninguem se estranhavam, por que eram o commum
kercicio de todos, que podiam liberalmente fartar a cede d'ou-
o dos Governantes. Não se fazia mais justiça; os costumes
asteros de nossos maiores, apenas eram lembrados, e como
ne horrorisados se refugiaram nos campos, onde, con-
rvadas nossas antigas virtudes, mostravam barreira inex-
ugnavel aos vicios, de que desmoralizados Portuguezes, des-
re-ados em sua Patria, vieram fazer alarde em Olinda!

Não se ignorava em Hollanda estas circunstancias, que
vavam Olinda a sua ultima perdição, e que a tornavam fa-
il preza de qualquer aventureiro ouzado. Contra a nos-
a Capital pois uma Armada poderosa se esquipou em pouco
empo nos diferentes portos da Hollanda, e para encobrir com
maior segredo a expedição; isto he, o seu verdadeiro destino,
recaveram-se os Hollandezes, dividindo a Armada em peque-
as Esquadras, que fizeram partir separadamente, com ordem
e se encontrarem em Cabo Verde, onde a final se reuniram em
ulho de 1629 sinquenta e quatro vazos, guarnecidos de sette
nil, duzentos, e oitenta homens, commandados por Henrique
oncq, General em Chefe, pelo Almirante Pedro Arian, pelo
ice-Almirante Justo Traper, e pelo General de Terra Theodo-
o Wandemburg.

CAPITULO 3.

A Infanta D. Izabel communica ao Rey de Hespanha a intenção dos Hollandezes. Pernambuco perpara-se para a defeza. Mathias d'Albuquerque toma o Governo por Patente Regia. Apparece a Armada Hollandeza, e apodera-se d'Olinda, do Recife, e das Fortalezas, Acçoens que houveram n'estes conflictos.

1629 A 1630.

Ainda que os Hollandezes encubriram quanto lhes foi possivel o verdadeiro destino da Armada que preparavam, todavia não pode este escapar á vigilancia da Infanta D. Izabel Clara Eugenia, filha de Felippe de Castella, o Prudente. Com toda

a brevidade despachou esta Princeza um Correio para Madrid, dando inteira noticia a Felippe 4.º de tudo quanto a Hollanda intentava; e conhecendo o mesmo Rey quam prejudicial poderia ser a demora, immediatamente avizou a Diogo Luiz d'Oliveira, Governador Geral do Brazil, residente na Bahia, em como o Flamengo pretendia invadir Pernambuco; mas que advertisse que de ordinario inculcam os invazores um alvo, para atirarem a outro mais a seu salvo.

Recebeu Diogo Luiz o avizo, e com a pressa possivil tratou de fortificar a Bahia, que a suspeita indigitava como alvo, e Pernambuco que a fama ameaçava. Para este fim mandou Pedro Correia da Gama, (algoã couza instruido em fortificaçoens) para Pernambuco, a fim de fortificar Olinda, e o Recife. Chegou aqui Pedro Correia nos fins de 1629, e pelas ordens que trouxe certificou o boato que corria, de que o Hollandez pretendia invadir nossa Patria. Até então este boato não passava de uma vós vaga; d'alli em diante porem achou em alguns credulidade, em outros desprezo. Deu Pedro Correia principio a fortificação, mandando cercar a Villa d'Olinda de trincheiras, e a povoação do Recife de paliçadas de pau a pique; e posto que a muitos sobressaltou o receio, a mui poucos chegou o desengano. acudindo os moradores com tanta froxidão, que pela morosidade dos trabalhos, não parecia estar o perigo tão perto!

Occupado andava Pedro Correia em fortificar Olinda, e o Recife, quando se divulgou a noticia de que Mathias d'Albuquerque entrava pela barra com duas embarcaçoens Recebeu se esta noticia sem espanto; mas quando se soube que El Rey, tendo certeza da poderosa Armada que contra nós se derigia, apenas mandara alguns Soldados; muita da gente de tino conheceu que o Ministro Olivares, não podendo fartar-se a dar alguã apparencia de interesse pela Capitania ameaçada, concedeu-lhe com effeito soccorros, porem tão fracos, que outro qualquer General, que não fosse Mathias d'Albuquerque (possuidor de uma grande fortuna em Pernambuco, que o obrigava a interessar-se tanto na sua defeza) não acceitaria uma commissão tão dificil, quanto arriscada. Desembarcou Mathias d'Albuquerque, apresentou a Patente Regia, pela qual estava constituido Capitão Mor, e Governador, independente do Governo da Bahia, e tomou por tanto posse do Governo, substituindo a André Dias da Franca, ultimo Capitão Mor, que governou Pernambuco em Nome dos Donatarios. Mathias d'Albuquerque, approvou o plano de fortificação de Pedro Correia, e ambos, conformes no parecer, deram começo a um

reducto, cuja obra entregaram ao zelo de Diogo Paes; mas infelismente não houve tempo para acabal-a.

A Rainha D. Izabel de Bourbon, mulher de Felippe 4.º tinha passado pelo desgosto de ver morrer tres filhas, sem que uma visse o nascimento da outra. Servia pois para a Monarchia a fecundidade da Rainha, mais para a esperança, do que para a satisfação; nascendo porem mui robusto o Principe Balthazar Carlos Domingos, promettendo á Nação, pela sua robustez, um futuro Successor do Throno, fizeram-se por este nascimento em todos os Dominos de Hespanha explendidas Festas. Albuquerque pois em lugar de cuidar nos preparativos para a defeza, ordemnou Festas Publicas, convencido sem duvida de que a adulação e lizonja são mais agradaveis na Corte, do que os serviços relevantes.

Governava a ilha de Cabo Verde João Pereira Corte Real, Official tão zeloso que, apezar da cautella empregada pelos Hollandezes para encobrir o seu destino, pôde colher de alguns Soldados, que o inimigo por diversos accidentes deixara em terra, que o fim da poderosa Armada era surprender Pernambuco. Em consequencia fez aquelle Governador partir um Pataxo para avizar Pernambuco, de que a Armada Hollandeza havia dado a vella para o Brazil em 26 de Dezembro de 1629. Engolfados nos prazeres das Festas Reas estavam os habitantes d'Olinda, e Recife quando chegou o Pataxo sobredicto. A mesma grandeza do perigo forneceu um argumento para não se dar credito ao avizo. « Si esta Frota se tivesse derigido « para o Recife, não chegaria ella primeiro, disiam elles, « do que o Pataxo, que partiu depois d'ella de Cabo Verde? » Este raciocinio lhes pareceu sem replica, e o Povo, em vez de tomar armas, continuou nos bailes, e festins, a fim de dignamente celebrar o nascimento do herdeiro de tantas Coroas!

Entre a segurança, e o receio flutuava o parecer de todos, e continuavam-se as fortificaçoens com braço tão remisso, que parecia mais que a si mesmos se queriam illudir, do que prepararem-se para resistir ao inimigo. Entretanto Mathias d'Albuquerque, a quem a noticia dava mais do que a todos cuidado, convoca a Conselho as pessoas que mais interessadas deviam ser na defeza. N'este Conselho deliberou-se, que nem um morador tirasse da Villa, nem pessoa alguã de sua familia, nem couza que pertencesse a sua fazenda. Supunham que sendo de todos igualmente o interesse, seria de todos o empenho na defença. Alguns foram de contrario parecer, dizendo: que cada qual posesse em guarda o mais precioso, e o mais

estimado de sua familia, para que na occazião do perigo empregasse só na commum defeza do Paiz. Prevalecendo porem a primeira oppinião, publicou Mathias uma ordem em Nome do Rey, impedindo os habitantes de auzentarem-se, de tirarem alguã couza das cazas; mas a desconfiança foi tal que não obstante esta ordem, a melhor parte das riquezas foram tiradas secretamente, e transportadas para o interior do paiz.

Apenas se tinham passado oito dias, depois da chegada do Pataxo de Cabo Verde, quando se soube que a Esquadra Hollandeza fora vista do Cabo de S. Agostinho (contendo 77 vellas) em 14 de Fevereiro (a) de 1630. A consternação se espalhou immediatamente; com tudo Mathias d'Albuquerque procurou serenar os espiritos inspirando-lhes confiança, pela firmeza da sua prezença, ou fazendo tomar armas a todos, que estavam em estado de combater, e com a brevidade possivel chega a completar um Corpo do dois mil homens, e cem cavallos guarnece o Forte da Barreta, e cerca-o pelo lado de terra com paliçadas, e fossos. Achando este Governador em todos prompta obediencia; repartiu os Capitaens pelos Postos; consignou gente para a Estancias, medindo o numero pela capacidade, e a escolha pela importancia, para que chegada a occazião cada um defendesse o lugar predefinido. A guarita de João d'Albuquerque (era um reducto collocado, onde está hoje o Forte do Buraco) encarregou ao Capitão Martim Ferreira com uma Companhia paga; e com outra Companhia, de que era Capitão Francisco Tavares, guarneceu o reducto de S. Francisco em Olinda. A Ordenança, de que eram Coroneis Ambrozio Machado de Carvalho, e Pedro da Cunha de Andrade, devidiu por diversos lugares da seguinte maneira: para guarnecer as trincheiras d'Olinda nomeou os Capitaens Roque de Barros Rego, e Salvador de Azevedo, com as suas Companhias. Affonço d'Albuquerque, Capitão da Nobreza, da qual era Soldado João Fernandes Vieira, e Manoel da Costa Calheiro, tambem Capitão dos Nobres, tomaram por sua conta a defeza do Recife, cujo prezidio engrossou o Governador, não só com peoens, capitaniados por Francisco Monteiro, mas ainda com uma companhia de Soldados bizonhos, vindos de Portugal, commandados pelo Capitão André Pereira Temudo. A defeza do Rio Tapado (ao norte

(a) O Castrioto dá esta apparição em 15, e Beauchamp em 16. Eu segui a Brito Freire, que a dá em 14, por que me pareceu este ultimo mais exacto em datas.

linda) entregou ao Capitão Francisco de Freitas. As for- de mar e terra, que defendiam a barra, fiou ao valor dos pitaens Antonio de Lima, e Manoel Pacheco. Da Pali- a do Recife fez entrega ao Capitão Bento de Freitas, com- ndante dos moradores da Povoação, e d'alguns d'Olinda a aqui mandados. Para Chefe de toda a Infantaria no- ou Mathias d'Albuquerque a seu antecessor André Dias Franca, e para Sargento Mor a Ruy Dias Borges, ficando Cavallaria sob o immediato Commando do mesmo Mathias Albuquerque.

Apenas se tinham a toda a preça concluido estes arranjos, pareceu a 15 de Fevereiro a Armada Hollandeza, que de r em fora com todo o panno, e elegantemente embandeirada vegava, demandando a nossa barra. Arribando sobre o rio pado, deu mostras o inimigo de querer por alli fazer a in- tida; mas mudando de direcção envestiu a barra, e apro- nou-se a tiro de canhão. Carregando o panno, o seu Gene- , despediu da Capitânia um Parlamentar, certificando ao Ge- ral de Pernambuco, que a Armada vinha assenhorear-se da rra com ordem do seu Governo, para dominal-a, e não ra destruil-a, e que promptos lh'a entregassem, porque a los faria amigavel partido, mas que no cazo de resistencia, cupados os Soldados no furor do combate, se esqueceriam da dade. A voga arrancada vinha o Mensageiro em direitura Fortaleza da Mar, quando, com uma descarga de mosque- ria, mandou Mathias d'Albuquerque adiantar a resposta á bachada. Então rompeu de ambos os lados um vivissimo go de Artilheria, durante o qual, uma das Fragatas inigas tocou nos baixos d'Olinda, e quasi se perde. rou esta acção sete horas, até que pela noite se fez o inimi- na volta do mar, tendo-nos dado mui pouco prejuizo, por e metendo no Recife para mais de duas mil ballas, não pas- u o prejuizo de algũas cazas serem passadas, e de quatro ortos, e sette feridos na Fortaleza do Mar, (a) onde se por- u bizarramente o Tenente Pedro Barboza. Mas todo este fo- o não tinha por fim forçar a barra, elle era sómente para treter as nossas forças. No maior ardor do combate, e uando o fumo cobria a terra, destacou o General Hollandez a sua Armada dez e seis vellas, nas quaes seguiu Wan- emburg com perto de seis mil homens de desembarque pa- a Pau-Amarello, quatro legoas ao Norte d'Olinda. Wan-

(a) O Forte do Mar foi construido por um dos Donatarios; mas não e foi possivel descubrir o anno certo em que foi fundado.

demburg chegou no mesmo dia 15 de Fevereiro a Pau-Amarello, e favorecido da occazião, e do tempo pôz em terra muniçoens, Artilheria, gente, e viveres sem que um só Soldado lhe empedisse o desembarque; que elle fez com agoa pelos peitos, e que em verdade não faria, si os nossos advertissem e reparassem, que 16 Fragatas, que se apartavam da Armada, na maior força do combate, não era para enfraquecel-a, e sim para melhorar seus projectos, e que por tanto deviam por terra seguil-as, e prohibir o desembarque da tropa.

Wandemburg, apenas teve em terra o seu Exercito, dividiu-o em quatro corpos. O primeiro, que constava de alguãs Companhias de Caçadores, servia de guarda avancada, e de bater os flancos. O segundo que constava de 934 Baionetas era commandada pelo Tenente Coronel Estiencal, o 3.° de 1040 Baionetas pelo Coronel Elestz, e o 4.° de 965 pelo Coronel Fulco Henechio formavam o forte da Columna. N'este Exercito flutuavam 36 Bandeiras; e quatro bocas de fogo auxiliavam a sua Infanteria. Wandemburg conservou-se toda a noite de 15 sob as armas, mas sem soffrer a menor inquietação.

Com algũas horas de escuro se devulgou em Olinda, que o inimigo tinha desembarcado muita gente em Pau Amarello, e que marchava para a Villa. A distancia de pouco menos de quatro legoas, que sómente separava o inimigo; o inesperado da noticia; o escuro da noite; o sôm dos Tambores tocando rebate, tudo tudo concorria para fazer mais horrorosa a noticia. As lagrimas, e os gritos das mulheres, cuja natural fraqueza pintava-lhe o estrago antes do combate, obrigando os Maridos, e Irmãos, a faltarem ao seu dever; reduzia os homens a um estado de perplexidade, bem deficil de descrever! A preça em todos era tanta, que se trepidava nas mesmas deligencias; o desacordo tamanho, que qualquer rumor parecia uma batalha. N'esta confuzão sahiram muitas familias d'Olinda para o mato, ensinando-lhes o amor da vida a desprezar o mais precioso da fazenda, e de tal sorte que aquellas joias, de que pegou advertencia, arrancou-as das mãos o receio, reputando-as embaraço para o caminho. Os escravos n'esta medonha perturbação, tornaram-se Senhores de seus Senhores, mostrando em verdade que a violencia os reduzira, por que faltando ao serviço, que lhes cumpria, lansaram mão da occazião para se libertarem. N'esta deserção tão geral, como subita, quasi tudo que pretenderam salvar foi perdido, ou roubado pela populaça, que seguiu as pizadas dos ricos, e pelos escravos, que se deliberaram acompanhal-os!

No seguinte dia (Sabado 16 de Fevereiro) Vandemburg

pela manhã poem-se em marcha, protegido ao longo da costa pelas suas lanchas, que fielmente caminham paralellas ao Exercito, que avançava pela praia. Na marcha he assaltado pelos Caçadores Pernambucanos, que aproveitando a vantagem que lhe dá o conhecimento das deficuldades do terreno, esforçam-se para obstar-lhe a marcha. Chegando o inimigo ao rio Doce, achou a margem do Sul guarnecida de trincheiras, e defendida por Ordemnanças, mais para temer pelo vulto, do que pela desciplina; e ahi elle seria destroçado, si por conhecer, pela desordem das descargas, a falta de disciplina dos nossos, não avançasse, como avançou, ás trincheiras, passando o rio, e tomando-as de assalto; com tudo o inimigo não ficou senhor d'ellas, senão depois de perder muitos dos seus, embora fossem tão superiores em forças, como em disciplina.

Entretanto que o Exercito Hollandez avançava por terra, a Esquadra fazia vivissimo fogo sobre o Recife, e dava mostras de querer aqui desembarcar. Mathias d'Albuquerque achava-se despondo as couzas n'esta povoação, quando o inimigo avançava por terra: larga Mathias este ponto, e a frente de settecentos homens (inclusive um pequeno numero de Soldados) marcha para o rio Doce; mas chegou ahi já no fim do conflicto; e si foi testemunha da bravura dos nossos, teve o desgosto de ver que por falta de disciplina o inimigo os levava de vencida, e que os faziaretirar desordemnadamente. Todavia Mathias d'Albuquerque forceja, masem vão, renovar o combate, recolhendo os que se retiravam; porem nada os pode conter. Então resolve-se retirar para o rio Tapado, onde o inimigo, devendo passar com agoa pelos peitos, seria infalivelmente descomposto; mas d'ahi a pouco reconheceu sua illusão, por que o maior numero dos paizanos lhe fugiu, ficando-lhe só os Officiaes, e o pequeno numero de Soldados que o acompanhara. Supplicam lhe então os primeiros de tornar para o Recife, que pela importancia do Porto, era a principal porta da Capitania.

Wandemburgo teria podido vir perseguindo os fugitivo, servindo-se d'elles como de guias, si um mulato que apanhara, não o conduzisse por dentro, livrando-o da passagem funda do rio Tapado, até pol-o na retaguarda da Misericordia, donde devidindo o Exercito em destacamentos, atacou Olinda por diversas partes. O Capitão Salvador de Azevedo, que com 22 Soldados defendia o Collegio dos Jesuitas, corajosamente se bateu, cedendo o campo depois de um bem ferido combate, em que os nossos quasi todos foram ou mortos, ou feridos, e ainda assim só cederam depois de terem sido arrombadas as

portas do Collegio pelas ballas d'Artilheria.

Senhor do Monte da Misericordia, ou Collegio, e de suas proximadades, já então cobertas pelos Soldados Hollandezes, persuadiu-se Wandembargo que apenas se mostrasse com todo o seu Exercito, o Reducto de S. Francisco se renderia, mas bem de preça conheceu a sua illuzão. Repetidas descargas d'Artilheria, e fuzil lhe detiveram o passo, e o obrigaram a tentar um assalto formal; porem a traicão de dois Hollandezes chamados Adrián Frank, e Cornelio Jan, que a muitos annos estavam em Pernambuco, entregou-lhe as trinxeiras, e ultima fortificação, que em Olinda ainda estava em poder dos Pernambucanos. Estes dois traidores pagaram algum tempo depois o seu crime, subindo ao cadafalso, por servirem de espioens contra os seus mesmos compatriotas, a quem entregaram o Reducto,

Apoderados de todas as fortificaçoens d'Olinda, gastaram os Hollandezes o resto do dia 16 de Fevereiro n'aquelles excessos, que não só deshonram a victoria, mas tambem a especie humana: todos os crimes, toda a sorte de barbaridades foram postas em acção no resto d'aquelle dia infausto! Então o Capitão André Pereira Temudo, não podendo ver profanarem-se os Templos Sagrados, e levado de catholico zelo investe elle só, junto a Igreja da Misericordia, uma Tropa de Flamengos, que a estava saqueando, e com a espada na mão mata primeiro a muitos, antes que o matem! Com tudo o espolio foi pouco consideravel em comparação do que os aggressores esperavam encontrar; mas si em vez de roubarem as Igrejas, elles cortam a retirada aos que fugiam, cahiam sem duvida em seu poder quinze mil prisioneiros, e todas as riquezas d'Olinda.

Constrangido mais pela indisciplina dos Ordemnanças, do que pelo valor e interpidez do inimigo, a encerrar-se no Recife, que por ser de menor ambito do que Olinda, menos gente exigia para defendel-o, Mathias d'Albuquerque teve o desgosto de ver, na retirada d'Olinda para o Recife, desertar a maior parte das Ordemnanças, que o deixaram com os poucos Soldados que tinha, os quaes nem chegavam para guarnecer os Fortes. Quiz o General suprir com a industria a falta de Soldados, e mandou aos Capitaes João Paes Barboza, Martim Ferreira, e Francisco Tavares, que, com a gente que tinham, cortassem o caminho da Villa para o Recife, levantando uma trincheira ao Norte do Forte, ou Reducto de S. Jorge, (Forte do Buraco) mas o Hollandez frustou esta prevenção, tomando o cominho de S. Thereza, para atravessar em S. A-

marinho, onde os mangues o encubriram na passagem.

Referir a calamitoza tribulação das afflictas familias, que não poderam fugir para o interior, fora mais compor um drama tragico, que escrever Mimorias para uma Historia: basta notar que os Hollandezes eram hereges sobre inimigos, e Corsarios sobre hereges. Não vinha porem o estrago sómente d'elles; os faccinorosos, que a Justiça recolhera aos carceres, vendo-se livres pela invazão, sahiram das Cadeias roubando sem medo, ferindo sem cauza, e matando sem colera, vingando d'est'arte na innocencia a prizão que só os seus mesmos crimes cauzaram! As mulheres de todo o Estado, e as crianças, que anticipadamenta furtaram o corpo á violencia, a soffreram mais acerba; por que mais insoportavel se fazia executada pela gente baixa, e pelos escravos. Estes, despojando-as do que poderam salvar de suas joias, destinguiam-se no roubo, e todos os mais crimes de tal sorte, que em maldade em nada eram inferiores ao inimigo Estrangeiro!

Dezenganado Mathias d'Albuquerque, que não podia sustentar o Recife, pôs fogo aos armazens, e aos navios ancorados no porto. Dues mil caixas de assucar, e immença quantidade de outras mercadorias, cujo valor excedia a quarenta milhoens de cruzados, foram igualmente, assim com trinta navios, pasto das chamas!

A vista do incendio lamentaram os Hollandezes a destruição d'estes ricos despojos de que os privavam, e aos quaes seus proprios donos patrioticamente, e de commum acordo com o General, tocaram fogo; e ressentidos por esta perda, que lhes dava a entender uma porfiada resistencia, de novo permettiram aos seus Soldados um saque geral em Olinda, e no Recife. Entre as cazas que saquearam descobriram as tabernas, e achando n'ellas uma prodigiosa quantidade de muito bons vinhos, entregaram-se com tal excesso a bebedice, que os mesmos escravos, que acabavam de se lhes reunir, olhando-os como invenciveis, aproveitaram-se da occazião, e lhes roubaram o mais precioso dos despojos. Alguns, aos quaes a lialdade advertiu a occazião, se appressaram a avizar a Mathias de Albuquerque, para que se aproveitasse do momento, passando o inimigo a fio de espada, certo de que não hia surprender homens, mas sim Odres estendidos no chão. Offereceu-se um paizano para marchar com um pequeno numero de Soldados, porem Mathias, temendo que o avizo fosse algum laço, deixou escapar esta occazião, em que podia aniquilar os Corsarios invazores.

Entretanto os dois Fortes; S. Jorge, (collocado pouco

mais ou menos, como ja dice, onde está o do Buraco) e o do Mar, denominado S. Francisco, não estavam ainda submettidos; e em quanto estivessem em poder dos Pernambucanos, não podia a Esquadra Hollandeza entrar no Porto. Edificado duas milhas ao Sul d'Olinda, o Forte de S. Jorge, de que era Commandante o Capitão Antonio de Lima, hia ser o primeiro atacado. Tres peças de ferro montadas grosseiramente sobre algũas traves, que os primeiros povoadores de Pernambuco tinham ahi collocado, para impedir a aproximação dos Indios, compunha a unica Artilheria do Forte, o qual alem d'isto, tendo uma construção pouco solida e apertada, não podia conter mais de oitenta homens para sua defeza. Com a tomada do Recife apossou-se d'um tal terror panico a guarnição, que todos os Soldados, a excepção de sette, desertaram. Lima, no mesmo momento envia um d'estes sette informar a Mathia d'Albuquerque d'esta deserção, e a pedir-lhe soccorro.

A' chegada do enviado de Lima, estava com o General um joven de 17 annos de idade, nascido na ilha da Madeira chamado João Fernandes Vieira, que da idade de onze annos tinha vindo para Pernambuco procurar fortuna, não tendo então outros bens, senão um genio imprehendedor, e o germen de alguns talentos.

Indignado pela covardia dos desertores, Vieira offerece-se a Mathias d'Albuquerque para ir defender o Forte de S. Jorge, e mais vinte voluntarios, seguem logo o seu exemplo. Com este punhado de intrepidos, o Capitão Lima ouza desafiar os Hollandezes, e logo estes, sahindo d'Olinda em numero de mil e quinhentos, vem durante a noite arrumar escadas a muralha, e subirem ao assalto. A guarnição Pernambucana, composta então no seu total de trinta e sette praças, animada pelo exemplo do seu valente Commandante (natural d'Olinda) resiste a todos os ataques, derriba os sitiantes das escadas, lançando-lhes grossas vigas, de que o Forte fora guarnecido. Os inimigos arremessam ao Forte nuvens de granadas de mão; mas os sitiados, veloses como o raio, e prevenidos, fazem reverter os Projectiz, que vão explosar entre as filas dos mesmos que os arremessaram. Um combate terrivel se prolonga, durante as sombras da noite, e os assaltantes repellidos, e crivados pelas nuvens de metralha e ballas que Lima não cessa de fazer chuver sobr' elles, contam quando o Sol dessipou as trevas, cento, e sinquenta mortos, e maior numero de feridos, custando-nos apenas esta vitoria a morte de quatro bravos, e as feridas de seis.

Inflamado de colera, Wandemburg, manda tocar a re-

tirada, e torna elle mesmo em pessoa a fazer o cerco em regra com Artilheria, e quatro mil Soldados. Abre trincheiras, cava estradas cobertas, constroe duas baterias, e patentea o seu fogo; porem nada intimida a pequena guarnição, socorrida por mais dous Capitaens, e alguns homens, que depois desta victoria se introduziram no Forte. Estes trinta e sette bravos dão o exemplo da mais gloriosa resistencia, batendo-se com o mesmo valor desde 27 de Fevereiro até quatro de Março! Então já não era o Forte mais do que um monte de ruinas; já os nossos pelejavam a peito descuberto, arrasadas as muralhas, cahidos os reparos, passado o paiol da polvora por uma balla de Artilheria, que milagrosamente não causou uma explusão terrivel; a resistencia já era mais filha do valor, do que firmada na esperança de conservar o Posto. Cançada do trabalho, já destituida de forças, a guarnição, conhecendo que o soccorro lhe era impossivel, e a resistencia inutil, forçada então pelas circunstancias, accordou que mais convinha salvar as vidas de uma morte inultil, para aproveital-as em occazião melhor, do que entregal-as á espada inimiga, com gloria sim, mas sem fructo. Arvoraram por tanto os Pernambucanos Bandeira parlamentaria, e cessaram o fogo. O inimigo suspendeu tambem o ataque, e trocando-se refens, sahiu do Forte o Capitão Gil Correia de Castello Branco, a ajustar as condiçoens da entrega, que consistiram em que sahisse a guarnição do Forte com todas as honras da guerra; isto he, com armas, e moveis, levando murrão accezo, balla em boca, e caixa batente, e que alem d'isto poderia despor de suas pessoas como lhe aprovesse. Não se lembraram porem os rendidos da reputação que perdiam nossas armas, deixando as Bandeiras expostas ao desprezo do inimigo; supriu porem João Fernandes Vieira este esquecimento, singindo o corpo com a Bandeira do Forte, a qual escondeu sob a roupa que vestia, e mandando que um seu criado fizesse o mesmo com a outra Bandeira do Capitão Affonço de Albuquerque, que era um dos rendidos, salvou assim ambos os Estandartes.

Assignada a Capitulação, sahiu a gurnição do Forte com as honras estipuladas, e quando o General Hollandez viu que menos de sinquenta homens, tinham por tanto tempo batido-se tão heroicamente, com mais de quatro mil Soldados disciplinados, e que n'este combate havia perdido mais de trezentos homens, alem de muitos feridos, não pode occultar a admiração, e corrido de a ter patenteado quiz vingar-se, faltando ao que tinha se obrigado. Exigiu o General Hollandez que estes heroes jurassem de não servir contra Hollanda

por espaço de seis mezes, mas elles recusam, por não estar isto estipulado na Capitulação. Wandemburg fementidamente manda então prender estes bravos, e elles antes se sujeitam aos horrores do carcere, do que á quebra de sua honra. Admirado Wandemburg de tal coragem, e susceptivel de uma certa elevação d'alma, que se faz mesmo conhecer nos guerreiros, a quem a cobiça moveu a tomar armas, manda com tudo, depois de alguns dias de prizão, pôr em liberdade a guarnição rendida, fazendo justiça á sua heroica defeza.

Em curar feridos, enterrar os mortos, e roubar concluiu o Hollandez o resto do mez de Fevereiro. Restava ainda porem a Fortaleza do Mar por conquistar. No dia 2 de Março mandou o Flamengo embaixada a esta Fortaleza, intimando-lhe que se rendesse que daria bom quartel a guarnição, mas que se esperasse a que a rendesse por armas, sem destinção de pessoa, havia passar todos a espada. O Capitão Manoel Pacheco, que commandava a Fortaleza, consultando com os seus que resposta se daria, viu que o voto do maior numero era que se entregasse a Fortaleza, visto que não havia esperança de soccorro; mas o Tenente Pedro Barboza, natural de Pernambuco, foi de parecer diverso, dizendo que Mathias d'Albuquerque lhes confiara a Fortaleza para defendel a, como valorosos, e não para entregal-a, como covardes. « Que dirá « de nós o Hollandez, continuou Barboza, vendo que nos « vence com palavras, senão que nos rende o medo, e « não a necessidade? Esta Fortaleza não peiourou de cir- « cunstancias, depois que nos obrigamos sustental a; com « que aparencia pois de desculpa havemos entregal-a ao « inimigo sem combate? Quem viu a valorosa resisten- « cia com que a nossos olhos se defendeu a Fortaleza da « Terra, que hade dizer senão que mais pôde com nos- « co a covardia, de que o exemplo? Esperemos o sitio, « provemos as forças com o inimigo, e quando a fortuna nos « olhe de revez, lugar nos fica para pactuar a entrega, sen- « do certo que melhores partidos havemos de tirar com a es- « pada nua, do quecom ella embaynhada. »

Ouviu-se o parecer do Tenente com mais tumulto que attenção. Via-se perplexo o Capitão, entre o commodo, e a honra, não sabendo qual partido seguisse, si o da entrega, que era a do maior numero, si o da resistencia que era do menor. N'esta perplexidade lançou mão de um meio, que lhe dilatava a escolha: responde ao Enviado que era prezizo que lhe consedessem tres dias, para consultar dentro d'elles o General Mathias d'Albuquerque, a fim de que o soccorresse, ou

ordemnasse a entrega da Fortaleza; mas o inimigo, conhecendo pela resposta o animo dos sitiados, tornou a mandar segunda intimação dizendo: que não concedia nem tres horas de dilação, e que si logo, e logo não entregassem a Fortaleza, entregaria todos a ira dos Soldados. Então o Capitão Manoel Pacheco, cedendo as circustancias, e ao voto da maior parte dos seus, entregou a Fortaleza ao inimigo, e d'esta sorte, franca a barra, entrou toda a Esquadra inimiga, ficando os Hollandezes senhores de todo o Recife, e do porto no dia 2 de Março de 1630.

Celebrou o inimigo esta posse, repetindo o saque e os insultos á Religião, entrando pelos Templos os Soldados, e sahindo por mofa vestidos dos paramentos sagrados, e das capas das confrarias, excedendo tanto nos insultos a marinhagem, que não hepossivel descrever.

CAPITULO 4.

Os Pernambucanos reunem-se ao General Mathias d'Albuquerque. Tracta-se de fazer guerra ao inimigo, e expulsal-o

1630.

Os habitantes de Pernambuco, ainda bem não tinham abandonado ao inimigo a sua Capital, quando, entregues a desesperação, mutuatamente inculpavam uns aos outros os seus sofrimentos, como si o não se terem prevenido; tendo sido avisados, não fosse culpa de todos, principalmente dos grandes, que tão remissos se mostraram nos preparativos para a defeza, quando ainda era tempo.

Os Pernambucanos commovidos pelo triste aspecto de suas mulheres, e filhas, subemersos na mais deploravel angustia, pela lembrança das riquezas, e repouzo de que a tantos annos gosavam, sentiam por isso mesmo duplicadamente suas perdas, tanto mais conhecendo elles que o obandono da Capital emanava da imprevidencia dos Chefes, e não da auzencia do valor, que sempre nos destenguiu. Entretanto que cada um já tinha dado á sua dor um livre curso, á vós dos bravos, como se commonicasse um impulso eletrico, retumbou nos Conselhos, e foi em breve seguida.

Albuquerque postoque bravo, carecia d'èsse sangue frio, que tão proficuo he aos Generaes nos successos repen-

tinos, e essa falta em verdade foi uma das principaes causas da repentina, e accelerada retirada. Passada porem a primeira impressão, Albuquerque reanima os seus, e persuadido que fortificando se na planice, podia pôr termo as incursoens do inimigo, e tirar-lhe a possibilidade não só de se entregar a cultura do assucar, como tambem ao cuidado do commercio, e sobre tudo impedir-lhe que se firmasse no paiz, bloquendo-o nos muros d'Olinda, e Recife, juntou todos os principaes dos seus compatriotas fugitivos, que lhe bradavam, que os levasse contra o inimigo, e lhes fallou da seguinte maneira (a) « O Hollandez não se empe-
« nhou no excessivo gasto d'esta armada pela reputação de suas
« armas, senão, pelo interesse de nossos productos. Esta
« Nação, como tem mostrado a experiencia, exercita a mi-
« licia, em quanto lhe abre caminho para a ambição;
« desfarça o habito de piratas com o de Soldados; não
« se arrisca pela victoria, senão pela riqueza. Ajudada sua
« força de nossa desgraça se fez senhora das nossas casas, e
« fazendas, se viera a saquear conseguindo o roubo largara
« a terra. Fortifica-se n'ella; que duvida que he com disi-
« gnio de nos desfrutar os campos. Se achar opposição mu-
« dará de intento, pois he certo que para lhe colher os fru-
« ctos, os ha de cultivar ou nossa sogeição, ou sua industria;
« e para o não conseguir, basta que o não favoreça nem o
« sofrimento, nem a omissão, o que fio de animos que sa-
« bem estimar a honra, e sentir a perda. Dois meios nos po-
« dem conduzir a este fim, ou o da conquista castigando a
« injuria, ou da defensa não permetindo a invazão: qual
« d'estes se deva escolher por mais seguro dirá o parecer de
« tantos zelosos, e interessados, quantos se acham n'este
« congresso. »

Sem controversia se resolveu a guerra defenciva, porque com ella se escusava o despendio, e ao inimigo se fazia maior damno. Com a guerra defensiva, deziam os d'esta oppinião, ficarão da nossa parte as vantagens, de que hoje goza o inimigo, por que forçado a apartar-se das suas fortificaçoens para buscar-nos, nem do mar pode ser soccorrido, e nem o terreno o pode ajudar.

Concordes n'ste parecer, sahiu Mathias d'Albuquerque, acompanhado de todos a buscar sitio regular, e conveniente para se edificar uma fortaleza. Por eleição dos mais entendidos foi escolhido um outeiro, que assenhorava toda a circunferencia de uma planice, collocada de tal sorte, que fica distante

(a) Castrioto Luzit Liv. 3.º n. 3.

quatro milhas, tanto d'Olinda, como do Recife. Pôs-se mão á obra, e ao passo que o edificio crescia, augmentavam-se os Soldados, e Ordemnanças, até então despersos; e com tal ardor se trabalhou, que começando a obra em o fim de Fevereiro, conclui-se ainda antes de se findar Março. N'este curto espaço pois se viu eregida uma Fortaleza, (que Albuquerque denominou Bom Jesuz) e uma povoação, que offerecia alguns commodos, e que por estar mui proxima d'ella se lhe chamou Arraial, nome que o lugar inda hoje conserva.

Persuadido o Hollandez de que tomada a Capital, o resto da Capitania se lhe renderia pacificamente, tão pouco precavido estava, que quando veio a saber da existencia da Fortaleza do Bom Jesuz, ja ella estava em estado de resistir-lhe. Todavia para que esta fortificação não tomasse um pé mais respeitavel, mandou Wandemburg dois mil homens, commandados pelo Coronel Foulquer Henrick, tomal-a por assalto, certo de que, empebidos os nossos no trabalho, primeiro saberiam do assalto pelos golpes, do que pelo avizo; por quanto o transfuga Adrian Frank lhes assegurou, que os guiaria por caminhos occultos, e faltos de sentinellas.

Seguindo o inimigo os passos de Frank, sahiu d'Olinda na noite de 14 de Março, muito antes de amanhecer, mas aes rodeios percorreu, que gastou muitas horas em andar o caminho, que bastava uma só para vencel-o. Mathias d'Albuquerque, que conhecia a imperfeição da Fortaleza, cuja unica Artilheria então consestia em quatro peças de um navio Hollandez, que tinha naufragado na costa; quiz cançar o inimigo, e ordemnou para este fim aos Capitaens João de Amorim, Luiz Barbalho, Martim Ferreira, Pedro Manoel Pavão, e outros, que sahissem a encontral-o; e com tal denodo o fizeram no lugar chamado Agoa Fria, que elle antes de chegar á Fortaleza, em breve tempo se viu roto, e em vergonhosa retirada. Seguiram os Pernambucanos os vencidos, mas como estes fugiam com medo, tão veloses marchavam, que sómente Manoel Dias da Franca, antecessor de Mathias, montado em um cavallo, os foi seguindo, ferindo, e matando, sem que houvesse Flamengo que voltasse a cara, para ver que um só os picava; até que investindo contra Franca um troço que lhe fez frente, quebrou-se a cilha da sella, e elle cahiu do cavallo; mas este valoroso Pernambucano, ajudado por um mulato, seu escravo, que o acompanhou, desembaraçou-se airosamente do inimigo são, e salvo. Perderam os Hollandezes n'este conflicto perto de cem homens, alem de muitos feridos que conduziram. Foi esta a pri-

meira victoria, que depois de tantas desgraças tivemos.

Ainda lamentava o Hollandez a perda do dia 14, quando, tendo feito paga geral no dia 16 aos seus Soldados em Olinda, voltaram estes para o Recife, com o sôldo que tinham recebido. Estavam n'esta occazião secenta Indios, de que era Commandante João Mendes Flores, trabalhando em uma trincheira no Buraco de S. Tiago, (a) quando dois Soldados mamelucos, que estavam de sentinella, fizeram avizo aos Indios da boa occazião que a fortuna lhes offerecia. Estes aproveitando-a, dão repentinamente sobre os Flamengos, e de tal sorte os atterram com gritos e descargas, que, persuadidos de que eram surprendidos por todas as nossas forças, rendem-se depois de fraca resistencia, ficando no campo 80 mortos, e entregando-se prisioneiros mais de cem. Aproveitaram-se os Indios de tudo quanto o inimigo conduzia, e do armamento, e entraram em triunfo pelo Acampamento com os prezioneiros na sua frente.

Apezar d'estes primeiros revezes, congratularam-se os Hollandezes entre si, imaginando que quanto mais os Pernambucanos se reunissem em massa no Arraial, tanto mais seria facil vencel-os de um só golpe, e roubal-os. A iminencia fortificada tornou-se uma Fortaleza flanqueada de varias obras, que, alargando-se na planice em forma simicircular, a protegiam com Reductos separados, cujo encadeamento, bem construido, ainda que pouco regular; com tudo encerrava o inimigo nas suas fortificaçoens d'Olinda, e Recife. Cada dia se augmentava o numero dos trabalhadores, e cada obra era occupada, e defendida por companhias de Milicias, capitaniadas pelos Cidadãos mais notaveis, e mais valentes. João Fernandes Vieira, foi nomeado pelo General Mathias d'Albuquerque, Capitão de batedores, que de dia, e de noite devia segurar o campo. O preto Henrique Dias, cujas proezas eternizaram seu Nome, foi igualmente nomeado Capitão dos pretos Minas, e creoulos. Antonio Ribeiro de Lacerda, Capitão de cento e trinta homens, foi incombido da defeza da passagem do braço do rio Capibaribe, que corre para os Afogados. A um tiro d'Artilheria d'este sitio, se estabeleceu Lourenço Cavalcanti, Capitão de settenta Soldados pagos, sobre as margens do mesmo rio. Em S. Amaro se aquartellou Mathias d'Albuquerque Maranhão, com a gente da Parahiba, que com elle veio soc-

(a) Na margem direita do Beberibe, defronte da Fortaleza do Buraco, pouco mais, ou menos.

correr-nos, seguia-se a Estancia do Padre Manoel de Moraes, que guarnecia com Indios disciplinados por elle mesmo, na Religião, e nas Armas. Logo adiante estava a do Indio Camarão, com os Indios do seu Governo, que eram todos aquelles, com quem veio offerecer-se para servir. Pouco distante ficava a que defendia o Capitão Estevam Alvares; e junto ao Buraco de S. Tiago, seguia-se a do Capitão Luiz Barbalho, e assim continuavão os postos avansados que sitiavam Olinda, e o Recife. Para guarnecer o intrevallo das fortificaçoens, algũa couza distantes, repartiu Albuquerque por vinte e duas Esquadras (que serviram de casco para Companhias) duzentos, e secenta e quatro homens, compondo-se cada uma de doze Soldados, que foram confiados aos commandos dos Cabos Francisco Rebello (vulgarmente chamado Rebellinho) João de Amorim, Francisco Vianna, Antonio Vianna, Manoel Soares Roble, Antonio Pereira, Pedro Manoel Pavão, Pascoal Pereira, Estevam Alvares, Antonio de Araujo, Antonio Barboza, Simão de Figueredo, Domingos Correia, Domingos Dias Bizerra, Antonio Gomes, Bartholomeu Fabelia, Estevam de Tavora, João Dias Leite, Diogo Malheiros, Bras de Barros, João Mendes Flores, e João Ferreira. A estes Cabos se deu o titulo de Capitaens de emboscada. Faziam estas Esquadras o servico de partidas de Caçadores, que ora atacavam de subito, ora se retiravam, umas vezes reunidas, outras debandadas. Andavam de continuo pelos matos, e em pouco tempo deram tão grande prova da sua utilidade, que, perdendo em diversos encontros e surtidas sòmente desoito homens, mataram ao inimigo trezentos e secenta e seis, alem dos feridos, que, por não ficarem no campo, não se poderam contar.

A principal força do Exercito Pernambucano consistia em camponezes, (matutos) e lavradores, que para tomar armas suspendiam os trabalhos campestres, mas que as não largavam, senão para outra vez as empunhar; de sorte que voltando, e tornando sempre, renovavam, por assim dizer, o Exercito de que eram os mais firmes esteios. Não sómente os habitante d'Olinda, e Recife, e seus contornos, mas tambem um grande numero de familias do interior, se tinham acolhido sob a proteção do Arraial. Mas si este Acampamento lhes servia de abrigo, tambem ahi soffriam grandes males. Os viveres eram carissimos, e raros: cada Soldado apenas tinha a diminuta ração de uma espiga de milho, e era já tal a carestia, que com grande custo se alcançava um salamim de farinha por sinco pátacas. Ainda que inexperientes,

estes bravos Milicianos ; eram pela sua constancia um objecto de admiração, e espanto, passando vinte , e trinta dias debaixo d'armas ! A' todas as privaçoens, infalliveis na guerra , se juntava o tormento da fome, o mais terrivel de todos. Não se pode conceber como estes homens , a pouco sahidos de uma vida pacifica , e do centro da abundancia, podiam supportar tantas privaçoens , e fadigas! O sentimento de honra Nacional , levado ao maior gráu, pode explicar este fenomeno. Os vestidos entre estes Soldados Cidadãos , eram ainda mais raros do que o sustento , pois que todos haviam abandonado suas cazas repentinamente. N'este estado de abatimento o que mais os constrangia era andarem descalços , confundindo-se com os escravos ; os Officiaes porem para pouparem aos seus subordinados esta comparação humilhante , tiravam os seus çapatos , e andavam tambem descalços! Só este lance basta para dar uma idéa do espirito patriotico, que domina os Pernambucanos.

Si nos Soldados , e seus Chefes o patriotismo , e espirito Nacional se desenvolveu de uma maneira, que nos fará sempre eterna honra ; nos proprietarios , cujos interesses eram os mais feridos, não se observou menor enthusiasmo. O General Hollandez , para ao menos pol-os indiferentes , offerecen-lhes em Nome do Principe de Orange, todas as vantagens, e toda a protecção dezejada em um paiz conquistado ; porem a fidelidade, e honra dos Pernambucanos desprezaram heroicamente os offerecimentos do inimigo, preferindo elles todas as miserias, a abundancia adquerida a custa do sacrificio de sua Patria.

Em quanto os Pernambucanos passávam assim por necessidades de toda a especie, estavam os Soldados Hollandezes abundantemente providos , por que a Companhia Occidental tinha feito seguir o seu Exercito expedicionario, por uma Esquadra carregada de viveres , a munições.

Entretanto cada dia se continuava nos trabalhos , e as obras dos Pernambucanos hiam tomando um aspecto respeitavel. Querendo Wandemburg ao menos embaraçar um andamento tão rapido, atrevessa o rio Beberibe ao romper do dia 1° de Março, e com 500 homens cahe sobre a trincheira de Barbalho. Este resiste corajosamente; mas oprimido pelo numero abandona as paliçadas, e continua a resistir pela retaguarda das obras interiores. Albuquerque , advertido d'este ataque , corre dos Quarteis vezinhos com muitas companhias, mas os Hollandezes, temendo o valor Pernambucano , abandonam os postos que haviam ganhado.

Conheceu então o General Hollandez, que para vencer os Pernambucanos, e expulsal-os de suas fortificaçoens lhe era mister forças mui superiores, e mesmo que, animados pelos sucessos, iriam atacal-o, até debaixo dos baluartes d'Olinda, e do Recife; e como esta ultima praça, muito importante pela sua situação, não podia conter, por ser então pouco extença, mais do que uma pequena guarnição, resolveu dar mais desenvolvimento ás suas fortificaçoens. A ilha de Marcos André (hoje Freguezia de S. Antonio, centro da nossa Cidade do Recife) lhe pareceu propria para preencher as suas vistas, e aqui por tanto, na extremidade do campo de Palacio-Velho, lançou o fundamento de uma fortificação.

Albuquerque a quem estas novas obras inspiravam viva inquietação, sem demora determina obstal-as. Em 18 de Março, e por ordem sua, ainda com sombras da noite sahiu do Arraial Antonio Ribeiro de Lacerda com 700 Soldados Pernambucanos, Indios, e pretos de Henriques Dias, para desalojar o Flamengo, e desfazer a trincheira. Lacerda, atrevessando o Capibaribe embosca-se, e manda o Capitão Rebelinho que com vinte Soldados fosse provocar o Hollandez. Deu-se este por afrontado, e sahiu a castigar o atrevimento d'aquelles vintes bravos. Não viraram os nossos a cara no encontro, antes dissimulando se foram retirando, em ordem a meter o inimigo na emboscada; mas elle suspeitando o laço, fez alto. O Rebelinho conhecendo a cautella do inimigo, aprezenta-se a atacal-o, então este acezo em colera, perde o receio, e carrega tão furioso a partida que o insultava, que se meteu no coração da imboscada, conhecendo o seu erro mui pouco a tempo de remedial-o. Então Lacerda sahe a campo, e carrega o inimigo com tal furia, que o obriga a retirar-se em debandada, deixando sinquenta mortos no campo, alem dos feridos que carregou, sendo perseguido por oito cavalleiros nossos, que o seguiram até as suas fortificaçoens, que não poderam ser demolidas por já estarem mui adiantadas. N'este encontro tivemos alguns feridos, e entr' estes levemente no nariz o Capitão Ribelinho, de uma machadinha que lhe arremessou um Soldado inimigo.

Trocaram-se as sortes dos combates, trocaram-se tambem os animos. O inimigo, cortado de medo, perdeu todo o orgulho; os nossos, animados dos soccessos, buscavam occazioens para se vingarem. Não era dado ao Flamengo passar o Sthmo que commonica Olinda com o Recife, sem ser batido. Em 26 de Março deram as sentinellas avizo, de que o General Hollandez, acompanhado de um seu Coronel, se

despunha a passar do Recife para a Villa d'Olinda, com 6 Soldados de guarda. Mathias d'Albuquerque, em concequencia d'este avizo, ordemna a Pascoal Pereira, que com algũ companhias se emboscasse para esperar o inimigo. Loncq cahe no laço que lhe fora preparado; e por maior infelicidade sua uma chuva abundante torna inuteis as armas de fogo da sua escolta, sem todavia empedir a trezentos Indios do Camarã o uzo de suas flexas: ellas vôam de todos os lados, e os Hollandezes oprimidos, são despersos, mortos, ou prisioneiros. Loncq, cercado de inimigos, e sem esperança de ser soccorrido, estava já para se render ao Chefe dos Indios, quando o seu cavallo, recebendo uma leve ferida, arremessa-se com tal furia, que derruba tudo quanto se lhe oppoem, e retira-o do combate com uma ligeireza prodigiosa. Os Hollandezes deixaram no campo alguns prizioneiros, e quarenta e nove mortos, e nós apenas tivemos alguns feridos levemente.

Esta fatalidade, e o risco dos Hollandezes em passarem de uma para outra parte deram lugar a que seu General ordemnasse, que logo que uma partida sahisse de Olinda, ou do Recife desparar-se-hia dois tiros d'Artilheria, para que emidiatamente se puzessem em marcha destacamentos de ambos os lados, a fim de cubrirem a estrada.

Já então havia o General Hollandez perdido a esperança de com as forças que tinha a seu mando, completar a conquista de Pernambuco; cuidou por tanto em fortificar-se cada vez mais, empregando todo o seu cuidado n'quella ilha de Marcos André (Freguezia de S. Antonio, denominada depois, durante o dominio Batavo, Cidade Mauricea) a qual tanto pela localidade, como pela guarnição que tinha, era o grande ponto do inimigo. Esta ilha determinou Mathias d'Albuquerque ganhar, e aproveitar-se da sua Artilheria, que era mũi grossa. Confiou o nosso General a empreza ao Capitão Antonio Ribeiro de Lacerda, o qûal, commandando mil praças, sahiu do Arraial no dia 25 de Março pela meia noite. Marchou a gente sem rumor, e antes de atrevessar o Capibaribe dividiu-a em tres corpos, dando o Comando de um ao Capitão Luiz Barbalho, de outro ao Capitão Manoel da Franca, e o do 3.º rezervou para si. Dado o signal para o ataque, avançou Barbalho a trincheira pela frente, e ganhando-a, (oppondo-se-lhe fraca resistencia,) entrou no Acampamento, e fez grande estrago. O Capitão Franca com o seu Corpo atacou o flanco esquerdo, e o forçou; o Corpo do Commando de Lacerda, que era o mais forte, atacou pelo flanco direito. Entre tres fo-

os se viu em breve o inimigo, e o escuro da noite, não dei-
ando destinguir amigos de inimigos, tornou aquella acção
ma batalha horrivel. Confundidos os dois partidos muitas
ezes vieram os combatentes a braços, e em uma d'estas lutas
spirou abraçado pelo Capitão Ribelinho, um Capitão Hollandez.
as cazas, e nas ruas (os Hollandezes acamparam-se em forma
e povoação.) acharam os miseraveis rendidos uma mesma sorte.
ra tanta a confuzão, ajudada do estrondo das Armas, dos gritos,
da aflição, que ninguem se entendia. A Artilheria das trincheiras
irada pelos nossos contra a Povoação era o que maior estrago fazia.
ntretanto ainda não era dia; mas a mesma sombra da noite,
ue havia dado lugar a surprender-se o inimigo, foi então que
fez cobrar o perdido. Destruindo quanto encontravam,
orriam os nossos pelas ruas do Acampamento, quando succedeu
vistarem-se o Capitão Ribelinho, e Luiz Barbalho que pelos la-
os opostos de uma mesma rua, caminhavam para o centro d'ella.
'resumiram-se contrarios, os que eram amigos, tendo cada
m para si, que a gente do outro era soccorro que vinha para o
Hollandez. Nesta perplexidade estavam, quando dando se
ebate no Recife, rompe das Fortalezas, e embarcaçoens um
ivo fogo contra a povoação, confirmando este sucesso a sus-
eita dos dois Capitaens. Em ambos os lados se toca a reti-
ada, e os dois Corpos retiram-se, com aquella confuzão e
lesordem, natural em quem se receia de sua propria sombra.
obrou-se então o Flamengo das Trincheiras, e as ballas de
ua Artilheria perseguiram os nossos em todo o seu alcance.
N'esta retirada perdeu a vida o Tenente General (a) Pedro Fer-
andes Ferrete, e uma perna o Chefe d'esta infructuosa em-
resa Antonio Ribeiro de Lacerda, ferida, de que veio a
norrer no dia seguinte. No campo ficaram mortos oito Per-
nambucanos, e tres Indios, e nos recolhemos com dez feri-
dos; arrebatando da nossa mão um ponto tão importante, a
imaginação preocupada d'alguns dos nossos. Mas si d'esta
sorte o nosso engano, nos tirou a preza da mão,
com tudo não melhoron o partido inimigo: foi tal o prejuizo
que elle sofreu n'esta noite, que em vez de prazer, derramou-se
a consternação, e o luto por todo o seu campo. Então con-
vencendo-se mais o General Hollandez da importancia d'este
ponto, determinou que se levantasse uma Fortaleza regular
e duradoura no lado do Sul da ilha, defronte de uma pequena
barra, dando-lhe o nome de—Fortaleza de Frederico Henrick; —

(a) Tenente General n'aquelles tempos, correspondia a Ajudante General de hoje.

mas a figura de Pentagono, que lhe deram seus fundadores, fez que os Pernambucanos lhe chamassem – *Sinco Pontas* –, nome que ainda hoje conserva.

Ardia o General inimigo em dezejos de vingança, e vindo ao seu conhecimento, que da trincheira guarnecida pelo Capitão Luiz Barbalho, encobertos os nossos pelos matos, recebiam sempre os seus consideravel damno, acezo em ira sahiu em dez de Agosto, com quasi todo o seu poder, para arrazar a trincheira, e degolar toda a guarnição d'ella. Passou o Beberibe na vazante da maré, antes de romper o dia, e de repente deu sobre a trincheira. Barbalho apenas tinha então com sigo doze Soldados, e com tudo, avizado das sentinallas de que o inimigo o procurava com tão grande força, o esperou com tanto desenfado, como se tivera força igual a dos contrarios. Deu, e recebeu cargas, mas vendo que necessariamente succumbiria, retirou-se para a segunda trincheira em quanto lhe chegava soccorro; mas com tal arte se retirou, que o inimigo só veio a percebel-o pela auzencia do nosso fogo; aponderou-se então o elle da trincheira, e arrazou-a; mas quando estava no fim d'este trabalho, chegando socorro nosso, retirou-se, atravessando o rio precipitadamente, sem esperar os nossos.

Dentro de suas mesmas Fortificaçoens se via o Hollandez prezo, e flagelado pelo uzo do alimento salgado, unico que lhe era dado gostar. Apertado pela necessidade, determinou tentar fortuna: emboscou a maior parte da sua gente, e com o resto sahiu a campina de Olinda, singida por algũas Estancias nossas: fizeram os sentinellas signal, e nas trincheiras, e no Arraial se pegou em Armas. Mathias d'Albuquerque expediu logo os Capitaens Santos da Costa, Roque de Barros Rego, Miguel de Abreu, e outros em soccorro das Estancias ameaçadas. O inimigo esperou os nossos, e para os meter nas emboscadas, nos primeiros tiros retirou se em desordem; mas esta retirada, pela sua mesma precipitação, deu a conhecer o fingimento; todavia os Capitaens Martim Ferreira, e Roque de Barros, carregaram o inimigo, mas sempre com algũa cautella: o Capitão Santo da Costa porem respondendo aos que o avizavam, dizendo-lhe que se hia metter no coração das emboscadas, e que se retirasse – *Eu tive ordem para envestir, e não para retirar* – avançou corajosamente com o seu Alferes, e ambos, com os Soldados que os seguiram, foram entregar as vidas, como entregaram, sem mais outra utilidado que a vaidade de perdel-as honrosamente, embora bem caro custasse ao inimigo, que não deixou de ter grave prejuizo.

Vendo o General Hollandez, que perdia em todas as suas entativas, quiz ver se mudando de lugar, melhorava de fortuna. Em 16 de Outubro mandou 400 Soldados de Infantaria, 14 batedores a cavallo surprender a Estancia do Rio Doce; nas o seu Commandante o Capitão Simão de Figueredo, que stava vigilante, aprezentou tal resistencia, que o inimigo, perdendo muitos homens, retirou-se, sendo perseguido pelos nossos até as proximidades d'Olinda.

Assim n'estas escaramuças se passou todo o resto do anno de 1630; os Hollandezes, encurralados no Recife, e Olinda, e os nossos em suas Estancias sitiando-os. Raro foi o dia, no qual não houve um encontro, e em que o Hollandez não eve mais um motivo para admirar o valor dos Pernambucanos: mas elles tinham ainda que passar muitos annos por amargas experiencias, para consiguir em o libertar seu Paiz do dominio Batavo!

Entretanto que em Pernambuco as couzas estavam no estado em que tenho exposto, chegou a Lisboa em principios de Abril de 1630 a noticia da tomada d'Olinda, e Recife, e pouco depois á Madrid. Os Portuguezes com toda a razão culpavam o primeiro Ministro de Hespanha, e diziam « Como não pôde O Ministro prever, e mesmo acreditar que a cubiça da « Companhia Hollandeza lhe faria derigir todos os seus tiros « para a Provincia de Pernambuco! Tudo annunciava, ac- « cressentavam elles, e tudo indica hoje mesmo, que a sua « ambição não se lemita só a esta conquista parcial, mas sim « que o dominio de todo o Brazil enche as vistas dos in- « vasores; com tudo o Brazil está desamparado!

O desamparo de Pernambuco parecia tanto mais inexcusavel, quantas maiores eram as urgentissimas reclamaçoens, que Mathias d'Albuquerque fazia a Olivares, sobre o estado de raqueza, e privação de todas as couzas, no qual o deixava a Metropole. Com não menos vehemeneia reprezentava elle o primeiro Ministro, quanto era insuficiente o pequeno numero de tropas regulares, que tinha para guarnecer as suas linhas, preservar as obras, oppor-se ás repetidas sortidas do inimigo, e defender-se quotidianamente até no centro dos matos; quanto sobre tudo eram insoportaveis as fadigas, e fomes que sofriam as fieis, ainda que inexperientes Milicias, as quaes teriam já succumbido á miseria, e trabalhos senão fossem sustentados pela esperança de receber os soccorros da Europa, que em vão esperavam. « He para « receiar, accressentava Mathias d'Albuquerque, que os « desgraçados habitantes de Pernambuco, opprimidos co n

« tão duros revezes, cedam finalmente á força de seu des-
« tino. »

Outra circunstancia tambem havia que inquietava Albuquerque: alguns proprietarios eram Portuguezes, que tendo deixado a sua Patria, para fazer fortuna em Pernambuco, nem um amor tinham a este Paiz; e por que a guerra os privava do lucro, que vieram procurar, pouco se importavam elles que Pernambuco estivesse sujeito ao Estrangeiro, com tanto que os deixasse lucrar, e locupletar-se a custa do suor e liberdade dos mesmos Pernambucanos! Da fidelidade d'estes Portuguezes muito duvidava Albuquerque, e as suas reprezentaçoens para Olivares, expremiam bem o que receiava d'estes homens.

Eram porem inuteis estas representaçoens. Os thezouros de Portugal, e até mesmo os rendimentos do Brazil hiam-se absorver nos Exercitos de Italia, e Flandres. Pretextos menos especiosos bastariam sem duvida a Olivares, para apoiar o seu sistema de indeferença a respeito do Brazil. Os riscos que corria esta interessante parte da Coroa Portugueza, sempre elle os reputava exagerados, pois que, apezar das deminutas forças militares de que Mathias podia despor em Pernambuco, os Hollandezes não tinham ganhado no campo uma só polegada de terreno, estando como sitiados nas praças que occupavam. Basta, dizia Olivares, enviar ao Brazil ligeiros soccorros, que sem infraquecer a Hespanha obstem os progressos do inimigo.

Por maiores que fossem os clamores a este respeito, o impetuoso Olivares (que não perdia occazião de aniquillar a infeliz, e subjugada Nação Portugueza) fingia que estava persuadido de que os Hollandezes não se poderiam manter em Pernambuco; que os Cofres da Companhia Occidental estavam quasi exhaustos; que esta guerra não era da sua parte, mais do que uma especulação mercantil, dirigida somente pelas regras d'Arithemethica, e que si a espada não desse exactamente resultados iguaes, aos dos calculos da penna, bem depreça se veria as Provincias Unidas da Hollanda abandonar covardemente as suas conquistas. Taes eram os raciocinos d'Olivares nos Conselhos, em que elle era tudo, e em que os outros Ministros eram cegos instrumentos de sua refalsada Politica.

D'esta sorte não enviou Olivares a Pernambuco por espaço de mais de um anno, senão nove caravellas, e quatro centos homens por diversas vezes, e tão poucas muniçoens de guerra, que os Pernambucanos se viram obrigados a reduzir

ballas os chumbos das redes de pescar. Como os Hollandezes estavam Senhores do mar, não podiam estes fracos soccorros chegar ao campo Real, senão com deficuldade, e ardança, pois que era necessario, para evitar os Cruzeiros, desembarcar em pontos apartados, resultando d'aqui que com as marchas trabalhosas, estes mesmos fracos auxilios chegavam ao Arraial mui demimuidos.

CAPITULO 5.

Os Hollandezes são surprendidos colhendo cajús. Fortificam-se na Secca, onde levantam uma trincheira. Mathias d'Albuquerque ataca Olinda, e he repelido.

1631.

Favorecidos mais pela traiçoeira Politia do Ministro Hespanhol Olivares, do que pelo poder de suas armas, os Hollandezes não perdiam um só momento em que se podessem fortificar, espaçando a capacidade das praças que dominavam, já cercadas de grossas estacadas de pau a pique. Tinha porem entrado o anno de 1631, e o seu pricipio lhes foi logo desastroso: a fome era grande em Olinda, e no Recife, e os Soldados Hollandezes por tanto não perdiam occazião de adquerir algum mantimento, principalmente frutas, que metigassem os effeitos da comida salgada, principal alimento a que estavam reduzidos. Uma legoa longe d'Olinda, no lugar chamado Olarias, (a) havia uma prodigiosa abundancia de Cajueiros; e posto que os Hollandezes, apenas sahiam de seus muros, eram logo cortados, teve n'elles mais imperio a fome do que o medo. Sem que os seus Cheles soubessem, sahiam escoltas de Soldados Hollandezes para as Olarias a colher frutos, e não tendo sido nos primeiros dias apercebidos pelos nossos, muito a seu salvo refrescavam-se com o saboroso cajú. A boa sorte dos primeiros convidou a outros; entretanto chegou isto a noticia de Mathias d'Albuquerque Maranhão, Commandante da Estancia de S. Amaro, e dando parte ao General, determinou este que com 300 Pernambucanos e oitenta Indios fosse surprender os Hollandezes, que hiam a colheita das frutas. Maranhão fez emboscar a sua gente, e esperou que os famintos Hollandezes chegassem. Com effeito trezentos d'estes, pouco

(a) Hoje este lugar he conhecido pelo nome de *Santa*.

mais ou menos, pelas oito horas do dia o apareceram, largaram as armas, e começaram a colheita; mas quando estavam mais embebidos, e descuidados sahiram das emboscadas os nossos, e os atacaram. Não lhes deixou o assalto grande tempo para resistencia, por que deixando no campo cento, e oitenta mortos, e ficando pelo caminho muitos feridos, e prisioneiros, apenas se recolheu a Olinda um pequeno numero d'elles, equasi todos feridos.

Então o inimigo, reconhecendo cada vez mais a necessidade de dar ao seu campo uma maior extenção, deliberou augmental-o. Havia proximo a grande estacada de pau, a pique do Recife, uma restinga de arêa, denominada Secca (a); resolveu o inimigo fortificar este ponto, levantando n'elle uma forte trincheira, que, guarnecida de artilheria, e Soldados, servisse para repelir os nossos. No dia 3 de Fevereiro de 1631 sahiu para este fim com grande força de Olinda, gastadores, artilheria &. &, pôs mão a obra, e com tal empenho trabalhou, que quando os nossos souberam, já a fortificação estava em estado de defender-se. Todavia atacaram os nossos a nova trincheira, mas não a poderam tomar, antes perderam alguns Soldados, sahindo feridos o Capitão Francisco Monteiro Bizerra, em um braço, e o Tenente Luiz Barbalho em uma verilha. Tudo annunciava por tanto que o intento de se estabelecerem em Pernambuco cada vez mais ocupava os Hollandezes, e que mesmo não tardariam a fazer novas tentativas no centro da Capitania.

Albuquerque, julgando então, que não se poderia empedir os seus progressos por uma simples defensiva, e perdendo as esperanças de receber auxilios da Metropoli, resolveu reunir todas as suas forças para tentar fortuna com um golpe estrondozo. Reuniu pois todo o Exercito, e lhe fallou d'esta sorte.

« Bravos Portuguezes, valorosos Pernambucanos! Quaes « sejam os motivos por que El-Rey Catholico nos não soccor- « re, são manifestos. Ou seja que uma guerra vizinha, e « mais apertada occupe as suas armas, ou que elle me honre « com a sua confiança até o ponto de me considerar equiva- « lente a um Excercito, vós não podeis já contar com socor- « ros, quando o numero e o poder dos vossos inimigos cada « dia se vigora! Por que o dissimularemos? A conquista do « Brazil he de maior momento para as Provincias Unidas, « do que a sua conservação aos Ministros de Felippe 4° da

(a) O Pilar pelo lado do rio Beberibe.

« Hespanha. Esperaremos nós para combater que novas for-
« ças, as quaes não poderemos resistir, venham assaltar estes
« gloriosos intrincheiramentos, que devemos á nossa intrepidez,
« e constancia? Quem nos poderá taxar de temerarios
« no meio dos riscos, que nos cercam? Não espiram os
« nossos Soldados victimas da fome, que se uniu contra nós
« aos flagelos da guerra? He por ventura esta a morte, que
« devemos esperar a pé firme? Certo que não: ella não he
« a dos heroes! A sorte dos combates favorece a audacia.
« Demos ao inimigo assombrado um assalto geral. Talvez que
« a justiça da nossa cauza esteja esperando, para nos dar o
« tryunfo, por este ultimo esforço do nosso valor. »

Um grito unanime de aprovação foi a resposta que todo o Exercito deu a falla do seu General. Albuquerque por tanto depois de ter dividido as suas tropas em trez columnas, avançou coberto pelas sombras da noite em o fim de Março de 1631, para a Villa d'Olinda, a fim de atacal-a por tres lados. Retardado porem o Exercito pela passagem do Beberibe, as vanguardas das nossas columnas não avistaram os postos avançados do inimigo senão ao romper do dia. Ja tinham as sêntinellas bradado as armas, quando os nossos rompem o fogo: numerosos destacamentos, sahem apreçadamente d'Olinda para sustentar os seus postos avancados; mas os Pernambucanos derrotam esses destacamentos, e, fazendo grande mortandade, se aponderam das fortificaçoens exteriores do inimigo; ainda porem quatro mil Soldados tinham ficado na praça, cujas trincheiras eram guarnecidas por grossa artilheria.

Obstaculo algum desanima Mathias d'Albuqnerque; pelo contrario, reunindo ás exhortaçoens as mais energicas, o exemplo do mais heroico valor, dá elle mesmo o assalto a testa das primeiras columnas. Com tudo complicam-se as dificuldades: profundos fossos, que precediam as trincheiras, não era possivel encher; e sem este caminho, não se podia escallar as muralhas. Alem d'isto o terrivel fogo d'Artilheria, e a explosão de um chuveiro de granadas, arremessadas pelo inimigo no meio de nossas fillas, fazia horrivel mortandade. Não querendo por tanto Albuquerque, que os seus valorosos Pernambucanos fossem por mais tempo victimas da sua temeridade, tocou a retirar, e entrou novamente nas suas linhas. Tal foi o resultado d'esta acção menos pençada, posto que intrepida, que custou quatro centos homens á Hollanda; mas que tambem nos custou um maior prejuizo de bravos.

Si Albuquerque perdeu desde então toda a esperança de expulsar o inimigo do Recife, do outro lado os Generaes Hol

landezes não se lesongeavam de o forçarem nos seus intrincheiramentos, ou de perseguil-o no interior. Os armazens porem do Recife estavam quasi esgotados, por que si o mar era franco aos Hollandezes, o accesso do continente lhes era absolutamente prohibido. Não havia no Recife outra agoa, senão a que se tirava dos poços cavados na praia, e que era filtrada de um modo imperfeito. Tal era a critica situação das guarniçoens Hollandezas, que apenas tinhão a ração de pão, e biscoito da Europa, e carne salgada, sendo até obrigadas a queimar lenha da Hollanda, por que os Pernambucanos, guardando exactamente a sua Patria, não lhes permetiam cortar os nossos bosques, embora estivessem tão perto d'elles.

Todavia todos os sentimentos, e interesses não tendiam absolutamente para o bem de Pernambuco no campo de Mathias d'Albuquerque. Este General tinha por inimigos aquelles Portuguezes, de quem elle a muito se receiava, e que despidos de todos os sentimentos, que lhes deviam inspirar as desgraças de um Paiz, onde elles chegando mizeraveis, se haviam de repente inrequecido pelo contrario solicitos de vender os productos das suas propriedades, sem os inquietar a qualidade dos compradores, e as consequencias d'esse commercio, traficavam secretamente com o inimigo! Tres d'estes Portuguezes avarentos, convencidos de terem commerciado occultamente, foram enforcados por sentença de um Conselho de Guerra, ou Commissão militar, presidida por Mathiasd'Albuquerque; severidade esta unica, que poderia conter homens, que, sahindo de sua Patria miserabelissimos, e achando em Pernambuco riquezas, e um hospitaleiro acolhimeuto, não tinham remorços de sacrificar este mesmo Povo, a troco de um vil ganho.

Estimulados então os correos d'estes miseraveis, ordiram em segredo contra o General uma conjuração, cujo resultado lhes pareceu seguro. Favorecidos pelo escuro de uma noite, e em quanto Mathias d'Albuquerque estava entregue ao somno, conseguiram os conjurados lançar fogo no Quartel General; mas advertido em tempo do progresso das chamas, pode Albuquerque escapar do perigo, e como politico, para evitar a desunião entre Portuguezes, e Pernambucanos, visto que os primeiros eram os authores de tão infame delicto, julgou prudente fingir, que o incendio tinha sido filho do accazo.

Eram estas as desposiçoens secretas da maior parte dos Portuguezes ricos, que por desgraça nossa aqui tinham vindo habitar, desde o principio do seculo 17°, quando os descendentes dos companheiros de Duarte Coelho, tendo afugentado os Indios, conservavam ainda intactas todas as virtudes de

seus Paes. O mesmo Povo estava singularmente irritado contra a administração, e influencia dos Portuguezes, e antes da invazão tinha elle patentiado por mais de uma vez o seu descontentamento, por cauza da tyrania sob a qual os poderosos, honorificamente empregados os faziam gemer. Era sempre impunimente, que estes homens, expellidos de Portugal pelos seus crimes, commettiam acçoens as mais indignas, e iniquas, sem que o povo tivesse meio de os conter. Esta distracção dos principios de justiça, e a corrupção dos costumes, não contribuiram pouco para as desgraças de Pernambuco, e foram ellas sem duvida as principaes cauzas que deram lugar a que Olinda, ainda estivesse em defeza, quando o Exercito Hollandez a invadiu.

Esperava o General Hollandez soccorros da Hollanda, para tentar furtuna, e penetrar o interior, que até então não tinha podido invadir; mas em quanto esses soccorros não chegavam, resolveu-se em Conselho no Recife, que as forças Hollandezas deviam aproveitar-se do imperio do mar, para conseguirem entretanto a conquista pela costa, augmentando assim o numero de seus partidistas, e ao mesmo tempo estabelecendo relaçoens de commercio, sem as quaes seria dificil conservarem-se, e chegarem ao principal fim dos armamentos da Companhia Occidental.

Os Generaes Hollandezes voltaram pois as suas vistas para a ilha de Ithamaracá. Esta ilha, cujo territorio he fertelissimo, não era ainda habitada, senão por um pequeno numero de familias de agricultores, que preencheriam pouco mais de cem fogos. Era alli Governador o Capitão Salvador Pinheiro, Official não menos recommendavel pela sua bravura, do que pela sua experiencia, tendo apenas secenta Soldados para guarnecer este Ponto.

Por muito fracos que fossem os meios de defeza d'este Capitão, o Coronel Hollandez Canefelt, expedido do Recife no dia 22 de Abril de 1631 (a fim de se apossar da ilha) commandando vinte embarcaçoens de guerra, reputou o ataque dificil, contentando se de arriscar ligeiras escaramuças. Desenganado que a viva força não se aponderava da ilha, poz todo o seu cuidado em construir sobre a praia uma pequena Fortaleza, que dominava a entrada do porto, do meio de uma lingoa de terra, em torno da qual formava o mar duas barras pouco distantes do Continente. Canefelt denominou esta sua Fortaleza Forte de Orange, e depois de o ter aperfeiçado, guarneceu-o com doze peças, e oitenta homens, e, deixando lhe no porto uma Sumaca e um Navio, voltou para o Recife,

sem ter obtido nem um outro resultado. A Villa d Iguarassú, vendo o inimigo forteficar-se tão proximo d'ella tractou immediatamente de fortificar-se, e em breve seu habitantes se poseram em estado de fazer cara ao inimigo.

Eis pois tudo quanto pode conseguir em Pernambuco falto de meios, de gente, e de disciplina, o aguerrido Exercito Hollandez, que parecia prometter á companhia Occidental um estabelecimento solido e permanente; mas que no decurso de mais de um anno, batendo-se quasi todos os dias, ora tendo vantagem, ora perdendo, apenas circunscrevia o seu dominio em Olinda, Recife, e na pequena Fortaleza de Orange em Itamaracá.

CAPITULO 6.

Chegam reforços de Hollanda ao Recife. Hespanha igualmente manda uma Esquadra para o Brazil, que se bate nas agoas da Bahia com o inimigo. Chega a Pernambuco o Conde de Bagnoulo. Olinda he incendiada pelos Hollandezes. Estes atacam a Parahiba, e o Rio Grande. Callabar foge para os Hollandezes. Caracter d'este mulato. Tomada de Iguarassú. Ataque em Rio Formoso. Dous Comissarios da Companhia Occidentel chegam ao Recife. Wandemburg General Hollandez resigna o Commando, e Lourenço Reimaback o substitue.

1631 A 1635.

Abandonada ás suas proprias forças a Provincia de Pernambuco, parecia nada mais ter a esperar da Metropoli, quando se divulgou em Madrid a noticia, de que um novo armamento se preparava em Hollanda, com destino para o Brazil. Esta nova Armada Hollandeza compunha se de vinte e seis navios de alto bordo, guarnecidos, alem da precisa equipagem, por trez mil, e quinhentos homens de desembarque. N'este comboio se transportavam grande numero de familias Hollandezas, e alguns Judeos ricos, atrahidos ao Brazil como Colonos, pela esperança de um Commercio lucrativo, que a posse de Pernambuco promettia. Esta Arma-

da foi dividida em duas Esquadras; a primeira, composta de onze navios, e nos quaes se transportavam as familias Hollandezas, os Judeos, e dous mil homens de desembarque, foi confiada ao mando do Coronel Alexandre Siton, com directo destino para Pernambuco, e a segunda, de 15, navios com mil e quinhentos homens de desembarque, foi confiada ao commando do Almirante João Adrian Petry, Official de uma intrepidez experimentada, e destinado especialmente para se apoderar dos Galioens do Mexico, que, carregados de ouro, e prata, hiam todos os annos para Hespanha.

A noticia d'este ultimo projecto inquietou de tal sorte o Ministro Olivares, que elle deu ordens as mais apertadas a D. Antonio de Oquenda, Almirante General, e Membro do Conselho de Guerra de Hespanha, para esquipar em Lisboa uma Frota de vinte navios, destinada particularmente a comboiar os Galioens do Mexico, que era o que mais cuidado dava ao Ministro Hespanhol! Como todos os gastos d'esta Frota, deviam ser feitos á custa de Portugal, El-Rei de Hespanha recebeu as mais vehementes supplicas dos Portuguezes Europeos, que tinham uma grande parte de suas fortunas no Brazil, para que ao menos uma secção d'esse armamento fosse empregada na defeza d'este Paiz. Felippe 4° não pode ser surdo a estas supplicas, e o seu Conselho decidiu por tanto, que dois mil homens de reforço, embarcados na Esquadra, fossem destribuidos pelas principaes guarniçoens das Colonias: a saber, duzentos em Belem, (Pará) oito centos na Bahia, debaixo do commando de D. Christovam Mexia Bocanegra, e o resto, formando um Corpo de mil homens, composto de trezentos Hespanhoes, outros tantos Napolitanos, e quatro centos Portuguezes, debaixo do commando de João Vicencio Sanfiliche, Conde de Bagnuolo, foi destinado especialmente a reforçar o pequeno exercito de Mathias em Pernambuco.

Bagnuolo era um General Napolitano, a quem a guerra do Brazil, depois de bastantes alternativas, deixou em duvida a sua capacidade. Apezar de conhecer a fundo a theoria da Arte Militar, e nada entregar ao accazo, todavia muitas de nossas infelicidades se lhe devem; embora Mr. Beauchamp na sua Historia do Brazil diga o contrario: o testemunho de Officiaes que com elle serviram, denigrem sua conducta.

A primeira Esquadra Hollandeza, fez-se de vella dos Portos da Hollanda, em Janeiro de 1641, e chegou a Pernambuco em Março; e a segunda, tendo sahido tres mezes depois da primeira, aqui apartou em Julho do mesmo anno, tendo ambas muito tempo para desembarcar a seu salvo a

grande quantidade de munições de boca, e guerra, e os trez mil e quinhentos homes que transportara.

Entretanto concluidos os aprestos da Armada Hespanhola, deu ella a vella de Lisboa, pelo mesmo tempo em que a ultima expedição Hollandeza chegava a Pernambuco, e segundo as ordens do seu Governo, dirigiu-se o Almirante Oquendo para a Bahia, desembarcou ahi os oito centos homens, que lhe eram destinados, e tornou a sahir para o mar, com designio de largar o Conde Bagnuolo, e o Donatario Duarte d'Albuquerque Coelho (que como Donatario, e Senhor da Capitania veio por ordem de El-Rey Calholico defendel-a) em algum dos portos de Pernambuco, e seguir guardando um comboio de doze Cravellas, que seguiam para a India, para depois proteger a passagem dos Galioens do Mexico.

O Almirante Hollandez, instruido a tempo do destino da Frota Hespanhola, apressou-se em dar á vella do Recife, para ir encontral-a. Depois de ter por muito tempo lutado contra os ventos, avistou-a em fim nos mares da Bahia no ultimo de Setembro de 1631. Na manhã do dia seguinte acharam-se as duas Armadas na prezença uma da outra, e formadas em ordem de batalha, e tendo já o Almirante Hespanhol dado ordem aos navios, que conduziam o reforço para Pernambuco, para seguirem o seu destino, logo que rompesse o fogo, deram ambos os Almirantes o signal para o combate, e principiaram a acção por uma descarga geral. Destacados do conflito os navios do reforço de Peanambuco, Oquendo, aproveitando a vantagem que lhe dava o vento, sobre o navio de Petry, afferra-o, e lhe dá combate terrivel. Petry intenta desembaraçar-se, mas a sua popa se achava preza a borda do navio de Oquendo. Então o Capitão Hespanhol João Costilho, arriscando-se a uma morte quasi certa, salta em o navio Almirante inimigo, consegue passar um cabo em redor do mastro da mezena, e empede a separação dos dois navios, por esta acção heroica, que lhe custa a vida; porem um navio Hollandez, vindo em soccorro do seu Almirante, aproxima-se do Almirante Hespanhol, e o bate pelo outro lado.

Oquendo teria sucumbido então, si o Capitão de Mar e Guerra Portuguez Cosme do Couto Barboza, não se metesse com o seu navio, de menor grandeza, no meio dos dois inimigos; mas oprimido por estas duas grandes montanhas, o navio de Barboza sabmergiu-se, salvando-se a nado este bravo Portuguez, que cahiu em poder do inimigo, depois de ter salvado o seu Almirante com tão habil manobra. (a)

(a) O Capitão de Mar e Guerra Cosme do Couto, por esta acção foi

Entretanto que o combate se complica, e se torna geral, os dois Almirantes começam de novo a acanhonear-se cada vez com mais furia, e em breve os dois navios não apresentam mais, do que uma superfice raza, onde os Soldados dos dois partidos se confundem, e misturam. O fuzil, a lança, a espada, servem igualmente á raiva dos combatentes. A vista dos cadaveres mutilados, dos membros despersos, dos moribundos lansados indestinctamente ao mar com os mortos, aprezentam o espectaculo mais horrivel, que pode offerecer a ferocidade dos homens, que tão superiores se julgam ás feras! Finalmente para cumulo de todo o horror, um Artilheiro Hespanhol, salta em o navio do Almirante Hollandez, e toca-lhe fogo: então as reliquias da equipagem, empenham-se para apagal-o; mas as continuas descargas d'Artilheria, e fuzilaria tornam inuteis todos seus esforços; finalmsnte arde a capitânia Batava no meio do Occeano, e reprezenta a perfeita imagem do Inferno!

Oquendo corta então o cabo que o prende ao navio inimigo, porem os arpoens de bordagem o retem, e o seu navio, inteiramente desamparado, arderia tambem, si o Capitão João do Prado, sacrificando-se gloriosamente o não viesse soltar, e não o arredasse do incendio, levando-o a reboque. O bravo Almirante Petry, vendo que o Almirante Hespanhol não participava do perigo, que elle não pôde evitar, despreza salvar a vida nadando para os Hespanhoes, como parte de suas equipagens estavam salvando-se, e tomando o seu Pavilhão envolve-se n'elle, e lança-se ao mar dizendo aos Officiaes que intentam demoral-o: « O *Occeano he o unico* « *tumulo digno de um Almirante Batavo!*

Ainda que desamparado, o navio de Oquendo, com tudo combatia mesmo depois de ter perdido dous terços da sua equipagem; porem a que restava, vendo-se impossibilitada de manobrar o navio aberto, não pode obstar que elle se submergisse. Oquendo tinha conservado assás presença de espirito, e ventura para com tempo salvar os seus, e passar-se para outro navio, donde continuou a dar suas ordens.

Esta sanguinolenta batalha, cuja victoria foi tão denodadamente desputada, por ambos os lados, com igual valor, e com notavel habelidade nas manobras, custou perto de tres mil homens a cada uma das duas Naçoens. A igualdade das perdas he singular, e segundo a oppinião geral, o valente Al-

---

foi elevado a Almirante, e teve uma pequena Comenda.
Cast. Lusit. Liv. 3.º n.º 30.

mirante Hollandez, que perdeu a vida tão gloriosamente, não foi considerado como perdendo a batalha. As duas Frotas ficaram tão derrotadas, que nem um de seus navios se achou em estado de resistir ao mar.

Logo ao amanhecer a Esquadra Hollandeza tomou o largo, e entrou de novo no Recife; Oquendo fez o mesmo, e se recolheu ao porto da Bahia da Traição, para reparar os seus navios; e depois de ter encontrado com Bagnoulo, e tomado-lhe trezentos homens, dos mil destinado para Pernambuco, a fim de suprir em parte a falta dos que morreram na acção, foi comboiar os Galioens do Mexico, segundo a ordem que recebera.

Bagnuolo, tendo costeado a praia, ganhou o porto do Rio Grande do Norte, desmbarcou ahi com segurança, tanto a gente, como muniçoens, e cargas de particulares, e depois de uma marcha, penosa de mais de trinta legoas, reuniu-se a Mathias d'Albuquerque, com os settecentos homens que lhe tinha deixado Oquendo.

Os Generaes Hollandezes informados da chegada d'estes soccorros, cuja fraqueza ignoravam, perderam a esperança de conservar as duas praças conquistadas, e julgando conveniente, concentrar as suas forças no Recife, onde elles receiavam ser atacados por terra e mar, trataram em conselho: se deviam abandonar Olinda, danificando-a somente, ou destruindo-a. Adoptaram este ultimo partido; mas querendo incubir com um estratagema, o verdadeiro motivo de uma medida tão desastrosa, mandaram um Enviado a Mathias d'Albuquerque, dizendo-lhe: que a guarnição Hollandeza grandemente irritada contra os habitantes de Olinda, de quem tinha recebido diversas offenças, queria incendiar a Villa, e que elles Generaes, não tendo meio algum com que socegassem o furor dos Soldados, só elle Mathias podia salvar a Capital, resgatando-a do incendio, isto he, fazendo aos Soldados amotinados um donativo de caixas de assucar, mediante o qual, os Generaes Hollandezes se obrigavam a socegal-os, e a entregar por este meio a Villa intacta.

Ouviu Mathias d'Albuquerque o Enviado, e penetrando logo o artificio, no mesmo momento lhe respondeu da maneira seguinte.

« Os Pernambucanos, com as armas nas mão, não com-
« pram, conquistam, sabem dar cargas de ballas, e não de
« caixas; as marciaes os alvoroçam, desprezam as que os
« embaração. As chagas que n'elles abre o aggravo, não se
« curam com assucar, senão com polvora. Com inimigos
« em quem falta a fé são estaveis os contractos que firma o

sangue, e de nem uma firmeza os que afiança a palavra. Aconselharia eu ao Snr. General Theodoro Wandemburg, que não gastasse a magoa em se doer do estrago dos nossos edificios, por que sei que toda lhe será necessaria, para se lastimar do destroço de seus Soldados, e quando o mêdo os adiante a queimar a Villa, animo, e cabedal tem os moradores, para a reedificarem com tantas vantagens, que as melhoras os ensinem a julgar por beneficio a ruina, por que dezejam deixar na Cabeça d'esta Capitania uma memoria, em que, apezar do tempo, leam as idades os castigos de Hollanda, e os triunfos de Pernambuco.

Não achou o Enviado a resposta tão doce como imaginava. Voltou com presteza, e com igual mandou Wandemburg pôr fogo a Olinda, ordemnando a guarnição que, ateado o incendio, se retirasse, para que os nossos no mesmo momento do delicto, não dessem o castigo; porem apezar da celeridade com se retiraram, não se livraram, que de uma emboscada os assaltassem nossas armas, tanto mais temiveis, quanto a occazião lh' as reprezentava duplicadamente colericas. Muita gente lhes matou, e feriu, e muita mais pereceria, si a maior parte dos nossos não acudira a apagar o fogo, que ateando-se nos combostiveis, de que os Hollandezes tinham enchido as cazas, tornou infructiferas todas as deligencias.

Ardeu em breve espaco no dia 25 de Novembro de 1631 toda a Villa d'Olinda, tão celebrada pelo commercio, como ennobrecida pelos edificios, salvando-se somente n'este geral incendio uma caza terra, que a sorte reservou para memoria da perda.

Sabendo depois quanto era fraco o reforço que Albuquerque recebera, os Generaes Hollandezes, se arrependeram, mas mui tarde, de ter incendiado Olinda, e sobre tudo quando descubriram que entre os novos, e antigos Chefes do Exercito Pernambucano existiam germens de dissenções, que não podiam deixar de infraquecel-os. Duarte d'Albuquerque, Donatario da Capitania de Pernambuco, que chegara com Bagnuolo, tinha hido aquartellar-se com os Portuguezes que troxera, no campo de seu irmão Mathias d'Albuquerque, e Bagnuolo havia tomado quarteis a parte, com as suas tropas Napolitanas, e Hespanholas, conservando assim separado os seus Soldados, e os seus partidistas.

Estes dois Generaes, não se conformavam senão para favorecerem as tropas regulares Europeas, tratando as Milicias Pernambucanas com uma especie de desprezo, tanto mais injusto, quanto eram ellas a verdadeira força, e a esperança da

Patria. Era por ellas que o Paiz tinha sido defendido, e igualmente por ellas viria um dia em que se arrancaria Pernambuco do jugo estrangeiro. Esta falta de união, e politica no exercicio do commando, não escapou aos Generaes Hollandezes, e estes para melhor d'ella se aproveitarem, abriram com Bagnuolo uma correspondencia de mera cevilidade, que este General deixou imprudentemente continuar, dando ao inimigo a facilidade de sondar, e corromper alguns descontentes. Mas este sucesso não teve logo lugar, antes foi precedido por algũas tentativas menos felices.

Retirando-se para o Recife as tropas que guarneciam Olinda, ficaram os Generaes do Exercito Pernambucano em estado de fazerem manobrar as suas principaes forças sobre um só ponto, e d'esta sorte os Hollandezes estavam como citiados, ainda que senhores do mar, e com grandes forças despuniveis.

Tendo pois os Hollandezes um só ponto a sustentar, resolveram pôr em pratica um sistema mais atrevido. Embarcaram em vinte e seis navios, e outras tantas barcaças tres mil homens, e no dia 2 de Dezembro de 1631 deram a vella com designio de se apossarem da Parahiba, então governada por Antonio d'Albuquerque Maranhão. A Fortaleza do Cabedello, (cujas primeiras obras, tendo sido arruinadas, estavam ainda se reedificando) defendia o ancoradouro. O General Lichthart, commandante das forças navaes da expedição Hollandeza, quiz forçar a entrada da barra, a fim de atacar immediatamente a Villa; e com effeito si o porto fosse tomado, a Parahiba cahiria sem duvida em poder do inimigo; porem o Coronel Estein Calvi, commandante das tropas de terra, dessuadiu Lichthart, persuadindo-o que se apoderaria do Forte, sem superar grandes dificuldades. O Capitão João Matos Cardozo, velho illuminado, por uma longa experiencia militar, e muito cioso da sua reputação, era quem commandava a Fortaleza de Cabedello!

O Coronel Calvi desembarcou as suas tropas entre o Forte e a Villa, e empediu a marcha de seis centos homens, que chegavam em soccorro da Parahiba, com os quaes travou uma viva escaramuça, mas os nossos, inferiores em numero, e cansados por uma marcha forçada, foram obrigados a retirarem-se para os matos. Durante, a noite construiram os Hollandezes um Reducto, mas de manhã elle foi tomado pelos nossos, morrendo infelismente n'essa acção Jeronimo d'Albuquerque Maranhão, o Capitão de Milicias André da Rocha, e sinco Soldados, alem de alguns feridos que tivemos. En-

retanto a chegada de um reforço de quatro companhias Hespanholas, mandado por Mathias d'Albuquerque, desconcertou inteiramente os Hollandezes. Calvi foi rechaçado por duas vezes pelo Capitão D. João de Xereda, e principalmente pela guarnição do Forte. Todavia no terceiro ataque Xereda, o Capitão Sebastião de Palacio, e o Alferes Necolau de Placoala são mortos, e D. João de Orelhana he ferido; (a) mas os seus Soldados, derigidos pelo Capitão de Pernambuco Matos Cardozo, e protegidos pela Artilheria da Fortaleza, cahem sobre os Hollandezes, e fazem n'elles grande carnagem. Calvi levanta immediatamente o sitio, e torna a embarcar com os seus em desordem pelo meio da noite, logo que foi avizado de que Bagnuolo, com uma força respeitavel, marchava a soccorrer a Parahiba; deixando Calvi sobre a praia uma grande parte da sua artilheria, e das muniçoens de guerra.

O General Hollandez, informado de que os Generaes chegados da Europa ao nosso Campo, mostrando grande predilegão pelos Soldados Europeos, tinham desgostado a muitos Pernambucanos, e que por isso alguns d'estes se tinham retirado para a Parahiba, persuadiu-se que estes homens justamente estimulados, tomariam o vil desforço de entregarem-se ao estrangeiro; mas quanto se illudiu! Os Pernambucanos não vingam seus aggravos, trahindo a Patria; pelo contrario elles tudo esquecem, quando o Paiz demanda o sacrificio de seus recentimentos, por mais justos que sejam. Na guerra dos Hollandezes deram elles uma prova incontestavel d'esta verdade: no decurso de vinte e quatro annos, elles, sempre offendidos, com manifesta injustiça pelos Portuguezes, preferiram antes sacrificar seu justo ressentimento no Altar da Patria, mostrando-se Vassallos sem baixeza, e bravos sem crueldade, do que vingarem-se de tantas afrontas, sacrificando sua Patria ao dominio estrangeiro.

O General Lichthart, regressando para o Recife emputou este revez aos conselhos, e comducta de Calvi, allegando para se justificar, a imprevista chegada de soccorros, mandados do Campo dos Pernambucanos. Wandemburg então resolve-se ir em pessoa tentar fortuna, e faz alvo de seus tiros a Capitania do Rio Grande do Norte.

O Brazil devia a conservação d'este estabelecimento aos Missionarios Jesuitas. Constrangido pelos Indios, Manoel

(a) O Castrioto Luzit no Liv. 3.º n.º 36 diz, que o reforço Hespanhol de pouco nos serviu, e até de alguã sorte a acusa de covarde; mas Brito Freire refere o contrario, e Beauchamp, com muito creterio seguiu a este ultimo, a quem eu quasi copio fielmente.

de Mascarenhas, primeiro Commandante da Parahiba, se ti
nha visto forçado a marchar contra elles por diversas vezes,
derrotal-os; mas estas victorias, pode-se dizer que eram efemera
as Tribus Selvagens fugiam sim; porem apenas Mascarenha
se recolhia ao seu Quartel, ellas de novo começavam suas cor
rerias desvastadoras. Os Jesuitas porem armados somente d
Estandarte da Cruz, e possuidos de um puro zello Evangelico,
pacificam estes Selvagens, e conseguem que cento, e sin-
coenta Tribus, cedendo em fim ao seu ascendente, alliem-
se com os novos povoadores da Parahiba. Todavia faltava
ainda fundar um estabelecimento solido, capáz de conter no
respeito esta multidão simibarbara. Um dos Padres, tão
bom architecto, como enginheiro, traçou o plano de uma
Fortaleze; e os seus collegas, dando exemplo aos trabalhadores
Indios, carregavam elles mesmos as costas as pedras para cons-
truir esta fortificação. Em pouco tempo pois a Fortaleza do
Rio Grande, cavada na rocha, a entrada do rio Pottengy, tor-
nou-se uma das melhores Cidadellas do Brazil, ainda menos
pela vantagem da sua posição, do que pela solidez e perfeita
construção de sua obra.

A meia legoa d'este sitio existiam algũas habitaçoens, as
quaes, n'esta Capitania, onde a população era tão rara, se
havia dado o nome de Villa. O General Wandemburg com
o fim de surprender o Rio Grande, embarcou, e sahiu do Recife,
com dois mil Soldados, em Dezembro de 1631; mas no mo-
mento de sua partida, um navio Portugez, que viu a sahida
da Expedição, levou a noticia a Parahiba, e o Governador d'esta
Capitania se apressou em enviar ao Rio Grande trezentos Sol-
dados, e igual numero de Indios de reforço, tornando d'esta
sorte formidavel a fortificação do Rio Grande, já respeitavel
pela sua construção. Wendemburgo, reconhecendo em pes-
soa a praça, e observando as dificuldades que offerecia, temeu
empenhar-se em uma empreza inutil, e fez-se de vella. Pro-
longando-se então pela costa, para reconhecel-a, antes de entrar
no Recife, resolveu apoderar-se de um porto do Cabo de S.
Agostinho, chamado Pontal de Nazareth, nome que lhe pres-
tou a Capella consagrada a Virgem Santissima de Nazareth,
mui vizitada pelos romeiros, e peregrinos.

A enseada d'este porto havia tornado-se importantissima
para Pernambuco, pois que apezar dos infurtunios, filhos de
uma guerra porfiada; com tudo o commercio d'esta rica Ca-
pitania com Portugal, estava ainda em grande actividade. Pos-
toque a maior parte dos navios, que se tinham aventurado,
tivessem sido tomados pelos Hollandezes, senhores então do

mar, os interesses do pequeno numero d'aquelles, que tinham chegado ao seu destino, foram tão grandes, que uma só viagem feliz bastava, para animar os armadores, e compensal-os das suas perdas. Elles vendiam os generos Europeos por um preço enorme, por que havia immenços consumidores, e poucas mercadorias, e compravam os productos do Paiz por menos do seu valor, pois que todos os armazens estavam atulhados.

Em menos de dois annos, o porto de Nazareth, situado sette legoas ao Sul d'Olinda, tornou-se pois o grande mercado de Pernambuco. A sua entrada he, como a da Capital, por uma fenda que ha no recife, ou rocha que se prolonga alguã couza arredada da costa. Quatro peças de ferro dominavam a praia, e armavam um Forte, flanqueado por dois Reductos, construidos por ordem de Mathias d'Albuquerque, logo no principio da campanha. O total da guarnição não excedia a duzentos homens. Eis o estado de Nazareth, quando os Hollandezes atacaram.

Wandemburg, depois de ter desembarcado as suas tropas, em uma pequena enseada, chamada Calheta, meia legoa para o Norte, atacou o Forte em Janeiro de 1633; porem foi rechaçado com perda de settenta homens, tendo sido batido no desembarque por uma pequena partida, que vinha da Bahia, escoltando dinheiro de particulares, e que casualmente, passando ao tempo que o Hollandez demandava terra nas lanchas, emboscou-se, e fez-lhe do mato um terrivel fogo.

Tendo pois o inimigo sofrido muito damno no desembarque, e ainda maior no ataque do Forte, que heroicamente lhe restiu, persuadiu-se que a maior parte das nossas forças alli estavam, e por isso, recolhendo-se aos seus navios, fez-se de vella para Rio Formoso. D'ahi, depois de queimar tres navios nossos, que achou no porto, voltou para o Recife, pesaroso por ver o seu pequeno Exercito inutilmente debilitado. Esta feliz defeza foi atribuida pela Christan piedade dos nossos, á Milagre de Nossa Senhora de Nazareth; com tudo não obstante a protecção Celeste, o Conde Bagnuolo, julgou prudente fortificar melhor o lugar, construindo ahi uma Fortaleza, cujo risco, e construcção foi sua, assestindo elle mesmo aos trabalhos; porem ninguem, a excepção d'elle, ficou satisfeito com a obra, por que o terreno foi mal escolhido, e muito apartado da barra.

Até este tempo tinham os Hollandezes poucos motivos para se ensoberbecerem pelos successos de suas armas: estavam á dois annos Senhores do Recife, e nada mais tinham podido

conseguir, do que levantar um pequeno Forte em um canto das praias da ilha de Itamaracá. Todas as outras emprezas que havia tentado, tinham sahido frustradas; e as Milicias Pernambucanas, sobre as quaes as tropas Hollandezas ao principio tiveram tanta superioridade, adqueriam cada vez mais desciplina, e habito da vida militar.

Porem um mameluco (a), nascido em Porto-Calvo, chamado Domingos Fernandes Calabar, fez mudar tudo, e de tal sorte, que os Hollandezes chegaram a ganhar sua primeira preponderancia! Este mameluco, que combatera entre os nossos, tinha recebido em diferentes encontros feridas honrosas, e até mesmo havia ganhado alguã reputação; mas commettendo um delicto, pelo qual infalivelmente havia de ser punido, sem lhe poder aproveitar os bons serviços que prestara, fugiu em consequencia para o campo inimigo. Foi este o primeiro transfuga que tivemos, e bem se pode dizer o unico, que se empregasse com tanto interesse a favor do inimigo.

Si os Hollandezes tivessem feito escolha de um traidor entre as nossas fileiras, elles em verdade elegeriam Calabar, pois que este homem era atrevido, habil, e imprehendedor, degenerando em temerario. Ninguem conhecia melhor do que elle as costas, os portos, as enseadas, os rios, os bosques, e todo o interior de Pernambuco. Os Generaes Hollandezes o acolheram com todas as demonstraçoens de benevolencia. A imprudencia de Bagnuolo, que abriu uma negociação, para obter por via de troca alguns Soldados Napolitanos desertores, deu occazião aos inimigos para se communicarem com outros descontentes, a quem o acolhimento benigno feito a Calabar, não deixou de seduzir, e corromper, a ponto de que o menor movimento de nossas forças, era previamente sabido pelos Generaes inimigos!

Bagnuolo imprudentemente enviou diversos Officiaes ao General Hollandez, pedindo-lhe esses Soldados Napolitanos, que para elle tinham fugido, em troca de outros tantos Hollandezes prisioneiros, que estavam em nosso poder; mas aquelle General, não dando audiencia aos Enviados, sob frivolos pretextos, os releve alguns dias no Recife. Este facto, dando que cuidar aos nossos Generaes, fel-os persuadir, que o inimigo tentava algũa expedição, e prevenindo-se, mandaram ordem para todos os pontos estarem alerta principalmente Nazareth, Serinhaem, Iguarassú; mas o avizo che-

(a) Mamelucos se chamam os filhos de Cabocolo, (Indio) e preta.

gou tarde. O infame transfuga Calabar, offereceu-se para guiar os Hollandezes a esta ultima Villa, e entregal-a. Seguro do bom sucesso, leva comsigo quatro centos negros, para trazerem o espolio, e conduz as tropas, que passam a meia noite do ultimo de Abril, sobre as ruinas d'Olinda, e surprendem os habitantes da Villa de Iguaras ú no dia 1.º de Maio de 1632, quando elles asistiam a Festa dos Apostolos S. Felippe, e S. Tiago. Irritados pelos passados reveses, tractam os Hollandezes os desditozos habitantes de Iguarassú, não como a um povo, que, como bons politicos, deviam conciliar; mas como a inimigos, dos quaes deviam tomar cruel vingança: degolam os homens, que não lhes resistem, violam as mulheres, tiram-lhes os vestidos, cortam-lhes os dedos, para mais facilmente lhes tirarem os anneis, arrancam-lhes com os brincos uma parte das orelhas, e assim n'este estado as deixam descompostas! Depois de terem d'esta sorte pilhado, queimam a Villa, e retiram-se para a costa vizinha, conduzindo prisioneiros dois Franciscanos, que pelo seu patriotismo particularmente detestavam, e levando diante de si por escarneo, vestido com os Paramentos Sacerdotaes, o Coadjutor da Freguezia, que estava dizendo Missa, quando surprenderam a Villa. Todavia antes de embarcarem, no espaço de mais de meia legoa, que lhes foi precizo marchar, alguns moradores picaram-lhe a retirada, tomando dos negros, que carregavam o roubo, uma grande parte d'elle, matando-lhes alguns Soldados, e ferindo-lhes muitos, até que chegados a praia embarcaram, e seguiram para o Recife, onde entraram tão ufanos de sua victoria, que no Arraial de Mathias d'Albuquerque se ouviu os gritos de alegria.

Antes que se dessipasse o terror, inspirado por esta expedição, levou Calabar os Hollandezes a Rio Formozo, e tomou ahi sinco navios mercantes, que tinham acabado de carregar. Sentidos os nossos d'esta perda, e querendo preservarem-se d'alli por diante das incursoens do inimigo, construiram um Forte, que feichava a entrada do rio. Calabar conduziu os Hollandezes para atacar este Forte, que não tinha senão duas peças, e uma guarnição de vinte homens, debaixo do commando do Capitão Pedro d'Albuquerque; força esta em verdade diminutissima contra um tal adversario; porem jamais gente algũa preenchen tão dignamente os seus deveres, como este punhado de Pernambucanos! Os Hollandezes intimaram a Pedro d'Albuquerque que se rendesse, mas elle respondeo, que se defenderia até o ultimo arranco da existencia. Com effeito ninguem melhor que elle compriu a

sua palavra! Resestindo a quatro assaltos consecutivos, elle viu morrer, de vinte Soldados que tinha, desenove, e o vigesimo, posto que ferido, atrevessar o rio a nado, e escapar-se d'este modo aos vencedores, os quaes vendo cessar inteiramente o fogo, entram então no Forte, e com pasmo observam o Commandante Pernambucano, estendido ao lado dos seus dezenove bravos, tendo o peito atrevessado por uma balla de fuzil!

Surprehendidos, e tocados d'este amor de Patria, os Hollandezes prodigalizam a Pedro d'Albuquerque soccorros, aos quaes este Official fica devendo a sua cura. Não parou aqui o effeito que este heroismo produziu no coração dos Hollandezes; elles quando abandonaram a Fortaleza, para se recolherem ao Recife, deram a liberdade a Pedro d'Albuquerque, obrigando-se elle sob sua palavra de honra, a retirar para Lisboa; o que fez, e El-Rei Calholico, para recompencar a sua valorosa resistencia, confiou-lhe o Governo do Maranhão.

Calabar não limitou aqui os seus esforços a favor dos inimigos de sua Patria. Ensinou-lhes o modo de fazer a guerra de postos; essa guerra que tantas vantagens nos deu em quasi dois annos, e, mostrando-lhes o meio de oppôr a enganos outros enganos, fez que as nossas tropas cahissem nas mesmas ciladas que armavam.

Todavia o General Hollandez não deixou de reconhecer que os bons sucessos, que as suas armas acabavam de obter, tivera n'elles maior parte o descuido dos nossos, do que a industria d'elle, e que por tanto para vencer, lhe era necessario achar-nos desapercebidos. Mas elle via que o furtar-se á nossa vigilancia não era empresa de cada dia, pois que o desastre cauzado por um descuido, alerta, e previne para os outros; resolveu por tanto o inimigo, suspender a continuação dos ataques, para d'est'arte intibiar a vigilancia dos Pernambucanos. Os nossos Generaes porem, que deviam penetrar a razão d'esse procedimento do inimigo, pelo contrario entregando-se ao descanso, pôseram-se tambem em inacção; e assim a apathia dos nossos Generaes, e o artificio do inimigo suspenderam os combates até o fim de Settembro de 1632. Bagnuolo principalmente não sabia nem atacar, nem defender-se: inquietado, e fatigado incessantemente, ficou em um estado de inação, e susto, que pôs muito em duvida a sua fidelidade. Ou fosse infortunio, ou que um concurso de circunstancias o tornasse sempre tardo, sempre indiciso, Pernambuco deve grande parte de seus passados infortunios a este General estrangeiro.

Apesar d'este estado de perplexidade, o Conde Bagnuolo,

ıstentava que a suspenção d'armas da parte do inimigos era lha do medo, e que cumpria pôr as nossas forças em acção. eguindo esta oppinião Bagnuolo manda fazer aprestos para sitiar a Fortaleza de Orange, construida pelos Hollandes na ilha de Itamaracá. Mas nem uma reserva, nem seredo houve n'estés preparos, de sorte que o inimigo, certo o ataque, e do lugar teve todo o tempo para se previnir. Finalmente Bagnuolo sahiu do nosso Arraial, com um grande parato de Soldados, artilheria, carros, muniçoens, mantimentos &c. &c.; avistou a Fortaleza, escolheu sitio, colocou baterias, e começou a bater a Praça; mas o inimigo, ue a tinha fortificado com toda a pericia, resistiu-lhe denoladamente, tornando infructiferos todos os esforços dos sitintes. O Conde por tanto, que em todas as suas resoluçoens brava com leviandade, levantou o sitio, e retirou-se para Arraial, deixando na ilha as peças de bater, que havia tiado da nossa Fortaleza do Bom Jesuz, de maneiras que parece que as tirara, para entregal-as ao inimigo.

Entretanto que as couzas assim hiam em Pernambuco, spalhava-se a consternação em todo o Brazil, pela dssposição que o Governo Hollandez mostrava de sustentar a Companhia Occidental. Esta pois achou-se em estado de mandar nos fins de 1632 uma nova Esquadra para Pernambuco, com res mil homens de desembarque, muniçoens de toda a especie, e viveres em abundancia. A expedição tinha por Chefes Mathias Centio, e João Glessinghen, ambos Commissarios da mencionada Companhia, que os enviava. Vinham elles munidos de plenos poderes, ou para evacuar o Recife, cazo o estado da guerra não offerecesse esperanças de successos importantes, ou para determinarem se proseguisse na guerra, e conquista do Brazil com novo vigor. A grande authoridade de que estes dous Commissarios estavam revestidos, pelos mesmos Estados Geraes da Hollanda, deu lugar a grandes debates entre elles, e o General em Chefe das suas tropas. Pouco satisfeito d'este augmento de forças, mas que diminuia o seu poder, Wandemburg, entregou o commando do Exercito, e partiu para Hollanda, substituindo-o no Posto e exercicio o General Lourenço Reimback, Soldado velho, e experimentado; porem que, não tendo a mesma inteireza de caracter de Wandemburg, docilmente se submetteu ás instruçoens dos Commissarios da Companhia. Sob estes novos Chefes, os Hollandezes, como adiante o leitor verá, se assenhorearam de outras muitas Provincias, e de todo Pernambuco.

CAPITULO 7.

Os Hollandezes atacam em quinta feira Santa o Arraial e a Fortaleza do Bom Jesus. Reimback morre no assalto. O General Segismundo poem em sitio a Fortaleza do Bom Jesus. Os Hollandezes levantam o sitio, perdendo a sua Artilheria. Calabar guia o inimigo ás Alagoas. El-Rei de Hespanha manda um soccorro, mas a Frota em que vinha he tomada pelo inimigo. Os Hollandezes conquistam o Rio Grande do Norte, e o Indio Jaguarary porta-se generosamente. Os Hollandezes alliam-se aos Janduiz, e estes perpetram horriveis crueldades. Os escravos, fugidos para os Palmares, encommodam os Pernambucanos.

1635.

A sorte da guerra havia-se mostrado favoravel aos Hollandezes; os dois Commissarios por tanto, aproveitando a quadra, resolveram proseguir o curso das suas vantagens, e em fim apoderarem-se de toda a Provincia de Pernambuco.

Em 18 de Março de 1633 sahiu do Recife, no quarto d'Alva, o inimigo com oito centos homens escolhidos, vadeou, estando a maré secca, o braço do Capibaribe que passa debaixo da ponte dos Afogados, e envestiu as trincheiras d'este lugar, então fracamente guarnecidas. Apezar da surpreza, os nossos resistiram quanto foi possivel, mas cedendo ao numero, e tendo perdido 20 homens, e o Capitão Francisco Monteiro Bezerra, alem de muitos feridos, (entr'estes o Capitão Francisco Duarte) abandonaram a trincheira ao inimigo.

Este ponto (o dos Afogados) tantas vezes atacado, quantas heroicamente defendido, era sem duvida uma das portas por onde o inimigo sahindo do Recife, podia aproximar-se ao nosso Arraial, e penetrar o centro de Pernambuco. O General Reimback tendo apoderado-se d'elle, da maneira que acabo de expor, não deixou, como habil General, de aproveitar o enthusiasmo, que esta acção desenvolvera nos seus Soldados, para continuar nos assaltos. Guiado então por um desertor, que o aviza de que a Estancia de Nuno de Mello (no Remedio) estava mal guarnecida, Reimback, deixando a dos

fogados guarnecida, avança e toma esta Estancia, depois de na bem desputada resistencia, que lhe faz o Padre Fr. Belxior, Ordem de S. Francisco, e que depois foi Bispo do Brazil. om igual successo, mas com maior prejuizo nosso, apode-u-se Reimback da trincheira do Mendonça, na qual perde-os nós, mais pela negligencia do Commandante, do que lo valor do inimigo, os Capitaens Bras Soares, Manoel de , e D. Manoel Déça (que foi degolado, depois de prisio-iro) alem de trinta Soldados, ficando prisioneiro um Al-es, muitos Soldados, e D. Antonio Ortiz, que por ser aliano, compatriota de Bagnuolo, talvez lhe não coubesse sorte do infeliz Déça. Os nossos Soldados que, para esca-rem ao captiveiro, se metteram pelos alagadiços, foram per-guidos por caens de fila, que para esse fim o inimigo con-zira.

Senhor Reimback destas vantajosas posiçoens, apressou-em construir um Forte nos Afogados, ao qual denominou uilherme, nome do Principe de Orange. D'este Forte fa-am os Hollandezes incursoens pelo interior, onde bellas, ricas possessoens lhe eram abandonadas, obrigando aos ernambucanos a estar constantemente sob as armas.

Animado o General Reimback com este primeiro suc-esso, e por instancias de Calabar, decidiu o ataque do rraial, ou Campo Real do Bom Jesuz. Inspirádo pelo ofermo, Calabar, recommenda sobre tudo ao General ollendez, que désse o ataque em Quinta feira de Enduenças, uando os Pernambucanos estivessem embebidos nos Mis-erios Sacrosantos de nossa Religião. « Si ganhardes o Ar-raial, dice esse Demonio a Reimback, toda a Capitania he nossa; por que he sobre este unico ponto, que repousa a existencia politica dos Pernambucanos: destruindo-se o campo, dissipam-se as suas esperanças, e concluireis sem obstaculo a conquista inteira do Paiz. »

Reimback, seguindo o conselho do transfuga, sahiu do orte Guilherme com tres mil Soldados ao romper do dia 24 e Março de 1633 (quinta feira Maior) com disignio de a-acar o nosso Arraial, uma legoa longe do Recife; e marchan-lo pelos engenhos de Francisco de Brito, e de Ambrosio Ma-hado (Magdalena, e Torre) atravessa o Capibaribe (na assagem de S. Anna, pouco mais, ou menos) e faz alto. Ahi ividindo o seu Exercito em tres columnas, ordemna que a um esmo tempo ellas avancem, e ataquem por tres lados; a pri-neira pelo engenho de Jeronimo Paes (Caza Forte) a segun-lo pela estrada d'Olinda, e a terceira pelo riacho Parná-Me-

rim. Esta ultima chegando primeiro, e sem ser sentida, envestiu a Povoação, adiantando-se até ás portas da Fortaleza, sem quasi nem uma resistencia, por que toda a gente estava recolhida na Igreja, recebendo os Sacramentos da Penitencia, e da Eucharestia. O inimigo achando lançada a ponte levadiça (que atravessava o foço que circundava o Arraial,) por descuido, ou traição dos Italianos a quem n'aquelle dia tocou guarnecer este posto importante, ganham as primeiras obras, e o primeiro Reducto, guarnecido por 17 Italianos, que, rendendo-se sem resistencia, foram todos degolados pelos vencedores, talvez pela vileza da entrega.

Ja n'esse tempo as outras duas columnas Hollandezas se tinham mettido debaixo da Artilheria da Fortaleza, (para onde correu toda a nossa gente, no momento do ataque do Reducto) demaneira que esta arma pouco mal lhes fazia; mas foram tantas as cargas de fuzilaria, que apezar do valor dos Cabos Hollandezes, e dos esforços que fizeram, para que os Soldados continuassem no ataque, estes desobedecendo-os poseram-se em vergonhosa retirada. Os dois irmãos, Mathias d'Albuquerque, e o Donatario Duarte d'Albuquerque, com incansavel actividade assistem em todos os pontos, e despoem a defeza com todo o acerto. O Conde Bagnuolo (a quem esta occazião achou enfermo de gota) fez-se conduzir em uma cadeirinha de mãos, para a porta da Fortaleza, no mesmo momento em que os Pernambucanos, levando os inimigos de vencida, queriam alcançal-os na retirada; mas o Conde, moderando o ardor dos Soldados, e de Mathias d'Albuquerque, fez que ninguem seguisse o inimigo.

Reimback, muitos de seus Officiaes, e perto de seis centos Soldados perderam as vidas n'esta acção; quarenta prisioneiros, inclusive quatro Capitaens feridos, grande copia de armas, e munições deixaram os inimigos para despojo. Nós tivemos 25 mortos, isto he, os 17 Italianos degolados, depois de rendidos, e oito Pernambucanos. Tivemos tambem varios feridos, e entr'estes o Capitão João Vasques, (que veio a morrer tres dias depois) e o Governador dos Pretos Henrique Dias, que n'esse dia, diz o Castrioto Luzitano, se excedeu a si mesmo.

Mathias d'Albuquerque vendo a confuzão em que o inimigo se retirava quiz seguir, apezar das reflexoens de Bagnuolo, as pegadas dos fugitivos; mas já não era tempo; tendo atravessado o rio, este lhes servia de reparo. Foi principalmente n'esta occazião, que Mathias deplorou a inercia do Ministerio Hespanhol, o qual, apezar das suas continuas so-

icitaçoens, não tinha enviado a Pernambuco senão 25 homens le cavallaria, quando um Regimento completo seria bastante pa- ra dar ás tropas Pernambucanas uma superioridade decidida sobre as Hollandezas.

Calabar, que tinha aconselhado o desastroso ataque do Campo do Arraial, no qual os Hollandezes tiveram tão grave prejuizo; para recuperar o seu credito, prometteu a Si- gismundo Van Schopp, que succedera no commando ao fi- nado Reimback, de lhe entregar toda a ilha de Itamaracá. Se- gismundo, que ardia em dezejos de se assignalar, transportou- se ahi em grande numero de lanchas, com dois mil homens, e saltou em diversos pontos da ilha: estas forças tornavam inutil toda a resistencia. Favorecido pelo Forte Orange, que Caoufelt construira, e pelas direcçoens de Calabar, pôs em grande aperto a Villa da Conceição; todavia o Capitão Mor Salvador Pinheiro, que a commandava, tendo perdido o Ca- pitão Antonio de Moraes, e muitos Soldados na vigorosa re- sistencia que fez a um inimigo tão superior em forças, ainda assim só veio a ceder, depois de obter uma capitulação hon- rosa, sahindo livremente da ilha com todas as honras da guer- ra. Mathias d'Albuquerque pôs-se em marcha para soccor- rel-o; mas já era tarde. Depois que Sigismundo se assenho- reou de ilha, um negro descubriu-lhe que no mais denso dos matos havia uma caza com preciosidades occultas, e em con- sequencia dez mil crusados em ouro, foram alli achados pelo inimigo.

A Villa de Iguarassú, que os Pernambucanos haviam reedificado, depois da derrota que sofrera, foi segunda vez atacada por inimigo mui superior, e por isso abandonada. A Povoação de Muribeca foi no dia 13 de Abril saqueada, e entregue ás chamas, e a 25 de Maio o engenho Gararapes teve igual sorte; com a diferença porem que na retirada do inimigo, reunindo o Capitão Domingos Dias 20 Soldados, e alguns dos moradores, retomaram estes uma grande parte do rou- bo, mataram a 25 Hollandezes, feriram um maior numero, e presionaram um Sargento, e varios Soldados.

Em vão os Chefes dos Pernambucanos se derigiam ao Go- verno Hespanhol, expondo-lhe o estado em que estavam, e pedindo promptos soccorros. A Corte de Madrid acreditava, ou fingia acreditar, que os Hollandezes não podiam conser- var-se em uma conquista tão abstinadamente desputada. Eis a cauza por que, apezar das energicas representaçoens de Ma- thias d'Albuquerque, e do protesto solemnemente feito pela Nação Portugueza, Pernambuco, não obteve da Metropole

senão inuteis, e deminutissimos auxilios. Os Pernambucanos perdiam quasi todos os dias gente, sem que essas perdas fossem roparadas, e os Hollandezes recebiam continuamente reforços de munições, e de homens; demaneira que no meiado de 1633, estava o nosso Exercito reduzido a mil, e duzentos Soldados de tropas regulares!

Não ignoravam os Commissarios Hollandezes o estado do nosso Exercito: infelismente entre os nossos existiam Portuguezes avaros, que, tendo transportado-se a Pernambuco sómente para enrequicerem-se, não escrupulisavam corresponderem-se com o inimigo, e até entregarem-lhe o paiz a troco de algũas vantagens mercantiz. Julgaram pois os Commissarios Hollandezes o momento favoravel, e resolveram sitiar o campo de Mathias, fortificando-se em pontos apartados sim, mas que lhe cortassem a communicação; meio este em verdade detençoso, porem mais seguro do que a empreza de um novo assalto. Mathias, instruido a tempo pelos espioens que tinha no Recife, do projecto dos Commissarios Batavos, concentrando as forças de que podia despor, manda sahir do Campo todas as bocas inuteis, poem fogo aos canaviaes, que lhe impediam descubrir o inimigo ao longe, e prepara-se para uma vigorosa resistencia.

O General Sigismundo derige-se contra o Campo Pernambucano com um Corpo de quatro mil homens, e, pondo-se a sua frente, marcha pelos Afogados, e chega ao amanhecer do dia 4 de Agosto de 1633 a margem do Capibaribe, que servia de baliza aos dois partidos. As sentinellas avançadas chamam immediatamente as armas, e trava-se um tiroteiro. Albuquerque, que o ouviu, ordemnou aos Capitaens Manoel Freire de Andrade, Luiz Barbalho, e Francisco de Almeida Mascarenhas, (este natural da ilha de S. Miguel) que desputassem a passagem. Estes tres Officiaes reuniram sem demora oitocentos Soldados, mas não se contentando com a defensiva, atravessam o rio (onde hoje se chama S. Anna.) chegam a outra margem, e cahem sobre a vanguarda Hollandeza, que desordemnada por um tão subito ataque, he completamente derrotada. Então he tal entre os Hollandezes a confuzão, e desordem, que não sendo possivel aos seus Officiaes reunil-os, buscam ao acazo um abrigo em algũas cazas isoladas, e desertas, onde precipitadamente se intrincheiram. Os Pernambucanos intimam ao inimigo que se renda, ameaçando-o com tocar fogo as cazas: n'este aperto, Sigismundo, fingindo querer-render-se, desenrola da janella uma bandeira branca, e enceta uma conferencia, que elle sabe prolongar, em quanto dá tem-

po para que chegue o resto de sua tropa, cuja marcha havia mandado accelerar. Em quanto pois estavam nas conferencias, que Segismundo ardilosamente prolongara, chega o grosso do Exercito Hollandez, e então os Pernambucanos, atacados por um inimigo mui superior em numero, são forçados, não só a deixarem o posto ganho, como tambem, repassando o rio, a recolherem-se ás suas linhas.

Não tendo os Hollandezes mais obstaculos a supererar, acampam-se em tres pontos na margem direita do Capibaribe, e ahi levantam fortes trincheiras, para protegerem as suas operaçoens. Então Albuquerque chama a guarnição do Forte de Nazareth, composta de Napolitanos ás ordens do Conde de Bagnuolo, e unindo dois Corpos de Infantaria ás tropas d'este General, encumbiu-lhe a defeza dos postos avançados, e de prevenir o assalto. Apertado de tão perto, empregou-se Albuquerque em enterceptar os comboios d'Artilheria, e muniçoens, seguindo o antigo sistema das emboscadas. Ainda que estas novas fortificaçoens Hollandezas, pouco mais de meia legoa estivessem distantes do seu Forte Guilherme, era impossivel ao General Batavo conduzir para ellas Artilheria por terra em um terreno coberto de matos, e tão conhecido pelos nossos, quanto desconhecido pelos d'elles; determinou por tanto leval-a pelo rio Capibaribe.

Foi Mathias d'Albuquerque avizado de que pelo rio Capibaribe, apezar de estar mui cheio, subiam com todo o silencio possivel sinco lanchas, e um lanchão armado, conduzindo Artilheria, muniçoens, armas, e mantimentos para as novas trincheiras inimigas. Em consequencia este General chama o Governador dos Indios D. Antonio Felippe Camarão, e ordemna-lhe, que com o Corpo de seu Commando, se embosque em um sitio chamado Guardez (Ponte do Choa) que domina o rio, e aos Capitaens Luiz Barbalho, Manoel Rebello da Franca, Miguel de Abreu, e outros, que se formassem com oito centos homens em Parná-Merim, para o que podesse succeder. Estavam assim depostas as nossas forças, quando ás duas horas da noite de 18 de Agosto de 1633 descubriram as sentinellas do Camarão as lanchas inimigas, que apezar da rapida correnteza do rio, vinham subindo á vara, Prepararam-se as emboscadas, e quando as lanchas estavam sob seu alcance, fizeram sobr' ellas vivissimo fogo, o qual convidando o Corpo formado em Parná-Merim, dá lugar a uma acção sanguinolenta. De ambos os lados chegam soccorros, multiplicam-se as cargas, e depois de quatro horas de um bem sangrado combate, em que os Hollandezes perderam

mais de cem homens mortos, alem de muitos feridos, cahiu em poder dos Pernambucanos seis peças de bronze, oito pedreiros, muita quantidade de polvora, e abundancia de refrescos, queimando o inimigo quasi todas as lanchas, antes de desamparal-as. Esta acção teve mais outra vantagem para os nossos: o inimigo que guarnecia as novas trincheiras, abandonou-as, deixando arvoradas n'ellas as sua bandeiras para encubrir a fuga. Então perdendo Sigismundo as esperanças de continuar o cerco que projectara, abandona sem gloria esta empreza, cujo bom successo submetteria sem duvida toda à Capitania á sua jurisdição.

Não desenganados ainda os Commissarios Hollandezes, decidiram levar suas armas a pontos mais apartados, porem menos fortes. Alagoas, que então já contava algũas Povoaçoens, ainda que secenta legoas ao Sul do theatro da guerra, não era esquecida por Calabar. Este infatigavel mameluco, ahi conduziu os Hollandezes, e depois de ter pilhado a principal Aldeia, que continha cento e vinte habitaçoens, e que por fraca mui pouco resistiu, poz-lhe fogo. A seguuda, que he hoje a capital da Provincia, oppoz-lhe mais alguã resistencia, porem a final tambem succumbiu; e d'esta sorte destruiam cruelmente os Hollandezes aquelle mesmo Paiz que ostentavam querer possuir, e proteger!

Assim, ora sofrendo revezes, ora obtendo pequenas vantagens, os Pernambucanos, quasi sem esperanças de soccorro se sustentavam ainda contra um inimigo poderoso, e activo, cujos reveses eram logo reparados pelo constante cuidado do seu Governo, quando em fim a Corte de Madrid supoz fazer um grande esforço a favor do Brazil, ordemnando ao Fidalgo Francisco de Vasconcellos da Cunha, que se fizesse a vella de Lisboa com dois navios, e sinco Caravellas, transportando seis centos homens de desembarque, e algumas muniçoens de guerra; fraco auxilio em verdade, mas que a penuria dos nossos tornava importante! Chegando a vista da Parahiba em 22 de Outubro de 1633 Vasconcellos foi atacado por uma Esquadra Hollandeza, que ahi cruzava. Algũas das caravellas encalham em terra, e as outras entram no rio Putengy; mas ahi mesmo são tomadas. Não tentam os Hollandezes abordar os navios, temendo as tropas de desembarque; porem batem-os, e fazem-lhe um fogo tão bem derigido, que um d'elles se despedaça na costa, e o outro, onde vinha o proprio Vasconcellos, apezar de sustentar o combate até o resto do dia, pela noite he obrigado a desembarcar uma parte das tropas na bahia Formoza. Entretanto os Hollandezes entram ao amanhecer n'este por-

to, e logo dando uma banda, metem a pique o navio, já danificado pelo combate do dia precedente. Então Vasconcellos conduz para a Parahiba as reliquias das tropas, e das munições que salvara, dando avizo a Albuquerque da sua chegada. Este General faz partir sem demora quatro barcas á vélla, e a remos para conduzirem tudo que se salvara; porem apenas estas barcas haviam sahido do porto, foram accommettidas por muitos navios de guerra Hollandezes, e tão vivamente perseguidas, que não podendo reganhar o porto donde sahiram, encalharam na costa, e os nossos Soldados tocando-lhe fogo as abandonaram ardendo.

D'este modo perdeu Vasconcellos, não somente os navios que trouxera da Europa, mas tambem os que tinham hido em seu soccorro; e os Pernambucanos passaram pelo dessabor de verem dissiparem-se as esperanças que tinham firmado n'este armamento. Foi esta a mais sencivel das perdas, que no decurso d'esta guerra experimentaram: de seis centos homens, que tinham partido de Lisboa n'esta mal fadada expedição, apenas chegaram ao Arraial cento, e oitenta nos fins de Novembro, e uma grande parte doentes.

Favorecidos pela fortuna, os Hollandezes, esmeraram-se em aproveitarem-se de seus favores, e com effeito pouco tempo tardou, que senão vissem senhores dos melhores estabelecimentos do Norte do Brazil. A Fortaleza do Rio Grande do Norte, chave de toda Capitania d'este Nome, tinha a necessaria capacidade para uma longa defeza, tanto pela sua situação, como pela perfeita construção. Treze peças d'Artilheria, e oitenta e sinco Soldados, commandados pelo Capitão Pedro Mendes de Goveia, parecia sufficiente força para repelir os ataques, e sustentar os sitiados. Era tal a importancia que os Hollandezes davam a Fortaleza do Rio Grande, que não empregaram para a tomar menos de deseseis navios, e dois mil homens. Esta Armada sahiu do Recife, sob o commando do Commissario Mathias Centio em Dezembro, levando a seu bordo o transfuga Calabar. Por mais regular que fosse a Fortaleza, tinha o grande defeito de ser dominada por um monte de area, o qual jamais podia ter sido removido, por quanto ainda que algũas vezes se tivesse conseguido nivellal-o com a planice, o vento em breve espaço outra vez acumulava n'aquelle lugar grande porção de area.

Calabar que sabia justamente disto, conduziu os Hollandezes para esta montanha arenosa, onde elles apezar do vivissimo fogo da Fortaleza, costruiram baterias, e colloca-

ram Artilheria. No seguinte dia continuando o fogo, foi Goveia ferido gravemente, e assim não podendo vigiar na defeza do Forte, a sua tropa desde este momento perdeu todo o ardor. Apercebendo-se d'isso o Commissario Centio, intimou á guarnição que se rendesse, offerecendo-lhe com tudo condiçoens toleraveis. Goveia não obstante suas feridas recusou heroicamente entregar-se; mas infelizmente achava-se prezo n'esta Praça um Portuguez de nome Simão Pitta Ortigueira, condemnado em Portugal a prizão perpetua, por enormes crimes que alli commetera, e era Sargento da Fortaleza, e immediato a Goveia um Fulano Pinheiro, Portuguez tambem, desertor do Presidio da Bahia, que por patronato tinha sido admittido na guarnição. Aquelle infame Pitta Ortigueira, aproveitando a occazião do assalto, offereceu-se para a commum defensa, e para isto obteve uma tal qual libertade; e tanto se soube ensinuar, que captau a confiança do Commandante. Aquelle malvado porem, impondo que dezejava occazioens de destinguir-se, para merecer as graças do Rey, nutria em seu fementido peito o disignio de infames crimes! Aproveitando-se da liberdade, que lhe franquearam, elle faz uzo d'ella para entreter com o inimigo inteligencia secretas; e chamando para o seu partido o Sargento dezertor da Bahia, resolvem ambos entregar a Fortaleza, conferenciando com Calabar sobre o meio, e o modo.

Era alta noite, e entregue ao somno repousava o Governador da Fortaleza na fidelidade dos que lhe cercavam o leito, quando Pitta Ortigueira, roubando-lhe as chaves da Fortaleza se derigia para entregal-as a Calabar; mas o Sargento Pinheiro, que na infamia não queria primeiro, arrabata as chaves da mão de Pita, e as leva ao mesmo Calabar, para entregal-as ao Commissario Centio. Então uma forte partida Hollandeza, por meio d'esta traição dá de subito sobre a Praça, em quanto outra, abrindo as portas, penetra, degola o honrado Commandante, ja gravemente ferido, mata a quantos se lhe oppoem, e presiona o resto. D'esta sorte foi entregue a Praça mais forte que tinha-mos, um dia antes de chegar Francisco de Vasconcellos, que com quinhentos homens a vinha soccorrer, e que teve o desgosto de avistal-a, já quando em seus muros tremulava o Pavilhão Hollandez.

Os vencedores acharam em uma das prizoens da Fortaleza um Indio chamado Jaguarary, tio de D. Antonio Felippe Camarão, o qual Indio, vendo sua mulher, e um filho prisioneiros dos Hollandezes, quando em 1625 atacaram a Bahia, passou-se para elles, com disignio de resgatar, ou fugir

com a familia ; mas apezar d'isto, e dos relevantes serviços de seu tio, Jaguarary (que pelo Baptismo havia tomado o nome de Simão Soares) por se ter passado para os Hollandezes, gemia a oito annos nas abobodas da Fortaleza do Rio Grande! Em vão protestou Jaguarary, que não tinha obrado d'este modo, senão para reclamar sua mulher, e filho captivos. O General Portuguez não prestou fé á sua justificação, lansou-o no fundo de uma masmorra, sem attender que era Sobrinho do grande Camarão, nosso fiel alliado.

Assim que os Hollandezes quebraram os ferros de Jaguarary, aprezenta-se este Indio no meio da Povoação, e diz á sua Tribu. « Os signaes de minhas cadeias ainda me ro-« xêam os pulsos, e membros magoados; mas he somente o « crime que he infame, e não o captiveiro ! Quanto mais « nossos compatriotas forem com nosco injustos, tanto maior « será o nosso galardão, permanecendo-lhes fieis, e com « muito maior razão agora que são desditozos !

Os Indios da Tribu de Jaguarary, deixaram-se persuadir facilmente pelo exemplo de um generosidade tão rara, e sob adirecção d'este generoso Indio, prestaram relevantes serviços a Pernambuco!

Senhores da Fortaleza, e da Povoação, cuidou o General Hollandez em estabelecer-se, e alliar-se com uma Tribu Indigina, nossa constante inimiga. O Almirante Hollandez Walduino Henrick, quando em 1624 ancorou em um dos portos do Rio Grande, para commerciar em Pau Brazil, havia levado da Bahia da Traição para Hollanda alguns Tapuyas da Tribu Janduiz, e o Governo Batavo tinha-se esmerado em os educar com cuidado, com o disignio de algum dia empregal-os no Brazil, como Missionarios Politicos. Com effeito logo que á Hollanda chegou a notticia da tomada do Rio Grande, dois d'estes Indiginas foram sem demora enviados para o seio de sua Tribu, a mais barbara de todas da raça Tapuya. Estes Selvagens foram convidados pelos Hollandezes para tomar uma cruel vingança dos Portuguezes, que no fim de Secculo 16° os tinham expulsado da costa, e este convite, grato ás féras impacientes de exercer terriveis crueldades ; foi com prazer acceito. Reunidos este dois bandos, tão diferentes em costumes, e educação, quanto homogenios em maldade, taes devastaçoens, e horriveis excessos commetteram, tal foi a pilhagem, tal a lasciva brutalidade de ambos, que não era possivel destinguil-os : todos eram Selvagens!

Nem uma só Igreja escapou da pilhagem ; o sexo fragil, não podendo jamais subtrahir-se á brutalidade do Soldado

Hollandez, só no suicidio encontrava garantia a sua honestidade. Os mais ricos Rio Grandenses reputavam-se venturosos, si a custa de contribuiçoens exorbitantes, podiam comprar a vida; mas de todos os excessos de barbaridade dos vencedores, o mais afrontoso em verdade foi a ferocidade, que exerceu sobre os malfadados moradores do Rio Grande, a Tribu Junduy, a qual marchando sob o Estandarte Hollandez, não respirava senão vingança. O assassinio, o roubo, o estrupo, em summa todos os crimes não satisfaziam a ferocidade d'estes Salvagens; queriam alem d'isso fartar-se com a carne de suas victimas! Muitas mulheres, para escapar a feroz brutalidade do Soldado Hollandez, e dos seus amigos antropofagos, precipitavam-se do alto das cazas, ou afogavam-se nos rios, e outras sepultavam-se vivas em profundas cavernas!

Todo o territorio do Rio Grande foi theatro d'estas scenas horrorosas! Custa a crer, que um povo civilisado, como o Hollandez, se unisse a entes, aos quase apenas muito a custo concedia a nome de homens, e ainda mais custa a crer, que a estes mesmos, que inculcava querer civilizar, incitassem contra os seus inimigos; como tigres sequiosos de sangue humano; custa a crer sim, mas he uma verdade attestada por centenas de testemunhas! A imaginação se horrorisa, o coração se oprime, e de bom grado um denso véo eu lansaria n'esses horrores, si como historiador, não contrahira a obrigação de expor os factos taes quaes se passaram.

Inimigos quasi tão formidaveis para os Pernambucanos, como os Selvagens Junduiz se havia estabelecido nas matas de Porto Calvo, ao Sul d'Olinda. Eram estes os escravos de Pernambuco, e Alagoas, que aproveitando-se d'esta guerra infeliz, para cobrarem a sua liberdade, evadiram-se a todo o dominio, tanto de seus legitimos Senhores, como dos Hollandezes, que invadiram o paiz, hostilizando a qualquer d'elles logo que podiam. Em 1630, quando quarenta escravos, fugindo a seus Senhores, se reuniram n'essas matas, que denominaram Palmares, e que já á muitos annos serviam de coito a negros fugidos, quasi nem uma attenção mereceu esse Quilombo; mas ainda bem não eram passados tres annos, já elle se tinha tornado formidavel, tanto, que muitas vezes foram nossas tropas obrigadas a destacarem grandes partidas, para repellirem os negros, nas incursoens que faziam nos engenhos, e fazendas circunvezinhas; tarefa que depois da derrota dos Pernambucanos coube aos Hollandezes.

Estes escravos, pela maior parte Africanos, trasferin-

do-se para o interior, e conseguindo defender-se em forma de Nação, mantendo a sua independencia, por mais de meio Seculo, formam na ordem politica uma especie de fenomeno, digno da historia, e da attenção da posteridade: he por isso que eu tocando aqui n'esse facto tão somente, quanto baste para dar uma idea do estado da guerra Hollandeza n'aquella época, reservo um Capitulo d'estas Memorias para a historia circunstanciada do Quilombo dos Palmares, quando tractar do Governador, que gloriosamente o fez destruir.

CAPITULO 8.

Os Pernambucanos tentam tomar o Recife; mas não o conseguem. O General Sigismundo ataca Nazaréth, e apodera-se da povoação do Pontal. Calabar entroduz a Frota Hollandeza no porto. Mathias d'Albuquerque tenta, mas em vão, restaurar a povoação. Calabar salva a Frota Hallandeza de um grande perigo. O General Pernambucano pede ainda scocorro á Hespanha. Hollanda manda um grande soccorro ao Recife. Parahiba he invadida pelo inimigo, e a final conquistada, saqueada, e incendiada. Um Portugez atraiçoa os nossos. Os Hollandezes ganham tambem Itamaracá.

1634.

Os Pernambucanos acossados pelos negros dos Palmares, e pelos Selvagens Junduiz, não estavam já em estado de resistir com vantagem ás tropas Hollandezas victoriosas, e capitaniadas por um Chefe tão habil, e emprehendedor, como Sigismundo. Este General levantou ancoras em 5 de Fevereiro de 1634, e em vinte e quatro navios, e grande numero de transportes embarcou quatro mil homens, com o disignio de surprender o Forte de Nazareth, no Cabo de S. Agostinho, e de tomar depois a Capitania da Parahiba. A importancia, e a riqueza d'esta ultima Capitania, devia excitar-lhe a ambição, ainda mais por que os Parahibanos se tinham defendido, e repellido os Hollandezes em mais de um ataque.

Mathias d'Albuquerque, suspeitou o projecto de Sigis-

mundo, e aproveitou o momento em que o Recife estava falto de Soldados, para aventurar um subito assalto, e retomar esta praça aos Hollandezes. Uma tal empreza demandava tanta firmeza, como audacia: d'estas qualidades não carecia o Capitão Martim Soares Moreno, que se encarregou d'esta commissão tão gloriosa, e, lisongeando-se de durante a noite dar um assalto no Recife, com oito centos homens escolhidos, marchou.

O rio Beberibe não tinha senão um só ponto vadeavel, e este mesmo era dominado por um navio armado, estacionado pouco mais ou menos defronte do lugar, em que hoje está collocado o Arsenal de Marinha. Chegado pela meia noite sobre a margem do rio em S. Amaro, Soares fallou á sua tropa n'estes termos.

« Eis-aqui, bravos Pernambucanos, uma occazião se-
« gura de tomar ao inimigo a praça mais forte que possue no
« Brazil, ou aquella sem a qual não poderia nada conser-
« var, nem conquistar. O successo depende de algum mo-
« do do curto transito, que separa as duas margens d'este rio;
« mas este obstaculo não nos pode deter. Si esperar-mos
« para atrevessal-o mais a nossa salvo, que vaze a maré, per-
« deremos a vantagem das trevas, que nos protegem, e nos
« dão a esperança de surprender o inimigo, entregue ao somno.
« Lansemo-nos a nado, si as espingardas vos embaraçam, dei-
« xai-as, e não vos sirvaes senão das espadas; a arma branca
« nos bastará.

« Recommendo-vos sobre tudo, que não hesiteis; não se
« deve dar quartel ao inimigo; cheguemos em silencio aos seus
« postos avançados, degolemos sem piedade tudo quanto se
« nos aprezentar, e então demos immediatamente o assalto á
« Praça. He d'esta sorte que podereis justificar a escolha do
« General em Chefe, e encher as esperanças do Exercito, d'entre
« o qual fosteis escolhidos. Tudo espero do vosso valor: porem si
« atomada do Recife não coroar os vossos esforços, provai ao
« menos á aposteridade, que não degenerasteis dos vossos an-
« tepassados.

Soares deu sem demora o signal, e o exemplo lansando-se primeiro no rio, que felismente vadea seguido de cem bravos que o imitam. Chegando a outra margem, este punhado de intrepidos Pernambucanos, sem mesmo se aperceber si era seguido pelo resto da columna, ataca com impetuosidade as principaes obras do Isthmo, que liga Olinda áo Recife, penetra-o, e passa quantos inimigos encontra a fio de espada. No momento d'este ataque imprevisto, dão as sentinellas Hollandezas grandes brados para o interior da Praça: a confuzão,

e a desordem se apossam da guarnição, e do povo, e supondo cada um já o Forte em poder dos assaltantes, cuidam mais em fugir, do que em defendel-o.

Arrancado inopinadamente ao somno, o Commissario Hollandez Centio, que ficara guardando o Recife com quatro centos homens, arroja-se quasi nú na primeira canoa que encontra, e refugia-se na Fortaleza das Sinco Pontas, em quanto os habitantes do Recife, assustados pelo tumulto, pelo rumor das armas, e pelos gritos dos combatentes, correm para se abrigarem nas outras fortificaçoens; mas tambem a perturbação reinava entre os nossos: o dia começava a romper, o navio que estava de guarda, derigia o seu fogo contra o váu do Beberibe, e posto que os tiros fossem derigidos ao accazo, desconcertaram todavia a principal columna de ataque; os que já estavam n'agoa regressaram, os que principiavam a passar o rio não ouzaram mais, e assim sette centos homens abandonaram d'esta modo ao seu destino, um punhado dos seus companheiros intrepidos, que lhes tinha aberto o caminho da honra, e da gloria.

A valorosa centena de Soldados, que havia seguido a Soares, não sendo apoiada, e vendo que o dia se adiantava foi forcada a retirar-se, levando os seus feridos ás costas, atravez do vau de Beberibe, que tornou a passar debaixo de um chuveiro de ballas! Si toda a Columna se tivesse conduzido com tanta resolução, como a vanguarda, o Recife seria tomado por um feliz accazo.

Em quanto os Pernambucanos eram mal succedidos no Recife, o General Sigismundo, depois de ter desembarcado na Parahiba, fazia armar barracas, e dava começo a trincheiras defronte do forte Cabedello, sem com tudo tencionar proseguir no sitio, e tomada d'essa praça, por que o seu fim era atrahir para esse ponto a attenção dos nossos, para mais a seu salvo dar n'outro. O projecto de Sigismundo era atacar as nossas fortificaçoens do Cabo de S. Agostinho, das quaes precizava apossar-se, para completar a conquista de todo Pernambuco. Era ahi que os Pernambucanos embarcavam os seus productos, e que recebiam da Europa, e das outras Capitanias do Brazil provizoens, e soccorros. Depois de ter por alguns dias dissimulado o seu fingido ataque, Sigismundo torna a embarcar-se a pressa, e seguindo o rumo do Sul, apparece subitamente nas agoas do Cabo de S. Agostinho em 4 de Março do ditado anno. Pedro Correia da Gama, que era o Commandante do Forte de Nazareth, não tinha de guarnição mais de trezentos e sinquenta homens, comprehendidos os mo-

radores em estado de pegar em armas.

Parte da força Pernambucana acámpou-se n'esse mesmo Forte, (obra inntil de Bagnuolo) muito distante para dominar a povoação do Pontál. Correia da Gama, sem se alterar com a superioridade do inimigo, destaca duzentos homens para irem defender a praia da Taipa (uma legoa ao norte da fortaleza) donde os Hollandezes poderiam marchar sobre o Pontal, que estava fora do alcance da Artilheria da barra. Entretanto Mathias d'Albuquerque, tendo noticia do designio do inimigo, deixa o Arraial e manda um soccorro para Nazareth, o qual consegue chegar ainda a tempo de se reunir aos fuzileiros, que marchavam ao longo da praia, para observar o inimigo. Com effeito este depois de ter tentado desembarcar na Taipa, onde foi batido, determinou desembarcar no lugar chamado – *Pedras-pretas* – e com effeito desembarcando quatro centos homens, debaixo de vivissimo fogo, travou-se ahi uma acção renhida, e por muito tempo indiciza, tornando por fim a embarcar os Hollandezes, que n'este conflicto, e no da Taipa deixaram mortos na praia noventa homens, tendo a nossa gente sómente dois mortos, e alguns feridos, e entre estes o Tenente D. Diogo de Monroy.

A primeira divizão da Esquadra Hollandeza, composta de doze vélas, e que se tinha adiantado ao resto da Frota, vendo os obstaculos que tinha o desembarque, aventurou-se a ganhar a dianteira ás baterias, e assim dominar a povoação, apezar de ser a barra estreita, e o passo perigoso. N'este transito, um dos navios teve o leme arrancado, e despedaçou-se, dous foram a pique; mas os outros, não sem grande risco, adiantaram-se, ancoraram defronte do Pontál, e bateram a povoação com tal vigor, que os habitantes, pela maior parte pescadores, em vez de a defender, a abandonaram depois de lhe tocar fogo, e em alguns navios que estavam a cerga; mas o inimigo saltando immediatamente pode salvar grande parte das cazas, e os armazens que estavam bem providos.

Meia legoa ao Sul havia no recife uma entrada (do Suápe) que conduzia directamente ao porto; mas tão estreita, que sempre se suppoz, que uma pequena canoa não poderia entrar por ella. Calabar, que estava a bordo das embarcaçoens, tinha melhor pensado: nada escapava ao olho observador d'este mulato. Elle sonda a barra, e depois consegue fazer entrar por ella os navios, (com grande admiração dos moradores) desembarca as tropas no Pontál, e ahi ellas se fortificam. Então tornou-se singular a situação dos dois partidos: a povoa-

ção, e o porto estavam em poder dos Hollandezes; a barra, e a Fortaleza em o nosso, demaneira que o inimigo não se podia communicar com as suas principaes forças, que tinham ficado fora, senão em chalupas (pequenas lanchas) ou por meio da nova barra, que Calabar acabava de descubrir, que sobre perigosissima, era mui estreita, e carecia de profundidade.

Entretanto Mathias de Albuquerque, e o Conde Bagnuolo, deixando o Arraial, e a fortaleza do Bom Jezuz sob o commando dos Capitaens Luiz Barbalho, e Francisco Serrano vinham a marchas forçadas em soccorro de Nazareth, mas achando o porto, e a povoação em poder dos Hollandezes, marcham contra elles a frente de uma columna de oito centos homens, tomam uma bateria que tinham construido, e chega até aos principaes intrincheiramentos. Estas fortificaçoens, feitas a pressa, eram de pouco valor, e já os Hollandezes, abandonando-as, se retiravam para os seus navios, quando appareceu uma partida dos nossos, que tinha recebido ordem de accommetter os contrarios pela retaguarda. Immediatamente ouve-se nas fileiras de Mathias uma vós, exclamando que aquella partida era de Hollandezes, que lhes hia cortar a retirada. Este rumor (que alguns atribuiram a traição de um Portuguez que vinha com a nossa gente) desordena a colnmna de ataque, e espalha a confuzão ent'ella. Em vão se esforçam os Chefes para desenganar os Soldados, e tornal-os a ajuntar: um terror panico n'elles impera, e a Artilheria dos navios jogando vivamente acaba de os despersar: d'esta sorte perdeu Mathias a melhor occazião de cobrar o Pontál, alem de vinte mortos que ficaram no campo, e muitos feridos, entre os quaes se contaram os Capitaens Domingos Dias, Miguel de Abreu, Estevam de Tavora, Fernão da Silva, e outros, cujo valor augmentou n'esta occazião sua fama.

Não obstante as vantagens sobre as Pernambucanos alcançadas, Mathias era ainda Senhor do forte de Nazareth, e da barra, o que ainda o fazia tão formidavel aos Hollandezes, que não se atreveram a emprehender mais outra acção. A sua Esquadra estava distante: o canal que uma só divizão tinha passado, sendo tão estreito, que não tinha senão o espaço necessario para a passagem de um só navio, cujas vergas tocavam a terra de um lado, e o recife do outro, não se concebia como esta Divizão poderia sahir pela mesma passagem com tão poura perda como entrara. Toda a costa estava alem d'isto cuberta de Reductos, que Mathias guarnecia, esperando que estes navios inimigos cahissem em seu poder. Julgava elle já segura a sua preza; mas todos os outros Officiaes, que

viram como os navios Hollandezes tinham entrado no porto por um canal até então nunca fendido, receiaram que elles não tornassem a juntar-se com a Esquadra, por algum meio pouco facil de prever.

Com effeito Calabar a golpes de picão e marreta começa a fazer alargar o canal, que elle primeiro que todos passa para experimentar; depois faz desarmar os navios, e não se achando ainda assim agoa assás bastante para as suas quilhas, deminue-lhes o pezo, e então reboca-os um depois de outro a vista dos nossos, cuja surpreza igualava a raiva!

Tendo pos Sigismundo salvado os seus navios d'esta sorte por conselho de Calabar, deixou dois mil homens para defender o Pontál, e tornou para o Recife em fins de Março com o resto da expedição. Ainda que Nazareth, como porto estioesse perdido para os Pernambucanos, elles todavia julgaram conveniente manterem-se nos Reductos, e na Fortaleza que occupavam, por que ainda não tinham perdido as esperanças de recobrar a povaação, a qual por ordem de Mathias foi atacada novamente no ultimo de Março, mas sem fructo; por que depois de um bem sangrado combate de muitas horas, no qual os Hollandezes soffreram bastante, retiraram-se os nossos com perda de um Alferes, e seis Soldados mortos, alem de muitos feridos.

Os nossos Generaes acamparam-se em Nazareth para aproveitarem o momento favoravel, e d'ahi enviaram despachos para Hespanha, a fim de dar conta da sua posição critica, e ao mesmo tempo reitirar a requesição de um prompto soccorro. Da sua parte o Conselho do Recife resolveu excitar por todos os meios possiveis a Companhia Hollandeza, para completar a conquista de um Imperio, que cedia em todos os lugares á fortuna de suas armas. Os dois Commissarios Centio, e Gleissenghen, querendo secundar os projectos do Principe de Orange, voltaram a Europa, afim d'elles mesmos confirmarem de viva vós aos Estados Geraes Hollandezes a importancia da possessão do Brazil.

Chegados a Haya teceram grandes elogios à fertelidade do terreno de Pernambuco, á salubridade do seu clima, e ás vantagens da sua navegação: com menos complacencia não exposeram elles as privaçoens que os nossos soffriam, a falta de esperanças que desanimava as nossas tropas, as quaes não recebendo nem reforços, nem soccorros viam todos os dias deminuir o seu numero, e enfraquecerem-se os seus meios. « As desposiçoens geraes do paiz (accressenta-« vam os Commissarios) são todas a favor da Hollanda: deze-

« jam em Pernambuco um Governo mais protector do que « da Hespanha. Em pouco tempo os Brazileiros serão subju- « gados sem remedio, ou postos em fuga, si uma poderosa « armada vai reforçar, e secundar as tropas Hollandezas de « terra, e mar, cujos gloriosos esforços, tem já submittido « duas Provincias, e muitas Cidades, e Villas do Brazil á « obediencia da Hollanda.

Uma exposição tão favaravel decedíu a Companhia Occidental a fazer esquipar uma Frota de quarenta e seis embarcaçoens de guerra, nas quaes fez embarcar uma Divizão de tres mil quinhentos homens, dando o Commando ao Coronel Artyosk, Polaco de Nação, e que já se tinha destinguido no serviço das Provincias Unidas. A comparação de uma tal armada, com os fracos soccorros, que Hespanha fez passar ao Brazil he sencivel: estes soccorros limitaram-se n'esta campanha a tres caravefas montadas por cento e sinquenta homens de desembarque ás ordens de Pedro Cabral! D'este modo os reforços enviados para concluir a conqnista de Pernambuco estavam na razão decupla, em proporção dos soccorros que deviam protegel-o. Nunca a Hespanha se descuidára tão vergonhosamante do Brazil, possessão Portuguza.

Olivares, que exclusivamente dominava nos Conselhos do Rey de Hespanha, já não recebia senão com enfado, e desprezo as reclamaçoens dos Brazileiros, e de Portugal. Tirou o Governo d'este Reyno a D. Diogo de Castro, Conde de Bastos, que exercia o lugar de Vice-Rey, e que era publica, e particularmente interessado na restauração de Pernambuco, e o fez dar a Duqueza D. Margarida, viuva de Vicencio Gonzaga, terceiro Duque de Mantua e Monferrato. Esta Princeza tinha por Secretario Miguel de Vasconcellos, (filho do Doutor Pedro Barboza, homem inquieto, e immoral) cujo despotismo não podia deixar de accelerar uma revolução, que a desposição dos espiritos, e o descontentamento geral tornava inevitavel; uma revolução que devia ter sobre o Brazil uma influencia tão deciziva. O lugar de Secretario de Estado Portuguez, antes de Vasconcellos, era exercido por Felippe de Mesquita, a mais de quatro annos, em lugar de seu tio Christovam Soares, ambos estimados da Nobreza Portugueza, e do Povo; mas como era necessario empregar quem melhor correspondesse às intençoens do vallido do Rey, foi Mesquita substituido por Vasconcellos, cunhado, e sogro de Diogo Soares, que junto ao valido occupava em Hespanha o lugar de Secretario do Conselho Portuguez.

Antes do fim da campanha d'este anno, chegaram de vol-

ta da Europa os Commissarios da Companhia Hollandeza ao Recife, tendo sahido de Hollanda com uma Esquadra de quarenta e seis navios de guerra. O primeiro artigo das suas Instruçoens continha ordem expressa de atacar a Parahiba, cuja capital, que os Hespanhoes denominavam – *Felippa* – em honra do seu Rey, e os Hollandezes – *Frederica* – em obzequio ao seu Principe, não tinha deixado de conservar o nome do rio que a refresca. Parahiba era já uma Cidade florecente, tendo mais de sette centos vezinhos, sem contar os que se tinham retirado no principio da guerra. Alem de muitas Igrejas ella possuia um Convento da Misericordia, e mais tres, um de Benedictinos, outro de Capuxinhos, e o terceiro de Carmelitas, e vinte engenhos de assucar. A situação da Cidade he que poderia ter sido mais bem escolhida, si a não collocassem longe do porto tres legoas, em um terreno pantanoso, e pouco salubre. O forte Cabedello, que da margem meridional domina a entrada do porto, era de muito maior importancia do que a Cidade; podia-se con cideral-o como chave de toda a Provincia.

Sobre a outra margem do Parahiba, se elevava o forte S. Antonio, (a) cujas fortificaçoens não estavam ainda concluidas. Nove centos homens guarneciam os fortes, e os Reductos. Sobre o escolho de uma ilha arenosa, chamada S. Bento, entre Cabedello, e S. Antonio, a um tiro de espingarda d'estes dois fortes, estava situada uma bateria de sette peças, defendida por quarenta Soldados. Taes eram os meios de defeza do Capitão Mor Antonio de Albuquerque Maranhão, Governador da Parahiba, que desde a primeira aparição dos Hollandezes, não perdeu tempo, a fim de se preparar para um vivo ataque. Tinha elle a pouco tempo enviado seu irmão á Europa, para fazer conhecer ao Rey, e aos Ministros o estado de fraqueza da importante Capitania, que lhe fora confiada, não tendo, reprezentava elle ao Rey, para oppor ás emprezas do inimigo, senão Milicianos inferiores em numero, indissiplinados, e sem experiencia; porem estas representaçoens não produziram effeito algum na Corte de Madrid; e assim, tanto a Parahiba, como Pernambuco foram abandonadas á sua sorte.

O General Sigismundo deu a véla do Recife, e appareceu a vista do forte Cabedello com trinta e dois navios, e com dois mil e quatro centos homens de desembarque. Era impossivel defenderem-se todos os pontos accessiveis da praia contra uma força tão superior; e por isso os Hollandezes effeituaram

(a) Hoje nem vestigios ha d'este Forte.

o desembarque, sem outra perda mais do que a de quatro lanchas que se viraram. Na primeira escaramuça os Parahibanos repelidos, retiraram-se em desordem para o forte, deixando desoito mortos no campo, um grande numero de feridos, e dez prezioneiros. Foi do numero d'estes presioneiros um Portuguez, chamado Bento do Rego Bezerra. Este homem, que nem um amor tinha ao paiz, onde só tinha vindo adquirir riquesas, para desfructal-as na Europa, preferindo os bens á honra, dedicou-se aos interesses dos inimigos da sua Nação, e valendo se da ascendencia que as suas riquezas lhe davam sobre a populaça, contribuiu o mais possivel para fazer entrar toda a Capitania da Parahiba no dominio Hollandez, esperando por este meio vil, conservar intactas todas as suas riquezas.

O General Sigismundo, tomando conselho com este traidor, marchou para o forte Cabedello, e começou o cerco; mas as suas tropas ficaram expostas ao fogo da bateria de S. Bento. Cumpria por tanto apossar-se d'este escolho, por que não só encommodava os aproxes; mas tambem fazia entrar com segurança as embarcaçoens, que vinham em soccorro do forte. N'estes disignio mandou Sigismundo atacar S. Bento pelo Coronel Andrezon, e este, aproveitando a espessa nevoa que escureceu o ar da manhã de 9 de Dezembro de 1634, passa a barra com uma Divizão de sette navios pequenos, e seis barcaças, e com tal cautella, e tão coberto pela nevoa, que quando os Parahibanos o aperceberam, já a Divizão estava entre os fortes! Immediatamente oito centos Hollandezes, desembarcados sobre o escolho, atacam os quarenta Soldados Brazileiros, que guardavam a bateria. Vinte e seis d'estes morreram, e o resto nadou para as embarcaçoens chegadas muito a tempo para os soccorrer, porem não para salvar o ponto atacado. Senhor d'este posto, voltou a artilheria contra o Cabedello, e no primeiro dia matou onze Soldados nossos, e feriu desenove. Um tiro de fuzil quebrou o queixo do Capitão João de Matos Cardozo, commandante do forte; mas esta ferida não o fez largar o seu posto, e o combate, ate que o Capitão Mor Antonio d'Albuquerque o veio obrigar a retirar-se com outros feridos, e a deixar em seu lugar o Capitão Jeronimo Pereira.

Os sitiados, privados de auxilios, que não esperavam senão do forte S. Antonio, experimentaram falta de viveres, e de municoens, por que era dificil introduzir no Cabedello couza algũa. Por terra a distancia era de nove legoas, e o infatigavel Calabar, guia fiel dos Hollandezes, tinha-se ahi posta-

do para lhes indicar as veredas, e empedir a communicação entre os dois fortes, e a Cidade. Ir por agoa, por baixo do fogo dos sitiantes, que, senhores das duas margens, crusavam os seus tiros, era o unico, mas arriscadissimo meio de soccorrer a Praça.

Não foi senão ao favor das trevas, e do fumo da artilheria, que quatro lanchas cobertas de couros molhados, levaram alguns soccorros á fortaleza, desenvolvendo-se tanta coragem e patriotismo n'esta empreza, que os mesmos inimigos o elogiaram. Antonio Peres Calhau, que commandava uma d'estas lanchas carregadas de muniçoens, atrevessava, por entre um chuveiros de balas, de S. Antonio para o forte sitiado quando uma bala d'artilheria mata a seu lado um dos seus camaradas, fere outros dois, e lhe leva o braço, que regia o leme. Seu irmão Francisco Peres Calhau, levanta-se e quer tomar-lhe o leme, porem Antonio Peres recusa dar-lh'o dizendo – *Para me suceder em o posto, ainda tenho este irmão mais chegado* –, (mostrando-lhe o braço esquerdo) e logo passando o leme para outra mão, proseguiu como dantes; entretanto outra bala, dando-lhe nos peitos, o faz cahir sem acordo: então seu irmão corajosamente o imita, lansando emmediatamente mão do leme, importando-lhe mais a obrigação, do que a vida de seu irmão, e amigo. Francisco Peres continuou pois a governar a lancha, mas sendo ferido tambem na mão direita serve-se, como o primeiro da esquerda: finalmente as lanchas effectuam a passagem, e entroduzem o soccorro na Praça; e os dois irmãos foram felizes, porque se curaram de suas feridas; porem tal foi a ingratidão do Governo Portuguez, que toda a recompença que estes dois intrepidos marinheiros tiveram, foi apenas a estima, e admiração de seus Compatriotas!

Todavia os Hollandezes apertavam vivamente o cerco, e haviam levantado baterias, que batiam o forte noite e dia: já alguns baluardes minados tinham saltado, fazendo grandes ruinas, e matando muitos homens; já as peças pela maior parte estava desmontada, os artilheiros mortos, ou feridos, e as muralhas quasi derribadas, quando o Capitão Jeronimo Pereira, ferido de um golpe mortal, foi substituido no Commando pelo Capitão Gregorio Guedes Souto Maior: então só promptos soccorros podiam salvar a fortaleza. Entretanto chega Bagnuolo do Campo Real de Pernambuco com um reforço de trezentos Hespanhoes, e Napolitanos; porem não só foi muito vagaroso na sua marcha, como tardo em tudo, porque em vês de soccorrer immediatamente o Cabedello, com aquella rapidez, que a sua penuria demandava, mandou chamar a Antonio d'Al-

buquerque, e deteve-o com inuteis conferencias!

Os sitiados ainda que indignados pela auzencia, e inacção dos Generaes, recusaram renderem-se ás primeiras intimaçoens, posto que a Praça já não estivesse em estado de defender-se; mas Sigismundo, a quem o cerco havia custado seis centos homens, offerecendo-lhe proposiçoens toleraveis, conseguiu que a Fortleza, que tão corajosamente se tinha defendido, lhe fosse entregue; e assim a chave da Capitania da Parahiba ficou em poder dos Hollandezes; assim como o forte S. Antonio que teve igual sorte. Ainda restava a Cidade, onde as forças da Capitania, e os soccorros de Bagnuolo poderiam ter-se concentrado. Mas este General que tinha previsto, e annunciado a entrega dos fortes, sem se oppor, e cuja experiencia militar não servia senão de presagiar as derrotas, julgou toda a resistencia vã, e aconselhou aos habitantes da Parahiba de levarem os seus effeitos mais preciosos, e abandonarem a Cidade. Dá elle mesmo as ordens, sem escutar reprezentação algũa, e, sem esperar a volta do Capitão Mor Governardor, que se posera em marcha para salvar o forte S. Antonio, fez pôr fogo aos navios ricamente carregados, que estavam fundeados no porto, e pôs-se em retirada!

Os Soldados de Bagnuolo, quasi todos mercenarios Hespanhoes e Italianos, despostos a roubar com igual rapacidade a amigos, e inimigos espalharam-se pelas cazas, devastaram, commetteram grandes desordens, e finalmente saquearam a Cidade, como se tivesse sido tomada de assalto! Os habitantes assim desesperados a entregaram ás chamas, e para não cahirem em poder do inimigo, seguem os saqueadores na sua retirada; mas estes lhe arrancam o que tinham podido salvar do incendio! Torna-se então geral a indignação, contra uma Soldadesca desenfreada, que em vez de proteger as propriedades, e de defender o paiz, mostra-se mais formidavel do que os inimigos. Não dando ouvidos, senão ao seu justo ressentimento, os desgraçados habitantes da Parahiba, fogem d'estes mercenarios de Bagnuolo, e voltam a render obidiencia aos Hollandezes, imitando assim um grande numero dos seus Concidadãos, que fatigados de lutar contra a má fortuna, tinham ficado na Cidade entregando-se á nova Administração. Bagnuolo com a sua tropa, ou com os seus Saltiadores, que deshonravam o nome de Soldado, dirigiu a sua marcha para o forte de Nazareth, carregado com a maldição dos habitantes da Parahiba, onde somente appareceu, para profetisar infortunios, e abandonal-a a rapacidade de suas tropas.

Sigismundo, não achando obstaculos, veio occupar a

Cidade, reparou os damnos do incendio, e guarneceu os fortes da barra com uma numerosa guarnição, assegurando assim a posse de sua conquista, á vista do inimigo em fuga. Logo que o ultimo forte se rendeu, operou Antonio d'Albuquerque a sua retirada para a Cidade, não suspeitando que ella tivesse sido assim abandonada; de maneira que deram-lhe notticia d'este abandono, as salvas d'Artilheria com que o inimigo celebrava a victoria. Vendo os fortes, e a Cidade perdidos, procurou este General um posto vantajoso, para ahi se entrincheirar, esperando ainda defender e disputar o paiz; porem os Soldados desanimados, não patentearam confiança algũa, e pelo contrario a maior parte o abandonou, e até duas companhias de Indios se juntaram ao inimigo vencedor.

Com tudo Antonio d'Albuquerque, concervou-se firme, não perdendo as esperanças de melhorar de fortuna; mas Sigismundo, conformando-se com as instruçoens dos Commissarios Hollandezes, e com a politica das Provincias Unidas, fazia offerecer secretamente por Duarte Gomes da Silveira (Portuguez potentado, estabelecido na Parahiba e amigo do outro traidor Bento do Rego) aos principaes moradores, e aos Chefes dos Indios *Salvos conductos* em nome do Principe de Orange. Silveira, que figurava entre os Parahibanos, e que tinha sacrificado parte de sua fortuna, e perdido seu unico filho na defeza do Paiz, tornou-se por uma indigna mudansa, e para conservar o que ainda possuia, o emissario secreto dos Hollandezes no mesmo campo dos seus Compatriotas, aos quaes promettia em nome de Sigismundo o livre exercicio da Religião Catholica, o gozo das suas propriedades, e a vantagem de poderem tirar dos armazens do Recife mercadorias da Europa, que receberiam a credito, e pagariam em productos Brazileiros. Antonio d'Albuquerque, descubrindo a traição de Silveira, meteu-o em ferros, e o mandou manietado ao General em Chefe Mathias d'Albuquerque; mas durante a viagem um destacamento Hollandez o livrou.

Em vez de tranquilamente aproveitar-se do favor da sorte, que o livrou dos ferros, Silveira, não se occupou mais senão em se vingar de Antonio de Albuquerque; e persuadido que realçava os serviços que prestara aos Hollandezes, entregando-lhe este Chefe, traçou o seu perfido projecto, e depois de o ter concertado com Sigismundo, a fim de que Albuquerque lhe não escapasse, veio atrevidamente encontral-o, e dice-lhe « A Providencia pôs em meu poder dois meios para « provar a minha innocencia: o primeiro permitindo que os « Hollandezes me livrassem, quando injustamente V. S. me

« mandava prezo, e o segundo quando eu der aos meus Com-
« patriotas um pinhor certo da minha fidelidade. Os inimi-
« gos são em pequeno numero na Parahiba, onde desorien-
« tados pelo excesso dos alimentos, e do vinho, seriam facil-
« mente prezas do valor de V. S. si marchasse immediata-
« mente a surprendel-os, e atacal-os de repente. Venha
« V. S. que eu darei o signal do ataque, e assim facilitan-
« do-lhe uma victoria dicisiva, provarei que tenho, como sem-
« pre um coração Portuguez.

Illudido por este discurso artificioso, Albuquerque promette a Silveira que atacaria os Hollandezes no momento que elle désse o signal que convencionaram. Dispoz-se pois para a marcha; mas os seus Officiaes, descubrindo n'esse mesmo discurso de Siloeira um laço, o dissuadiram, e o fizeram deixar a Parahiba, onde reinava a desconfiança, e a traição. Antonio d'Albuquerque então effeituou a sua retirada para Pernambuco com as reliquias de suas tropas, e o traidor Silveira, vendo malogrado seu perfido projecto, refugiou-se entre os Hollandezes. Estes porem pensando maduramente julgaram que um homem, que fora traidor com os seus Concidadãos, e que maquinara um artificio tão subtil, poderia adiantar mais as suas intrigas, e enganal-os, e prevenindo se por tanto o prenderam, e conservaram por muitos annos em uma prizão.

Sigismundo seguindo o curso de seus prosperos successos, destacou para o interior da Provincia muitas columnas de suas tropas ligeiras, ás quaes as povoaçoens, as Aldeias, e diversas habitaçoens, quasi dizertas, por terem os moradores emigrado para Pernambuco, se renderam a descrição. Todos os Indios da Capitania saudaram os seus novos Senhores, e os do Rio Grande do Norte reconheceram igulmente o dominio da Hollanda. Não foi com a mesma facilidade que Sigismundo se apoderou da Capitania de Itamaracá. Mathias d'Albuquerque, conhecendo o disigno do General inimigo, e desconfiando que intentasse por ultimo a tomada da Fortaleza do Arraial, ordemnou ao Capitão Rebellinho, que com algũas companhias, tiradas de Nazareth, e do Arraial sahisse a cortar o passo do inimigo, e que quando o não podesse bater, não descançasse de o picar continuamente. Em consequencia marchando Rebellinho chegou com as Companhinhas que levava, e as de alguns moradores que se lhe aggregaram, a uma Aldeia chamada S. Miguel de Mussupe, onde fez alto, e foi avizado que Sigismundo com todo seu Exercito marchava em direitura ao mesmo lugar. Mui inferior em forças para offe-

recer acção, Rebellinho, toca fogo nas cazas que haviam em S. Miguel, e retira-se para um campo no interior das matas, porem mui acomodado ao genero de guerra que adoptara. Entretanto Sigismundo aproxima-se, e não encontrando quem se lhe opponha, segue para Mussurepe, engenho dos Religiosos Beneditinos, que achou desamparado, mas muito abastecido de viveres que o fartaram. Aqui atacou Rebellinho com noventa homens a Sigismundo na passagem da mata de João Leite, fazendo tal estrago que duas vezes ganhou, e perdeu a passagem, até que foi obrigado a retirar-se. Entretanto, informando-se Sigismundo do lugar em que estava o nosso Capitão cercou-o, e bateu-o vigorosamente, matando-lhe alguns Soldados, e ferindo á muitos, até que ferido tambem o mesmo nosso Capitão Rebellinho por duas ballas, retirou-se com os seus por entre o mato.

Concluida esta acção Sigismundo marcha para Maciape, commette as maiores barbaridades, rouba os moradores, e depois de dar-lhes bilhetes de segurança, ou Salvos conductos. Entretanto Luiz Barbalho, com um columna de quinhentos homens, espera o inimigo entre Maciape e S. Lourenço, mas Sigismundo sendo avizado de que tão perto o esperavam, e tambem de que Mathias d'Albuquerque, apezar de se achar enfermo, marchava a desputar-lhe a conquista na povoação de S. Lourenço, deixou Maciape, mui bem fortificado, e guarnecido, recolheu-se ao Recife, como conquistador da Parahiba, e com uma rica preza, atrevessando as campinas de Paratibe.

Estes successos estrondozos concluiram a campanha de 1634, e deram esperanças aos Hollandezes de consumar a conquista de Pernambuco, cuja pacifica posse lhes garantia os meios de se aponderarem de todo Brazil.

CAPITULO 9.

Os Generaes, e Commissarios Hollandezes deliberam em Conselho, que se continue a guerra com todo o ardor. O General Artijoski cerca a nossa Fortaleza do Arraial, que a final se rende por capitulação. Os Hollandezes portam-se infamemente com os vendiços. A Fortaleza de Nazareth he investida, e a final tambem cede. Ataque e tomada da Villa de Porto Calvo. Corajosa resistencia dos nossos em Serinhaem. Heroismo da Pernambucana D. Maria de Souza. Os Pernambucanos imigram para Alagoas. Sebastião de Souto illude os Hollandezes. Mathias d'Albuquerque retoma Porto Calvo. Calabar he prezo, processedo, e enforcado. Mathias d'Albuquerque retira-se para as Alagoas, e Pernambuco fica entregue aos Hollandezes.

1634 E 1635.

Os negocios da guerra, posto que favoraveis ás armas Hollandezas, nem por isso deixavam de cada dia merecer mais a attenção dos seus Generaes, e Commissarios: todos os dias haviam Conselhos de guerra, e nem uma deliberação importante se tomava, sem que primeiro fosse descutida em Conselho. Em um d'estes expôs o General Sigismundo, que era geral a consternação dos Brazileiros, desde que as tropas Hollandezas victoriosas lhes tinham tomado quatro capitanias; que os mesmos Brazileiros haviam chegado a um tal estado de abatimento; que os Generaes Batavos encarregados do seguimento d'esta guerra, seriam culpados senão se apressassem em aproveitar os favores da fortuna, para se apossarem por viva força, ou por artificios dos dois pontos fortificados, que restavam aos Pernambucanos. Segundo a opinião de Sigismundo, estas operaçoens não deviam ter demora, convindo necessariamente precedel-as por uma segunda invazão da Capital (Bahia) do Brazil; ultimo golpe que era precizo, para completar a conquista d'este vasto Imperio.

As razoens do General Hollandez, cujas operaçoens acabavam de ser coroadas com felices resultados, captaram os votos do Conselho, onde finalmente se deliberou que as Fortalezas de Nazarethe e do Bom-Jezuz do Arraial se atacassem a um mesmo tempo, por dois Corpos do Exercito, independentes um do outro. Sigismundo encarregou-se da Divizão, que devia tomar Nazareth, e o Coronel Christovam Arquichofle

teve o mando do cerco da Fortaleza do Arraial: cada um d'estes Corpos Hollandezes não tinha menos de trez mil homens.

Apenas se poseram em marcha as columnas Hollandezas, o susto e a consternação tornaram-se geraes. Não he já uma só Cidade, um só porto, um só fortaleza que os Hollandezes ameaçam; os unicos baluartes de Pernambuco, cuja conquista ardentemente ambicionam, são os que elles ameaçam. Os nossos Agricultores, vendo que os Hollandezes se aproximavam, recolheram-se com suas mulheres e filhos, e o que tinham de mais valor, ás fortificaçoens do Arraial de Nazareth.

Mathias d'Albuquerque, que não partecipava do susto, que á muitos aterrava, julgou de seu dever conter os esforços do inimigo, que já dessolava o campo, e destacando algũas Companhias ligeiras, ordemnou-lhes que incendiassem as plantaçoens, a fim de nada ter em que se sevar a cubiça Hollandeza. E como a posição do Arraial já não era assás central, Albuquerque assentou o seu Campo no territorio da Villa de Serinhaem; e convocando ahi um Conselho de todos os principaes Officiaes, e dos Pernambucanos mais ricos, que nunca o desampararam, submetteu á deliberação d'esse Conselho os negocios da guerra. Quasi todos votaram que se demolissem as fortificaçoens do Arraial, a fim de se concentrarem todas as forças em Nazareth, onde sendo aberta a communicação maritima, podiam chegar os soccorros sem obstaculo. Troxe então Albuquerque á lembrança, com uma especie de orgulho, que defendera por longo tempo, contra um inimigo bem superior em forças, estas linhas, e estes intrincheiramento no centro dos quaes uma nova Olinda se tinha edificado, e onde, durante mais de trez annos, os Pernambucanos tinham encontrado azilo, e protecção.

Firme na idéa de defender até a ultima extremidade uma Provincia, que d'algum modo era o dominio de sua familia, Albuquerque destribuiu as poucas forças desponiveis que tinha, de maneira que levasse a effeito sua idéa. Confiou a defeza da Fortaleza do Arraial (denominada campo Real) ao Tenente General d'Artilheria André Marim, dando-lhe quatro centos e sincoenta homens de tropas regulares, alem das Milicias das vezinhanças. O Capitão Mor Luiz Barbalho Bezerra, e Sargente Mor do Estado Pedro Correia da Gama, foram encarregados da defeza de Nazareth com seis centos Soldados. Mathias d'Albuquerque conservou junto a si seu irmão Duarte, o Conde de Bagnuolo, seis centos Soldados escolhidos, e o

Terço do Indio Camarão. Achando-se assim regulado o Exercito, reuniu as suas tropas, e em um breve discurso não occulta-lhes que tocavam a crise mais diciziva, e terrivel, que jamais se havia offerecido ao seu valor; porem ao mesmo tempo as exhorta vivamente a não attentarem para a superioridade numerica do inimigo, em luta tão desigual, e na qual só a sua coragem supriria a falta de braços. Alem d'isso as encoraja dizendo-lhes, que nas duras provas em que a Providencia punha o seu patriotismo, nem um d'elles devia perder de vista, que um Soldado Pernambucano, que impavido sabia afrontar a fadiga, a fome, a sêde, e todos os outros flagelos inseparaveis da guerra, valia por si só dez Hollandezes, e podia aspirar a todo o fastigio da gloria militar, tanto mais pugnando para fazer triunfar a cauza da sua Religião, da sua Patria, e do seu Monarcha.

Comovidos vivamente os nossos Soldados, pelas exhortaçoens do seu General, poseram-se em marcha para os seus destinos, e não tardou que justificassem, quando menos se esperava, a idéa que o seu Chefe formara da sua constancia, e do seu zelo.

Artyoski movia-se entratanto para envestir o campo Real, conduzindo com a sua Divizão um consideravel Trem de artilheria. Depois de ter estabelecido o seu campo em Março de 1635, e traçado as suas linhas, veio occupar uma eminencia fortificada por Bagnuolo, mas tão informemente, que houve quem com razão dicesse, que elle n'esta fortificação fizera para a conveniencia do inimigo o que bastava, e para a defeza da nossa Fortaleza o que não servia. André Marim destacou no dia 20 de Março, o Capitão Gregorio Guedes de Souto Maior, com algũas tropas, a fim de expulsar o inimigo d'esta colina, que dominava a Fortaleza. Marchou Souto Maior, e com tal valor atacou, que depois de seis horas de um obstinado combate, Artyoski abandonou a colina, e a bateria, cuja artilheria os nossos encravaram; mas no dia seguinte o General Hollandez tomou a offensiva com forças superiores, e desenvolveu tal capacidade nas suas manobras, que, não obstante todos os esforços dos Pernambucanos, estes, não podendo conservarem- e na pósse da colina, abandonaram-a, e recolheram-se as suas muralhas. Artyoski Senhor d'este ponto dominante, adianta ás obras, restabelece a sua bateria, e derige todo o fogo contra o corpo da Praça; mas a nossa guarnição faz varias surtidas, em muitas das quaes derrama a confuzão nas fileiras dos sitiantes.

Em um d'estes ataques no dia 1.º de Abril de 1635 (foi

Domingo de Ramos) um fuzileiro Pernambucano encontra o General Artyoski, e leva a arma a cara para o matar, na occasião em que os nossos levavam o inimigo de vencida. O General grita que não o mate, e que se rende, e no mesmo momento entrega a sua espada ao fuzileiro, o qual tomando as redeas do cavallo de seu presioneiro, o conduz em triunfo para os nossos; porem fiando-se na palavra de honra do Hollandez, deixa de lhe pedir o bastão do Commando, que armado com um ferro, em forma de martelo, não era menos uma arma offenciva, do que a insignia do seu Posto. Apenas Artyoski dá alguns passos, vendo que o seu guarda estava descuidado, fere-o na cabeça, derriba-o, ganha o seu campo a galope, e assim fica devendo a liberdade, tanto á sua perfidia, como á prezença de espirito de que era dotado.

As obras dos sitiantes tocavam já o seu termo, e noite, e dia as sus baterias batiam as nossas muralhas. Ao terrivel effeito das bombas, e granadas se reunia um fumo sulfureo, e insuportavel, que, escurecendo o ar, suffocava os Soldados, que guarneciam os baluartes. Não se podendo preservar d'armas tão destruidoras e damnosas, o Commandante da Fortaleza faz escavar a terra, a fim de formar uma especie de cazas matas, onde guarda em segurança as suas muniçoens de guerra, os seus feridos, e os doentes. He ahi, que privados da luz do Sól, e do ar atmosferico, recebiam estes infelices algum alivio. A terra que tiravam das cavas, servia para construir novas obras, logo que as primeiras eram destruidas. Chegando por meio da solapa a um tiro de pistola da muralha, Artyoski fez levantar com pasmosa celeridade uma especie de fortim, guarnecido de morteiros, e peças, donde batia a praça tão vivamente, que as nossas fortificaçoens foram sucessivamente abaladas pelas bombas, e balas. Todavia André Marim resistia ao cerco com coragem, suprindo muitas vezes com artificios, e negaças, os meios de defeza de que carecia.

A parte mais fráça da Praça era a que o inimigo atacava com mais furia, por isso André faz ahi levantar uma bateria fingida, e depois ordemna um ataque falso contra o fortim, que batia a brexa, a fim de atrahir as melhores tropas inimigas. Este estratagema teve feliz effeito: as tropas escolhidas do Exercito de Artyoski marcharam para este ponto, e de improviso foram derrotadas pela metralha da praça, sendo o mesmo Artyoski ferido gravemenee. Animada então a nossa guarnição tenta muitas surtidas vigorosas, em uma das quaes os Pernambucanos chegam até ao interior dos quarteis inimigos, onde colhem ricos despojos.

Havia já dois mezes que a guarnição repellia os esforços dos sitiantes com uma constancia inimitavel, posto que sem auxilios, e flagelada por privaçoens, que cada vez se tornavam mais intoleraveis: ja não tinha viveres, e era tal sua miseria; que para manterem a existencia os nossos Soldados comiam caens, gatos, cavallos &c. e &c. Brito Freire no Livro 8° n.° 633 encarece o extremo de penuria a que os nossos chegaram, narrando-o assim « Acabaram-se as muniçoens, « e tendo-se acabado todas as couzas, a constancia servia de « alimento aos sitiados, de cura aos feridos. De quantas im- « mundas sevandijas se foram sustentando, depois que ficaram « sem sustento, facilitado já o acazo de comel-as, repararam só « em achal-as, por não haver onde descubrissem mais rocius, « caens, ratos, couros, ou ervas. Chegando finalmente ataes mi- « serias, que vendo-as os inimigos padecer aos nossos, se lastima- « vam d'elles, e elles não se lastimavam de si. Com que entre o « dezejo de se defenderem, e a impossibilidade de presisti- « rem peleijaram ainda vinte e dois dias. »

Mathias d'Albuquerque foi instruido a tempo d'esta penuria; mas então todo o terretorio entre o seu Acampamento, e o Arraial estava dominado pelos Hollandezes, e não lhe restava forças desponiveis, com as quaes podesse forçar a passagem, e vir em soccorro dos seus compatriotas.

N'esta extremidade recorreu á fidelidade de alguns habitantes, que se offereceram a abastecer a Praça, por muito arriscada que fosse a empreza, pois os Hollandezes haviam comminado a pena de morte a todo e qualquer, que buscasse meios de introduzir viveres em Nazareth, ou na Fortaleza Real; tinham tambem promettido a liberdade aos escravos, que descubrissem, ou malograssem taes disignios, e pondo rigorosamente em pratica os seus Decretos, condemnaram ao suplicio um Pernambucano, que não teve outro crime, senão o de ter cumprido os seus deveres para com sua Patria. André Marim vingou-se d'este assassinio, mandando fuzilar dois Hespanhoes, e um Portuguez, convencidos de tratarem secretamente com o inimigo.

Ainda que os horrores da fome fossem experimentados pela guarnição, e que não lhe restasse mais do que morrer a mingoa, ou submetter-se, com tudo tanto alla, como o seu bravo Commandante, não se alimentando senão com couro cuzinhado, ou iguarias iguaes, supportaram ainda vinte e dois dias o que a penuria, e a falta total de tudo (excepto d'agoa) quanto he indispensavel para viver, tem de mais mortificante!

Reduzidos pelas mortes, e infermidades a menos de trezentos homens de combate, e não tendo esperança algũa de auxilio, trataram da entrega; porem não sahiram da Fortaleza senão com todas as honras da guerra, e com a promessa de lhes ser permittido o transportarem-se livremente para qualquer das posseçoens Hespanholas a custa dos Hollandezes. A magrem, e debilidade d'esta valorosa guarnição, ainda mais a honravam, do que os louvores que os mesmos inimigos lhe prodigalisavam, depois de uma tão longa, quanto gloriosa resistencia.

Os paizanos, e mulheres que se tinham abrigado em a Fortaleza, e os Milicianos, que haviam participado do commum perigo, não foram comprehendidos na Capitulação, apezar das instancias do Governador, e dos seus Officiaes. Sigismundo, que tinha vindo ao campo de Artyoski para presidir a entrega, não quiz que na Capitulação algum artigo se inxerisse a favor dos habitantes « Para que (dizia Sigis-« mundo) os comprehenderemos em uma Capitulação militar? « Não são elles Vassallos da Hollanda, e não he do interesse « da Republica, e do seu dever protegel-os, e ganhar a sua « afeição pela benevolencia? São injuriosas suas suspeitas, « e podem sem temor abandonar-se á generosidade do ven-« cedor »

Todos por tanto se convenceram, que os infelices que tanto tinham cooperado na defeza com a guarnição Militar, não seriam inquietados, nem por suas oppinioens, e nem por sua passada conducta; porem fóra de toda a esperança, e em desprezo da moral, e da honra, os Hollandezes exerceram sobre estes bravos e leaes Pernambucanos os mais indignos tratamentos. Aquelles que possuiam propriedapes, e que sobre a totalidade da somma, em que tinham sido taxados para resgatar tanto á seus bens de um sequestro, como á si mesmos da pena de morte; si não intregavam logo a taxa, eram postos a tormentos, colorando Sigismundo este infame procedimento com declarar em um Decreto, que os Pernambucanos tinham merecido pena capital, por serem traidores ao Principe de Orange.

Por meio d'este despotismo politico, adqueriu o General Hollandez vinte e oito mil Escudos (11:000$000 reis). Foi d'este modo que a Nação Hollandeza, pela sua insigne má fé, e por terriveis crueldades tornou detestavel a sua conducta, e manchou a sua Historia, ao mesmo passo que em o seu proprio Paiz, por brilhantes acçoens, e pela practica de uma moral pura, captava a admiração dos seus contemporaneos.

D'esta sorte succumbiu a Fortalsza, e o campo do Arraial, depois de um sitio de tres mezes. Os vencedores ordemnaram a demolição da Fortaleza que haviam ganhado; talvez para apagar até o menor vestigio de uma conquista, que tanto sangue lhes custara, e que elles mancharam com tantos actos de perversidade.

A defeza de Nazareth, cuja duração, e circunstancias foram as mesmas, não offerecia um objecto menos digno de assombro, e compaixão! A Divizão Hollandeza, que, debaixo das ordens de Sigismundo, devia formar o cerco, tinha marchado até o engenho Algodoaes, (oito legoas para o Sul do Recife, e uma a Oeste do forte) onde podia cortar os soccorros aos nossos; mas não dominar o Paiz. Avaro do sangue de seus Soldados, o General Hollandez evitava quanto podia as acçoens geraes, limitando-se apenas a interceptar os reforços, e privar os soccorros, esperando reduzir a Fortaleza de Nazareth mais pela penuria, do que pela força.

Ou fosse para dividir as forças do inimigo, ou para se assegurar de outro posto na costa, ou (o que he mais presumivel) para arrecadar do pé de si um General, cuja fidelidade era mui duvidoza, (a) Mathias d'Albuquerque destacou do seu Quartel General de Villa Formoza (ou Serinhaem) o Conde Bagnuolo, para vinte e sinco legoas mais para o Sul, com ordem positiva de fortificacar, e defender Porto Calvo. Era sem duvida interessante conservar a posse de um posto tão importante pela sua posição, e porto de mar; mas igualmente Mathias privava-se assim de uma parte das suas tropas, em presença de um inimigo que ameaçava Nazareth, e o seu mesmo campo; porem como Mathias confiava inteiramente em todos que ficavam com elle, preferiu sem duvida enfraquecer o seu Exercito, a ter Bagnuolo tão junto a si, já que as circunstancias o obrigavam a não destazer-se de outra sorte d'esta creatura de Olivares, favorito do Rey de Hespanha. Alem d'isto Mathias estava quasi sem muniçoens; uma arroba de polvora, era tudo quanto lhe restava, e para encobrir esta falta, mesmos aos seus Soldados, fez encher alguns barriz de arêa, e collocou-lhe em torno a guarda ordinaria; convinha-lhe pois, no cazo de precizão, destribuir estes restos de muniçoens com gente de sua inteira confiança.

Retirado Bagnuolo para seu destino, formou Mathias dos mais vigorosos lavradores sette partidas, composta cada uma

(a) Castrioto Luzitano Livro 3.º

de quinze homens, a excepção de uma só, que compunham treze irmãos chamados Baptistas, dos quaes o mais velho era o Capitão (a), partida esta que se dominou – Companhia dos Baptistas –: porem este sistema de pequena guerra, não podia salvar Nazareth, onde era impossivel introduzir viveres á força. Mathias enviou-lhe furtivamente alguns Indios, levando cada um o seu sacco de farinha ás costas; mas em vão tomaram elles uma estrada menos frequentada, os Hollandezes, que batiam as entradas em todas as direcçoens, tomaram estes fieis Indios, e depois barbaramente os enforcaram.

Mathias lançou então ao rio de Algodoaes tres barcas carregadas de viveres, e entregou-as a direcção do Alferes Diogo Rodrigues, Official vindo de Nazareth para o instruir da penuria em que estava a guarnição. Rodrigues sahiu do porto ao pôr do Sol, e chegou incolume, a meia noite, depois de ter passado dousadamente debaixo do alcance do fogo Hollandez. Este soccorro inespirado, reanimou o valor dos sitiados, e fel-os perseverar na sua resistencia.

Porto Calvo porem, para onde tinha marchado Bagnuolo, quasi que nem uma resistencia fez. Ainda que esta Villa fosse tão importante pela sua posição, como pelos abundantes pastos, que cubriam seu territorio, todavia estava mui mal guarnecida. Barra-Grande, optimo porto, e mui perto de Porto Calvo, estava em poder dos Hollandezes, e bem fortificada, e a Villa aprezentava tão fracas obras, que os seus habitantes estavam bem persuadidos, que a resistencia era inutil, e que a sua sorte seria em tudo similhante aos da Barra-Grande. Estavam as couzas n'este estado em Porto Calvo, quando appareceu Bagnuolo com a sua Divizão de Italianos, e se reuniu com o Mestre de Campo D. Fernando de Riba Aguero, que, com a sua Companhia de Hespanhoes, commandava a Villa.

Quando Lichthart, que derigia as forças navaes Hollandezas, soube que Bagnuolo se fortificava em Porto Calvo, desembarca immediatamente as suas tropas, e, cioso de se mostrar digno emulo de Sigismundo, cujos successos invejava, resolve tomar a Villa a escálla. Reuniu-se a um destacamento da guarnição da Barra-Grande, e fazendo apartar os seus navios para o mar alto, derigiu as suas forças reunidas a seguinte falla.

« Bravos companheiros! Vós tendes na vossa frente a « Villa de Porto Calvo, e na retaguarda um mar immenso.

(a) Brito Freire Livro 8.º n.º 638.

« Para que consumiremos nós o precioso tempo nas delongas « de um sitio, quando as nossas armas são por toda a parte « victoriosas, e que os nossos inimigos não veêm em redor « de si, senão fortalezas conquistadas, exercitos despersos, e « derrotados, e os campos de batalha cobertos de cadaveres? « Não seria desconhecer a fraqueza dos nossos adversarios, e « trahir a fortuna cansarmo-nos assim em trabalhos, que « mais competem a escravos, do que á Soldados? Uma hora « nos basta para realisar o que o General Sigismundo não pò- « de concluir, senão depois de muitos mezes. Marchai, e segui « o vosso General, que unicamente se satisfaz recommen- « dando-vos a execução fiel d'estas duas palavras – *Vencer*, « *ou morrer*! »

Lichthart avançou para a Cidade, e Bagnuolo informado da sua aproximação, marcha impondo que pretendia defender o ponto a todo o risco. Trava-se a batalha, e depois das primeiras cargas, a arma branca serve ao furor de ambos os lados. D. Fernando com menos de uma centena de Hespanhoes, e Pernambucanos, rompendo com a espada na mão as linhas Hollandezas, faz n'ellas terrivel estrago, e poem indecisa a victoria; mas o traidor Conde de Bagnuolo, com os seus Italianos, tão covardes como elle, vira a cara ao inimigo, e foge vergonhosamente pela estrada das Alagoas, deixando sacrificados os bravos, que tinham principiado a ganhar a victoria. Com a fugida de Bagnuolo, esfriou o ardor do combate: D. Fernando para não ser presioneiro, ou morto retirou-se a um alagadisso, pelo qual se retirou com os seus bravos da melhor forma que pode. D'esta sorte ficou Porto Calvo em poder do inimigo, suspeitando todos que Bagnuolo, antes do combate, tinha ajustado com Lichthart entregar-lhe a Villa.

O General Hollandez em vez de inquietar a Bagnuolo na sua retirada (o que fez augmentar as suspeitas) não se occupou, senão em tomar posse da Villa, que os seus Soldados saquearam. Fez-lhe algũas obras, levantou em redor da antiga Igreja, situada em uma eminencia, uma trincheira forte, e deixando n'esta praça quinhentos homens de guarnição, assegurou-se assim da conquista de um Paiz importante, que só lhe custara meia hora de combate.

Toda a attenção dos Hollandezes se tornou então para Nazareth, unico porto fortificado de Pernambuco, que ainda estava em poder dos nossos. A guarnição perseverava na sua resistencia, posto que estivesse de tal sorte apertada pelas linhas dos sitiantes, que era mais impossivel, do que no princi-

pio do cerco introduzir-lhe o menor soccorro. Mathias de Albuquerque julgou abastecel-a por meio de jangadas pequenas, em cada uma das quaes depositou duas medidas de arrôs, e entregou assim um grande numero ao accazo, e com effeito esta feliz lembrança algũa couza serviu: vinte d'estas jangadas encalharam junto a Fortaleza; porem soccorros tão fracos, e tão precarios não podiam por muito tempo subtrahir a guarnição aos horrores da fome. Os Soldados Napolitanos, que faziam parte d'ella, como não tinham interesse na cauza que defendiam, desertaram; porem os Pernambucanos, e os Indios resistiram á penuria com uma resignação, e valor digno de melhor sorte: muitos d'elles morreram de fome nos seus postos.

Esta firmeza quasi sobre natural, parsuadiu a Sigismundo que á fortaleza recebia por algũa traca que elle nunca podera descubrir, viveres da Villa de Serinhaem, onde se acampara Mathias d'Albuquerque, e ant'olhando este campo fortificado, como o unico obstaculo que ainda se oppunha a entrega da Praça, fez partir o Capitão Anderson com um destacamento consideravel, ordenando-lhe que expulsasse o nosso General do posto que corajosamente guardava, ainda que com trezentos homens sómente: eram estas as reliquias do pequeno, mas aguerrido Exercito que Albuquerque levantara, e formara no Arraial, ou campo do Bom Jezuz.

Anderson, atacou os pontos avançados dos Pernambucanos; mas estes cedendo á superioridade do numero, deixaram o campo. Mathias d'Albuquerque, e seu irmão Eduardo, avançam sem demora para os sustentar; porem elles se veem ora embarassados pelas agoas do rio Serinhaem, ora batidos pelas tropas Hollandezas. Decedidos n'este aperto a vencer, ou morrer, fazem frente ao inimigo com um punhado de Soldados, animados pelas suas exhortaçoens, e pelos seus exemplos, e o carregam denodadamente, com tal valor, que mais parecia desesperação. Teve o dezejado effeito este heroico esforço; os Pernambucanos, pondo os Hollandezes em vergonhosa fugida, recobram o posto que tinham perdido!

N'esta acção brilhante pereceu Estevam Velho, filho de D. Maria de Souza, uma das Senhoras mais nobres, e respeitaveis d'esta Provincia. Ja n'esta guerra desastrosa tinha ella perdido, não somente dois filhos, mas tambem um genro. Quando lhe annunciaram a nova infelicidade, que a privava do seu terceiro filho, chama os dous que lhe restavam de idade um de quatorze annos, e outro de treze, e lhes falla n'estes termos: – « Vosso irmão Estevam acabava de ser morto

« pelos Hollandezes, cumpre que prehenchaes os deveres que « a Religião, o Rey, e a Patria impoem á Nobreza Portu- « gueza. Desembainhai as vossas espadas, e lançai para longe as « banhas, porem quando vos recordardes do triste dia em « que tomaes as armas; não combataes como desesperados, « pugnai somente pela honra, e vingança. Succumbindo, « ou vingando a morte de vossos irmãos, reflecti que traba- « lhaes para ser dignos d'elles, e d'aquelle que vos deu o ser. » Depois d'esta falla envia os filhos a Mathias d'Albuquerque, rogando-lhe que os receba, como simples Soldados. Os filhos de uma tal Mãi, não podiam degenerar: sob o commando do Capitão Manoel de Souza, provaram depois por heroicos feitos de valor, que eram dignos filhos d'ella.

Todavia a perseverança de Albuquerque, e o afferro d'estes homens valentes, que partecipavam da sua fortuna não podiam salvar Nazareth, e nem impedir a total invazão d'esta Provincia, que já não tinha outra defeza, mais do que este ultimo ponto fortificado. Entretanto chegaram, mas já mui tarde, ao porto de Jaraguá em Alagoas, duas Caravellas vindas de Portugal, conduzindo os Capitaens Paulo de Parada, e Sebastião de Lucena, algũas munições, e a noticia de que em Lisboa ficava-se apromptando um soccorro consideravel, que brevemente partiria. Com tudo Bagnuolo, que tinha chegado são, e salvo ás Alagoas, communicando estas noticias a Mathias, e aconselha que abandone o Forte de Nazareth, por que já não podia ser conservado, e que fosse reunir-se a elle ás Alogoas, Paiz fertil, cujo porto estando aberto, offerecia o sitio o mais adaptado para estabelecer o seu Quartel General. Os Officiaes de Albuquerque, convocados a conselho, foram unanimente de oppinião, que na sua presente situação, não lhes era possivel tomar uma medida mais conveniente, do que a lembrada por Bagnuolo. Em consequencia resolvendo-se adoptal-a, o Forte, e as mais fortificaçoen de Nazareth renderam-se por meio de Capitulação, e entregaram-se no dia 2 de Julho de 1635, ficando em refem em poder dos Hollandezes o Capatião D. Jozé de Souto Ponce, para garantir a sahida das embarcaçoens que, segundo um artigo da Capitulação, deviam transportar as guarniçõens vencidas para um dos Portos de Azia.

Mathias d'Albuquerque fez sciente, por meio de uma Proclamação, aos habitantes de Pernambuco, da resolução que tomara de evacuar o terretorio, offererendo-se para guardar, e deffender todos os que quizessem emigrar, e seguil-o. O maior numero, indignado pelo desprezo da Corte de Madrid,

e preferindo outro qualquer Governo, não hesitou em render obediencia aos vencedores, que eram tão estrangeiros, como os Hespanhoes: porem perto de oito mil familias, que se tinham entregado sem reserva, e de uma maneira decidida aos interesses de sua Patria, abandonaram o Paiz natal, no qual gemeriam sob o jugo de uma Authoridade estrangeira, e, ligando a sua sorte á do seu General, pozeram-se em marcha com os seus rebanhos, e escravos, levando todos os seus effeitos, e o precioso, que poderam salvar em um grande numero de carroças. Secenta Indios precediam a este Povo, abrindo-lhe a estrada, seguia-se um Corpo de Infantaria, depois os emigrados com todo o seu trem, e sequito, protegidos por algũas Companhias de tropas regulares, cubrindo finalmente a retaguarda o fiel Camarão, com o seu Terço de Indios. Esta tristissima emigração foi longa, penosa, e acompanhada de uma multidão de perigos. Perseguidos por todas as precisoens, estes infelices não evitaram o encontro do inimigo, senão abrindo uma passagem a travez de espessas brenhas, e de sombrios bosques, onde apenas a furto penetravam os raios do Sol.

Durante a sua marcha penosa á muitas mulheres sobreaem as dores do parto, e outras mais infelices ainda, são privadas de seus innocentes filhinhos, e dos authoees de seus dias; aquelles, por que a pequena idade lhes nega forças para resistir a tantos encommodos, e estes, por que o pezo dos annos os reduz a igual fraqueza: viu-se Mãi e filhos darem com as suas proprias mãos sepultura aos seres, que lhes eram mais charos! Foi somente depois de estar esgotado o calix de todas as amarguras, que estas victimas de um heroico patriotismo se aproximaram ao lugar de seu destino. Mas ao mesmo tempo, que se hiam chegando, a necessidade de se aproximarem ao Porto Calvo, as fazia receiar que a guarnição Hollandeza as não atacasse, para roubar-lhes o que haviam podido salvar dos restos de sua fortuna. Um raio de esperenças porem começou a brilhar para estes desditosos: Sebastião de Souto, um dos principaes habitantes de Porto Calvo, informado da chegada de seus compatriotas, projecta render-lhes um serviço assombroso, e ao mesmo tempo satisfazer a colera com que olhava os Hollandezes, aos quaes aparentemente se submettera. Souto escolheu o momento em que Mathias de Albuquer fez alto, uma legoa longe de Porto Calvo, para ir offerecer-se ao Governador Hollandez, Alexandre Picard, a fim de reconhecer a marcha, e situação dos emigrados, para depois atacal-os, e finalmente enriquecer-se com os despojos d'esta accão. O

Governador Hollandez acceitou com transporte os serviços de um homem, que tão zeloso se mostrava pelos interesses da Hollanda. Souto, seguro da credulidade do Governador Batavo, monta a cavallo, adianta-se para a colina onde estavam os emigrados acampados, afronta todos os obstaculos, expoem-se ao fogo das nossas sentinellas, até que em fim consegue entregar-lhes uma carta para Mathias d'Albuquerque.

N'esta carta informava ao nosso General, que Calabar havia chegado no dia precedente a Porto Calvo com um reforço, com o projecto de atacal-o em sua marcha; mas que estando alerta não somente repelliria Calabar, porem que tambem restauraria Porto Calvo, e que para o conseguir não precizava mais do que aproveitar-se da occazião, que o author da carta lhe procuraria, ainda que se exposesse a todos os perigos.

Tendo Souto assim desposto as couzas conforme as suas vistas, voltou a encontrar o Governador Hollandez, e lhe dice, que pelo reconhecimento que fizera estava convencido de que a guarda da colina, onde os nossos estavam acampados tinha sido confiada a um punhado de Indios, e a pouco mais de vinte Soldados Portuguezes, forças incapazes de impedir que Calabar abrisse uma passagem, e de um só golpe tomasse o grande comboio, que encerrava todas as riquezas conduzidas de Pernambuo.

O Governador, cego pela ambição de possuir logo ao primeiro ataque um tão grande espolio, he illudido, sahe da Villa, levando comsigo Calabar, um Corpo de tropas, e Souto, que lhes serve de guia; mas este logo que avista os Pernambucanos, deixa o Governador Hollandez, e se junta com aquelles de seus compatriotas, que estavam a um lado emboscados. N'este mesmo momento os nossos carregam os Hollandezes com tal violencia, que desconcertando-os, os fazem ceder o campo donde, deixando sincoenta mortos, fogem em completa debandada para a Villa. Os nossos, aproveitando a confuzão do inimigo, entram de envolta pelas trincheiras, que guarneciam a Villa, e ahi fazem horrivel matança, e quarenta e sinco presionairos. Mathias chegando com o restante das tropas occupa-se em completar a victoria, e derige immediatamente o seu ataque sobre a Igreja, e cazas fortificadas. He tal o valor de seus Soldados, que avançam sem precaução, e sem advertirem que era noite, mas são rechaçados com perda. Entretanto fortifica antes de amanhecer todos os lados pelos quaes o inimigo podia pedir, ou receber soccorros, e assim o conserva sitiado, certo de que faltanto-lhe agoa, não tardaria

em render-se; porem os nossos Soldados, impacientes por apossarem-se da preza, tomam logo ao amanhecer uma das cazas fortificadas, matando tudo que lhes resiste, tiveram o desgosto porem de perderem n'este ultimo ataque o Capitão Diogo Rodrigues, que havia prestado relevantes serviços no cerco de Nazareth, e mais outro Official, alem d'alguns Soldados. Os Hollandezes que escapam a carnagem refugiam-se na Igreja, onde o seu Governador, e Calabar se tinham fortificado, com os Soldados que havia podido reunir; mas conhecendo impossivel a resistencia, todos, excepto Calabar, cuidam em render-se, e até este mesmo conhece que os seus ultimos momentos são chegados; por que Mathias offerece condiçoens favoraveis aos sitiados, com tanto que se lhes entregue a descripção este famoso transfuga. Ao principio os Hollandezes negam-se a entregar Calabar, e respondem, que primeiro que o consentissem todos pereceriam; mas elle conhece que não o deve acreditar, nem esperar. Parecendo-lhe inivitavel a sua perda, as ideas de sua primeira educação retomam sobre seu espirito todo o imperio: elle declara aos Hollandezes, que era um homem perdido; mas que estava certo de que a Misericordia Divina não o hia punir na terra, senão para salval-o na outra vida; finalmente conjura-os para que acceitem as condicçoens offerecidas por Mathias, sem os inquietar o seu destino. Então o Governador Hollandez não hesita, e trezentos, e oitenta Soldados, numero superior ao dos sitiantes, capitulam, e se obrigam a passar para Hollanda como prisioneiros de guerra.

Os Pernambucanos, que havia tanto tempo eram desditosos, demonstraram a sua alegria; ainda mais por que se lhes deparou a occazião de punir o traidor Calabar, do que pela retomada de Porto Calvo. Calabar tinha ahi nascido, commetteu n'esse lugar crimes atroses, desafiou o odio de todos os seus compatristas; mas estes mui longe de se mostrarem vingativos, tomando por suas proprias mãos vingança, pelo contrario deixaram que a Justiça livremente obrasse segundo as Leis. Calabar foi chamado perante um Conselho de Guerra, e este, depois de ouvil-o, e convencel-o de seus enormes crimes, o condemnou a morrer enforcado, e depois esquartejado, para que seus quartos, e a cabeça se exposessem para exemplo, nas pontas das estacadas da Villa. Calabar subiu ao patibulo mostrando um profundo arrependimento, de que commummente não são os grandes malvados susceptiveis. Este Mameluco, flagelo de sua Patria, recebeu pacientemente a morte com uma esperança tal na Misericordia Divina, que os Sacerdotes, encarregados de o exortarem nos ultimos

momentos, e os que foram testemunhas do seu suplicio não duvidaram da sua salvação. Um facto notavel, que no 1.º de Abril de 1634 livrara de uma morte certa este audáz Mameluco, induziu a que muitos acreditassem, que a sua Alma não podia ser salva, senão pela perda voluntaria do seu Corpo.

Depois da sua deserção tinha Calabar recebido da parte de Mathias de Albuquerque grandes offertas, para abandonar o partido inimigo; mas elle não só tinha despresado os offerecimentos, como tambem respondido insolentemente. N'esta, colisão convindo á salvação Publica punir um criminoso tão prejudicial, e ao mesmo tempo privar o inimigo de uma guia tão habil, quanto audaz, Mathias d'Albuquerque, por meio de liberalidades ganhou a vontade de Antonio Fernandes, primo de Calabar, e enviou-o ao campo inimigo, ensinando-lhe que fingisse, que o exemplo do seu parente o movera a passar-se para elle; a fim de que, captada assim a sua confiança, o matasse logo que tivesse occazião, e voltasse para os nossos. Fernandes procurou encontrar Calabar em uma das suas incursoens, e aparecendo-lhe ao longe, bradou, e assenou-lhe para que o recebesse entre os seus fieis amigos. Calabar reconhece seu Primo, e faz-lhe signal que avançe. Fernandes corre para o valle, com o perfido intento de o matar; mas n'esta carreira, embaracando-se no boldrié, a espada salta-lhe da bainha. Então cahindo sobr'ella, sente o coração atravessado, e espira n'aquelle mesmo momento, em que por meio de traição tão feia hia asassinar a seu primo!

Devolgando-se este facto, depois do suplicio, conveio-se que Calabar não tinha sido preservado senão por que o Ente Supremo o tinha destinado para castigo dos peccados, de Pernambuco, e que logo que esteve satisfeita a Justiça Eterna, nada o tinha podido subtrahir ao castigo merecido. Depois do supplicio foi o seu corpo, segundo a Sentença, esquartejado, e os membros ensanguentados foram expostos sobre as estacadas de Porto Calvo. Este rigor da Sentença teve a meu ver mais outro fim, alem do exempo. No mesmo tempo em que se processou, e condemnou Calabar, processou-se, e condemnou-se tambem á morte de forca um Portuguez aprehendido na mesma occazião, e que no Recife servia aos Hollandezes na qualidade de Almoxarife: ambos eram grandes criminosos, mas o primeiro, tendo commettido muito maior numero de crimes, quasi sempre acompanhados de atrocidades, cumpria que sofresse uma pena ao menos na aparencia maior.

Mas as vantagens momentaneas, que offerecia a retomada de Porto Calvo, não deslumbraram a Mathias d'Albuquerque, nem

lhe fizeram esquecer a sua situação: com effeito elle não podia demorar-se por muito tempo no terretorio de Pernambuco, coberto de inimigos. Arrazou as fortificaçoens de Porto Calvo, enterrou nos bosques a artilheria que alli tomara, e pôs-se em marcha para as Alagoas, seguindo-o o Exercito de emigrados. Aqui se deve referir em honra dos Pernambucanos o que a seu respeito diz Mr. Beauchamp no 2.º Tomo da sua Hist. do Braz. Liv. 25 pag. 372 da Edicção de 1815. « Deve-se dizer em hon-
« ra dos Brazileiros, que todos os que tinham em Pernam-
« buco grandes possessoens. preferiram abandonal-as a viver
« possuindo-as sob o jugo dos vencedores. Lamentaram-se
« he verdade, por terem sido sacrificados pela Corte de Madrid;
« porem sem se irritaram contra a sua má fortuna, quasi to-
« dos a supportaram como homens capazes de a domar »

As reliquias das forças de Pernambuco reunidas em Alagoas não excediam a oito centos Soldados, e duzentos Indios auxiliares. Mathias apressou-se em fortifificar este estabelecimento, que pela sua posição offerecia mais facil defeza, e um acantonamento seguro, para se esperarem os soccorros da Europa.

Tres dias depois de ter Mathias de Albuquerque abandonado Porto Calvo, chegou ahi Sigismundo. Com um grosso Exercito entrou o General Hollandez na Villa, que achou erma, offerecendo-lhe a vista dos quartos de Calabar, e do Corpo do Almoxarife, espetaculo este que tanto o alterou, que cego de colera mandou publicar um Bando, no qual ordemnava que todos os moradores fossem passados a espada, sem excepção de sexo, ou idade, mandando, para executar esta barbaridade; muitas partidas a procurar pelos matos os infelices Pernambucanos, que por ventura encontrassem. Tristissimos, consternados, e sem alento ficaram os moradores, que não emigraram, vendo que a mesma confiança que depositaram nas promessas do infiel Hollandez, e que os desviara de seguir os seus compatriotas, os entregava a espada! Vivia porem nos contornos de Porto Calvo um Religioso Heremita da Ordem de S. Paulo, Fr. Manoel do Salvador, letrado, zeloso, e de uma virtude austera. A este Religioso procuraram os infelices moradores, e elle apezar de conhecer o odio que os herejes tinham aos Sacerdotes, e principalmente aos Regulares, com tudo animado de um verdadeiro zelo Christão, derigiu-se a Sigismundo, e com tal liberdade, e efficacia lhe fallou, que a final conseguiu do General inimigo modificar o primeiro Bando, publicando um outro, pelo qual eram somente condemnados a morte todos os moradores, que dentro de um prazo que lhes marcou,

não viessem com suas familias, e moveis para suas cazas, e pedissem Carta de rezidencia.

Doze dias se deteve Sigismundo em Porto Calvo, vendendo o captiveiro, ou Cartas de residencia por subido preço, até que levantando o campo, e espalhando o boato que hia bater Mathias d'Albuquer até desalojal-o das Alagoas, seguiu caminho do Sul; fez porem alto em um lugar chamado Piripueira, situado ente Alagoas, e a povoação de S. Antonio Grande, e ahi construiu uma fortificação, guarnecendo-a por seis centos homens sob o mando do Coronel Christovam Artyoski, depois construiu outra nas margens do rio Camaragibe, guarnecida por cento, e vinte Soldados, commandados por Jacob Estacour; guarneceu tambem todos os caminhos por onde os nossos se podiam communicar com Pernambuco, e retirou-se para o Recife, publicando que voltava unicamente para refazer o Exercito, e voltar sobre Mathias, persuadido que tinha interceptado toda a communicação do nosso Exercito com o resto do paiz subjugado; porem esta desposição não teve outro resultado, senão obrigar aos fieis Indios do Camarão a abrirem uma nova estrada pelo interior das matas.

Taes foram os acontecimentos da campanha de 1635, que concluindo a guerra no territorio de Pernambuco, entregou aos Hollandezes esta bella Provincia. As hostilidades tornaram-se então mais importantes, tanto pela escolha dos Chefes, como pela natureza da guerra, que depoisse seguiu. Em verdade as operaçoens ulteriores decediram não sómente da sorte d'esta Provincia, mas tambem do destino de quasi todo o Brazil.

CAPITULO 10.

Temores da Corte de Madrid sobre o Brazil, e principalmente sobre os Galioens do Mexico. Batalha naval no Canal de Bahama. D. Fradique de Toledo regeita o Commando de uma Esquadra, e por isso he desterrado. Prepara-se em Lisboa uma frota para soccorrer Pernambuco. D. Luiz da Rochas e Borja chega com reforço as Alagoas, e Mathias d'Albuquerque he rendido, e chamado á Europa.

1635.

Os Portuguezes, victimas da ingratidão da Hespanha; e da má administração nas suas possessoens da America, não

eram mais bem tratados na Europa. Margarida, Duqueza de Mantua, continuava a governar Portugal, ou, para exactamente dizer, Olivares o regia como senhor absoluto, sob o nome de Felippe 4.°, e de Margarida. Os imposto com que flagelava este infeliz Reino, tanto mais excitavam a indignação dos Portuguezes, quanto elles não tinham o prazer de ver ao menos uma parte applicada, para as urgentes necessidades do Brazil. Entretanto os Hollandezes faziam do Recife, como Capital de suas conquistas, uma Praça formidavel, e que não podia deixar de atemorisar a Corte de Madrid. Aqui tinham elles levantado taes Arsenaes de Marinha, que já não era necessario enviar da Hollanda frotas, para enterceptar os Gallioens do Mexico, podendo ellas ser construidas, e esquipadas no Recife. Dentro em pouco tempo quatorze navios de guerra, abastecidos para sette mezes, sahiram d'este porto debaixo das ordens de Cornelio Jolo, aquelle mesmo que, no principio da campanha, havia sido rechaçado na ilha de Fernando de Noronha; porem que depois, pelas vantagens adqueridas nos seus cruzeiros, tinha sido elevado do simples Cursario ao Posto de Almirante.

Com esta Esquadra, esquipada no Recife, Jolo aprezenta-se nas agoas d'aquella ilha, cuja posse era para os Hollandezes de grande emportancia, já pelo seu porto, e já por que ella era indespensavel como Praça para se fazer agoada, visto que d'este genero muito faltava no Recife. Esta segunda tentativa de Jolo, foi mais feliz do que a primeira: todavia a guarnição da ilha, não se rendeu, senão depois de dois dias de cerco, durante os quaes a Fortaleza da barra foi quasi destruida pelas bombas, e ballas d'Artilheria. Um porto algũa couza commodo, e abundancia de agoa potável; eis as vantagens da ilha de Fernando. Jolo deixou alli alguns navios, e com o restante de sua Esquadra ganhou o alto mar, com esperança de tomar na sua passagem a frota do Mexico, commandada pelo General D. Carlos de Ybarra. Com effeito Jolo encontra-a no Canal de Bahama, e ataca-a sem hesitar; porem no momento de alcançar a victoria, ella lhe escapa pela insubordinação dos seus Officiaes, que se julgavam abatidos por servirem ás ordens de um Almirante, (por antonomazia Pé de pau) sahido da clace dos Corsarios. Cinco d'estes Officiaes foram expulsos, e declarados infames, severidade esta reclamada pela disciplina, e digna de ser louvada por todos que apreciam a subordinação militar.

O perigo eminente de que acabava de escapar a frota do Mexico, fez em fim com que a Corte de Hespanha sahisse do seu longo,

e criminoso lethargo. Já por culpa sua, e contra toda a expectação, uma Potencia rival se achava estabelecida no centro da America do Sul, e era para temer que as riquezas das Indias Hespanholas excitassem cada vez mais a cubiça d'essa Potencia.

Felippe 4.°, que não tivera atè então senão uma idéa mui imperfeita do estado dos negocios da America, soube finalmente que os Hollandezes aqui tinham feito conquistas importantes; porem Olivares, para pôr a salvo a sua responsabelidade, não sò desfigurou aos olhos do Monarcha o quadro da situação deploravel em que se achava o Brazil, mas ainda imputou à má politica, e incapacidade de Mathias d'Albuquerque as desgraças que opprimiam a Capitania de Pernambuco. Dizia Olivares que Mathias receiava a concorrencia das tropas Hespanholas, para a expulsão dos Hollandezes, temendo sem duvida que esta intervenção directa, não deminuisse os direitos do Paiz, que elle defendia, como propriedade de sua familia; que cumpria por tanto tirar-lhe o commando, e não o confiar jamais, senão a um General, que não tivesse em vista mais do que a gloria do seu Paiz, e a de seu Amo.

Estes raciocinios preveniam, não com menos astucia do que perfida, as justas recriminaçoens do General Portuguez. Felippe 4° deixou-se persuadir facilmente por um Ministro, de quem não podia desembaraçar-se, pela victoriosa valia, e ascendencia que tinha sobre seu espirito.

Olivares estava decidido em limitar os soccorros que elle parecia accelerar em favor do Brazil, e teve arte de desfarçar esta disposição, indegitando á confiança do Rey a D. Fradique de Toledo, General dos presidios Portuguezes, aquelle mesmo que restaurou a Bahia. Offereceu-se pois a D. Fradique o commando de uma nova Expedição, por se pençar que elle, mui cioso da sua reputação militar, e gozando da mais alta estima entre os seus compatriotas, se deixasse enganar pelo explendor de um commando illusorio. Podia-se elle enganar sobre os motivos dá escolha, de que elle fora o objecto? Não certamente. Conhecia melhor que o Rey a natureza d'esta guerra, os recursos do inimigo, e a necessidade de o atacar com forças superiores, e não com um Exercito em nome: declarou por tanto ao valido, que não se poria a testa do armamento, se não transportando ao Brazil um corpo de doze mil homens, com as muniçoens de guerra correspondentes.

Estas pretençoens, contrarias ás vistas do primeiro Ministro, pareceram exageradas á todo Ministerio Hespanhol, a quem o estado miseravel da Monarchia não era occulto. Uma

prizão rigorosa, seguida de perpetuo desterro, foram por esta justissima recusa, a remuneração dos serviços que D. Fradique fizera ao Estado. Privado para sempre da graça do Soberano, e victima da vingança de um Ministro irritado, não lhe restou para sua consolação no retiro obscuro, onde se terminaram seus dias, senão a gloria ligada ao seu Nome, e a publica estima, que nunca perdeu.

O Commando foi por esta escusa offerecido a D. Felippe da Silva, Fidalgo Portuguez, que acabava de destinguir-se na guerra de Flandres; porem escusando-se pelas suas infermidades, e por ignorar inteiramente as manobras da guerra naval, foi o commando depois offerecido a D. Antonio de Avilay Toledo, Marquês de Velada, Grande de Hespanha, e que acabava de governar as Armas de Orão. Este Marquez, penetrando tambem, como D. Fradique, as intençoens do valido, acceitou o Generalato, certo de que não passava de um titulo vão. Com effeito o tempo consumiu-se em deliberaçoens, e em conferencias, e fingindo occupar-se de um armamento formidavel, a Corte de Madrid, resolveu finalmente não mandar em soccorro de Pernambuco, senão mil e sette centos homens. Este pequeno Exercito, foi confiado a D. Luiz da Rochas e Borja, Mestre de Campo General, o qual partiu de Cadis em duas Esquadras, uma Castelhana, commandada por D. Lopo de Hoses, e outra Portugueza, governada por D. Rodrigo Lobo, contendo ambas trinta vellas, de que era General em Chefe o dito Hespanhol D. Lopo Hose, encarregado especialmente de desembarcar na Bahia Pedro da Silveira, denominado o Duro, novo Governador General do Brazil, e de tomar a bordo, e transportar para Lisboa o seu successor Diogo Luiz d'Oliveira, Conde de S. Lourenço. Si estes Chefes fossem dotados de talentos, ou de zello para obrarem a proposito e de concerto, talvez tomassem a offensiva, e sem muito custo, se apossassem de nove navios Hollandezes, carregados de productos do Brazil, que as Esquadras Hespanhola, e Portugueza deixaram de perseguir.

O mesmo Recife poderia ter sido reconquistado, si depois de um desembarque ousado, de subito o atacassem; por quanto as tropas Hollandezas estavam divididas em pequenos corpos, espalhados por uma extenção de cem legoas de costa, desde Peripueira até Putangy. O General Sigismundo, não tinha consigo senão duzentos homens, e tão fraco se considerava, que quando em 25 de Novembro de 1635 avistou as Esquadras Hespanholla, e Portugueza exclamou: — *Perdeu-se o Recife*. — Já uma grande parte dos Pernambucanos havia pe-

gado em armas a vista do Pavilhão Catholico ; mas os Generaes das Esquadras, sem se informarem do estado da Capital dirigiram-se para o Cabo de S. Agostinho , e ahi receberam , por via de um Indio, que se aventurou n'uma jangada , as primeiras noticias dos Chefes do nosso Exercito. Os ventos fortissimos, que então imbraveciam o mar não permetiram que as tropas desembarcassem nas praias do Cabo , e D. Lopo de Hoses recusou de as pôr em terra na embocadura do rio Serinhaem , posto que os seus mesmos Officiaes fossem d'este parecer , e que um tal desembarque fosse recommendado por Mathias d'Albuquerque, e pelo Conde Bagnuolo, que para este fim haviam enviado a bordo o Capitão Martim Soares Moreno.

Invariavel no seu plano , D. Lopo seguiu para as Alagoas , e desembarcou na ponta de Jaraguá D. Luiz da Rochas e Borja com as suas municoens , e o seu pequeno Exercito composto em parte de Castelhanos, e Italianos, commandados por João de Ortiz , e Heitor de la Clace.

Rochas entregou a Duarte d'Albuquerque o Diploma, pelo qual El-Rey Felippe o Nomeava Governador civil de Pernambuco , porem Mathias d'Albuquerque , victima da fementida politica do valido Olivares , em vez de ser louvado , foi chamado a Europa, sem que de maneira alguã fosse compensados os relevantes serviços que prestara. A sua Alma porem nobre , e altiva muito custava supportar a obscuridade a que o reduzia o valido Olivares : foi com o sentimento o mais vivo, que Mathias deixou ao seu successor o cuidado de continuar n'uma guerra , cujo pezo as suas luzes , e experiencia lhe haviam adquerido o direito de sustental-o.

Apossado Rochas e Borja do Commando do Exercito embarcou Mathias d'Albuquerque para a Bahia, donde pouco depois seguiu para Hespanha. Ali experimentou a sorte reservada ordinariamente aos Generaes , cujo zelo não foi coroado pelos successos , porem não se passaram muitos tempos, que não se visse vingado da ingratidão de um Ministro imperioso , que havia sido a origem das desgraças de Pernambuco , pela feliz revolução que libertou Portugal do jugo Hespanhol : então foi reconhecido o merito de Mathias d'Albuquerque, pelos seus mesmos inimigos , que o viram destinguir-se na guerra arriscada, que firmou a independencia da sua Nação , e depois da qual o legitimo Soberano dos Portuguezes lhe conferiu o titulo de Grande do Reino.

LIVRO III.

Da guerra Hollandeza durante os Governos de D. Luiz da Rochas e Borja, e de seu Successor o Conde de Bagnuolo, até se completar o dominio Hollandez no terretorio de Pernambuco, com a fugida do mesmo Bognuolo para Sergipe.

CAPITULO 1.

Rochas porta-se temerariamente, e morre na primeira acção, que offerece aos Hollandezes, os quaes ficam victoriosos. Bagnuolo succede a Rochas. Os restos do Exercito Pernambucano são salvos, pelos esforços de Camarão, nos quaes o ajudam os movimentos accertados do Tenente General Andrade. A guerra então torna-se cruel, e devastadora por ambos os lados. Andrade, Rebellinho, e Henrique Dias ouzadamente penetram o terretorio dominado pelo inimigo, e lhe dão muito que fazer. Camarão bizarramente se bate com o Exercito inimigo. Segunda emigração dos Pernambucanos, protegida por Camarão.

1635 A 1636.

Apossado Rochas do commando do nosso Exercito, logo um ardor inconsiderado o arrebata; e postoque não tivesse ainda idéa alguã da natureza d'esta guerra, quiz todavia marchar immediatamente contra o inimigo, a fim de vir a braços em uma acção decisiva. Quando fallava dos Hollandezes era sempre com desprezo, atribuindo as ultimas derrotas, não ao vigor, e habilidade dos inimigos, mas sim á incapacidade de seu predecessor. Talvez buscasse com isto inspirar mais confiança aos seus; mas, ou fosse presumpção, ou artificio, a sua conducta pouco generosa, para com o seu antecessor, não podia ser justificada, senão pelo desenvolvimento de grandes talentos, ou por successos estrondosos; porem pelo contrario tudo annunciava que o orgulho, e a temeridade formavam o caracter do novo General. Em vão os seus principaes Officiaes lhe aconselharam que se abastecesse, e fortificasse no terretorio das Alagoas, então ameaçado pelo Almirante Lichthart, que a vista da costa guardava o mar com uma forte Esquadra; foram baldadas as suas representaçoens, pois Rochas determinou ir encontrar o inimigo, para combatel-o; embora não tivesse viveres, embora as provizoens que troxera de Hespa-

nha estivessem acabadas; embora finalmente depois de muitos encommodos o Commissario de viveres podesse apenas ajuntar para a marcha raçoens, que mal chegavam para oito dias

A posição dos Hollandezes compria ser conhecida. Souto, que, desde que se desviara d'elles em Porto Calvo, não cessava de os fatigar, e de devastar o paiz de que se tinham apossado, foi enviado com um destacamento para descubrir o terreno, e procurar inteligencias nas Provincias conquistadas: com effeito marchou, e dentro em pouco tempo obteve algũas informaçoens da parte dos seus compatriotas circonvizinhos do Recife, os quaes, depois de terem tomado armas, a vista das Esquadras, vendo-se illudidos, e desamparados, foram forçados, para subtrahirem-se á vingança Hollandeza, a deixarem suas cazas, salvando as vidas por meio da fuga. Nada era mais nocivo ao Estrangeiro conquistador, do que estas communicaçoens entre o nosso Exercito, e os Pernambucanos, que tinham ficado no terretorio conquistado: os supplicios, as frequentes execuçoens jamais as poderam privar. Os Generaes Hollandezes, querendo pois tirar aos nossos este meio de informaçoens, ordemnaram a todos os habitantes do destricto de Porto Calvo, que se mudassem para o Norte, por tanto tempo, quanto conviesse aos interesses da Hollanda.

Tudo pois demonstrava ao novo General, que, sem dividir o seu pequeno Exercito, devia cançar, e diminuir o do inimigo, adoptando o antigo sistema da guerra de Mathias de Albuquerque, mas surdo á todas as admoestaçoens, Rochas deixou seis centos a sette centos homens em Alagoas, ás ordens de Bagnuolo, e pôs-se em marcha em 16 de Janeiro de 1636 com mil e quatro centos homens, para ir encontrar os Hollandezes, levando cada Soldado as precizas provizoens para os dias da marcha. Foi n'esta jornada, que tendo um dos Indios de Camarão, deixado as fileiras sem licença, para procurar viveres em um roçado, Rochas, por esta falta, não muito notavel em taes homens, mandou prendel-o, e poucas horas depois espingardeal-o: severidade desconhecida até então, condemnada pelos Historiadores d'esta guerra, e que, não tendo produzido utilidade alguã, não deixou de indespor os Indios com o novo General.

Por toda a parte, e com impaciencia buscava Rochas o inimigo, quando Souto lhe veio trazer a noticia de que Sigisgundo estava acampado em Porto Calvo com seis centos homens. Rochas destacou primeiro os Capitaens Francisco

Rebello (o Rebellinho) e D. Pedro Marinho (natural de Galliza) com ordem de com os Corpos de seu commando, entreter o General Hollandez em escaramuças, em quanto o grosso do Exercito marchava, e se reunia a elles.

Sigismundo ao primeiro avizo da chegada dos nossos, ou por que acreditasse que o buscava um inimigo muito superior em numero, ou por que cedesse a esses movimentos involuntarios, de que muitas vezes os mais bravos não estão izemptos, tomou repentinamente a resolução de se retirar, e partiu á pressa para a Barra Grande, sinco legoas longe do ponto, que tão desairosamente abandonava, e d'ahi, embarcando com os seus seis centos homens, fez-se de vella para o Recife, no mesmo momento em que Artyoski marchava de Peripueira em seu soccorro, á frente de mil e quinhentos homens. Rebellinho, aproveitando-se da retirada de Sigismundo, entrou em a Villa de Porto Calvo, e apoderou-se de grande quantidade de polvora, balla, e mantimentos, que elle com a pressa abandonara. Entretanto Artyoski avançava, visto que n'estas circunstacias competia-lhe sustentar o impetuoso esforço de Rochas.

Sabendo este ultimo, que Artyoski se aproximava, avançou para combatel-o; porem enfraqueceu-se deixando em Porto Calvo, evacuado por Sigismundo, quinhentos homens ás ordens do Tenente General Manoel Dias de Andrade. Os seus exploradores reconheceram logo nas primeiras escaramuças a superioridade numerica do inimigo, o qual emboscando-se em um lugar denominado Mata-Redonda, causou algum prejuizo aos nossos, mantando-nos o Capitão D. Pedro Marinho, e sinco Soldados, se bem que pagaram bem caro esta vantagem, pela mortandade que os nossos lhe fizeram. Rochas então apercebendo-se da sua imprudencia, pode fazer idéa de quanto a guerra nos bosques do Brazil, deferia da guerra methodica da Europa.

Chamou então a conselho os seus Officiaes, e consultou os que eram peritos n'este theatro de continuos successos: todos foram de opinião, que se suspendesse a acção diciziva, até que chegassem os soccorros, que eram indispensaveis. Rochas pareceu ceder, e mandou ordem ao seu Tenente General, que marchasse de Porto Calvo para auxilial-o; porem em lugar de o esperar, tomando uma boa posição militar, deixou-se provocar pelo inimigo ao romper do dia, e, accezo em colera á vista dos Hollandezes, aprezenta-lhe batalha, reservando para si o ataque do centro, e entregando aos Capitaens Rebellinho, e Marim o flanco direito, e a Sebastião Rodri-

gues, e Jozé Delancourt o esquerdo. O combate foi principiado com tanto ardor, que os Hollandezes recuaram nas primeiras cargas. Os nossos avançaram a passo dobrado, e a sua ousadia acabaria por uma victoria completa, si Rochas com o fim de apoiar a primeira linha, não tivesse mandado que as outras fizessem alto: mas este modo de mudar em uma batalha as disposiçoens, já prescriptas, era manobra ainda não uzada no Brazil, tanto que pôs em confuzão nossas fileiras. Os movimentos do ataque tornando-se por tanto incertos, dão tempo a Artyoski de reunir os seus Soldados já despersos, de os formar em batalha, e oppôr ao nosso Exercito uma frente formidavel, que vomitava a todos os momentos uma nuvem de ballas; com tudo ainda assim, por muito tempo permanenece a acção indicisa; porem rota a Infatryia Napolitana, por um Regimento Inglez, ao Soldo da Hollanda, Artyoski conhece que he chegado o momento de vencer. N'este lance Rochas furioso apeia-se, toma uma lança, e, collocando-se na fila da vanguarda dos Archeiros, que ainda não tinha sofrido revezes, exclama com os olhos chamejando « A honra, « e a salvação de todos reside agora no braço, e coração de « eada um! » Ditas estas palavras avançava com intrepidez, quando uma balla de fuzil o fere em uma perna, e o constrange a montar outra vez a cavallo. Apenas tinha elle pegado nas redeas recebe pelas costas outra balla, que, atrevessando-lhe o peito, o lança por terra. (a) Todos os que o cercam são mortos, ou feridos, e a derrota por tanto torna-se total, sem que os esforços dos Officiaes possam deter os fugitivos. D'estes nem um escaparia do ferro inimigo, si Rebello, e Camarão, assaz esperimentados, não obstassem as consequencias de uma derrota completa, e não tomassem com um punhado de homens intrepidos as melhores posiçoens: foi d'este modo que, oppondo aos vencedores uma obstinada resistencia, salvaram as reliquias do Exercito. A Mercê do Habito da Ordem de Christo, e o titulo de Dom, havia chegado no ultima Frota ao fiel Caryjó Comarão, o qual tanto n'estas circunstancias, como em todo o curso da guerra, nunca deixou de se mostrar digno de todas as destinçoens.

Artyoski não se aventurou em perseguir um tal inimigo: tendo-lhe a retirada de Sigismundo desvanecido a esperança de operar uma junção, que traria sem duvida comsigo

(a) O Castrioto Lusitano diz que esta balla foi desparada por um traidor, mas nem o prova, nem dá a razão por que assim o pença, ao mesmo passo que os outros esoriptores não fallam em traição; segui por tanto a estes.

a completa destruição dos vencidos; pelo contrario tomou a estrada de Peripueira, levando presioneiros o Sargento Mor Heitor de la Calche, e o Capitão João Lopes Barbalho, ferido na batalha. A morte do General Rochas, e de muitos dos seus Officiaes, e em fim a perda d'esta batalha descoroçoaram as tropas Hespanholas.

A maior parte dos Historiadores accusam D. Luiz da Rochas e Borja de temerario, e á sua temeridade atribuem a perda d'esta batalha. D. Francisco Manoel de Mello na sua ultima Epanafora, assim se exprime quando falla d'este General- « Commetteu, ainda que com bastantes forças, desproporcio- « nadas em temperança e disciplina, erros que castigou a « morte, perecendo na primeira occazião, ou antes d'ella; « e com elle não poucos Soldados de valor, que então quando « sem tempo desbaratam, lamentavelmente se perdem » Brito Freire ainda diz mais, em desabono de Rochas da seguinte maneira – Caminhava pela extravagancia á singularidade, e « desprezando proporcionados, seguia extremos excessivos, « parecendo antes de se resolver, que degenerava a pruden- « cia em receio, e depois de resoluto que excedia o valor a « temeridade, sem advertir quanto as temerarias acçoens, que « honram um Soldado, desacreditam um General » O Castrioto porem no Livro 3.º n.º 111 faz d'este General oppinião diversa, e o elogia: Racha no Pita Livro 4º nº 110 tambem o louva; mas conclue assim – posto que não pode accontecer a um Ca- « pitão maior desgraça, que ficar sendo exemplar de las- « timas.

Rochas não possuia em verdade duas das principaes qualidades de um bom General – *sangue frio, e prudencia* – Sacrificou a si, a seus Soldados, e a sorte da Provincia, cuja defeza, e governo Militar lhe havia sido confiado; o Historiador por tanto não lhe deve perdoar a sua imprudencia: em sua honra porem seja dicto; Rochas reunia outras qualidades que todavia o faziam General recommendavel, e que muito credito lhe adqueriram nas campanhas de Flandes, e das Indias.

O corpo de Rochas foi retirado do campo antes do total destroço do nosso Exercito, e no outro dia da batalha o Padre Frei Manoel do Salvador, e Henrique Telles de Mello, que foram os que esconderam no mato o Corpo d'este General, o amortalharam decentemente, e o enterraram dentro d'um tosco caixão, uma legoa longe de Porto Calvo.

O Tenente General Andrade, que ao primeiro avizo de Rochas tinha marchado de Porto Calvo, sabendo, quando a

Deve a augmen a Autor serviços do Aut.

penas tinha caminhado uma legoa, da perda da batalha fez alto, e chamou os Officiaes a conselho. Alguns propozeram que se arrazasse Porto Calvo, e depois se retirasse para as Alagoas; outros, pronunciando-se mais corajosamente, foram de oppinião (e vivamente n'ella insistiram) que era precizo recolher, e ajuntar os que tinham, escapado na batalha os quaes naturalmente procurariam a Villa, como unico abrigo. « Si este refugio for abandonado, diziam os bravos d'esta oppinião, onde se acolherão os desgraçados Soldados, recentemente chegados da Europa, e que absolutamente não conhecem este Paiz? » Andrade era tambem d'esta oppinião, ainda que ignorava que Artyoski não havia querido perseguir os fugitivos.

Entretanto que Andrade se despunha para uma longa resistencia, julgou conveniente abrir perante os seus Officiaes o Prego Real, que Rochas deixara em seu poder, e no qual El-Rei Catholico nomeava o Sucessor do Commando do Exercito, no caso de vacancia. Viu-se que depois de Rochas era o Mestre de Campo (Hespanhol) João Ortiz o primeiro nomeado; mas Ortiz tinha (a) perecido em consequencia de um ferimento, que recebera em Alagoas, foi mister abrir o segundo Prego, e viu-se que o nomeado em segundo lugar era o Conde de Bagnuolo. A este pois enviou Andrade a Patente, que o collacava a frente do Exercito Pernambucano. Este General recebeu nas Alagoas, (para onde covardemente se havia retirado, com os Estrangeiros que commandava, seu filho Marco Antonio, no mesmo momento em que Andrade, fazia esforços para salvar os restos do nosso Exercito) com transporte de prazer a noticia da sua promoção; porem tanto o Povo, como o Exercito, em vez de o acompanhar na sua alegria, supplicaram ardentemente a Duarte de Albuquerque, irmão de Mathias, que tomasse o commando em Chefe.

Duarte já encarregado do Governo civil, não annuiu as suas propostas, e pelo contrario, por uma mal entendida delicadeza, empregou toda a sua influencia, e credito a fim de que os Soldados e o Povo, observassem religiosamente as ordens do Monarcha. Bagnuolo foi por tanto reconhecido General em Chefe, e logo no principio de seu commando mostrou o espirito de timidez, e indicizão, que o tinha feito perder a popularidade, e confiança das tropas.

(a) O Castrioto Lusitano no Liv. 3 ° n. ° 113 diz: que este Mestre de Campo morrera de enfermidade nas Alagoas; mas de Brito Freire se infere que morrera em consequencia de um ferimento que recebera, não na batalha em que morreu Rochas, como diz Beanchamp no Liv. 26 pag. 390, mas sim em uma acção, que teve lugar nas Alagoas.

~~q̃ igualmte diz~~ O Valeroso Lucidenô porem a pg 74 ~~do Lio~~ diz q̃ fallecera nas Alagoas, onde esta mod.

Começou este General o seu commando expedindo ordens para a evacuacuação de Porto Calvo, mas poucos dias depois, mostrando persuadir-se que uma posição tão vantajosa não devia ser abandonada, determina ir mesmo em pessoa sustental-a. Antes porem de partir das Alagoas, publica uma Memoria sobre o estado Politico e Militar das Capitanias conquistadas pelos Hollandezes, e a envia ao Governador General do Brazil D. Pedro da Silva, ao qual, assim como tambem ao Almirante D. Lopo de Hozes, representou, que as forças do inimigo estavam divididas, e que se vibraria felismente um golpe decizivo, si a frota Hespanhola, deixando as agoas da Bahia, navegasse para o Norte ao longo da costa, para combinar as operaçoens navaes com os movimentos do Exercito. Este plano, posto que geralmente approvado, deixou de ser posto em pratica pelo Almirante Hespanhol, alegando elle, que tal plano hia de encontro ás ordens que tinha da Corte.

O Tenente General Andrade, impaciente por se distinguir por algũa acção notavel, havia enviado o Capitão Rebellinho com quatro centos homens, a fim de se apoderar das fortificaçoens da Barra Grande; mas os Hollandezes, evitando o combate, as abandonaram antes d'elle. Si Bagnuolo tivesse marchado para Porto Calvo, quando Andrade tão instantemente lhe pediu, e reprezentou, não se pode duvidar de que o nosso Exercito se aproveitaria d'este successos inesperado, a fim de ganhar terreno para o Recife; mas por natureza incerto, e vagaroso nas suas operaçoens, Bagnuolo demorou-se tres mezes nas Alagoas, occupado inutilmente em se fortificar contra um inimigo superior em forças.

Não pôde porem por mais tempo resistir ao desmedido ardor dos Soldados Pernambucanos, e de seus auxiliares, os quaes bem longe de se desanimarem pelas suas derrotas, ardiam em dezejos de envidar os poucos recursos que ainda lhes restavam para a guerra! O novo General em Chefe pôs-se por tanto em marcha; e dirigindo-se sobre Porto-Calvo, reuniu até dois mil Soldados, e algũas centenas de Indios, e destruiu todo o Paiz que estava em poder dos Hollandezes. A condição dos habitantes de Pernambuco era em verdade deploravel! Para acostumar os Pernambucanos ao seu dominio, os Hollandezes tinham protegido os cazamentos entr'elles, e os infelices vencidos, cujas filhas lhes eram arrancadas quasi violentamente; e d'est'arte buscavam tambem adquerir proselytos á Religião Reformada. Missionarios Religiosos, munidos de instrucçoens, corriam os campos e destri-

buiam obras Protestantes nas lingoas Hespanhola, e Portugueza; mas os Sacerdotes Catholicos eram mui vigilantes, e si os Pernambucanos detestavam os Hollandezes, não aborreciam menos a Religião, e heresias d'estes seus oppressores.

Por mais, e mais que tentaram os Chefes das Provinçias Unidas para conciliar os habitantes do Brazil com os seus invasores, esta intenção achou tanto obstaculo na politica suspeitosa, que quasi sempre guia os vencedores, que quanto mais procuravam meios de se insinuarem, tanto mais achavam uma constante repugnancia da parte dos nossos, apenas um, ou outro mui raro, por circunstancias, de que nem todos estão livres, apparentememte lhes mostrava que se conformava com a triste sorte, reservada a um Povo conquistado. Os Decretos do Governo Hollandez, e os rigores de que eram acompanhados, não impediram pois aos Pernambucanos submetidos na apparencia, de entreter relaçoens com os seus Compatriotas do Exercito, esperando sempre ajudal-os a sacudir o jugo. Esta conducta porem involveu no mesmo perigo aos que entretinham estas relaçoens, e aos que cautelosamente as evitavam. A mais pequena suspeita bastava para arrastrar á pena capital qualquer dos nossos conterraneos, principalmente os ricos, que eram a todo o momento accusados, para se lhes extorquir dinheiro, e pezadas contribuiçoens! A morte era de todos os males o menor, que o nosso mizero Povo tinha a sofrer. Suas filhas, e Mulheres eram a sua vista violadas, e depois, postas em tormentos, eram forçadas a declarar o lugar em que seus Paes, e Consortes tinham occultas suas riquezas. Quando os Chefes Hollandezes quizeram reprimir estas atrocidades, não tiveram poder para o fazer. Como poderiam elles trazer á disciplina uma Soldadesca desenfreada? Por mui pouco que o Poder Militar estivesse á sima das Leis, não havia delicto algum, que senão commettesse debaixo da sua influencia. Os vencedores largaram sobre os Pernambucanos, e Portuguezes não somente mercenarios avidos, e ferozes, mas tambem Tribus de Tapuyas, e Pitiguarés: e estes mesmos Hollandezes, que tinham votado á indignação da civilizada Europa os excessos das tropas Hespanholas na conquista da America do Sul; estes mesmos Hollandezes, que se jactavam de practicar em sua Patria todas as virtudes sociaes, foram aquelles mesmos, que não escrupulizaram, nem se pêjaram de entregar aos Indios os innocentes meninos Pernambucanos, afim de fartarem sua antropofagia!!

Entretanto os vencidos tomavam a offenciva, e n'este

Paiz, onde então lhes era mais facil atacar, que defender os seus successos parciaes, impediam ao menos que os vencedores firmassem o seu dominio.

O successor de Rochas adoptou o unico sistema de guerra, que convinha a situação desgraçada dos Pernambucanos, e das tropas Catholicas, que elle fez manobrar em diferentes pontos, e sob diversos Chefes. O Tenente General Andrade teve ordem de marchar com trezentos homens, para a povoação de S. Gonsalo de Una, e alojar-se em tal posição, que o rio lhe servisse de trincheira, e impedisse ao inimigo suas ordinarias correrias, nas quaes talava, e destruia os campos. Andrade obedeceu, e manobrou como experto Capitão: em todos os lugares em que o rio era vadiavel construiu fortificaçoens ligeiras, e como visse que era pouca a gente que tinha, pediu soccorro a Bagnuolo, e este enviou-lhe duzentos mosqueteiros, ás ordens do Ajudante Pedro Marinho Déça. Fortificado assim encommodava Andrade os vencedores, e não os deixava gozar do reposo indispensavel, para a cultura das terras. Querendo Sigismundo suffocar estas incursoens devastadoras, sahiu do Recife á frente de mil e quinhentos homens, e marchou contra Andrade. Este General porem resiste lhe, rechaça-o com forças inferiores, e serve-se com successo de um antigo estratagema, usado na Europa; mas ainda não conhecido no Brazil.

Senhor de um territorio extenço, reuniu com tanta promptidão, como segredo os habitantes de todas as claces com seus filhos, mulheres, escravos, e cavallos, e fel-os desfilar em boa ordem ao som de tambores pela estrada de Porto Calvo, a vista de Sigismundo postado em uma colina, que descubria todo o caminho. Este General não duvida que sejam soccorros chegados a favor de Andrade: os paus preparados, que estes pretendidos Soldados levam aos hombros, fingem tão bem espingardas, e completam de tal modo a illuzão, que o General Hollandez, em quem a prudencia começava a domar o valor, abandona a sua empreza, e retira-se para o Recife com o seu Corpo de Exercito.

Em quanto Andrade fazia quanto mal podia ao inimigo, o Capitão Rebellinho não lhe era menos prejudicial. Depois de ter destroçado muitas partidas Hollandezas em diversos encontros, Rebellinho apparece repentinamente na povoação de S. Lourenço (4 legoas longe do Recife) onde o inimigo tinha uma guarnição. A vista de seus compatriotas, os habitantes armam-se, e matam todos os Hollandezes da guarnição; correm depois a Maciape, e aos campos circumvezinhos, e fa-

zem experimentar a mesma sorte (sem destinção de idade, ou sexo) aos que cahem nas suas mãos, e apoderam-se por alguns dias desta parte do territorio; mas em breve Rebellinho, e os habitantes de S. Lourenço são assaltados de improvizo pelo Coronel d'Estacourt, que sahira do Recife para os ir encontrar, com uma forte columna de tropas escolhidas. Fracas trincheiras feitas a pressa não poderam pôr a coberto os moradores, e o pequeno destacamento de Rebello. Depois de uma desesperada resistencia, Rebello, retirou-se com algum prejuizo, e os infelices habitantes de S. Lourenço, uns foram passados a espada, e outros lançados em horrorosas masmorras.

Senhores, outra vez de S. Lourenço e Maciape, os Hollandezes, entregues a um furor, que os tornava mais feroses do que os tigres, não perdoam alguem. Aquelle sexo, e aquella idade, que até aos mesmos brutos enterneco, tornava ao contrario mais terrivel a ferocidade Hollandeza! A tres jovens menores, filhos de paes Nobres, martirisaram com tormentos taes, que só em referil-os horrorisa! Arrancaram a estes infelises as unhas, e os dentes, cada um por sua vez; depois com assoites os desfiguraram de tal sorte, que em cada um dos corpos, ficaram todas as partes vivas para a dor, nem uma para o movimento! Com sêra, e outras materias derretidas, e a ferver pingaram-lhe sobre as feridas, e por que este martirio, contra as sua esperança, neutralizou depois as dores dos primeiros, descubriram um outro, que lhes pareeeu completaria sua barbaridade! Entre duas taboas, em que estavam cravados agudos e fortes pregos, imprensaram cada um dos corpos, e por deleitoso desenfado, passeavam sobre a taboa superior, para gosarem do horrivel prazer de ouvirem os gemidos dos pacientes, e os rengidos que os pregos faziam, quando lhes atrevessavam os óssos, acompanhando-os n'este barbaro festim o prazer de mofarem da constancia dos martires, que no mais acerbo de suas angustias, offereciam em desconto de seus pecados, com summa resignação, ao Redemptor do Mundo, e á Sua Santissima Mãi os tormentos, que estavam sofrendo! Satisfeita então de algũa sorte a barbaridade Hollandeza, ataram uma corda ao pescoço de cada um dos tres martires, e no lastimoso estado em que estavam os arrastraram por longo espaço, pendurando-os, depois que exalaram o ultimo suspiro, a vista da multidão, que seguia os algoses, proferindo afrontas, e golpeando os cadaveres, para que o espetaculo servisse de festejo a protervia, e de espanto á piedade!

D'este facto (a) que ao escrevelo se me eriçam os cabellos, e minha Alma se toma de horror e indignação; d'este facto, pelo qual somente os Pernambucanos devem votar eterna execração aos barbaros conquistadores, que dominaram seus Avós, d'este facto em fim authorisado pelos Generaes Hollandezes, e á sua vista practicado, conjecture-se por quaes angustias passaram nossos Maiores, e lansando-se em linha de conta, que então a Hollanda era, si não mais, tão civilisada como hoje; que alardeava de philanthropica; que dentro d'ella dominava, como de presente influe em toda a Europa, as idéas democraticas; e depois de reflectir-se sobre estas circunstancias attente-se tambem para os muitos factos horrorosos, praticados por Europeos, que a historia da America nos apresenta, e qualquer dos quaes só basta, para contristar um mesmo Tigre, si algum vislumbre de razão lhe fora dado, e conjecture-se então qual será a nossa sorte, si por desgraça chegarmos a ser subjeitos á um conquistador Europeo; e quanto por tanto nos convem estar unidos. O Brazil unido he um gigante invencivel; mas reflicta-se, que as idéas exegeradas em qualquer sentido podem retalhal-o. Foi no meio d'estes horrores, e de todos os excessos de libertinagem, que os Hollandezes outra vez ficaram senhores do destrito de S. Lourenço; mas d'outro lado Bagnuolo, e Andrade, aquelle em Porto Calvo, e este em S. Gonsalo de Una constantemente os pertubavam. Sigismundo pois querendo impossibilitar os Pernambucanos de S. Lourenço de outra vez auxiliarem o Exercito de seus compatriotas, publicou um Edicto, no qual comminava infalivel pena de morte, e confiscação de fazenda a todo o Portuguez de qualquer condição que fosse, que uzasse, ou tivesse em seu poder algum genero de armas, ainda as indespensaveis para o uso domestico. Muitos obedeceram, e em consequencia grande copia de armamento se recolheu ao Recife; todavia muitos Pernambucanos esconderam as suas armas nos matos, e nos rios, guardando-as para tempo oportuno. Do Edicto de Sigismundo grandes malles se originaram; por que admettindo este oppressor os depoimentos dos escravos, contra seus senhores, bastava o dicto de um escravo, para condemnar á morte seu Senhor, muitas vezes innocente; de maneira que para se arrancar a vida a um homem, e reduzir sua familia a indigencia, nada mais era precizo do que um escravo dizer « *Meu Senhor tinha armas*, « *e as escondeu* » sem que fosse obrigado o denunciante a-

(a) Castrioto Lusitano Liv. 3.º n.º 120.

provar o seu dicto, mostrando as armas escondidas!

Ainda assim faltos de meios, quasi destituidos de forças militares, nús, privados de todas as commodidades, e recursos, os Pernambucanos, executaram fielmente o plano de guerra delineado por seus Chefes: inquietavam os conquistadores, e não lhes deixavam uso-fructuar as ferteis terras, cuja posse e dominio lhes arrebataram. Com tudo os vencedores estavam impacientes de recolherem o producto das plantaçoens, que estavam feitas; pois que tinha sido o assucar, e o tabaco, moveis principaes que os tinham conduzido ao centro de Pernambuco, por entre tantos perigos; mas deviam tambem gradualmente suportar os infortunios, que tinham semeado em Pernambucano! Os destacamentos do nosso Exercito, commandados pelos bravos preto Henrique Dias, e Indio D. Antonio Felippe Camarão, percorriam o Paiz em diversas direcçoens, deitavam fogo aos canaviaes, queimavam os armazens, e engenhos possuidos pelos Hollandezes, e recolhiam-se aos bosques, tão rapidamente como d'elles tinham sahido, para devastar tudo quanto possuiam fora do Recife os vencedores, sem que estes se animassem a perseguil-os nos bosques a que se abrigavam.

Sebastião de Souto, que tinha sido promovido a Ajudante, Camarão, e o preto Henrique Dias destinguiram-se n'estas continuas correrias; porem Souto roubava amigos, e inimigos sem destinção, e tal havia sido a perfidia de sua conducta em Porto Calvo, onde elle não servira a sua Patria, senão por meios infames, que se devia esperar d'elle toda a qualidade de crimes! Rebellinho corria igualmente o Paiz conquistado, e levava a ruina até o territorio da Parahiba.

Os Soldados d'este intrepido Official, haviam já marchado mais de oitenta legoas, sem outras provisoens do que as que tomaram de passagem, quando encontraram um Corpo Hollandez, commandado por Enses, Governador do terretorio comprehendido entre Itamaracá, e Rio Grande do Norte. Rebello, depois de ter posto em retirada os postos avançados de Enses, surprende este Governador na habitação que lhe servia de Quartel General em Tibiri, (tres legoas arredado da Cidade da Parahiba) e toca-lhe fogo. Enses vendo o Quartel General arder, cahe impetuosamente com a espada na mão sobre os Soldados de Rebello; mas o destino illude sua intrepidez, por que uma balla o arroja morto por terra: a sua falta he o signal da inteira derrota dos seus, que rotos, e despersos são todos, ou mortos, ou prisioneiros de guerra. Perderam n'este encontro os Hollandezes sincoenta, e novo Sol-

dados mortos, e sette prisioneiros sendo um d'estes Cosme de Almeida, natural da Parahiba, o qual, por andar no serviço dos inimigos, foi arcabuzado por ordem de Rebello. Dos nossos, alem de poucos Soldados, morreram tambem o Capitão Bento de Castro, e o Alferes Jacinto de Lima; alguns feridos igualmente tivemos, e entr'estes o Capitão João Lopes Barbalho.

Pelo mesmo tempo Camarão com o seu Terço de Indios, devastava um territorio de mais de secenta legoas de extenção, de que os Hollandezes eram senhores ao Norte de Itamaracá. O terror que havia incutido o nome de Camarão era tal, que o General Hollandez Artyoski sahiu do Recife com mil Soldados (a) para ir destrurir este punhado de Indigenas, e prender o seu Chefe a todo custo. Quando as duas partidas estiveram defronte uma da outra, nas planices de Goiana, Camarão despôs os seus Indios em boa ordem, e não receiou esperar a pé firme o encontro dos tropas Europeas: O combate durou até a declinação do dia, sem que a victoria se declarasse por uma, ou outra parte. Artyoski não podendo conceber, como selvagens se atrevessem a resistir-lhe com tanta audacia, renova o ataque ao amanhecer do dia seguinte, esperando achar estes adversarios oprimidos do cancaço, e desanimados pela acção do dia antecedente, illudiu-se porem na sua esperança. Os Indios combatem com novo vigor, fazendo uzo das armas de fogo com tanta agelidade, e exacção, como os mesmos Europeos. Artyoski viu-se pois obrigado a deixar o campo da batalha com grave perda, e o intrepido Pernambucano Camarão, adquiriu na defeza do seu Paiz uma gloria perduravel. Dos Hollandezes ficaram mortos noventa e seis, alem de muitos feridos, que conduziram; e dos Indios morreram oito, (b) alem de alguns feridos.

Mas as bellas Capitanias de Pernambuco, Parahiba, e Rio Grande, eram cruelmente desvastadas pelos bandos de Salteadores, que sem temor as percorriam. Tal era a sorte dos desdictosos Brazileiros, a quem os Soldados da sua mesma Nação não eram menos formidaveis, do que os proprios inimigos! He verdade que este era o preço, pelo qual o vencedor podia ser privado de todas as vantagens da conquista, e por isso a ruina, e a desesperação tornavam-se cada dia a partilha dos habitantes do territorio conquistado, aos quaes já até a mesma

(a) O Castrioto diz oito centos Liv. 3.º n.º 123, mas eu sigo os outros Historiadores, que n'isto me paracem mais exactos, pela conformidade.

(b) Brito Freire Livro 9.º n.º 731.

esperança de se adoçarem os seus males, e de sustentarem o seu valor tinha abandonado.

Dissolados por esta guerra de rapina, e querendo escapar-se á crueldade Hollandeza, quasi todos os Pernambucanos, que não tinham seguido Mathias d'Albuquerque, resolveram emigrar, e perto de quatro mil d'entre elles com mulheres, e filhos se poseram voluntariamente debaixo da escolta, e protecção de Camarão. Este Chefe habil, que, unicamente com os seus Indios, tinha já por duas vezes batido Artyoski, conduziu os emigrados em segurança, atravez de settenta legoas do Paiz dominado pelo inimigo! Muitas familias, que não tinham podido alcançar Camarão, julgando proveitoso seguir as suas pizadas, esgotaram brevemente as poucas provizoens que tinham podido trazer, e viram-se reduzidas á mais deploravel penuria. Bagnuolo, logo que teve noticia da sua aproximação, mandou-lhes ao encontro um Corpo de tropas com abundantes provisoens; porem mais de quatro centas pessoas tinham já perecido de miseria nos caminhos desertos.

Tal foi a segunda emigração de Pernambuco, exemplo raro do mais nobre afferro á Patria, excitado por esse justo sentimento de odio, que as almas altivas nutrem contra os conquistadores que as opprimem. Duas emigrassoens successivas, e os desastres de uma guerra de devastação e roubos, deixaram apenas aos Hollandezes a posse do terreno que occupavam: cada palmo d'este mesmo Paiz, lhes era disputado por inimigos enfurecidos, e infatigaveis! Taes foram os resultados da infeliz companhia de 1636.

Talvez que a obstinação dos vencidos ganhasse vantagem, mesmo sobre este inimigo superior em forças, mas não em valor, si a chegada de um novo Exercito, tendo á sua frente um Principe guerreiro, administrador habil, e homem d'Estado, não fizesse enclinar a balansa para o lado dos invasores, ou a fallar exactamente, para o lado d'este Principe.

CAPITULO 2.

Mauricio de Nassau dá a Vella de Hollanda para o Brazil, com poderes illimitados. Situação das Provincias conquistadas, quando elle chegou ao Recife. Nassau restabelece a ordem, entre os seus, e marcha contra o Exercito Pernambucano. Batalha de Porto Calvo, em que Bagnuolo he vencido. Acçoens de valor de D. Antonio Felippe Camarão, de sua Mulher D. Clara, e do preto Henrique Dias. Bagnuolo foge para as Alagoas. Porto Calvo, he cercado, atacado, e rendido. Bagnuolo foge das Alagoas para Sergipe, e Nassau o percegue até o rio de S. Francisco. Breve descripção d'este rio, e do Paiz que elle rega.

1637.

A guerra que diversas Potencias haviam accezo de novo na Europa, contra a Monarchia Hespanhola, se propagava cada vez mais no Brazil; e ainda que a Corte de Madrid tivesse feito a enorme despeza de duzentos milhoens, para sustentar as hostilidades, todavia não tinha podido oppôr-se ás aggressoens maritimas da Hollanda. O Brazil não havia recebido da Metropoli senão fracos auxilios, quando a companhia Occidental Hollandeza, desenvolvia para assegurar suas conquistas, tanta actividade, como energia. O Brazil lhe custava já, he verdade, quarenta e sinco milhoens de florins; porem as suas frotas, e os seus corsarios tinham tomado, desde a renovação da guerra, quinhentos e quarenta e sette navios inimigos: e mais de trinta milhoens de florins, procedidos das presas feitas sobre o commercio de Hespanha, e Portugal, tinham entrado na circulação. Todavia os obstaculos pareciam renascer, á medida que os Hollandezes faziam novas conquistas, e nada lhes fazia esperar que elles se tornassem possuidores absolutos do Paiz.

Pouco de acordo entre si os Chefes Civiz, e Militares reclamavam novos soccorros, e sobre tudo um General, envestido de uma tal Authoridade, que podesse dar ás opperaçoens igual união, e vigor. O Governo Hollandez resolveu por tanto mandar um Capitão General, com reforços, e poderes illimitados. Esta commissão difficil, mas honrosa foi confiada a João Mauricio de Nassau, primo do Principe de Orange Frederico Henrique, segundo *Stathander* da

Hollanda, e que dominado pelo dezejo de ligar á gloria de seu nome, successos brilhantes, era com effeito digno de ser o fundador de um Imperio mais permanente.

Nomeado Commandante das forças de terra e Mar, Nassau esperava dar vellas ao vento com trinta e dois navios de guerra; mas a sua frota reduziu-se a doze de alto bordo, e elle partiu de Amsterdam em 25 de Outubro de 1636, e chegou ao porto do Recife em 23 de Janeiro de 1637, um anno depois da derrota, e morte de Rochas, mas trasendo apenas sob suas ordens sette centos e vinte Soldados.

O Paiz conquistado comprehendia n'esta época a fertil e amena Capitania de Pernambuco, e as Capitanias anexas de Itamaracá, Parahiba, e Rio Grande do Norte: nunca Exercito algum teve talvez tanta necessidade de um General habil, e de um administrador illuminado, como então o Exercito Hollandez, tão indisciplinado, que só a incapacidade, ou traição de Bagnuolo, o poderia tornar victorioso. Nassau não perdeu um momento, para pôr os seus em ordem, e para assegurar-se da posse do nosso Paiz, que a impericia do valido d'Olivares tinha abandonado á sua sorte. Todavia a fortuna parecia bafejar os Pernambucanos: pelas suas incursoens audazes, já elles tinham forçado Artyoski a abandonar as fortificaçoens de Peripueira, e Bagnuolo, mostrando-se menos covarde, tinha feito transportar a sua Artilheria das Alagoas para Porto Calvo, onde se fortificara, com tenção talvez de entregar mais esta fortificaçã e Artilheria ao inimigo, como veio a succeder. Ahi recebia Bagnuolo frequentemente desertores do Exercito Hollandez, cujos mercenarios, de que em grande parte era composto, pouco se importavam de servir a este, ou áquelle partido; pelo contrario as tropas Brazileiras, animadas pelo Nacionalismo, não temiam que as desercoens diminuissem o numero da seus Soldados.

Numerosos destacamentos Pernambucanos penetravam até as proximidades do Recife, cujos contornos não estavam em verdade mais seguros d'estas vizitas, do que quando existia o campo do Arraial. Si senão obstasse a estas correrias, os assucares de Pernambuco não podiam tomar o seu valor, e com tudo a sua importancia era tal, que somente o dizimo estava arrendado n'esta época pela somma de duzentos e oitenta mil flaorins. (a) Logo que Nassau teve conhecimento exacto do estado das Provincias conquistadas, tomou medidas vigorosas, para chamar a ellas a abundancia, e tomar então a offensiva.

(a) Cada Florim valia 390 reis moeda forte.

Depois de ter destribuido dois mil e seis centos homens pelas differentes guarniçoens, formou um pequeno Exercito activo de tres mil homens, sempre promptos a marchar a primeira ordem. Seis centos d'estes, escolhidos d'entre os mais ageis, foram destinado para devastar, e pilhar. Nassau examinando depois os armazens de viveres, achou-os mui desfalcados: as correrias destruidoras de Camarão, e de Souto, durante todo o anno precedente, havia occazionado uma tal penuria, que já não era possivel assegurar a subsistencia da tropa. O Soldado Hollandez sofre com resignação toda a sorte de encommodos, excepto a fome: assim que vê deminuir-se-lhe as raçoens murmura, e chega até arrebellar-se, e para o acommodar nada menos he necessario empenhar, do que a palavra de honra de seus Chefes.

Nassau permittiu por uma proclamação a todos os habitantes do Paiz conquistado, que viessem vender as producçoens do seu terreno ao Campo Hollandez. Esta medida tendia ainda mais a dissimular, do que a deminuir a fome, e assim os Soldados, enganados a respeito da penuria dos armazens, esperrvam com paciencia os soccorros que lhes prometliam.

Quando tudo estava prompto, ordemnou Nassau uma Oração geral, como para tornar favoravel o Ceo, e depois de ter decidido que o ataque de Porto Calvo seria a primeira operação da campanha, pôs-se em marcha com um Exercito de dez mil homens, tanto Europeos, como Indios, que pela sua natural inconstancia, se lhe tinham submettido. Em quanto Nassau, por terra avançava com os melhores de seus Soldados, o seu Tenente General Errig Vamol, Official destincto, o seguia por mar ao longo da costa, com uma parte do Exercito a bordo de um grande numero de embarcaçoens de remos.

A'noticia da marcha do inimigo, e da sua aproximação, Bagnuolo portou-se com a sua indicizão costumada. Deu ordem para que nem um morador transportasee os seus effeitos, ou enviasse a sua familia para o interior: julgou prevenir assim a fuga dos habitantes, ou talvez reservar para o inimigo um saque mais cansideravel! Mas quando se viu que elle fazia partir a sua equipagem por uma estrada occulta, que fizera abrir, e escoltada por Indios; a incerteza, a desconfiança, e a falta de animo, aponderaram-se de quasi todos os espiritos, todavia Bagnuolo chamou a Officialidade, e mais pessoas principaes a conselho. Duarte d'Albuquerque, e Andrade insistiram sobre a necessidade de occupar todas as passagens,

e de picar o inimigo durante a sua marcha.

Este sistema de guerra, tantas vezes justificado, quantas empregado, parecia dever alcançar tanto mais a aprovação do General em Chefe, por que o inimigo não podia avançar senão por caminhos inundados, e montanhosos; mas Bagnuolo, cujo caracter era de não receber conselho senão de si mesmo, resolveu esperar Nassau em Porto Calvo. As tropas que estavam sobre o rio de Una, o qual Nassau devia atravessar, e cuja passagem facilmente podiam defender, foram retiradas. Elevaram-se apreçadamente dois Reductos, para cubrir a Villa, os quaes, segundo Brito Freire, não podiam ser uteis senão ao inimigo. E em um d'estes Reductos, postoque não estivesse acabado, collocou Bagnuolo tres peças, e, deixando ás ordens do Tenente do Mestre de Campo General Alonso Ximenes de Almiron, o Sargento Mor Martim Ferreira da Camera, com oito centos Soldados, D. Antonio Felippe Camarão com trezentos Indios, e o Governador Henrique Dias com oitenta pretos, enserrou-se em um dos Fortes com alguns Officiaes, e um pequeno numero de Soldados, grangeando d'esta sorte cada vez mais o desprezo de todo o Exercito.

Nassau aproximava-se a Porto Calvo, e Artyoski, desembarcando com a sua Divizão em Barra Grande, vinha a marchas forçadas reunir-se-lhe, pela margem do rio Una. Estas tropas reunidas, avançaram em muitas columnas, protegidas pelos esquadroens de cavallaria. A prezença de um Exercito mais numeroso, do que nem um d'aquelles que tinham apparecido n'estes climas, derrama o espanto: as mulheres principalmente, accusando Bagnuolo de uma vergonhosa inacção, enchiam o ar de clamores, julgando-se victima da brutalidade dos Soldados hereges. As supplicas de todo o Exercito, e as queixas dos habitantes, poseram em fim termo a perplexidade de Bagnuolo. Este General, depois de ter deixado reunir os dois Corpos inimigos, mandou atacal-os, mas já quando não era tempo. Quatro mil homens, entre os quaes mais se notavam os Capitaens Rebello, João Lopes Barbalho, Arcenio da Silva, Manoel de Souza de Abreo, Camarão, Henrique Dias, e outros a frente dos seus Corpos, e commandados em Chefe por D. Alonso Xemenes de Almiron, avançaram para dar batalha a Mauricio.

D. Clara, mulher do Indio Camarão, sahiu a cavallo ornada com veates guerreiras, e correu todas as fileiras para exortar todos os Soldados a cumprirem o seus deveres, afiançando-lhes a victoria e dando assim o exemplo a outras muitas, que procuravam imital-a.

Finalmente os dois Exercitos se achavam em presença um do outro, e logo ao amanhecer rompeu Mauricio o combate com a sua Divizão da frente, commandada por Sigismundo: ella não era composta de mais de mil homens de tropas regulares, e de outros tantos Indios; que manejavam o arco com grande destreza. Henrique Dias, e Camarão resistiram ao primeiro incontro, com os pretos, e Indios que tinham ás suas ordens. Este primeiro combate não passou de uma porfia sanguinolenta, e confuza, na qual se fez uzo indistinctamente da flexa, da lança, da espingardas, ou da espada. Continuas descargas de mosquetaria, gritos horriveis, soltados de ambos os lados, augmentaram o horror do conflicto!

O preto Henrique Dias á frente dos crêôlos, e Africanos patenteou durante esta batalha, uma gentileza digna de ser posta em paralelo com o que a Historia refere de mais assombroso. Tendo uma balla varado-lhe o punho esquerdo, os Cirurgioens, para conservarem-lhe a mão, applicam-lhe logo um aparelho complicadissimo, que lhe privava todos os movimentos, e prometia uma longa cura. Então Dias, manda que lhe amputem a mão para se desembaraçar do aparelho, e apenas acaba esta rapida, mas dolorosa operação, vôa de novo ao combate dizendo « Para servir « ao meu Deus, e a meu Rey; uma só mão me he bastante: « cada um dos dedos d'esta, que me resta me fornecerá meios « de me vingar »

Este heroismo, quasi á sima da Natureza, e no qual (como diz Fr. Rafail no seu Castrioto) o valente Henrique Dias, venceu o encarecimento com que a antiguidade celebra a heroica acção do Cidadão Romano, Quinto Mucio, que pela Patria offereceu uma das mãos ao fogo, foi secundado maravilhosamente pelas Pernambucanas, que entraram na batalha. D. Clara, mulher de Camarão, com outras que imitavam seu heroico exemplo, carregaram por muitas vezes o inimigo, rompendo serrados Batalhoens, e assim encorajando Consortes, e filhos mostraram-se as Pernambucanas iguaes em valor ás heroynas, que a antiguidade com tanto afan celebra.

Ja Sigismundo recuava, e o numero cedia ao valor, quando chega Artyoski para sustental-o, e ajudal-o. Então renova-se com maior furor o combate. Xemenes com a reserva reforça a linha que se bate; mas o numero dos inimigos era muito maior, e os nossos depois de uma desesperada resistencia, são forçados a retirarem-se; com tudo retiram-se em boa ordem, até ficarem sob a Artelharia das Fortificaçoens de Porto Calvo na margem do rio Comendaituba, onde se achava guardando as passagem um dos nossos Batalhoens. Ahi faz o Ter-

cito Pernambucano alto, e outra vez se trava nova sanguinolenta batalha. Andrade então, não attendendo ás ordens de Bagnuolo, desce contra a vontade d'este General, do forte de Porto Calvo onde estava. Audrade com um punhado de bravos rompe as linhas inimigas, e reanima de tal sorte o nosso Exercito, ao mesmo tempo que D. Antonio Coutinho o segue, abrindo caminho por entre os Batalhoens inimigos, que a final os Hollandezes perdem o alento, e retiram-se desordenadamente, deixando o campo juncado de mortos.

Então Nassau, esquece-se que he General, para obrar somente como Soldado: arrosta todos os perigos, lança-se no maior calor da peleja, e o seu exemplo chama os Soldados outra vez a combate; entretanto que Bagnuolo, nosso General, cunservava-se no Reducto esquerdo esperando pelo resultado. A noite porem aparta os combatentes enfurecidos uns contra os outros, e poem termo a este sanguinolento dia, no qual a victoria por nem uma das partes se declarou.

Mauricio aproveitou-se das trevas para soccorrer os feridos, e fazer enterrar os mortos, desposto a renovar a acção, logo que o dia rompesse; mas Bagnuolo, ou fosse por traição, ou por covardia, deixa repentinamente a posição que occupava, ordemna a Ximenes que escolte para Alagoas os habitantes de Porto Calvo, juntos a um lado d'esta Villa; e n'aquella mesma noite retira-se por uma estrada oculta, quando os deveres de seu cargo, e o risco dos seus subordinados, reclamavam imperiosamente sua prezença! Bagnualo tomou pois o caminho das Alagoas, e receiando o ressentimento, e o desprezo do Exercito leva com sigo Andrade, e Albuquerque, esperando que a popularidade d'estes dois dignos Chefes o perservaria dos effeitos da justa indignação das suas tropas. Não tardou muito que todo o campo não soubesse d'esta infame deserção, e no mesmo momento o Exercito inteiro, esse Exercito que acabava de fazer prodigios de valor, e os habitantes de Porto Calvo desapareceu, marchando pelos vestigios de seu General!

Ao romper do dia, Miguel Giberton, Governador de Porto Calvo, enviou um Official aos Reductos para receber as ordens de Bagnuolo, mas este General, de execranda memoria para Pernambuco, nem ordens, nem avizos deixara na sua vergonhosa retirada. Achou pois o Officiol os Reductos desamparados, não restava por tanto outro partido a guarnição da Villa, do que retirar-se para o Forte, o que pôs logo em pratica, depois de ter entregado ás chamas as cazas, e armazens, e depois de ter encravada a Artilheria das tricheiras.

O Exercito Hollandez entretanto passou o rio sem obstaculo; e Nassau, dispondo tudo para sitiar o Forte, acampou-se em uma planice fora do alcance da Artilheria. A sua frotilha de embarcaçoens de remos, fundiada ao entrar da barra de Porto de Pedras, se aprestava para pôr a Artilheria em terra; mas a passagem para chalupas estava ainda interceptada, porque Manoel da França, encarregado de defender a entrada do rio Pedras, que rega Porto Calvo, sustentava dignamente o seu posto, a frente do Corpo que commandava; porem este Official, tendo mandado pedir soccorro a Bagnuolo, depois de esperar dois dias, sem ao menos saber ao certo onde elle estava, viu-se forçado a seguir o seu exemplo, e retirar-se tambem. Tiveram então todos os preparativos do cerco uma franca passagem, e foram conduzidos ao campo de Mauricio. Os sitiados todavia, apezar do pequeno numero, e da fugida de Bagnuolo, arriscaram-se a algũas surtidas, e responderam ao fogo dos sitiantes com successo: Carlos Nassau, sobrinho de Mauricio, Official de grandes esperanças, e o Capitão João Tallebon, estimado singularmente no Exercito Hollandez, foram dos primeiros que morreram, derribados por balas dos baluartes do Forte.

Havia já quinze dias que durava o cerco, e postoque o forte estivesse arruinado, Giberton com tudo, mais fiel aos seus deveres, do que o General que lh'os prescrevera, não annunciava em couza alguã; intenção de se render. Nassau, a quem esta generosa resistencia excitava admiração, escreveu ao Commandante Giberton a seguinte carta, tão honrosa para o seu author, como para o Official a quem foi endereçada.

« – Senhor – Por saber que sois tão grande Soldado, não « vos quiz render sem pôr-vos baterias primeiro: porque « bem sabeis que isso he meu, todas as vezes que o quizer; « pois sei o pouco que vos podeis defender; pelo que me con- « tentarei muito de servir-vos, o que depois não será com « tanta commodidade. Bem entendeis que não vos podeis « sustentar, e mais indo-se o Conde de Bagnuolo, como « se foi, e de quem vos não pode vir soccorro. Vosso muito « affeiçoado

João Mauricio.
Conde de Nassau.

Giberton respondeu a esta carta da maneira seguinte. « – Exm. Senhor – Estimo muito a mercê que V. Exc. « me faz, e a espero, porque me fazia tambem muita o Se-

« nhor Conde de Nassau, irmão de V. Exc. Mas no que to-
« ca a render-se este Forte, bem sabe V. Exc. que o não
« posso fazer, sem ordem do Conde de Bagnuolo, ou pelo
« menos sem dar-lhe avizo. E assim peço a V. Exc. se sirva
« de conceder-me vinte e sinco dias para o avizar: e si den-
« tro n'elles não me vier soccorro, servirei a V. Exc. E
« bem sabe V. Exc. que isto se pratica, como succedeu
« no sitio de Breda, dando-se tempo aos sitiados para avi-
« zar, e pedir soccorro. Guarde Deos a V. Exc. D'este
« Forte de Porto Calvo a 4 de Março 1637. Humilde criado
« de V. Exc.

Miguel Giberton

Nassau não annuiu a espera de 25 dias, e apenas pelo contrario concedeu vinte e quatro horas. Os parapeitos do Forte estavam demolidos, e os fóssos, cheios pelo entulho, offereciam aos sitiantes os meios de subir facilmente ao assalto: era por tanto irremessivel ceder; uma mais longa resistencia seria inutil á cauza da Patria. A guarnição Pernambucana capitulou; porem nunca capitulação algũa foi concebida em termos mais honrosos! Em consequencia d'ella sahiram os nossos Militares da Fortaleza com armas, e bagagens, uma peça d'Artilheria, segurança de uma livre passagem, e de prompta troca. Nassau entrou immediatamente na Fortaleza, e tratou os vencidos, como dezejara o tratassem si a sorte tivesse sido contraria. Brito Freire, o melhor historiador d'esta guerra, assim se exprime « Entre-
« gado o Forte agazalhou Mauricio com termos mais mili-
« tares, que ceremoniosos a Giberton, e aos Capitaens,
« convidando-os á sua meza, onde tratando os rendidos,
« como elle quisera ser tratado, si o rendessem, mostraram
« todos animo igual, entre affectos differentes. Por que os
« Vencedores encubriram menos o gosto da victoria, do que os
« nossos o sentimento da perda. »

Nassau logo que pôs em segurança Porto Calvo, cujo mando confiou a Perte Vanderverve, perseguiu o Exercito de Bagnuolo com todas as suas forças de terra, e mar. A Villa de Santa Magdalena, (hoje Cidade, e Capital da Provincia das Alagoas) onde Bagnuolo fizera alto, parecia um lugar susceptivel de ser defendido, e onde se podia receber socorros tanto da Europa, como da Bahia; mas Bagnuolo postoque tivesse ainda mil e duzentos homens de tropas regulares, e algũas centenas de Indios, e de pretos disciplinados, e corajosos, deixou todavia Magdalena precipitadamente, e ganhou a Villa do

Penedo, situada sobre a margem esquerda do rio de S. Francisco, a oito legoas da sua fós, conservando assim uma communicação com o mar.

O pequeno rio Piagui, que devidia o nosso Exercito do Hollandez, não era vadeavel, por estar mui cheio, e por isso Bagnuolo não podia ter escolhido melhor posição; mas Nassau não hesita em passar o rio sobre frageis jangadas, arriscando-se a perder o seu Exercito em uma tal passagem, que jamais venceria, si fosse defendida por um General menos covarde, ou mais fiel; dando Nassau com este empenho bem a conhecer, que uma tal posição militar, não deveria ser desprezada. Depois que Nassau se viu a salvo do outro lado, perseguiu o nosso Exercito com tal celeridade, que outro General menos activo do que Bagnuolo era nas retiradas, seria infalivelmente destroçado.

Nassau, accossou-o tão vivamente, que a sua guarda avançada chegou a Penedo ainda a tempo de se apoderar, como se aponderou, de muitas bagagens. Bagnuolo bateu-se então com esta guarda, e passando o rio de S. Francisco durante a acção, salvou todo o Exercito, e retirou-se para a Cidade de S. Christovam, Capital da Provincia de Sergipe de El-Rey.

Nassau, cessou então de perseguir a Bagnuolo (tal vez fossem essas as condiçoens ajustadas) entregando-se ao cuidado de assegurar o que estava conquistado. Expulso de toda a Provincia de Pernambuco o Exercito Pernambucano, não cuidou Nassau entretanto senão em limitar as suas conquistas pela linha militar que offerece o rio de S. Francisco.

A desembocadura d'este rio he de quatro legoas de largo; as suas agoas lodosas pertubam as do mar até quatro, ou sinco legoas alem da costa, onde ainda se sente a força da corrente; a maré n'este rio sóbe até quasi vinte legoas pelo interior. A sua barra he perigosa, e não podem n'ella passar senão pequenas embarcaçoens. O canal de Sud-Oeste he o mais profundo. Pequenas barcas podem remontar o rio de S. Francisco por espaço de vinte legoas até a sua primeira catarata, sobre a qual somente as canoas si arriscam, e remontam a oitenta legoas mais longe até o impropriamente chamado sumidouro, onde as agoas surgem, depois de terem atravessado um canal subterraneo, de dez ou doze legoas. Desde Outubro até Janeiro as agoas do rio de S. Francisco sóbem, engrossam, e cobrem as terras vizinhas, o que, ao mesmo tempo que as fertiliza, torna igualmente epidemicos aquelles lugares.

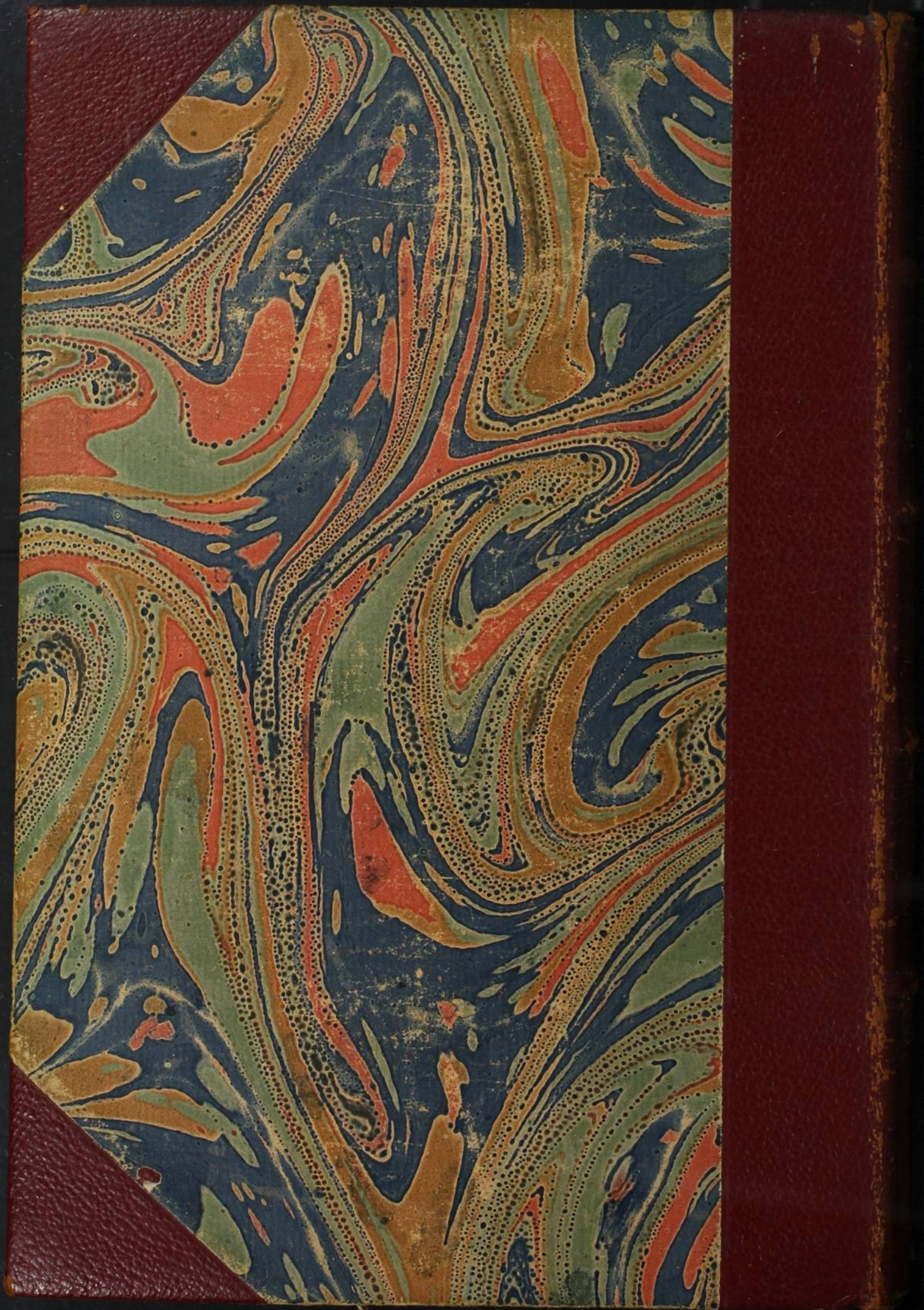
Este rio abunda de peixes, e as suas margens são fer-

tellissimas. Os Indiginas, convidados por esta duplicada vantagem, viviam em continuas guerras, pela posse d'esta parte do Brazil.

Muitas tentativas se tinham feito, desde os primeiros tempos da descuberta, afim de reconhecer exactamente a origem do rio de S. Francisco, que diziam sahia do famoso lago, onde estava situada a imaginaria Cidade de Manoach, especie de *El Dourado*, donde os Indigenas atribuiam vir ornamentos de ouro. Diversas expediçoens tinham sido emprehendidas de todas as Capitanias do Brazil, para descubrir esta pretendida Cidade de Monoach; o mesmo Governo o tinha projectado. Duarte Coelho, primeiro Donatario de Pernambuco, duas vezes foi a Lisboa, com esperança de ser authorisado para realizar a conquista da Cidade imaginaria, o que nunca conseguiu porque a Corte lhe recusou os titulos, e honras, que elle pedia, como condição das suas pesquisas.

Tentativas reaes somente se fizeram debaixo do Governo de Brito de Almeida. Jaão Coelho de Souza foi um dos aventureiros, que penetrou mais a vante, pelo interior do Paiz, que banha o rio de S. Francisco, adiantando-se cem legoas alem do somidouro. Postoque as nascentes do rio não estejam ainda bem reconheçidas, todavia ha rasoens para crer, que elle nasce da cordilheira de montanhas, que está ao Oeste de Minas Geraes, e que são a origem dos rios Paraguay, Tucantiz, e alguns outros, que correm para Oeste, e vem depois desaguar no Madeira.

Situada em um Cabo, onde a corrente he mui forte, a Villa do Penedo domina o curso do rio de S. Francisco. Baguuolo esperava que ella fizesse mais resistencia; porem o seu exemplo não era preprio para inspirar coragem aos habitantes, por isso elles, á vista dos Batalhoens Hollandezes, abriram as portas. D'esta sorte ficou toda a Provincia de Pernambuco submetida ao poder dos Hollandezes; todavia sob o governo de Nassau, os infelices Pernambubanos, que não poderam emigrar, continuaram sim a sofrer um jugo terrivel; porem assim mesmo muito menos cruel, do que aquelle que lhes coube em sorte, durante o governo dos tyranos antecessores de Nassau.

Fim da Primeira Parte do Tomo 1°.

011826